

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Uma nova causa da “América”: o Mito do Destino Manifesto na formação do nacionalismo  
norte-americano da Guerra Fria (1947-1991)

Sandro Marques dos Santos

Porto Alegre  
2020

Sandro Marques dos Santos

Uma nova causa da “América”: o Mito do Destino Manifesto na formação do nacionalismo  
norte-americano da Guerra Fria (1947-1991)

Dissertação apresentada para obtenção do título de  
Mestre em História. Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências  
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História.

**Orientador:** Prof. Dr. Arthur Lima de Avila.

Porto Alegre

2020

### CIP - Catalogação na Publicação

Marques dos Santos, Sandro  
Uma nova causa da "América": o Mito do Destino  
Manifesto na formação do nacionalismo norte-americano  
da Guerra Fria (1947-1991) / Sandro Marques dos  
Santos. -- 2020.  
230 f.  
Orientador: Arthur de Lima Avila.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências  
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto  
Alegre, BR-RS, 2020.

1. Estados Unidos. 2. Guerra Fria. 3. Nacionalismo.  
4. Destino Manifesto. I. de Lima Avila, Arthur,  
orient. II. Título.

Sandro Marques dos Santos

Uma nova causa da “América”: o Mito do Destino Manifesto na formação do nacionalismo  
norte-americano da Guerra Fria (1947-1991)

Dissertação apresentada para obtenção do título de  
Mestre em História. Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências  
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História.

**Orientador:** Prof. Dr. Arthur Lima de Avila.

Defendido em: 15 de dezembro de 2020

Banca examinadora

---

Prof. Dr. Arthur Lima de Avila (Orientador)

---

Prof. Dr. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Claudia Wasserman

---

Prof. Dr. Flavio Limonic

Porto Alegre

2020

*“Louve o Poder que nos fez e preservou como nação! Então conquistar devemos, quando nossa causa for justa, E este seja nosso lema: ‘Em Deus está nossa confiança’.”*

**Excerto de A Bandeira Estrelada, hino nacional dos Estados Unidos da América**

*“Quando eu andava entre as chamas do inferno, deleitado com as fruições do Gênio, que aos Anjos parecem tormento e insanidade, coletei alguns de seus Provérbios: pensando que como os ditos usados por uma nação marcam seu caráter, assim os Provérbios do Inferno demonstram a natureza da sabedoria Infernal melhor que qualquer descrição de construções e trajés.”*

**William Blake**

*“Articular o passado historicamente não significa conhecê-lo ‘tal como ele propriamente foi’. Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela lampeja num instante de perigo. Importa ao materialismo histórico capturar uma imagem do passado como ela inesperadamente se coloca para o sujeito histórico no instante do perigo. O perigo ameaça tanto o conteúdo dado da tradição quanto os seus destinatários. Para ambos o perigo é único e o mesmo: deixar-se transformar em instrumento da classe dominante. Em cada época é preciso tentar arrancar a transmissão da tradição ao conformismo que está na iminência de subjugá-la. Pois o Messias não vem somente como redentor; ele vem como vencedor do Anticristo. O dom de atear ao passado a centelha da esperança pertence somente àquele historiador que está perpassado pela convicção de que também os mortos não estão seguros diante do inimigo, se ele for vitorioso. E esse inimigo não tem cessado de vencer.”*

**Walter Benjamin**

## AGRADECIMENTOS

Eu quero inicialmente agradecer aquela que tem sido minha *Alma mater* nesses últimos anos de minha vida, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Conhecemos as dificuldades e as travas impostas pela academia, seus problemas e seus desafios, ainda assim sempre se faz necessário que celebremos a existência de um ensino superior público de qualidade em nosso país. Tempos difíceis tornam essa celebração um requisito para todo acadêmico comprometido com o futuro da educação nacional.

Quero fazer um agradecimento ao meu estimado orientador, o Prof. Dr. Arthur de Lima Avila, que muito marcou minha trajetória acadêmica. Graças a ele não apenas vim me inserir nesse campo de estudos em história dos Estados Unidos, como também vi minhas perspectivas abertas para a possibilidade de uma história que escape de tantas das amarras disciplinares que sufocam seu poder criador e imaginativo como conhecimento e como prática politicamente interventora.

Aos meus estimados amigos, Arthur Maia, Carlos Eduardo Barzotto, Lucas Delwing e Andressa Buss fica um indispensável agradecimento pessoal. Sem sua ajuda, os anos que formaram meu mestrado se provariam muito mais árduos, se não impossíveis. É com gratidão e carinho que lhes digo muito obrigado.

Quero também agradecer meu colega e amigo Cristian de Athayde cuja sugestão de duas referências bibliográficas para esse estudo se mostrou de imenso valor. Por fim, acredito que eu também devo mencionar os criadores e contribuidores do site Library Genesis nesses Agradecimentos. É quase universalmente reconhecido entre pesquisadores e pesquisadoras sua imensa contribuição para nossas pesquisas. Sem eles, essa dissertação não seria possível. A todos, enfim, muito obrigado.

## RESUMO

Esta dissertação tem por tema a análise da construção do nacionalismo, do sentido da nação e identidade nacional dos Estados Unidos durante o período da Guerra Fria. Mais especificamente, como o Mito do Destino Manifesto, a crença de que os norte-americanos são providencialmente dotados do destino e da missão de expandir a democracia, foi um fator fundamental para essa construção. A percepção de que os Estados Unidos possuem responsabilidade pelo futuro da liberdade e da democracia tem raízes profundas em sua história. Seus antecedentes já podem ser encontrados na colonização britânica, mas é durante a independência dos país que essa crença se torna um mito nacional, parte do repertório de tradições que informam o significado da própria nação. Com o advento da Guerra Fria, esse mito foi mobilizado para explicar a disputa geopolítica entre Estados Unidos e União Soviética como um conflito nacional entre liberdade e tirania. O sistema capitalista seria defendido da ameaça comunista, mas apenas na medida em que essa defesa seria retoricamente investida de uma aura tradicional como uma missão nacional. É aqui que veremos a consolidação do que estaremos chamando de destino manifesto global, a conversão dos problemas mundiais em responsabilidades nacionais dos Estados Unidos. Nessa globalização do seu destino manifesto, o povo estadunidense passou a ver em sua política externa um fator essencial de sua própria identidade nacional, uma característica que, consolidada durante a Guerra Fria, perdura até os nossos dias. Nesse sentido, o objetivo primordial deste estudo é a interpretação crítica da apropriação desse mito pelos discursos e pelas iniciativas políticas dos presidentes norte-americanos da Guerra Fria, particularmente em como ele foi instrumentalizado para moldar o significado dos Estados Unidos como uma nação.

**Palavras Chave:** Estados Unidos; Guerra Fria; Nacionalismo; Destino Manifesto.

## **ABSTRACT**

This dissertation has as its theme the analysis of the construction of the United States' nationalism, the meaning of the nation and the national identity, in the Cold War period. More specifically, how the Myth of Manifest Destiny, the belief that north-americans are providentially gifted with the destiny and the mission to expand democracy, was a fundamental factor to this construction. The perception that the United States has a responsibility for the future of freedom and democracy has deep roots in its history. Its antecedents can already be found in British colonization, but it is during the country independence that this belief becomes a national myth, part of the repertoire of traditions that inform the meaning of the nation itself. With the coming of the Cold War, this myth was mobilized to explain the geopolitical dispute between the United States and the Soviet Union as a national conflict between freedom and tyranny. The capitalist system would be defended from the communist threat, but only insofar as this defense was rhetorically invested in a traditional aura as a national mission. It is here that we will see the consolidation of what we will be calling global manifest destiny, the conversion of world problems as national responsibilities of the United States. In this globalization of their manifest destiny, north-americans began to see in their foreign policy an essential factor of their own national identity, a characteristic that, consolidated during the Cold War, continues to this day. In this sense, the primary objective of this study is to critically interpret the appropriation of this myth in the speeches and political initiatives of the north-american presidents of the Cold War, particularly in how it was instrumentalized to shape the meaning of the United States as a nation.

**Keywords:** United States; Cold War; Nationalism; Manifest Destiny.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
1. Um Povo eleito em uma Terra Prometida: as raízes do nacionalismo norte-americano .....	16
2. Um Século Americano: o Destino Manifesto na Guerra Fria (1947-1969).....	27
2.1. O Nascimento do Mundo Livre .....	27
2.2. Novas fronteiras, ou o messianismo como responsabilidade global .....	43
2.2.1. <i>"Proclamai a liberdade em toda a terra e a todos os seus habitantes": por uma ação heroicamente engajada</i> .....	43
2.2.2. <i>"Em Deus Confiamos" e os dilemas do triunfalismo frustrado</i> .....	56
2.2.3. <i>"Uma cidade edificada sobre uma colina": pela renovação do messianismo heroico</i> .....	72
2.3. O triunfalismo vai ao Vietnã e a tragédia de uma geração .....	93
3. Entre redensões e revisões: o fim da missão nacional? (1970-1991).....	120
3.1. Derrota e desilusão de uma nação à procura de redenção.....	120
3.1.1. <i>Uma crítica realista dos mitos nacionais</i> .....	133
3.1.2. <i>O Incidente de Mayaguez: a pequena vitória como redenção nacional</i> ...	138
3.2. O significado da "América" e seu Destino Manifesto revisados.....	145
3.3. O triunfalismo redentor, resgatando consenso em velhos valores.....	155
3.4. Vitória e desilusão de uma nação sem rumo .....	168
3.4.1. <i>Entre o fim da Guerra Fria e o fim da história</i> . .....	168
3.4.2. <i>Após a tempestade, o arco-íris: a Guerra Fria como Guerra Civil</i> .....	175
3.4.3. <i>A Segunda Guerra Mundial e o Vietnã reencenados: pela reafirmação de um destino manifesto global</i> .....	177
4. Considerações finais .....	187
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	196

## INTRODUÇÃO

Os Estados Unidos da América são uma nação formada por muitos mitos e crenças, alguns desses já perderam parte de seu brilho, outros nem tanto. Dentre esses, o Mito do Destino Manifesto encontra grande centralidade no desenvolvimento do nacionalismo norte-americano.<sup>1</sup> Ele é constituído por uma constelação de símbolos e valores convencionados na cultura popular e na retórica política do país. Em ambas, ele opera como uma fonte de metáforas interpretativas que explicam e significam problemas e desafios históricos, tornando-os compreensíveis a um público nacional mais amplo. É seu mote principal a noção de que os Estados Unidos são uma nação eleita entre os povos, de tal modo que a Providencia ou, em variantes mais seculares desse mito, a História lhe outorgou uma missão excepcional no mundo em favor da causa da liberdade. Essa crença na escolha providencial dos Estados Unidos tem raízes profundas em seu passado e ela “tem residido no cerne da tentativa dos norte-americanos de entender a responsabilidade de seu país em casa e no exterior.”<sup>2</sup> É claro, a convicção de que as nações estão de alguma forma acima dos limites da história secular é uma característica comum a uma tradição de nacionalismo e colonialismo no Ocidente. França, Alemanha, Holanda e Inglaterra são alguns dos países que, em algum momento de sua história, demonstraram semelhante consciência messiânica sobre seu país como um povo escolhido.<sup>3</sup> Não obstante, posto sua dificuldade em reclamar uma exclusiva herança consanguínea, essa é uma reivindicação que adquiriu notável proeminência e duração na imaginação nacional dos Estados Unidos. Nenhuma nação parece ter sido tão influenciada pela ideia messiânica de um destino maior quanto ele. Isso é especialmente marcante durante a Guerra Fria, momento em que o país assumiu essa tradição ocidental de messianismo em sua forma mais agressiva e colonizante, se atribuindo um mandato global. É justamente o objetivo desta dissertação analisar o uso operativo dessa crença em sua versão norte-americana (o que estamos chamando aqui de Mito do Destino Manifesto) na retórica política dos presidentes dos Estados Unidos durante a Guerra Fria e seu impacto no desen-

---

<sup>1</sup> “Norte-americano” e não “Americano” é a palavra que usarei como gentílico para os Estados Unidos. Ainda que reconheça que o segundo esteja correto e seja utilizado pelos próprios norte-americanos, optei pelo primeiro (assim como por “estadunidense”) para denotar algo que invariavelmente me acompanha como um estudioso da história desse país: sou um latino-americano, alguém que olha do Sul para o Norte, com todas as consequências atadas a isso. Nesse mesmo sentido, quando eu me utilizar da palavra “América” entre aspas estarei me referindo ao país Estados Unidos, e não ao continente.

<sup>2</sup> “has resided at the heart of the attempt by Americans to understand their nation’s responsibility at home and abroad.” CHERRY, Conrad. **God’s new Israel: religious interpretations of American destiny**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1998, p.1.

<sup>3</sup> DETIENNE, Marcel. **A Identidade Nacional, um enigma**. São Paulo: Autêntica, 2010, p.76-77. LOSURDO, Domenico. **Contra-história do Liberalismo**. São Paulo: Ideias e Letras, 2005, p.357.

volvimento do seu nacionalismo nesse período. Esse é um tema que ainda requer maiores estudos, pois, apesar da literatura em Guerra Fria ser ampla, o nacionalismo norte-americano durante o pós-guerra permanece pouco explorado na historiografia.<sup>4</sup>

Ainda que o termo “destino manifesto” esteja largamente associado ao seu uso pelo jornalista John O’Sullivan em 1845, ele tornou-se paradigmático de um fenômeno que não se encontra restrito às preocupações específicas que O’Sullivan lhe concedeu. Nas palavras do próprio O’Sullivan:

“E esta reivindicação está dada pelo direito de nosso destino manifesto de se espalhar e possuir todo o continente nos dado pela Providência para o desenvolvimento deste grande experimento de liberdade e autogoverno federado confiado a nós.”<sup>5</sup>

Esse foi um clamor em prol do expansionismo territorial dos Estados Unidos rumo ao Oeste, compreendido e interpretado por ele como mais do que apenas um imperativo político. Era um chamamento divino e, portanto, acima de meros desejos humanos. Mas essas não eram metáforas novas, elas já circulavam em meios diversos. Antes da publicação do editorial de O’Sullivan, a crença na existência de um destino manifesto para os Estados Unidos já bombeava seu jovem coração nacionalista.

Extraídos de uma fonte religiosa profundamente influenciada pela migração puritana para a Nova Inglaterra no século XVII, valores centrais na tradição judaico-cristã, tais como messianismo, terra prometida e povo eleito compuseram uma matriz para os colonizadores das Treze Colônias e as gerações pós-independência interpretarem seus momentos históricos particulares e os problemas que os acompanharam. É dessa maneira que o processo de colonização será lido. Mais do que simplesmente uma oportunidade pessoal em novas terras, ele era uma oportunidade de redenção divina. Posta em paralelo ao êxodo liderado por Moisés pelo deserto em direção a Canã, a fatal travessia pelo Atlântico abria uma passagem para uma terra intocada, onde a civilização e, por extensão, a cristandade poderiam não apenas se expandir, como também se redimir. A colonização era a chance de alcançar em um novo solo o que os puritanos foram incapazes em sua terra natal. “Uma cidade sobre a colina”. Foram com essas palavras, inspiradas em Mateus 5:14, que o colono John Winthrop descreveu a nova empreitada puritana

---

<sup>4</sup> FOUSEK, John. **To Lead the Free World - American Nationalism and the Cultural Roots of the Cold War**. Chapel Hill and London: The University of North Carolina Press, 2000, p.2.

<sup>5</sup> “And that claim is by the right of our manifest destiny to overspread and to possess the whole of the continent which Providence has given us for the development of the great experiment of liberty and federated self-government entrusted to us.” Disponível em: <https://bit.ly/2FPwGud>

na baía de Massachusetts. Uma possibilidade de redenção não apenas para os seus habitantes, mas também para todos aqueles que se deixassem iluminar pelo seu exemplo.<sup>6</sup>

Durante a Independência e na constituição das bases da nova república que a seguiu, essa visão marcou o tom dos discursos e do seu nacionalismo em construção. Em larga medida, a mitologia puritana era uma das poucas fontes capazes de construir real solidariedade e uma visão de compartilhamento de uma experiência única entre os independentistas. Apesar da homogeneidade cultural das Treze Colônias, não havia um elemento unificador claro, pois sua origem britânica não poderia ser destacada justamente quando se buscava a libertação da tirania do monarca inglês. Os revolucionários independentistas careciam das fontes que frequentemente servem à construção de coesão nacional.

Por muito tempo organizadas como entidades muito distintas, com sua própria moeda, milícia armada e administração separadas, as Treze Colônias não criaram uma identidade unificada. A participação na Guerra dos Sete Anos (1756-1763) produziu momentaneamente maiores laços entre as colônias, porém essa guerra também fortaleceu o orgulho dos colonos como membros do Império Britânico; nunca o orgulho britânico foi tão forte entre eles.<sup>7</sup> Apenas 12 anos separaram o fim dessa guerra da guerra que levaria os colonos a enfrentarem aqueles com os quais eles haviam partilhado um sentimento de união na luta comum contra a França católica. Logo, forjar entre eles um novo sentimento de coesão tornou-se um imperativo político da causa pela independência. É evidente que o sentimento de antagonismo e a eventual luta comum contra o Império Britânico proporcionou uma experiência compartilhada. Mas para a construção de uma sólida coesão futura era necessário mais do que o momentâneo sentimento de camaradagem bélico da guerra, do sentir em conjunto as suas calamidades. Era necessário algo que pudesse não apenas dar as bases de sentido para a nova nação, como também pudesse significar a própria guerra que era travada pela sua fundação.

À semelhança do fortalecimento da identidade britânica durante e após a Guerra dos Sete Anos, outro evento também revigorou uma outra forma de identidade nas Treze Colônias. Ocorrido entre as décadas de 1730 e 1740, o assim chamado Grande Despertar produziu um período de grande fervor religioso nas colônias. Construído nas fundações de tradições mais antigas, como o pietismo, o puritanismo e o presbiterianismo, ele auxiliou na criação de uma identidade evangélica comum que transcendia as denominações específicas existentes nas Treze Colônias. Os tropos que constituíam os mitos puritanos, tais como providência, escolha

---

<sup>6</sup> CHERRY, Conrad. *God's new Israel*. op. cit., 1998, p.27.

<sup>7</sup> FONER, Eric. *Give me Liberty! An American history Volume 1*. Nova York: W. W. Norton & Company, 2008, p.169

divina e cidade sobre a colina, saíram fortalecidos desse novo frenesi religioso.<sup>8</sup> Foram justamente esses tropos teológicos que marcaram a leitura de muitos dos principais escritos patriotas durante a Guerra de Independência. Publicações como as de Thomas Paine e a Declaração de Independência de Thomas Jefferson, central para o nacionalismo dos Estados Unidos, são grandes exemplos desse uso. Com um conteúdo político marcado pela tradição liberal, a estrutura desses escritos era carregada de formulas narrativas oriundas do messianismo.

Esses mitos ofereceram, assim, a estrutura narrativa para a ideologia republicana pró-independência, uma narrativa que reverberava em sentimentos que já habitavam as mentes e corações de muitos colonos, os conectando mais intimamente a essa causa. Como resultado, “a ideia de excepcionalismo surgirá, então, menos marcada pelos contornos religiosamente definidos do passado, embora não por isso menos messiânica.”<sup>9</sup> Nesse sentido, o evangelismo operou como um protonacionalismo, sentimentos de vínculo coletivo já existentes e que potencialmente podem ser mobilizados pelos Estados-nações a seu favor.<sup>10</sup> Isso não acarreta considerarmos que esses laços e sentimentos estavam desde o princípio fadados à sua constituição em nacionalismo. O conceito apenas indica a potencialidade de padrões de crença e cultura em se tornarem conteúdos formativos para movimentos nacionalistas e nações. Desse modo, o nacionalismo norte-americano se apropriou de elementos religiosos para construir uma narrativa própria que refletia as crenças já existentes entre o público ao qual ele se direcionava, dando uma forma familiar a um projeto político novo.

Essa síntese entre a mitologia puritana e os valores republicanos produziu eventualmente um novo mito nacional, cujo conteúdo central era secular, porém marcadamente religioso em seu caráter. Assim, a democracia era sacralizada, a virtude e excepcionalidade do povo dos Estados Unidos e de suas novas instituições enfatizadas e seu destino providencial e missão de refazer o mundo em sua imagem proclamados.<sup>11</sup> Esse nacionalismo e a nação que ele buscou construir foram, conseqüentemente, resultados do desejo pela independência e de sua eventual vitória, não sua causa. Essa reinvenção dos mitos puritanos situou o projeto político da Independência no centro de sua narrativa, tornando a caracterização do norte-americano como aquele que é livre peça fundamental da identidade nacional do país. Como nos diz Eric Foner: “nenhuma ideia é mais fundamental para o sentimento dos norte-americanos de si mesmos

---

<sup>8</sup> FONSECA, Carlos. “Deus Está do Nosso Lado”: Excepcionalismo e Religião nos EUA. **Contexto Internacional**, vol.29, n.1, 2007, p.169.

<sup>9</sup> Ibid., 2007, p.169.

<sup>10</sup> HOBBSAWM, Eric. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. São Paulo. Paz e Terra, 2012, p.69.

<sup>11</sup> FONSECA, Carlos. “Deus Está do Nosso Lado”. op. cit., 2007, p.169-170.

como indivíduos e como nação do que a liberdade. ”<sup>12</sup> É claro, o significado de liberdade nunca é fixo, ele está enraizado nos contextos de seu uso, em permanente transformação e disputa, mas “liberdade” permanece central para a cultura política e nacionalismo norte-americanos. Nos Estados Unidos, definir essa palavra também é impor, ou reivindicar a identidade nacional. Assim, as fronteiras que delineiam aqueles que são intitulados a usufruí-la são centrais para a definição de quem realmente é norte-americano.

Todavia, não podemos perder de vista que, apesar dessa centralidade secular, o nacionalismo dos Estados Unidos está fortemente marcado pelo seu caráter sacro. Esse também está condicionado, adquirindo maior ou menor destaque dependendo de seu interlocutor, mas ele tem sido parte contínua da maioria das tentativas de construção da nacionalidade dos Estados Unidos, principalmente das vencedoras. Da mesma maneira como a mitologia puritana foi veículo para a ideologia secular independentista, sua reinvenção em Mito do Destino Manifesto permanece incutindo referências religiosas nas diferentes ideologias seculares que se apropriaram dele. Uma ênfase exacerbada nos aspectos seculares do nacionalismo norte-americano pode acabar relegando a um segundo plano as suas raízes religiosas. O estudo que segue visa em parte mostrar como esse nacionalismo foi e é construído por meio de um mito que, transformado por um secularismo político, possui origens profundamente religiosas.

O uso dessas metáforas interpretativas não se limitou ao período da Independência. Eventualmente, seu uso continuado tornou-se tradicionalizado, permitindo que ele fosse reduzido a um conjunto de símbolos e palavras-chave que pode explicar novas situações históricas. Esses símbolos e essas palavras-chaves se tornam, assim, parte do senso-comum, da cultura, das histórias e ditos populares. Adquirido o afeto de uma sociedade, o mito proporciona um meio de continuamente narrar a experiência histórica nacional dentro de seu quadro de referências inteligíveis. Este constante resgate de símbolos possibilita a produção de um clima de crença e um consenso em torno de determinadas iniciativas políticas, facilitando seu apelo e persuasão frente ao seu público. Nesse sentido, mitos são histórias retiradas da história de uma determinada sociedade que adquirem no seu uso persistente o poder de simbolizar as ideologias de seus membros.<sup>13</sup> Mitos expressam uma determinada ideologia em uma estrutura narrativa, projetando modelos de comportamento heroico que reforçam os seus valores, afirmando a positividade de sua autoridade e das ações por ela empreendidas. Uma narrativa que se apropria do

---

<sup>12</sup> “No idea is more fundamental to Americans’ sense of themselves as individuals and as a nation than freedom.” FONER, Eric. **The Story of American Freedom**. New York and London: W. W. Norton & Company, 1998, p.xiii.

<sup>13</sup> SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. Norman: University of Oklahoma Press, 1992, p.5.

mito nacional busca afetar tanto a percepção de sua audiência, quanto seu comportamento, de modo a conquistar seu alistamento moral ou físico no projeto político que ele comunica via apelos emotivos.<sup>14</sup> Logo, uma narrativa não apenas situa e explica uma situação histórica, como também prescreve respostas a ela. Os mitos derivam seu poder precisamente de irem além da mera explicação da realidade, oferecendo princípios normativos para nos guiarmos no mundo.<sup>15</sup>

Como entendido aqui, mito “não é um tipo particular de narrativa, mas uma fonte de narrativa: um tipo de repositório de poder e autoridade que pode ser representado em várias formas narrativas e cenários performáticos [...]”.<sup>16</sup> Assim, o que um articulador de discursos míticos faz é “ler e reescrever seletivamente o mito de acordo com suas próprias necessidades, desejos e projetos políticos”, o que implica que a mitologia de uma sociedade “esteve e está disponível a todo momento da nossa história para reivindicações de outros grupos constituintes.”<sup>17</sup> Assim sendo, longe de ser uma “doutrina”, algo coeso e bem definido, o Mito do Destino Manifesto é uma metanarrativa, o contexto mais amplo de simbologias e metáforas que permitem reconfigurações contínuas em narrativas distintas e potencialmente antagônicas. Assim, as narrativas específicas que nascem dessa apropriação podem divergir em preocupações, estilo, objetivos e valores na medida que elas servem distintos interesses políticos, mas elas sempre irão apresentar similaridades como resultado de seu apelo a uma mesma fonte de crenças. É precisamente nessas similaridades, nesses princípios e temas que perduram em diferentes apropriações ideológicas ao longo da história que identificamos o mito.<sup>18</sup>

---

<sup>14</sup> SLOTKIN, Richard. **The Fatal Environment**. Norman: University of Oklahoma Press, 1998, p.19.

<sup>15</sup> BASS, J. D.; CHERWITZ, R. Imperial mission and manifest destiny: A case study of political myth in rhetorical discourse. op. cit., 1978, p.218.

<sup>16</sup> “is not a particular type of narrative but rather a source for narrative: a kind of repository of power and authoritativeness that can be represented in various narrative forms and performative settings [...]”. FRANKFURTER, David. Narratives That Do Things. In: Johnston, Sarah. **Religion: Narrating Religion**. New York: Macmillan Reference USA, 2016, p.97

<sup>17</sup> “selectively read and rewrite the myth according do their own needs, desires, and political projects” “has been and is available, at every moment of our history, to the claims of other constituencies.” SLOTKIN, Richard. **Gun-fighter Nation**. op. cit., 1992, p.658.

<sup>18</sup> Tendo em vista o que discorremos, uma diferenciação entre mito e ideologia será um componente importante nesta dissertação. No entanto, se compreendermos ideologia como as concepções de mundo de um determinado sujeito coletivo então mito em si mesmo constitui uma forma de ideologia. Ao tratarmos de ideologia como distinto de mito, estaremos nos referindo a um tipo mais específico de ideologia: a ideologia política, as formas através das quais os diversos sujeitos sociais concebem os conflitos de sua sociedade, estabelecem objetivos e legitimam a conquista e manutenção de poder político. Nesse sentido, o mito é uma ideologia enquanto concepção de mundo em um sentido mais amplo, porém ele é apropriado por outras ideologias que têm um caráter mais especificamente político (conservadorismo, liberalismo, socialismo etc.). Contudo, para sermos exatos, o mito não existe fora dessas apropriações. Ele não é, pois, um ente que habita em cima de nossas cabeças, ele é, como já apontamos, uma metanarrativa. Nossa compreensão de ideologia aqui é particularmente devedora da concepção gramsciana de ideologia. Ver LIGUORI, Guido. Ideologia. In: LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale. **Dicionário Gramsciano 1926-1937**. São Paulo: Boitempo, 2019.

O mito também envolve uma temporalidade, uma forma de teoria do desenvolvimento histórico. É particular ao mito transformar experiências históricas particulares em regras universais de entendimento e conduta, convertendo história secular em um corpo de lendas sagradas.<sup>19</sup> A diferença qualitativa do tempo, a diferença única e contingente dos momentos é substancialmente perdida em favor de uma experiência histórica absolutizada. A heterogeneidade dos momentos históricos é subsumida na narrativa do mito. Ela é marcada por uma temporalidade vazia e homogênea em seu fluxo contínuo de vitórias heroicas, que tradicionalmente ignora a realidade do sofrimento e da derrota. Passado e presente são postos em equivalência, tornando-se ambos frutos de um princípio universal. Assim, contingências como a Revolução Americana aparecem como um destino a ser repetido em cenários históricos novos. É como consequência disso que eventos os mais diversos e discrepantes entre si como a expansão territorial, a Guerra Civil, a Guerra Hispano-Americana e a Primeira Guerra Mundial podem ser narrados de forma tão similar pelo discurso político nos Estados Unidos.

Em todos esses eventos, apesar de suas distâncias temporais e suas discrepâncias de causas e forças envolvidas, uma mesma estória está presente. Nela, o sistema político democrático, republicano e livre dos Estados Unidos os tornam uma nação excepcional. Em razão do sucesso desse sistema, e demonstrando mais uma vez seu excepcionalismo, a nação é investida de uma missão providencial, um fardo que ela reluta, mas que aceita em uma demonstração de profundo heroísmo. Essa missão compreende a defesa ou a expansão de seu sistema político, uma expansão que pode ocorrer essencialmente de duas formas: pela exemplaridade, aqui cabe a outros voluntariamente imitarem esse sistema, ou por uma ação de inclinações cruzadistas, aqui cabe a própria nação ativamente expandir seu sistema. Às vezes, porém, é a defesa desse sistema, não sua expansão, que lhe cabe. Há momentos em que forças tirânicas põe em risco a democracia. Assim, tal como enfrentaram o tirânico monarca britânico no passado, os Estados Unidos devem mais uma vez pegar em armas e fazer valer seu caráter heroico. Essa forma de narrativização dos eventos históricos que os Estados Unidos experienciam é o que conforma o Mito do Destino Manifesto. E, assim, como apontamos anteriormente, a consciência dos processos de disputa, de erro, de escolha (sua historicidade, enfim) que conformam e levam a esses eventos é severamente reduzida. Os Estados Unidos devem se expandir, devem participar desse e daquele conflito porque é seu dever em seu papel especial e messiânico em favor da liberdade. É essa noção de perda de escolha e de indiscutível obrigação moral que uma apropriação retórica desse mito almeja.

---

<sup>19</sup> SLOTKIN, Richard. **The Fatal Environment**. op. cit., 1998, p.19.



Todavia, marco que essa perda de uma qualidade histórica do tempo não é absoluta na temporalidade dos projetos políticos que se apropriam do Mito do Destino Manifesto. Pelo contrário, ele tem sido parte central da construção de muitos projetos de futuro e que, como é próprio do futurismo, pressupõe uma diferença qualitativa do tempo. Desse modo, ainda que colocados lado a lado, passado e presente não são inteiramente idênticos na narrativa do mito. Há um princípio comum entre ambos, mas uma diferença entre eles não é completamente perdida. A lógica temporal do mito não é a da simples repetição incessante dos mesmos acontecimentos, mas da homogeneização da experiência histórica em um mesmo princípio fundamental e central para uma determinada sociedade. A evocação da Revolução Americana e de seu princípio messiânico não almeja sua repetição em forma de paródia, mas, através de sua apropriação como símbolo, a glorificação das novas lutas no presente, que podem potencialmente desejar novos futuros.

Mesmo que inteiramente novos, projetos políticos são mais bem-sucedidos quando podem se construir em torno de sentimentos e padrões de entendimento já existentes, buscando sua naturalidade frente ao público. São sentimentos que podem ser apropriados e moldados em uma engenharia social refinada, mas eles não são inteiramente criados, e sim tomados de empréstimo, ou tutelados. Muitas vezes, quando poderíamos ver seus usos como mera manipulação pelos grupos políticos do alto: “No melhor dos casos eles não poderiam controlar inteiramente as forças que tinham desencadeado; no pior dos casos, tornaram-se seus prisioneiros.”<sup>20</sup> Como nos diz Cyrus Vance, Secretário de Estado de Jimmy Carter: “Nenhuma política externa pode obter o apoio do povo norte-americano, a menos que reflita seus valores mais profundos.”<sup>21</sup> A nação tem imensa legitimidade na vida política moderna, tornando difícil para qualquer projeto político não se apresentar como provido de algum caráter nacional, mas isso não necessariamente perfaz uma desvantagem política. Para muitos, o exato oposto, esse pode ser o melhor meio para afirmar seu poder. É aqui que se encontra o objetivo desta pesquisa.

É a interpretação crítica da apropriação de uma mitologia historicamente definidora do nacionalismo dos Estados Unidos pelos discursos e pelas iniciativas políticas dos presidentes norte-americanos no contexto da Guerra Fria o objeto primordial deste estudo. Disso deriva analisar como, através dessa apropriação, os enunciados presidenciais se transformaram em construtores do sentido da nação e do pertencimento nacional. O modo como essas construções

---

<sup>20</sup> HOBBSAWM, Eric. **Nações e nacionalismo**. op. cit., 2012, p.129.

<sup>21</sup> “No foreign policy can gain the American people’s support unless it reflects their deeper values.” Apud DAVIS, T. R.; LYNN-JONES, S. M., City Upon a Hill, **Foreign Policy**, 1987.

almejaram tornar as ideias e ações que seus criadores prescreveram uma parte natural e essencial do percurso histórico nacional. E, por fim, as dificuldades e possíveis contradições surgidas no processo de tornar os dilemas do mundo bipolar compreensíveis dentro desse repertório simbólico tradicionalizado. Nossa preocupação não é, portanto, a política externa dos Estados Unidos na Guerra Fria em si, mas o contexto cultural de formação do consenso em torno de seus princípios e de construção do sentido da nação e da identidade nacional. Com efeito, o que nos concerne fundamentalmente não serão as políticas estratégicas dos Estados Unidos em seu enfrentamento contra a União Soviética, mas como seus presidentes explicaram esse enfrentamento através de um importante mito nacional.

A Guerra Fria inaugura um momento histórico inteiramente novo para os Estados Unidos ao consolidar o seu papel de potência imersa nos assuntos globais; papel que, até então, ele tinha grande relutância em assumir. A divisão do mundo em dois polos de influência, capitalista e comunista, o medo da ameaça de subversão interna e a eclosão de revoluções no Terceiro Mundo tornaram-se os novos desafios para o país nesse período. Mas se a ameaça e a missão nacional tinham feições novas, seus conteúdos permaneciam o mesmo: a sagrada luta da liberdade contra a tirania travada por uma nação excepcional. O foco de nossa análise serão os discursos e comunicados dos presidentes norte-americanos proferidos entre os anos de 1947 e 1991. Portanto, do momento em que as hostilidades entre os dois blocos tornaram-se mais evidentes até o fim da situação de tensão geopolítica global entre as duas superpotências com a dissolução da União Soviética em 1991 e a reconfiguração geopolítica pós-Guerra Fria.

Para esses objetivos, não iremos enfatizar um tipo único de discurso, qualquer discurso proferido pelos presidentes durante esse período pode potencialmente fazer parte de nossas fontes. É claro, dado que o conjunto de discursos disponível é muito grande, fomos forçados a propor critérios para sua seleção. Nesse sentido, optamos por selecionar os discursos que se tornaram famosos por sua relevância política para as presidências analisadas; aqueles proferidos em ocasiões solenes, como a Posse e o Discurso sobre o Estado da União feito ao Congresso, tenham eles se tornado afamados ou não; e discursos que podemos chamar de secundários, proferidos em ocasiões menores como a assinatura de uma lei, ou frente a um pequeno público, mas que se mostram relevantes para discutirmos a apropriação retórica do Mito do Destino Manifesto feita pelos presidentes. Esses discursos secundários foram selecionados via leitura da bibliografia que os têm como fonte, ou pela busca de palavras-chave no arquivo digital The American Presidency Project. Um último critério de seleção também foi seguido para os casos

específicos de John Kennedy, Richard Nixon, Jimmy Carter e Ronald Reagan. Para esses presidentes, também selecionamos alguns de seus discursos enquanto presidenciáveis. Esse critério foi necessário, haja vista a contraposição feita nesses discursos entre os então candidatos e os então ocupantes da Casa Branca ser elemento importante para a nossa abordagem desses presidentes. Todos os discursos que compõe as fontes se encontram com seu respectivo link de acesso no The American Presidency Project no final desta dissertação.

É importante que também destaquemos as balizas que direcionam metodologicamente o recorte pelos discursos presidenciais. A produção e a transmissão das narrativas do mito não são feitas igualmente por todos os membros da sociedade. Existem *locus* privilegiados para sua produção. Ela é, deste modo, sensível as diferenças de classe. Se quisermos analisar essas narrativas, teremos que buscá-las primordialmente nos setores dominantes, naqueles que detêm a capacidade não apenas de as produzir, mas também de infundir legitimidade a elas.<sup>22</sup> Em si mesma, a presidência é um lugar de enunciação e de aparecimento, que, pela força que detém na cultura política dos Estados Unidos, potencializa o discurso daqueles que a ocupam. Não é fortuito terem sido as faces de quatro presidentes esculpidas no Monte Rushmore. Além disso, como veremos adiante, na transição do século XIX para o XX, a política externa do país tornou-se um aspecto central da definição do destino e missão nacionais. Existindo antes unicamente para defender os Estados Unidos, ela passou a também ser fundamental para a compreensão de seu lugar no mundo.<sup>23</sup> Centro do governo federal e principal autor da política externa, a presidência é a voz central no debate nacional em torno da atuação global do país, afinal seu ocupante “geralmente tem a primeira palavra em anunciar e explicar grandes desenvolvimentos internacionais ao público estadunidense.”<sup>24</sup> A presidência torna-se, então, primordial para qualquer estudo em torno do Mito do Destino Manifesto.

Em vista dos presidentes e suas políticas externas estarem no centro de nossa análise, este estudo dará atenção não apenas aos enunciados discursivos, mas terá entre seus objetivos suplementares a análise das práticas que eles legitimaram. Ambas prática e enunciação são centrais para a criação de significado. Para a análise empreendida aqui, é necessário que abordemos a relação de reciprocidade dialética entre as construções culturais e a experiência material. Os discursos não falam no vazio, eles são historicamente condicionados. Eles fornecem respostas à realidade, mas, frente a ela, são eles mesmos transformados e revistos. As narrativas que

---

<sup>22</sup> SLOTKIN, Richard. **The Fatal Environment**. op. cit., 1998, p.30.

<sup>23</sup> MCDOUGALL, Walter. **Promised Land, Crusader State: The American encounter with the world since 1776**. Boston: Mariner Books, 1997, p.37.

<sup>24</sup> “generally has the first world in announcing and explaining major international developments to the American public.” FOUSEK, John. **To Lead the Free World**. op. cit., 2000, p.13-14.

criamos não apenas são propensas a contradições em sua forma e conteúdo, como também podem se mostrar incapazes de responder crises e mudanças. Nem sempre um enquadramento narrativo pode explicar e conter a realidade. Nesse sentido, devemos ter em mente as narrativas que os presidentes comunicaram, a forma como a experiência material circundante interferiu em sua comunicação e, finalmente, a maneira como eles responderam essas interferências, seja por meio de ações concretas, ou por meio de ações puramente discursivas.

Uma dissonância cognitiva entre fatos narrados e narrativas é de suma importância, pois ela pode principiar o fim da identificação de certos princípios ideológicos com a mitologia nacional ou, em situações de grave e intensa crise, mesmo o desmoronamento dessa como chave interpretativa para a sociedade. Assim, “se o símbolo e a experiência coincidirem o suficiente, nossa crença na validade e utilidade do símbolo será confirmada; se a correspondência for decepcionante, seremos forçados a escolher entre negar a importância da nova experiência e revisar nosso vocabulário simbólico.”<sup>25</sup> Por meio dessa revisão, forças políticas estabelecidas podem reconstituir consenso e legitimar a manutenção de seu poder. Por outro lado, uma crise de valores também pode dessacralizar “mito sagrado em ideologia secular”, abrindo caminho para que uma outra “ideologia nas mãos de uma classe que procura estabelecer e justificar sua hegemonia estenda a mão para cooptar o mito. ” A dissonância cognitiva entre a realidade e os valores dessacraliza a narrativa vigente e abre a oportunidade para que uma nova ideologia afirme sua posse do mito, justificando sua conquista de poder político. Esse processo de dessacralização e renovação é sintomático da relação dialética entre os enunciados, suas práticas, o estado das condições materiais e as disputas no campo da política.<sup>26</sup> Como veremos, essas crises de significado foram uma fatalidade recorrente de muitos dos presidentes dos Estados Unidos durante a Guerra Fria.

Nesse aspecto, também não podemos deixar de lado outro fator: a da audiência. Para além da disputa entre os produtores de narrativas e dos seus esforços em domesticar a experiência, não podemos apagar o caráter ativo da resposta da audiência a quem eles se direcionam. Assim como não falam no vazio, os discursos não falam para o vazio. As nações são construídas essencialmente do alto, mas não podem ser compreendidos puramente em uma relação de imposição do alto e aceitação passiva de baixo: “Ideologias oficiais de Estados e movimentos não são orientações para aquilo que está na mente de seus seguidores e cidadãos, mesmo dos mais

---

<sup>25</sup> “if symbol and experience match closely enough, our belief in the validity and usefulness of the symbol will be confirmed; if the match is disappointing, we will be force to choose between denying the importance of the new experience and revising our symbolic vocabulary. ” SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.7.

<sup>26</sup> “sacred myth to secular ideology” “ideology in the hands of a class seeking to establish and justify its hegemony reaches out to coopt myth.” SLOTKIN, Richard. **The Fatal Environment**. op. cit., 1998, p.25.

leais entre eles. ”<sup>27</sup> É claro, como já evidenciamos, o foco nos produtores na dialética produtor-audiência advém da necessidade de nos centrarmos naqueles que adquiriram o poder de falar como se falassem em nome da nação. Contudo, a significância do mito somente pode ser compreendida quando ela é entendida como parte de uma “ação dialética entre audiências e produtores e entre grupos concorrentes de produtores.”<sup>28</sup> Uma apreciação mais completa da resposta da audiência impõe grandes dificuldades. Ela será analisada a partir de pesquisas de opinião pública e em manifestações de apoio ou desagrado frente às políticas nacionais e como elas, por sua vez, conduzem a modificações nas narrativas dos produtores. É uma abordagem com limitações inerentes, que não a invalidam, mas que demandam serem endereçadas da melhor forma possível. Meu foco recairá nos produtores e nas narrativas vitoriosas, mas não deixarei de lado as diferentes pressões que as modificam. A tensão entre as narrativas que se apropriam do mito e a sociedade na qual elas são produzidas é, conseqüentemente, um componente crucial desse estudo.

Em vista do que foi discorrido, esta pesquisa dá centralidade ao poder transformador da linguagem sobre o mundo. A linguagem é uma das formas primordiais através das quais nós apreendermos a realidade que nos circunda. Ao apreendê-la, mobilizamos discursos que nos permitem pensar e constituir nosso entorno e a nós mesmos. Desse modo, o estudo dos discursos é um estudo das formas como os sujeitos históricos significam suas condições de existência.<sup>29</sup> Por essa razão, discursos não são apenas fala, mas também uma prática social: “[...] enunciados e visibilidades, textos e instituições, falar e ver constituem práticas sociais por definição permanentemente presas, amarradas às relações de poder, que as supõem e as atualizam. ”<sup>30</sup> E, como práticas, os discursos não poderiam se não afetar nossos modos de existência. Uma vez que, na medida em que eles contêm significados que constroem sujeitos e são por esses construídos, os discursos produzem “efeitos concretos, na forma das pessoas se relacionarem entre si, nas formas como a história toma os seus rumos. ”<sup>31</sup> Nosso foco recai, contudo, em uma forma específica de discurso, o político.

---

<sup>27</sup> HOBBSAWM, Eric. **Nações e nacionalismo**. op. cit., 2012, p.20.

<sup>28</sup> “dialectic action between audiences and producers, and between competing groups of producers.” SLOTKIN, Richard. **The Fatal Environment**. op. cit., 1998, p.31.

<sup>29</sup> PINTO, Celi. **Com a palavra o senhor presidente José Sarney**. São Paulo: Hucitec, 1989, p.19.

<sup>30</sup> FISCHER, Rosa. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n.114, 2001, p.200.

<sup>31</sup> PINTO, Celi. Elementos para uma análise do discurso político. **Barbarói**, v.24, p.87-118, 2006, p.82.

Os discursos políticos são instrumentos privilegiados na construção “do imaginário social, destinados teoricamente a legitimar a ordem, orientar contundas, pautar e hierarquizar valores, estabelecer metas e construir mitos.”<sup>32</sup> Nesse sentido, discursos têm grande potencial para conferir novos sentidos à nação e à nacionalidade de um país. A característica fundamental do discurso político é, pois, a necessidade de sobrevivência pela imposição da sua verdade. Uma verdade que está sempre ameaçada em um jogo de significações. Diante disso, esse discurso é uma tentativa precária de dar sentido ao real; precária, mas exitosa. Ela é precária porque os sentidos que ela busca impor são construções históricas e arbitrárias e, portanto, provisórios, ficando continuamente ameaçados de serem desconstruídos, porém, ela é exitosa por se inserir em uma continuidade histórica.<sup>33</sup> A apropriação retórica do Mito do Destino pelos discursos presidenciais dos Estados Unidos é uma expressão clara disso; ela permite que novos sentidos sejam conferidos à nação dentro de um repertório tradicionalizado. Assim, por mais inovador que uma ressignificação nacional possa ser, ela pode apresentar-se como parte de uma continuação histórica dos valores e ideais legados pelo passado.

O discurso político também é por excelência o discurso do sujeito, o discurso em que fica explícito os seus desejos por poder e a sua inserção em uma luta política. Por conseguinte, ele está inserido em uma rede de outros discursos que existem e que agem paralelamente a ele e, muitas vezes, em confronto com ele. Desta forma, para se construir e prevalecer, ele precisa continuamente desconstruir o outro. Devemos encará-lo nessas duas linhas: o êxito em desconstruir o outro e a forma como constrói a si próprio, como oposição ao outro.<sup>34</sup> Essa será uma questão relevante para nossa análise dos presidentes que se construíram como representando um contraponto aos seus antecessores na presidência, assim como para um elemento constitutivo do discurso da Guerra Fria, a saber a construção do sistema comunista como contendo tudo aquilo que a identidade nacional dos Estados Unidos se opõe. Assim, “[...] cada discurso busca construir a sua visão de mundo em oposição à visão de mundo do inimigo. O antagonismo se constrói, e isto é fundamental, pelo esvaziamento do significado do discurso do outro.”<sup>35</sup> Para manter-se o discurso político deve então antagonizar seus oponentes e construir seus aliados. Ele se fixa na interpelação do maior número possível de sujeitos com seus enunciados. Nesse sentido, novamente nos reportamos ao Mito do Destino Manifesto. Para interpelar outros como sujeitos de seu discurso, um enunciador se vale de signos convencionados, de modo que, no

---

<sup>32</sup> WASSERMAN, Claudia. **Palavra de Presidente**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p.8.

<sup>33</sup> PINTO, Celi. Elementos para uma análise do discurso político. op. cit., 2006, p.80.

<sup>34</sup> Ibid., 2006, p.93.

<sup>35</sup> PINTO, Celi. **Com a palavra o senhor presidente José Sarney**. op. cit., 1989, p.55.

contexto norte-americano, um presidente se vê forçado a apelar às crenças nacionais estabelecidas para mobilizar o público em seu apoio. Atribuindo significados e qualidades à nação por meio dessas crenças, ele pode naturalizar seu projeto político e criar uma base de apoiadores que pode ver nesse projeto sua própria identidade nacional refletida.

Por fim, gostaria de marcar o seu caráter crítico deste estudo. A desmitificação do mito envolve um posicionamento político. Assim como a audiência do mito, longe de ser um observador passivo do processo histórico, alguém que se depara frente ao arquivo e dele extraio a história em si, eu participo de sua formatação. Mostrando o próprio artifício humano que possibilitou a moldura da realidade produzida pelo mito e pelas relações de poder que buscam a conter, eu me posiciono, eu me engajo. Devolver a intencionalidade e autoria humana na criação das ideias e nas ações que transformam o mundo pressupõe esse posicionamento. Um conservadorismo teórico pode considerar essa colocação como absurda, visto que, desde já, eu declaro que possuo uma posição, mas essa existe independentemente de eu declará-la ou não. Como nós mesmos, nossos textos são produtos do tempo e do lugar em que são escritos, não poderia ser de outro modo. Não importa o quanto possamos tentar, estamos neles. Eu estou aqui. Isso inevitavelmente acompanha a maneira como olho e analiso meu objeto de estudo e a postura crítica que terei em torno dele. Isso não nega a validade de meu estudo. Pelo contrário, é uma das características que lhe dá maior valor. Existe enorme potencialidade poética e política em nossa disciplina que pode ser mobilizada em intervenções críticas em torno de nossos objetos de estudo.

Enquadrar criticamente as narrativas de destino manifesto dentro de suas relações de poder é demonstrar que iniciativas imperialistas como a Guerra do Vietnã eram uma possibilidade, dadas por relações políticas de um determinado momento histórico, não uma necessidade histórica, um destino inexorável, imposto por uma força transcendental alheia a nós. Mostrar a contingência no que é definido como destino é algo que a prática historiográfica pode oferecer. É uma forma de enquadrar a realidade histórica e uma que exige um posicionamento, mas, se queremos ter relevância nesse mundo em que vivemos, essa é uma necessidade a ser abraçada pela nossa disciplina.

Aos historiadores e historiadoras, como diria Walter Benjamin, cabe preservar a memória do sofrimento (aquela que o triunfalismo do mito quer esquecer) e fomentar a exigência por mudanças históricas qualitativas (aquelas que esse mesmo triunfalismo muitas vezes nos nega). É isso que almejo. Dessacralizar o mito em poderes profanos é retirar das mãos dos vencedores a tradição com a qual eles buscam transformar a todos em seus instrumentos. Inspirado por

Benjamin e suas Teses, minha pretensão é o de ameaçar o conteúdo conformista com o qual as essas narrativas infundem a tradição. Minha intenção não é a contemplação, mas é tentar despertar mortos e me demorar sobre os entulhos do passado e do sofrimento que encontramos abaixo deles.

Para além de suas partes introdutória e conclusiva, a presente dissertação foi dividida em três capítulos. No primeiro, buscamos traçar os elementos fundantes do nacionalismo norte-americano e sua relação com o Mito do Destino Manifesto, elucidaremos a síntese dos elementos seculares e sacros que já aludimos para então traçar considerações em torno da disputa travada na passagem do século XIX para o XX em torno de qual forma de política externa os Estados Unidos iriam adotar e a maneira como essa escolha acarretava em distintas leituras sobre o destino nacional do país. Essa disputa é de particular importância para entendermos as tensões e mudanças implicadas na globalização do destino manifesto dos Estados Unidos. No segundo, nosso objeto de estudo é finalmente abordado. Ele está dividido em quatro partes. A primeira e a segunda tratam do surgimento e da consolidação de uma narrativa que, alimentada pelo Mito do Destino Manifesto, buscou agarrar engajamento nacional em uma missão contra o comunismo soviético. Essa narrativa foi de particular consequência na história dos Estados Unidos ao ampliar o entendimento de seu destino manifesto para o conjunto do globo. Na terceira parte, veremos a eclosão da Guerra Vietnã e seu impacto devastador não apenas em termos de vidas humanas perdidas, como também no próprio entendimento do caráter eminentemente bom da missão dos Estados Unidos no mundo. Nesse sentido, nesse capítulo, serão abordados o período de bem-aventurança do destino manifesto dos Estados Unidos até seus primeiros sinais de crise. No terceiro capítulo, a redenção é o centro de nosso problema. O debilitante resultado da guerra não colocou fim, como alguns imaginaram então, ao excepcionalismo e ao messianismo como elementos formantes do nacionalismo norte-americano. Abordaremos as tentativas de revivê-los e, nesse processo, redimir toda a nação. Como veremos, essa busca por redenção não ocorreu sem suas dificuldades. O fim da Guerra do Vietnã não colocou fim a turbulência na política externa. Novas convulsões vieram a se somar e a experiência da guerra mostrou seu peso na tomada de decisões. Encerraremos esse capítulo com o fim da Guerra Fria, analisando o modo como a administração federal procurou enquadrá-lo em uma narrativa coerente e aceitável com os pressupostos ideológicos que os Estados Unidos sustentaram durante o pós-guerra.



## 1. Um Povo eleito em uma Terra Prometida: as raízes do nacionalismo norte-americano

*“E a vós vos tenho dito: Em herança possuireis a sua terra, e eu a darei a vós, para a possuídes, terra que emana leite e mel. Eu sou o Senhor vosso Deus, que vos separei dos povos. ”*

**Levítico 20:24**

Em seu surgimento, o nacionalismo dos Estados Unidos diferenciou-se dos nacionalismos europeus que nasceram simultaneamente a ele. Enquanto os nacionalismos do Velho Mundo enfatizaram permanência e continuidade, um passado glorioso em terras ancestrais, os norte-americanos deram destaque a ideia de nação como comunidade política, como compartilhamento de uma mesma experiência republicana de governo.<sup>36</sup> Em alinhamento com esse pensamento, a Declaração de Independência não fez nenhuma referência aos Pais Peregrinos, ou a qualquer forma de antiguidade do povo dos Estados Unidos como justificativa histórica para a independência. A ruptura dos laços entre os colonos e o Império Britânico era também uma ruptura entre passado e presente. As gerações de norte-americanos subsequentes, entretanto, não puderam experienciar esse explodir do *continuum* histórico. Por essa razão, a segunda geração de nacionalistas nas Américas, “deram início ao processo de leitura genealógico do nacionalismo – como expressão de uma tradição histórica de continuidade serial.”<sup>37</sup> Assim, a partir de 1802, o passado peregrino começa a ser lido como um repúdio da dominação inglesa e tentativa de fundação de um governo nativo à “América”.<sup>38</sup> Entretanto, ainda que uma noção de ancestralidade nacional tenha surgido nos Estados Unidos (ancestralidade não apenas com os peregrinos, mas eventualmente com os próprios independentistas), a ênfase na ideia de nação como experiência política permaneceu central para o nacionalismo do país. E, na medida em que os Estados Unidos se tornaram uma nação de imigrantes, essa adesão aos princípios da Constituição e da Declaração de Independência como o que conecta um povo culturalmente tão diverso se tornou ainda mais importante. Mas central para essa ideia de nacionalismo civil também foi uma crença surgida ainda nos tempos coloniais: a crença de que a “América” era uma terra prometida concedida a um povo eleito.

Os rudimentos do tema de destino providencial na “América” podem ser encontrados na colonização britânica no Novo Mundo. O estabelecimento de colônias não era um empreendimento ordinário. Não apenas pelo que ele implicava em termos de riscos financeiros e de

---

<sup>36</sup> STEPHANSON, Anders. **Manifest Destiny. American Expansion and the Empire of Right**. New York: Harper Collins, 1995, p.28

<sup>37</sup> ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.266.

<sup>38</sup> KAMMEN, Michael. **Mystic chords of memory. The transformation of tradition in American culture**. New York: Vintage, 1991, p.64

riscos às vidas daqueles que se dispunham a fazer a viagem transatlântica, como também por seu significado simbólico. Muitos colonos viam seus assentamentos como um projeto de extensão da civilização através da qual Deus operava pela redenção da humanidade.<sup>39</sup> Os puritanos particularmente tinham na descoberta e posterior colonização da América uma oportunidade para a purificação da Igreja longe do caos e corrupção do Velho Mundo.<sup>40</sup> Uma nova Israel era possível em novas terras. Logo, a própria ideia de América estava “ligada ao paradigma bíblico de um povo, como os antigos hebreus, que recebeu uma missão sagrada em uma nova terra.”<sup>41</sup> Não podemos, é claro, tomar a motivação religiosa como a racionalidade única (nem se quer a dominante) por de trás do desejo de formar colônias. Entretanto, uma visão religiosa era a principal fonte de significado maior para o autoentendimento daqueles que se aventuraram além-mar.<sup>42</sup> Essa sacralização de empreendimentos seculares perdurou como traço importante nas Treze Colônias. É nesses termos que a Guerra dos Sete Anos será entendida. Precedentes bíblicos foram fundamentais para apresentar o conflito entre franceses e britânicos como uma batalha entre liberdade e tirania, na qual o futuro da cristandade dependia. Essa guerra reviveu o medo protestante do catolicismo ao mesmo tempo em que vinculou o destino do cristianismo com as esperanças pelo futuro da liberdade. Disso resultou um fervor nacionalista britânico nas colônias, que abrandou as tensões entre colonos e entre esses e a metrópole.<sup>43</sup> Mas esse nacionalismo não perdurou, pois, poucos anos após a proclamação da paz, o futuro da liberdade seria vinculado ao rompimento dos laços com a terra mãe britânica.

A recusa das Treze Colônias de arcarem com o rebalanceamento financeiro pós-guerra via impostos sem a devida representação parlamentar desencadeou uma crise política com a metrópole e aprofundou essa conexão entre liberdade e convicções religiosas tradicionais. Mas já não eram mais adversários tirania católica e tirania francesa, mas tirania britânica. E o valor central no confronto desse inimigo, a liberdade, adquiria um sentido cada vez mais republicano. Uma retórica de origens britânicas estava se transformando em uma poderosa ferramenta contra a Coroa e o Parlamento. Uma síntese entre republicanism e religião se formava para explicar e apoiar rebelião colonial. O panfleto *Senso Comum* (1776) de Thomas Paine, que tanto fez pela mobilização da opinião colonial contra a Coroa britânica, é um exemplo particular dessa

---

<sup>39</sup> CHERRY, Conrad. *God's new Israel*. op. cit., 1998, p.25.

<sup>40</sup> FONSECA, Carlos. “Deus Está do Nosso Lado”. op. cit., 2007, p.157.

<sup>41</sup> “bound up with the biblical paradigm of a people, like the ancient Hebrews, given a holy mission in a new land.” MCKENNA, George. *The Puritan Origins of American Patriotism*. New Haven and London: Yale University Press, 2007, p.7.

<sup>42</sup> CHERRY, Conrad. *God's new Israel*. op. cit., 1998, p.26.

<sup>43</sup> MCKENNA, George. *The Puritan Origins of American Patriotism*. op. cit., 2007, p.68.

síntese. Ainda que um crítico da religião organizada e um deísta (uma perspectiva teológica no mínimo heterodoxa e possivelmente herética na visão de religiosos mais tradicionais), Paine não se preveniu de usar as escrituras para os fins da causa republicana.<sup>44</sup> Como resultado, uma visão da América como um local sagrado e providencialmente selecionado para propósitos divinos encontrou uma contrapartida na ideia secular da nova nação “América” como um grande experimento de liberdade para o benefício da humanidade como um todo.<sup>45</sup>

Assim, a despeito das visões racionalistas e deístas que alguns de seus membros pudessem ter, o grupo de homens que veio a ser conhecido como Pais Fundadores era vigoroso em pronunciar o destino providencial da nova nação. A ideia do Deus deísta como um relojoeiro que, uma vez tendo criado o universo (ou o relógio na clássica metáfora), o deixa operar por si mesmo era posta de lado em favor de um Deus intimamente envolvido com os eventos da história dos Estados Unidos: “Providência divina foi a força que levou os Estados Unidos à liberdade; eventualmente, a providência, através do exemplo dos Estados Unidos, direcionaria o mundo para o mesmo fim.”<sup>46</sup> Aos Fundadores, somaram-se ao clamor pela nação providencialmente escolhida os clérigos das colônias. Longe de prescreverem as convicções antirrepublicanas que usualmente (fora dos Estados Unidos) acompanhavam suas crenças religiosas, o clero protestante abraçou o republicanismo.<sup>47</sup> O que o tornou instrumental para conquistar apoio popular à causa revolucionária. Mais colonos estavam preparados para engajar-se em revolta armada pela influência dos sermões de domingo do que pelas leituras de livros e panfletos liberais.<sup>48</sup> Nesse sentido, destituídos de outros atributos que pudessem construir solidariedade nacional, esse republicanismo cristão proporcionou o vocabulário simbólico para a jovem nação.

A eventual vitória na guerra revolucionária concedeu ainda maior credibilidade a ideia de que os Estados Unidos eram de fato abençoados com um destino maior.<sup>49</sup> Representando ambos esse otimismo surgido do sucesso militar da revolução e essa síntese de sacro e secular, a figura de George Washington, principal comandante militar do patriotas e futuro presidente, foi elevada a posição de uma quase santidade política. Da perspectiva do republicanismo, Wa-

---

<sup>44</sup> NOLL, Mark. **America’s God – From Jonathan Edwards to Abraham Lincoln**. Oxford: Oxford University Press, 2002, p.83.

<sup>45</sup> STEPHANSON, Anders. *Manifest Destiny*. op. cit., 1995, p.5.

<sup>46</sup> “Divine providence was the force that moved the United States to liberty; eventually providence would, through the example of the United States, direct the world to the same end.” CHERRY, Conrad. **God’s new Israel**. op. cit., 1998, p.65.

<sup>47</sup> NOLL, Mark. **America’s God**, 2002, p.64. CHERRY, Conrad. **God’s new Israel**. op. cit., 1998, p.61.

<sup>48</sup> CHERRY, Conrad. **God’s new Israel**. op. cit., 1998, p.61.

<sup>49</sup> *Ibid.*, 1998, loc. cit.

shington era comparado pelos seus compatriotas a Cincinato, o general romano modelo de dever civil; enquanto na perspectiva religiosa, ele era comparado a Moises, o patriarca que direcionou o povo hebreu à Terra Prometida.<sup>50</sup> Vemos, então, a forma como visões religiosas e republicanas foram unidas para celebrar a fundação dos Estados Unidos como um momento especial na história moderna tal como a colonização havia sido no passado. Consequentemente, “a nova Israel de Deus foi transformada em uma república; um destino colonial tornou-se um destino nacional.”<sup>51</sup>

É precisamente nessa transição de mitos puritanos de colonização para um mito nacional que nasce o Mito do Destino Manifesto. Nesse mito nacionalista, residia nos Estados Unidos a responsabilidade de provar a viabilidade da forma republicana de governo e, por extensão, a responsabilidade sobre a sua futura expansão. Naquele momento, entretanto, não havia um chamamento em favor da condução de missões em outras partes do mundo. Certamente era desejo dos Pais Fundadores que os ideais de sua revolução chegassem a outros povos, mas seria o exemplo do sucesso de sua república, não sua força em armas, a agência dessa mudança. Ninguém poderia forçar outras nações a serem livres.<sup>52</sup> Entretanto, mesmo sem a contrapartida de uma ação direta para sua promoção, é nesse momento que a expansão da democracia e dos princípios a ela associados foi colocada como fundamento da missão norte-americana.<sup>53</sup> Mas, novamente, no que dizia respeito a outros povos, essa seria uma missão de liderança pelo exemplo somente.

Era para o benefício de todos os povos que os Estados Unidos se isolassem em sua experiência republicana. Pois, na visão dos norte-americanos, essa experiência só poderia ser bem-sucedida se ela fosse prioritariamente desenvolvida internamente. Muitos especialmente temiam uma “contaminação” pelos vícios do Velho Mundo se o país se engajasse em disputas e alianças que o levassem a travar conflitos estranhos aos seus reais interesses.<sup>54</sup> Tal como os puritanos no período colonial, os Estados Unidos construía sua identidade em contraposição a um Outro europeu. Genericamente, a Europa era, em sua visão, um continente formado por países corruptos devido à natureza própria de seu sistema político e de suas atitudes externas hostis e imperiais. Desse modo, não é possível separar as percepções norte-americanas desse

---

<sup>50</sup> JUNQUEIRA, Mary. Os discursos de George W. Bush e o excepcionalismo norte-americano. **Margem**, 2003, p.168.

<sup>51</sup> “God’s New Israel was transformed into a republic; a colonial destiny became a national destiny.” CHERRY, Conrad. **God’s new Israel**. op. cit., 1998, p.61.

<sup>52</sup> PECEQUILO, Cristina. **A política externa dos Estados Unidos**. op. cit., 2003, p.20.

<sup>53</sup> *Ibid.*, 2003, p.48.

<sup>54</sup> MCDOUGALL, Walter. **Promised Land, Crusader State**. op. cit., 1997, p.42 e 47.

período sobre sua política interna e externa dos desenvolvimentos europeus, pois eles “tanto direta como indiretamente, afetavam as possibilidades e as imagens que os norte-americanos tinham de sua posição e lugar no mundo.”<sup>55</sup> Temendo se tornarem peões nos jogos de poder europeus, os Estados Unidos decidiram por manter solidariedade retórica com outros povos, enquanto mantinham uma política externa que reconhecia as possibilidades e os limites para um país destituído da musculatura diplomática e militar de um Império Britânico. Assim, se a política externa norte-americana era diferente ou melhor do que a das potências europeias, era unicamente pela virtude de os Estados Unidos serem uma república; sua política sendo, portanto, reflexo dos interesses de sua população e não de uma dinastia. Logo, “a política externa existia para defender, não definir, o que a América era.”<sup>56,57</sup>

O imperativo em favor da exemplaridade se manteve dominante ao longo dos anos de formação e consolidação da jovem república. Mas isso não impediu uma expansão de sua experiência política para outras terras via uma política ativa de sua parte. Desde sua fundação, os Estados Unidos se engajaram em uma expansão territorial que terminaria por dar dimensões continentais ao país que antes era uma pequena faixa de terra na costa atlântica. Entretanto, considerada uma *terra nullius* (terra nula ou vacante em latim), seus habitantes, os assim chamados nativo-americanos, podiam, quando não dizimados, ou deslocados do território conquistado, ser forçados a serem livres.<sup>58</sup> Desse modo, o princípio-guia da exemplaridade estava incólume na perspectiva norte-americana. Muitos viram nessa expansão ao Oeste uma oportunidade de extensão dos valores democráticos, de modo que ela decisivamente impactou o entendimento estadunidense de destino sob Deus. O termo “destino manifesto”, já em circulação,

---

<sup>55</sup> PECEQUILO, Cristina. **A política externa dos Estados Unidos**. op. cit., 2003, p.50.

<sup>56</sup> “Foreign policy existed to defend, not define, what America was.” MCDUGALL, Walter. **Promised Land, Crusader State**. op. cit., 1997, p.47.

<sup>57</sup> Esse princípio também esteve presente na Doutrina Monroe (1823). É costume considerá-la como o momento que os Estados Unidos teriam se outorgado pela primeira vez o direito de intervir na América Latina a seu bel-prazer. Porém, o presidente James Monroe havia apenas declarado a oposição dos Estados Unidos a futuras investidas coloniais da Europa no continente americano. Para Monroe, a neutralidade norte-americana dentro do balanço de poder da Europa somente poderia ser mantida se as potências do Velho Continente mantivessem afastamento do Hemisfério Ocidental. Em nenhum momento, contudo, ele prometeu que os Estados Unidos usariam poder militar para fazer valer essa oposição, ou intervir para assegurar a independência dos países latino-americanos. Não há dúvidas, é claro, que a Doutrina Monroe estabeleceu um importante precedente para o imperialismo dos Estados Unidos. O Corolário de Roosevelt foi um postulado em política externa, em adição à doutrina de Monroe, de autoria de Theodore Roosevelt que declarava a tutela norte-americana sobre o Hemisfério para inibir a presença europeia no continente americano, com o uso de intervenção militar, se necessário. Assim, a Doutrina Monroe não foi em sua promulgação o evento inaugural de um imperialismo militante pelos Estados Unidos, mas foi instrumentalizada para legitimar sua futura adoção. Ver Ibid., 1997, p.59 e 117.

<sup>58</sup> MILLER, Robert. **Native America, Discovered and Conquered**. Bison Books, 2006, p.21.

forneceu um importante slogan para a crença de que o propósito maior da república era estabelecer uma ordem de liberdade sobre aquele vasto continente “disponível”.<sup>59</sup> Logo, ainda que uma empreitada nova, ela era apenas uma expressão da missão nacional dos Estados Unidos em uma nova forma.<sup>60</sup> Entretanto, essa aquisição de novas terras iria eventualmente colocar em jogo a crença de que a exemplaridade, e não as armas, eram o meio principal para a expansão de valores democráticos e republicanos.

Quando da vitória dos Estados Unidos na Guerra Mexicano-Americana<sup>61</sup> e da conquista resultante pelo país vitorioso de uma parte importante do território da nação derrotada, estava se tornando claro que a expansão continental estava chegando ao fim. Mas o desejo por novas terras certamente não estava. À medida que o século prosseguia e o movimento de expansão ao Oeste crescia, os olhos dos Estados Unidos se viravam para além do Pacífico, para novas terras que poderiam ser abraçadas pelo seu destino.<sup>62</sup> A Guerra Hispano-Americana (1898) foi central para oportunizar uma nova campanha de expansionismo.

Em 1895, rebeldes cubanos iniciaram uma revolta contra a Espanha por independência. Apesar de muitas vozes nos Estados Unidos clamarem por um apoio armado à rebelião, o então presidente William McKinley recusou entrar no conflito. O presidente se viu forçado a mudar de postura quando o navio de guerra USS Maine afundou em Havana como resultado de uma explosão. O que hoje se considera ter sido um provável acidente desencadeou na época grande indignação entre o público dos Estados Unidos contra a Espanha, culpabilizada pelo acontecimento.<sup>63</sup> A guerra que se seguiu entre os dois países terminou com vitória norte-americana e um acordo de paz que concedeu aos Estados Unidos diversas possessões espanholas: Porto Rico, Guam e as Filipinas agora eram seus territórios e Cuba seu protetorado. Independência seria eventualmente concedida aos cubanos (1902), ainda que sob uma Constituição que deu amplos poderes de intervenção aos Estados Unidos no país caribenho. As Filipinas, por outro lado, declararam sua independência antes mesmo dos norte-americanos estabelecerem seu domínio sobre as distantes ilhas asiáticas. Um conflito entre filipinos e norte-americanos se sucedeu, que foi destrutivo não somente em termos das vidas perdidas, mas também, afirmaram alguns, em

---

<sup>59</sup> CHERRY, Conrad. *God's new Israel*. op. cit., 1998, p.116.

<sup>60</sup> Reafirmo, portanto, que, ao falarmos de Mito do Destino Manifesto, não estamos nos referindo a crença de que os Estados Unidos devem se expandir territorialmente, mas que devem expandir e proteger seu sistema de governo, o que pode incluir ou não aquisição territorial.

<sup>61</sup> Essa guerra em si já claramente deveria colocar em questão o princípio da exemplaridade como o único método legítimo da expansão da liberdade norte-americana. Mas, como veremos, é somente posteriormente que esse princípio-guia é questionado com contundência.

<sup>62</sup> CHERRY, Conrad. *God's new Israel*. op. cit., 1998, p.113.

<sup>63</sup> FONER, Eric. *Give me Liberty! An American history Volume 2*. op. cit., 2016, p.681.

termos dos valores que os Estados Unidos se propunham representar. Novas vozes surgiram clamando não por guerra, mas por paz e um retorno ao que eram os princípios históricos de missão por exemplaridade.

Disso surgiu a Liga Anti-Imperialista em 1899 para denunciar o que ela descrevia como traição da liberdade norte-americana em busca de fins antiamericanos. Subjugar um povo que desejava ser independente igualaria os norte-americanos aos espanhóis e, ainda mais paradoxal, aos britânicos durante a Guerra de Independência dos Estados Unidos (algo reforçado pelo fato dos filipinos terem adotado uma Constituição moldada na norte-americana).<sup>64</sup> O medo de que a experiência republicana do país fosse corrompida pelos vícios de poder do Velho Mundo parecia ter fundamento. Nesse sentido, opondo-se à anexação do país asiático, a Liga iniciou um debate sobre o significado da missão nacional dos Estados Unidos no mundo. Nesse debate, se enfrentavam aqueles que viam os Estados Unidos como destinados a transformar o mundo por meio de intervenção física e direta e aqueles que viam a anexação das Filipinas como uma decisão inconstitucional e imoral e na exemplaridade dos Estados Unidos a chave para sua missão.<sup>65</sup> Assim, para Albert Beveridge, defensor da anexação: “não podemos recuar de nenhum território onde a providência divina desfraldou nossa bandeira; é nosso esse território para salvar em nome da liberdade e da civilização.” Já, para William Bryan, candidato anti-imperialista na eleição de 1900: “ao aperfeiçoarem-se internamente, os Estados Unidos irão redimir e metamorfosear o mundo. Ao rejeitar altruisticamente a grandeza imperialista, conquistarão o amor, a admiração e a confiança de outras nações menos avançadas moralmente.”<sup>66</sup>

Ainda que seus argumentos tivessem grande fundamento na tradição da república, a causa anti-imperialista saiu derrotada, conduzindo a uma radical transformação de perspectivas nos Estados Unidos. Antes considerados ameaças à essência do país se adotados, imperialismo e colonialismo agora eram abraçados pela política externa estadunidense. Assim, como nos diz Susan-Mary Grant, poucos norte-americanos hoje declararíamos as guerras contra Espanha e Filipinas eventos cruciais de sua história, porém ambos os conflitos foram decisivos para o país em vários níveis.<sup>67</sup> O que começara com uma tentativa limitada em favor da independência cubana terminou por ver a primeira nação nascida de uma revolução independentista estabelecendo domínio colonial sobre outros povos. Antes mantendo a exemplaridade como o único

---

<sup>64</sup> GRANT, Susan-Mary. **História Concisa dos Estados Unidos da América**. São Paulo: EDIPRO, 2014, p.301.

<sup>65</sup> FONSECA, Carlos. “Deus Está do Nosso Lado”. op. cit., 2007, p.174-175.

<sup>66</sup> Apud Ibid., 2007, p.175-176.

<sup>67</sup> GRANT, Susan-Mary. **História Concisa dos Estados Unidos da América**, op. cit., 2014, p.298.

meio através do qual seu destino manifesto era posto em prática, os Estados Unidos agora detinham a obrigação de intervir nos assuntos de outras nações para espalhar as bênçãos de seu bem-sucedido sistema político. Dessa mudança em sua política externa resultou que os Estados Unidos passaram a se mensurar não apenas pelo que eles eram, mas também pelo que faziam e, através de um imperialismo de pretensões progressistas, eles se comprometeram pela primeira vez à busca por abstrações como liberdade, democracia e justiça no estrangeiro.<sup>68</sup>

Entretanto, dessas extraordinárias transformações, um princípio manteve-se intacto: a não intervenção e distanciamento de assuntos europeus. Apenas doze anos após o fim da guerra com os filipinos, a exemplaridade foi reafirmada como regra de conduta ante a guerra na Europa. A recusa do envolvimento norte-americano no conflito militar entre os Aliados e as Potências Centrais demonstrou que, fora dos limites do Hemisfério Ocidental e de suas possessões no Oriente, os Estados Unidos recusavam intervir. A maioria dos norte-americanos desejava evitar envolvimento em um conflito que, ao seu ver, era estritamente europeu. No cenário de guerra do Velho Continente, os Estados Unidos deveriam, então, operar através de seu exemplo moral ao invés de sua força em armas.<sup>69</sup> Expressando esse ponto de vista, o presidente Woodrow Wilson acreditava que seu país poderia indicar o caminho para um futuro mais pacífico através de seu exemplo. Mas nenhuma das forças beligerantes acolheu a tentativa de Wilson de arbitragem moral. Com sua reeleição em 1916, a abordagem de não intervenção norte-americana foi reafirmada e, como resultado, nem a Alemanha, nem os Aliados sentiram a necessidade de sentar-se em uma conferência de paz patrocinada pelos Estados Unidos. Pela maior parte da guerra, o país se manteria afastado. Entretanto, se os norte-americanos acreditavam que as causas da guerra não lhes afetavam, suas consequências certamente podiam.<sup>70</sup>

A Alemanha testou a neutralidade norte-americana com a continuação de sua política de guerra submarina e sua tentativa de engajar o México em um conflito militar com os Estados Unidos. Frente a essas hostilidades, neutralidade não era mais possível. Com a entrada do país na guerra, rompendo com suas antigas posições, Wilson tornou-se um dos mais ardorosos propagandistas do fim de qualquer forma de isolamento norte-americano. A missão e destino nacionais seriam usados não apenas para racionalizar o envio de tropas para a Europa, como também para um dever continuado dos Estados Unidos de intervirem globalmente para tornar o mundo seguro para a democracia.<sup>71</sup> Findada a guerra, o presidente encabeçou a campanha pela

---

<sup>68</sup> MCDUGALL, Walter. **Promised Land, Crusader State**. op. cit., 1997, p.121.

<sup>69</sup> CHERRY, Conrad. **God's new Israel**. op. cit., 1998, p.267.

<sup>70</sup> GRANT, Susan-Mary. **História Concisa dos Estados Unidos da América**, op. cit., 2014, p.317

<sup>71</sup> SMITH, Tony. **America's Mission**. New Jersey: Princeton University Press, 1995. p.30.



conversão dos Estados Unidos em potência com ampla participação internacional. Somente desse modo, ele afirmava, o mundo poderia ser mantido seguro e livre. Segundo Wilson, o fim do isolacionismo também não era um rompimento dos valores nacionais, mas fora antevisto pelos Pais Fundadores, devendo ser encarada, portanto, como uma fase natural da história estadunidense, e não como uma livre escolha de sua parte.<sup>72</sup> Todavia, o choque do grande público perante a guerra, a mortandade que custou e o revanchismo que a seguiu, levou os Estados Unidos se não exatamente em um novo isolamento, certamente em uma relutância em reconhecer e assumir um novo papel mundial.<sup>73</sup> Warren G. Harding saiu vitorioso da eleição presidencial de 1920 com uma plataforma pela defesa do “retorno à normalidade” pré-guerra e uma rejeição ao que ele chamou de “wilsonismo”. Harding prometera que nunca mais seriam solicitados ao povo dos Estados Unidos os sacrifícios de uma Grande Guerra. Wilson havia falhado em seu objetivo em promover a imagem de um mundo mais seguro para os valores democráticos via intervenção e internacionalismo norte-americanos. Mas suas ideias e discurso criariam um exemplo para uma mudança radical nos anos seguintes.<sup>75</sup>

Como sabemos, longe de paz, as negociações firmadas no Tratado de Versalhes ensejaram as causas para uma guerra ainda maior. Na eclosão de novas hostilidades entre as potências europeias, o desejo do povo dos Estados Unidos de se manter afastado foi reafirmado, resultando nos Atos de Neutralidade, criados pelo Congresso para assegurar que o governo federal não iria providenciar armas e recursos a países beligerantes.<sup>76</sup> Foi necessário o ataque japonês à base naval de Pearl Harbor para mobilizar a opinião pública em favor do desejo do presidente Franklin Roosevelt de ver a entrada de seu país na Segunda Guerra Mundial. Como o Maine antes dele, Pearl Harbor demonstrou o potencial que eventos de martírio têm para a mobilização popular em uma ação heroica de vingança e para uma radical mudança de paradigmas em política externa.<sup>77</sup>

---

<sup>72</sup> Ver o discurso de Wilson em Iowa em 1919. Disponível em: <https://bit.ly/2OTd5vg>

<sup>73</sup> GRANT, Susan-Mary. **História Concisa dos Estados Unidos da América**, op. cit., 2014, p.327.

<sup>74</sup> É preciso deixar claro que, ao falarmos de isolacionismo, não estamos nos referindo a uma total ausência dos Estados Unidos no mundo, mas sim a um padrão de engajamento limitado e pontual em seu caráter e intensidade. Em verdade, na década de 1920, apesar de seu afastamento político, os Estados Unidos preservaram e, de certa maneira, ampliaram seus contatos econômicos com a Europa e o restante do mundo. PECEQUILO, Cristina. **A política externa dos Estados Unidos**. op. cit., 2003, p.53 e 109.

<sup>75</sup> Com o início da Segunda Guerra, o país seria inclusive inundado com livros e filmes que apresentavam Wilson como um santo mártir que havia sido injustamente menosprezado. MCDOUGALL, Walter. **Promised Land, Crusader State**. op. cit., 1997, p.152.

<sup>76</sup> MCEVOY-LEVY, Siobhan. **American Exceptionalism and U.S. Foreign Policy Public Diplomacy at the End of the Cold War**. Londres: Palgrave Macmillan, 2001, p.149.

<sup>77</sup> Não apenas vitórias, mas também derrotas possuem um papel importante na imaginação dos Estados Unidos. O afundamento do Maine e o ataque japonês à Pearl Harbor em 1941 são exemplares de um traço cultural do país de incorporar uma experiência de derrota em uma narrativa mais ampla como um evento mobilizador de um prelúdio

Tal qual a Primeira Guerra Mundial, apesar da relutância inicial dos Estados Unidos em se envolver militarmente na guerra em curso, seu eventual envolvimento também foi lido como uma missão em favor da democracia. A defesa das quatro liberdades (Liberdade de expressão, Liberdade religiosa, Liberdade da necessidade, Liberdade do medo) definidas por Roosevelt eram a bandeira que unia os diferentes grupos da sociedade estadunidense em torno de uma mesma missão contra a ameaça representada pelo Eixo.<sup>78</sup> Mas, ao contrário de Wilson, Roosevelt encontrou um solo mais fértil para o projeto de engajamento global dos Estados Unidos no pós-guerra. O presidente e seu sucessor, Harry Truman, estavam determinados pela defesa de que era dever moral dos norte-americanos ajudarem o resto do mundo a se recuperar da destruição. A recusa dos Estados Unidos em assumir seu papel de liderança, eles afirmaram, apenas traria novas calamidades. Paz real e duradoura somente poderia ser alcançada quando o isolamento do passado fosse definitivamente abandonado.<sup>79</sup>

Esse foi o começo da consolidação do que estaremos chamando aqui de destino manifesto global dos Estados Unidos, que até hoje persiste central para o entendimento de seu papel e lugar no mundo. Não mais o país acreditaria dever ficar restrito aos limites do continente americano. Seu destino agora encontra-se intimamente conectado aos eventos globais, nos quais se tornou sua missão intervir. Durante a maior parte do XIX, em contrapartida, o espaço destinado ao povo escolhido era continental, um movimento horizontal em direção ao Oeste. Era um destino intimamente conectado a um espaço específico e que trazia uma missão solitária para uma nação que deveria manter-se afastada do perigo corruptivo das redes de aliança e poder da Europa. Durante a década de 1890, sua destinação era imaginada em torno da expansão da civilização e mais em termos históricos do que espaciais.<sup>80</sup> Como um agente de progresso, era missão dos Estados Unidos conduzir outros povos aos estágios superiores da história, não havendo uma especificação precisa para o espaço dessa missão. Ainda assim, uma restrição de intervir em todo o globo persistiu. Os conflitos dos impérios do Velho Continente eram somente

---

de vitória (ENGELHARDT, 1995, p.4). Isso não se limita ao Maine e a Pearl Harbor, o ataque mexicano contra a missão do Alamo em 1836 seria lembrado sob o signo mobilizador de “Lembrem-se do Alamo!” (FONER, 2008, p.p.466); a comemoração da Confederação e sua derrota no Sul desenvolveu um mito que enfatiza a justiça de sua “Causa Perdida”, marcada pelas palavras “O Sul se erguerá Novamente!” (AVILA, 2010); o desastre militar que viu a morte de 268 soldados comandados por George A. Custer na Batalha de Little Bighorn (1876) contra nativos seria lembrado como Custer’s Last Stand, um símbolo de heroico e nobre sacrifício, que instigaria uma concórdia pela necessidade de expulsar os povos originais da região (GARDELLA, 2014, p.23). Também podemos mencionar o ataque terrorista do 11 de setembro como um acontecido de derrota que acabou por produzir uma ampla mobilização nacional em favor da Guerra ao Terror. Esses exemplos de derrota muitas vezes tornaram-se mais memoráveis do que vitórias militares. Daí a decisiva Batalha de San Jacinto, também em 1836, nunca ter capturado a imaginação do público como o Alamo havia feito (KAMMEN, 1991, p.9).

<sup>78</sup> FONER, Eric. **The Story of American Freedom**. op. cit., 1998, p.221.

<sup>79</sup> FONER, Eric. **Give me Liberty! An American history Volume 2**. op. cit., 2016, p.908.

<sup>80</sup> STEPHANSON, Anders. **Manifest Destiny**. op. cit., 1995, p.125.

seus. Eventualmente, essa recusa de se ver no meio de problemas europeus chegaria ao fim e os Estados Unidos se colocariam no centro dos problemas e dilemas globais. Ainda que o pós-guerra não tivesse criado o mundo pacífico que muitos desejavam, a desilusão pós-Primeira Guerra não se repetiu. Antes afastados, agora cabia aos Estados Unidos reerguerem a Europa para salvá-la da ameaça de um novo inimigo. Durante a Guerra Fria, os norte-americanos tomaram para si o dever de se engajarem em alianças permanentes em um grande conflito que não conhecia restrições geográficas. Os Estados Unidos eram agora “o agente global da liberdade em combate letal em todos os lugares com um único antagonista aterrorizante.”<sup>81</sup>

Nove meses antes de Pearl Harbor, o influente magnata de revistas Henry Luce escreveu na *Time* que o século XX seria o “Século Americano”. Segundo Luce, era o momento para uma revisão da política externa dos Estados Unidos, uma revisão que colocaria ao país o dever de construir uma ordem mundial baseada em seus valores democráticos. Em suas palavras, e nos lembrando a proclamação de O’Sullivan no passado: “É dever manifesto deste país comprometer-se a alimentar todas as pessoas do mundo que, como resultado desse colapso mundial da civilização, estão famintas e desamparadas.”<sup>82</sup> Porém, ao contrário de O’Sullivan, ele expressava o desejo que seu país não se restringisse aos termos de um continente, mas adotasse um destino manifesto em amplos termos globais. Dos anos finais da década de 1940 até os anos finais da década de 1980, as principais forças políticas dos Estados Unidos prescreveriam essa visão no combate à União Soviética e seu sistema socialista. Sua população seria mobilizada pela defesa do capitalismo, mas apenas na medida em que essa defesa seria investida de uma aura nacionalista, como parte da missão de um povo escolhido. Esse apelo nacionalista e messiânico foi fundamental para a guerra contra o comunismo. Não foi em nome do lucro e da propriedade de grandes corporações que essa guerra sem limites claros de espaço e duração foi travada, mas sim em nome da imagem de um Século Americano.

---

<sup>81</sup> “the global agent of freedom in lethal combat everywhere with a single terrifying antagonist.” STEPHANSON, Anders. *Manifest Destiny*. op. cit., 1995, p.125.

<sup>82</sup> “It is the manifest duty of this country to undertake to feed all the people of the world who as a result of this worldwide collapse of civilization are hungry and destitute.” Disponível em: <https://bit.ly/3a2h69O>

## 2. Um Século Americano: o Destino Manifesto na Guerra Fria (1947-1969)

*“Bem-aventurada é a nação cujo Deus é o Senhor, e o povo ao qual escolheu para sua herança. ”*

*Salmos 33:12*

### 2.1. O Nascimento do Mundo Livre

Março 12 de 1947 foi o dia em que uma linha foi traçada sobre o mundo. No Capitólio, diante do Congresso dos Estados Unidos, Harry Truman pontificou: “At the present moment in world history nearly every nation must choose between alternative ways of life.” Mas o presidente logo complementou: “The choice is too often not a free one. ” O primeiro estilo de vida era baseado na vontade da maioria, se distinguia por instituições e eleições livres e por garantir liberdades individuais essenciais. O segundo era baseado na vontade da minoria imposta sobre a maioria e dependia do “terror and oppression, a controlled press and radio, fixed elections, and the suppression of personal freedoms. ” Essas eram palavras resolutas, que não deixavam espaço para meios termos. O mundo estava dividido, dividido por uma linha que separava aqueles que viviam em liberdade e aqueles que viviam reféns de um sistema perverso que os privava dela. Mas a vida em liberdade não tornava os povos livres seguros, pois esse sistema ameaçava a liberdade não apenas daqueles que viviam sob ele, como também a liberdade na metade do mundo que ele não havia alcançado, mas desejava. Diante disso, Truman proferiu seu julgamento do que deveria ser feito:

“I believe that it must be the policy of the United States to support free peoples who are resisting attempted subjugation by armed minorities or by outside pressures. I believe that we must assist free peoples to work out their own destinies in their own way.”

Os Estados Unidos eram, então, chamados a agir pelo seu presidente. Mas não apenas por ele:

“The free peoples of the world look to us for support in maintaining their freedoms. If we falter in our leadership, we may endanger the peace of the world – and we shall surely endanger the welfare of this Nation. Great responsibilities have been placed upon us by the swift movement of events.”<sup>83</sup>

---

<sup>83</sup> “No momento atual da história mundial, quase todas as nações devem escolher entre modos de vida alternativos.” “A escolha muitas vezes não é livre. ” Acredito que deve ser a política dos Estados Unidos apoiar os povos livres que resistem à tentativa de subjugação por minorias armadas ou por pressões externas. Acredito que devemos ajudar os povos livres a elaborar seus próprios destinos à sua maneira. ” “Os povos livres do mundo procuram nosso apoio na manutenção de suas liberdades. Se vacilarmos em nossa liderança, podemos colocar em risco a paz do mundo – e certamente colocaremos em risco o bem-estar desta nação. Grandes responsabilidades foram colocadas sobre nós pelo rápido movimento dos eventos. ” Special Message to the Congress on Greece and Turkey (1947)

Esse cenário forçava, portanto, os Estados Unidos a exercerem liderança e, por extensão, responsabilidade pelos “povos amantes da liberdade” e não apenas em nome da segurança desses, mas também de si próprio. Uma conexão indissociável era criada entre o destino do Mundo Livre e o destino dos Estados Unidos, que na trama que Truman construía agora exercia um papel de protagonista em um cenário mundial ameaçado por uma nova força tirânica. A União Soviética e o comunismo, nunca mencionados pelo presidente, salvo por uma menção indireta “as ações terroristas de grupos armados liderados por comunistas”, eram os antagonistas ocultos daquele discurso. Mas nenhuma menção era necessária, todos aqueles que ouviram o presidente sabiam que o comunismo soviético era o grande vilão do enredo. Aquele discurso não havia sido o pivô da discórdia que ele manifestava, mas sua oficialização. É difícil sustentar que a Guerra Fria começou naquele exato dia, mas foi nele que ela foi convertida em política oficial dos Estados Unidos, passando pelas próximas décadas a moldar sua política, sua cultura e, por consequência, seu senso de lugar e direção nacionais.

Na nova ordem mundial que Franklin Roosevelt visionou para o pós-Segunda Guerra Mundial, um conflito entre os Estados Unidos e a União Soviética não estava incluso. Ele parecia acreditar na possibilidade de que os dois países mantivessem relações amistosas após a guerra.<sup>84</sup> Entretanto, a relação entre os antigos aliados deteriorou-se quase no mesmo dia em que a paz foi declarada. Sem um inimigo comum que os unisse, seus interesses distintos e conflitantes pareciam cada vez maiores. Em fevereiro de 1946, o líder soviético Josef Stalin fez um grande discurso em Moscou em que ele afirmou a inevitabilidade da guerra entre o comunismo e o capitalismo. Um mês depois, em visita aos Estados Unidos, e acompanhado de Truman, o primeiro-ministro britânico Winston Churchill proferiu seu famoso discurso em que ele, antecipando o colega norte-americano, denunciou a “cortina de ferro” que descera sobre a Europa, separando a parte ocidental do continente da oriental, subjugada pelos soviéticos. Um cenário que para o britânico exigia um aprofundamento da aliança anglo-americana. O clima de polarização já havia tomado o ambiente e os antigos aliados agora se olhavam com desconfiança, temendo cada um as futuras ações do outro. Pesquisas de fevereiro daquele ano mostravam que apenas um terço dos norte-americanos confiavam nos soviéticos.<sup>85</sup> Apesar disso, o discurso não foi bem recepcionado no país. Churchill foi duramente criticado pela belicosidade de suas palavras. Uma polarização crescente era clara, mas o grande público ainda não havia abraçado completamente a ideia de que, passado tão pouco tempo após o fim da guerra, um de seus

---

<sup>84</sup> FONER, Eric. **Give me Liberty! An American history Volume 2.** op. cit., 2016, p.908.

<sup>85</sup> MCDOUGALL, Walter. **Promised Land, Crusader State.** op. cit., 1997, p.161.

principais aliados contra o Eixo era agora um inimigo e o mundo se encontrava novamente dividido entre duas metades irreconciliáveis. A reação negativa foi tão grande que forçou Truman, que tinha ciência do que o dignitário estrangeiro iria dizer e o aprovava, a negar conhecimento prévio do conteúdo de seu discurso.<sup>86</sup>

As esperanças de um mundo purgado dos horrores da recente guerra eram muito fortes e ganhavam materialidade na fundação da Organização das Nações Unidas. Tão forte se tornou o sentimento internacionalista no país que, em marcante contraste com 1919, os Estados Unidos foram a primeira potência a ratificar a carta de fundação da nova organização internacional. Muitos norte-americanos haviam aceitado a premissa de Roosevelt de que o país não poderia repetir o erro de se isolar no hemisfério ocidental, porém não parecia haver tanta disposição para um novo rufar dos tambores de guerra como o discurso de Churchill parecia implicar.

Entretanto, a despeito do que muitos poderiam desejar, a desconfiança entre os governos não cessou de aumentar e o crescente temor de um avanço comunista adentrou cada vez mais a consciência dos países do Ocidente. Ironicamente, foram os britânicos que impulsionaram a concretização da mudança de postura do público dos Estados Unidos em relação à visão de um mundo pós-guerra dividido. Em 21 de fevereiro de 1947, o embaixador britânico em Washington informou o Departamento de Estado que o governo de sua majestade não poderia mais auxiliar o regime grego, prevendo a retirada de quarenta mil soldados do país e o encerramento de toda a assistência econômica. Em um momento em que se acreditava que a insurgência na Grécia poderia levar a tomada do poder pelos comunistas, o governo britânico esperava que os Estados Unidos ocupassem seu lugar. Crente na necessidade de intervir, Truman chamou os líderes do Congresso à Casa Branca. Diante de uma apresentação melodramática do colapso da Grécia como primeiro passo para que toda região sucumbisse à “praga do comunismo”, a resposta não poderia ter sido melhor. O senador republicano Vandenberg, antiga figura isolacionista antes do ataque à Pearl Harbor, urgiu Truman de que a única maneira de algo ser feito era ele aparecer diante do Congresso e assustar a todos.<sup>87</sup> E foi exatamente isso que ele fez.

Retornamos, então, ao discurso de Truman diante do Congresso em 12 de março. Ao contrário de Franklin Roosevelt, Truman podia contar com um consenso internacionalista, logo ele podia esperar apoio para um pacote de ajuda para outros países. Mas, como vimos, o sentimento internacionalista se relacionava de forma dúbia com ações e palavras hostis a países

---

<sup>86</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President From Teddy Roosevelt to Bill Clinton**. Oxford University Press, 2001, p.262.

<sup>87</sup> *Ibid.*, 2001, p.276.

estrangeiros, incluindo a União Soviética. Muitos estavam desconfiados e irritados com o governo de Stalin, mas a esperança nas Nações Unidas e em uma ordem mundial pacífica ainda era forte. O que Truman precisava fazer era justamente canalizar essas esperanças contra a União Soviética e o comunismo:

“The world is not static, and the status quo is not sacred. But we cannot allow changes in the status quo in violation of the Charter of the United Nations by such methods as coercion, or by such subterfuges as political infiltration. In helping free and independent nations to maintain their freedom, the United States will be giving effect to the principles of the Charter of the United Nations. [...] The United Nations is designed to make possible lasting freedom and independence for all its members. We shall not realize our objectives, however, unless we are willing to help free peoples to maintain their free institutions and their national integrity against aggressive movements that seek to impose upon them totalitarian regimes. ”

A paz pela qual as Nações Unidas foram fundadas estava ameaçada por uma minoria que explorando a miséria humana foi capaz de criar caos político na nação grega, tornando sua recuperação impossível. A situação requeria ação urgente e as Nações Unidas não estavam em posição de estender a ajuda necessária, a tarefa recaía sobre os Estados Unidos: “There is no other country to which democratic Greece can turn. ” Sua assistência não era apenas imprescindível, como também obedecia aos princípios fundadores das Nações Unidas. Grécia e Turquia (para quem Truman também pedia ajuda) sofriam a coerção de forças que comprometiam sua liberdade. Enquanto a primeira enfrentava uma insurreição armada liderada por comunistas, a segunda sofria contínuas pressões diplomáticas por parte dos soviéticos pelo controle dos estreitos que ligavam o Mar Negro e o Mediterrâneo. Não havia nada de novo em estender auxílio a países nessa situação, visto que criar as condições para que todas as nações fossem livres da coerção era “a fundamental issue in the war with Germany and Japan. Our victory was won over countries which sought to impose their will, and their way of life, upon other nations. ” A sobrevivência da Turquia e Grécia como nações livres dependia dos Estados Unidos e a segurança desse, por sua vez, dependia dela: “Should we fail to aid Greece and Turkey in this fateful hour, the effect will be far reaching to the West as well as to the East.”<sup>88</sup> O desaparecimento da Grécia como um estado independente teria efeitos profundos sobre os países europeus

---

<sup>88</sup> “O mundo não é estático e o status quo não é sagrado. Mas não podemos permitir mudanças no status quo que violem a Carta das Nações Unidas por métodos como coerção ou subterfúgios como infiltração política. Ao ajudar as nações livres e independentes a manter sua liberdade, os Estados Unidos darão efeito aos princípios da Carta das Nações Unidas. [...] As Nações Unidas são projetadas para possibilitar liberdade e independência duradouras para todos os seus membros. Contudo, não alcançaremos nossos objetivos, a menos que desejemos ajudar os povos livres a manter suas instituições livres e sua integridade nacional contra movimentos agressivos que buscam impor regimes totalitários. ” “Não há outro país para o qual a Grécia democrática possa recorrer. ” “Uma questão fundamental na guerra com a Alemanha e o Japão. Nossa vitória foi conquistada sobre países que procuravam impor sua vontade e seu modo de vida a outras nações. ” “Se não conseguirmos ajudar a Grécia e a Turquia nesta

que lutavam para manter sua liberdade, ameaçaria a independência de sua vizinha Turquia e até mesmo o Oriente Médio inteiro poderia cair em desordem. O cenário que Truman criou era apocalíptico e somente a ação messiânica dos Estados Unidos poderia revertê-lo.

Nesse discurso, Truman lançou as bases da doutrina que levaria seu nome. Sua premissa central era a política da contenção. Reconhecia-se até certo ponto a soberania soviética sobre o Leste Europeu, uma soberania sobre reféns, mas nenhuma expansão da esfera de influência soviética para além desses limites seria aceitável. A União Soviética deveria ser contida dentro da assim chamada “cortina de ferro”. Implicado na Doutrina Truman estava o imperativo de que os Estados Unidos deveriam se preparar para um conflito prolongado com a União Soviética à espera de que, impedida de se expandir e sob intensa e continuada pressão, ela iria se desintegrar sobre si mesma.<sup>89</sup> Essa era uma missão que, pela natureza própria do conflito geopolítico da Guerra Fria, não seria geograficamente restringida. Era premissa da política de contenção a possibilidade e necessidade de intervenção norte-americana em todo e qualquer lugar em que o comunismo fosse ameaça potencial ou consolidada. Pela primeira vez, os Estados Unidos estavam plenamente tornando uma atuação global premissa de sua política externa e, como resultado, eles estavam aderindo a visão de que possuíam um destino manifesto global. Assim sendo, ao adotar a contenção, Truman “oficialmente abraçou a Guerra Fria como base da política externa norte-americana e a lançou como uma luta mundial pelo futuro da liberdade.”<sup>90</sup>

Em um discurso de oito minutos, Truman evocou 24 vezes as palavras “livre” ou “liberdade”. Não era mera coincidência, mas parte da necessidade de tornar familiares premissas novas para a política externa dos Estados Unidos em um cenário internacional novo. Sua retórica projetava para os Estados Unidos uma nova missão nacional em que o país, como na Segunda Guerra Mundial, deveria lutar contra a imposição de regimes totalitários sobre povos livres. Ele traçava, assim, uma conexão necessária entre os feitos heroicos do passado e os novos no presente, uma continuidade histórica autoevidente. Os tropos da liberdade, da tirania desejosa por suprimi-la, do messianismo (o fardo de uma nação escolhida) e da missão nacional construíam a trama. Era indispensável que Truman construísse uma narrativa capaz de comover seu público, de direcionar suas disposições afetivas na defesa de países cujo destino ele não dava grande importância. Dado que um sentimento internacionalista não é automaticamente

---

hora fatídica, o efeito será de grande alcance para o Ocidente e o Oriente. ” Special Message to the Congress on Greece and Turkey (1947)

<sup>89</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.277.

<sup>90</sup> “officially embraced the Cold War as the foundation of American foreign policy and cast it as a world-wide struggle over the future of freedom.” FONER, Eric. **The Story of American Freedom**. op. cit., 1998, p.252.



traduzido em preocupação com todos os países individualmente, essa tradução precisava ser feita por Truman. Vemos exatamente isso na maneira como ele enquadró as ações de comunistas e soviéticos na Grécia e na Turquia como ataques às bases fundamentais das Nações Unidas. Desse modo, ele buscou direcionar o sentimento internacionalista do momento a seu favor, criando a disposição para uma resposta moral por parte do público estadunidense. O mesmo se dá quando ele entrelaça o destino dos Estados Unidos ao destino desses países. Uma das premissas centrais do internacionalismo é a admissão que a segurança dos Estados Unidos depende dos eventos globais. O reconhecimento oficial do comunismo como uma ameaça ao seu modo de vida implica a necessidade e a responsabilidade de sair em socorro daqueles que são ameaçados por ele em um ato de autopreservação. A segurança da democracia no estrangeiro se torna parte da segurança de sua própria democracia, criando um imperativo em favor de uma atuação global. E é exatamente aqui que residem algumas das grandes contradições do discurso de Truman e da ideologia da Guerra Fria que ele iria sedimentar.<sup>91</sup>

Para além de seu conteúdo explícito, a narrativa que ele construiu também era constituída pelo que ele decidiu deixar de fora. Não apenas os problemas domésticos da Grécia eram originados de dinâmicas internas e tinham pouca relação com os soviéticos, Stalin chegou mesmo a se opor à revolução grega,<sup>92</sup> mas também nenhum dos países para os quais Truman pedia auxílio poderiam realmente ser considerados livres. Contudo, ocupando posições estratégicas de alta importância, era imprescindível que eles fossem mantidos sob a esfera de influência norte-americana. Essa foi a grande contradição na construção do Mundo Livre como tal. Nele eram incluídos não apenas as democracias liberais, mas uma grande quantidade de regimes autoritários, ditaduras militares e governos cujas credenciais democráticas eram no mínimo duvidosas. O Mundo Livre não era formado apenas pela França, ou pela Inglaterra, mas também pelo regime de Franco na Espanha, pelo de Salazar em Portugal e pelo regime do apartheid na África do Sul. Se um país fizesse parte da aliança contra a União Soviética ele era parte da porção livre do globo, cujo antagonismo comum contra o comunismo criava um sentido de

---

<sup>91</sup> “Ideologia da Guerra Fria” é a forma pela qual descreverei uma ideologia que “surgiu entre 1945 e 1950 – uma ideologia que dominou a vida pública dos EUA pelo menos até o colapso da União Soviética em 1991” e cuja potência “derivava em grande parte de seu apelo nacionalista.” FOUSEK, John. **To Lead the Free World**. op. cit., 2000, p.2. Marco que Fousek utiliza esse termo apenas uma vez em seu livro, preferindo descrever essa ideologia por “globalismo nacionalista americano”. Optamos pelo primeiro por ser mais claro e mais específico ao período da Guerra Fria, além de ter sido utilizado no clássico trabalho de Slotkin (1992). De uma forma ou de outra, ambos os termos dizem respeito a uma ideologia que forneceu as diretrizes para a atuação global do país durante o conflito bipolar e se tornou consensual pela sua apropriação bem-sucedida de valores e simbologias nacionalistas.

<sup>92</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz. **Formação do império americano - da guerra contra a Espanha à guerra no Iraque** [Epub]. São Paulo Civilização Brasileira, 2005, p.134.

equivalência entre modelos de governo muito diferentes. Como uma dimensão mais ou menos camuflada do Mundo Livre, a existência de regimes ditatoriais nessa aliança não produzia uma disrupção narrativa. Mesmo hoje essa incorporação de governos autocráticos em uma aliança que se pretende formada por países livres permanece a regra de conduta dos Estados Unidos. O que mostra a medida e o impacto em que “liberdade” passou a ser reimaginada como anticomunismo e a extensão em que a complexidade daquele momento histórico era simplificada pela linguagem simbólica empregada por Truman, que, lhe dando uma forma dramática, apresentava o presente estado mundial em termos absolutos. Havia o bem, havia o mal, havia um vilão e havia um herói. O mundo era destituído de ambiguidades e, portanto, o destino manifesto dos Estados Unidos era claro e inegável.

Essa simplificação da natureza dos eventos mundiais não passou sem críticas. O diplomata George Kennan, cujos escritos haviam influenciado a política de contenção, apontou que a linguagem da Doutrina Truman tornava impossível avaliar crises internacionais caso-a-caso, ou determinar quais envolveriam genuinamente a liberdade e os interesses dos Estados Unidos.<sup>93</sup> Em tom semelhante, o proeminente estudioso de política internacional Hans J. Morgenthau apontou que o presidente transformou o interesse concreto dos Estados Unidos em uma parte geograficamente definida do mundo “em um princípio moral de validade mundial, a ser aplicado independentemente dos limites do interesse e do poder norte-americanos.”<sup>94</sup> A Doutrina Truman não foi isenta de críticas, mas, cientes que a segurança da nação dependia da segurança na Europa e na Ásia, os congressistas aprovaram o pedido do presidente por ampla margem, começando um longo período de apoio bipartidário para a contenção ao comunismo. Em adição, uma grande flotilha naval, incluindo o porta aviões USS Franklin D. Roosevelt, foi enviada para a costa da Turquia. O republicano Alf Landon sintetizou o momento ao comentar: “Estamos na política de poder da Europa até nossos pescoços e estamos nela para permanecer.

---

<sup>93</sup> FONER, Eric. **The Story of American Freedom**. op. cit., 1998, p.253. Apesar dessas críticas, à semelhança de Truman, Kennan também dotou a estratégia de contenção de um caráter de missão providencial ao defini-la como um teste de valor e qualidade nacionais. Como ele havia afirmado, sob o pseudônimo X, em seu artigo em prol de uma política de contenção à expansão soviética: “Certamente, nunca houve um teste mais justo da qualidade nacional do que esse. À luz dessas circunstâncias, o observador atencioso das relações russo-americanas não encontrará motivos para reclamar do desafio do Kremlin à sociedade norte-americana. Ele experimentará certa gratidão a uma Providência que, ao proporcionar ao povo norte-americano esse desafio implacável, tornou toda a sua segurança como nação dependente de se unirem e aceitarem as responsabilidades da liderança moral e política que a história claramente pretendia que eles suportassem.” X. *The Sources of Soviet Conduct*. *Foreign Affairs*, vol. 25, n.4, 1945, p.582.

<sup>94</sup> “into a moral principle of worldwide validity, to be applied regardless of the limits of American interest and power.” Disponível em: <https://bit.ly/30jWWTM>

”<sup>95</sup> A entrada da Europa na esfera de atuação do destino manifesto dos Estados Unidos estava oficialmente consolidada.

Como o discurso de Truman sugeria, a Guerra Fria envolvia mais do que apenas os interesses dos Estados Unidos, ela envolvia um conflito ideológico pelo destino das nações. Era um conflito, em uma frase popular da década de 1950, pelos corações e mentes dos povos de todo o mundo. Ela demandava mobilização, tanto dentro dos Estados Unidos, quanto fora dele. O princípio de responsabilidade global que os Estados Unidos alçavam requeria um alto grau de aceitação de sua liderança pelos países que ele agrupava no “Mundo Livre”. Para os Estados Unidos, essa era uma situação inusitada, não apenas na nova disposição por um papel de liderança ativa nos problemas mundiais, como também do tipo de ideologia contra a qual ele se deparava: “Pela primeira vez desde 1776, os norte-americanos foram confrontados com uma ideologia revolucionária alternativa com aspirações universalistas iguais às suas.”<sup>96</sup> Diante da devastação deixada pela guerra e da independência de tantas ex-colônias, o país precisava oferecer uma alternativa às pretensões revolucionárias do comunismo. Truman resumiu essa visão quando ele afirmou: “The seeds of totalitarian regimes are nurtured by misery and want. They spread and grow in the evil soil of poverty and strife. They reach their full growth when the hope of a people for a better life has died. We must keep that hope alive.”<sup>97</sup>

É nesse espírito que o Programa de Recuperação Europeia, ou Plano Marshall (do nome do general George Marshall então Secretário de Estado) como veio a ser conhecido, foi formulado. Mesmo que o Terceiro Mundo tenha eventualmente se tornado a principal região de conflito, naquele momento, a recuperação do continente europeu estava no centro das preocupações da Casa Branca. O Plano Marshall foi a suprema reação do capitalismo ao comunismo, para o qual os políticos norte-americanos temiam que os europeus se voltariam se perdessem suas esperanças como consequência de um possível aprofundamento da crise do continente. Ele estipulou a necessidade pelo maciço auxílio financeiro aos países europeus, definindo a ameaça soviética aos Estados Unidos não em termos meramente militares, mas também no campo eco-

---

<sup>95</sup> “We are in European power politics up to our necks, and in it to stay.” Apud LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.278

<sup>96</sup> “For the first time since 1776, Americans were faced with an alternative revolutionary ideology with universalist aspirations equal to their own.” WOOD, Gordon. **The Idea of America**. New York: The Pinguin Press, 1991, p.332.

<sup>97</sup> “As sementes dos regimes totalitários são nutridas pela miséria e pela carência. Elas se espalham e crescem no solo maligno da pobreza e das contendas. Eles atingem seu pleno crescimento quando a esperança de um povo para uma vida melhor morre. Nós devemos manter viva essa esperança.” Special Message to the Congress on Greece and Turkey (1947)

nômico e político, cuja instabilidade poderia criar solo fértil para o comunismo. Ele apresentava, portanto, uma visão positiva que poderia ser contraposta àquela nutrida principalmente depois da Grande Depressão de que o capitalismo estava em declínio e o comunismo era a onda que trazia o futuro.<sup>98</sup> Os Estados Unidos aspiravam provar que a melhor opção era aderir a uma sociedade semelhante à sua, ao mesmo tempo criar as condições para a recuperação das principais potências europeias: França, Inglaterra e Alemanha, as estabelecendo como centros de poder alternativos à União Soviética no continente, montando um bloco coeso de aliados purgado de sua presença.<sup>99</sup> A despeito disso, o Plano Marshall demonstrou pretensões ainda mais universalistas ao não excluir de imediato a extensão do auxílio ao Leste Europeu. A União Soviética, contudo, se recusou a participar do programa e, temendo o controle norte-americano sobre as economias de seus aliados europeus, ela os dissuadiu a fazerem o mesmo. Nesse sentido, o Plano Marshall solidificou ainda mais a divisão do continente.<sup>100</sup>

De qualquer forma, dificilmente o Congresso aprovaria um pacote de auxílio aos países do bloco comunista. Na realidade, malgrado a vantagem de o programa ser conhecido como Plano Marshall, o prestígio do Secretário de Estado não pareceu ser o suficiente para convencer o Congresso a apoiar plenamente esse caro projeto sem precedentes. As eleições de novembro de 1946 tinham levado os republicanos, de tendências ainda isolacionistas, ao poder no Legislativo, que passou a pressionar a administração a cortar despesas públicas e a desmobilizar parte das Forças Armadas.<sup>101</sup> Para projetar ambas a imagem e a realidade de poder dos Estados Unidos, a política da Guerra Fria dependia desses altos investimentos em logo prazo e, consequentemente, de um compromisso público em garanti-los. Mas esse consenso ainda não era tão sólido. Embora o governo de Truman fosse continuamente taxado de brando com o comunismo pelos republicanos, o entusiasmo anticomunista não foi automaticamente traduzido em apoio a grandes aumentos de gastos. Em vista disso, na sua mensagem anual ao Congresso em 1948, Truman reafirmou sua crença na solidez do programa usando a mesma linguagem que ele aplicou para convencê-lo no caso greco-turco: “When the European economy is strengthened, the product of its industry will be of benefit to many other areas of economic distress. The ability of free men to overcome hunger and despair will be a moral stimulus to the entire world.” A recuperação europeia não era mero capricho em benefício apenas do continente, mas do conjunto do Mundo do Livre. Truman lamentava que nem todos os governos compartilhassem a

---

<sup>98</sup> FONER, Eric. **Give me Liberty! An American history Volume 2.** op. cit., 2016, p.911.

<sup>99</sup> PECEQUILO, Cristina. **A política externa dos Estados Unidos.** op. cit., 2003, p.152-153

<sup>100</sup> FONER, Eric. **Give me Liberty! An American history Volume 2.** op. cit., 2016, loc. cit.

<sup>101</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz. **Formação do império americano.** op. cit., p.140.

esperança em prol da reconstrução econômica, mas reafirmava o compromisso dos Estados Unidos nessa missão. “No nation by itself can carry these programs to success; they depend upon the cooperative and honest efforts of all participating countries. Yet the leadership is inevitably ours.”<sup>102</sup> Somente através dessa liderança seria possível construir um mundo livre do medo e da agressão e que é guiado em direção à paz, não a uma nova guerra.

O Congresso relutante acabou por ceder, mas não ao poder de convencimento de Truman. O que ele não conseguiu com as suas palavras, forças comunistas lhe conquistaram com suas ações. Em fevereiro de 1948, os Estados Unidos receberam em choque a notícia da tomada do poder pelos comunistas na Tchecoslováquia. Alguns dias depois Truman fez um pronunciamento em resposta ao evento. Se antes a União Soviética era uma presença oculta em muitos de seus discursos, agora Truman fazia acusações diretas:

“But the situation in the world today is not primarily the result of natural difficulties which follow a great war. It is chiefly due to the fact that one nation has not only refused to cooperate in the establishment of a just and honorable peace, but— even worse — has actively sought to prevent it. [...] But that is not all. Since the close of hostilities, the Soviet Union and its agents have destroyed the independence and democratic character of a whole series of nations in Eastern and Central Europe.”

Em contrapartida, os Estados Unidos buscavam criar as condições para a recuperação europeia, tendo oferecido ajuda até mesmo aos soviéticos e seus aliados. Porém, “they rejected that invitation. More than that, they have declared their violent hostility to the program and are aggressively attempting to wreck it.” Reafirmando as “obrigações externas” e as “responsabilidades internacionais” dos Estados Unidos, o presidente solicitou, entre outras medidas, aprovação dos fundos para o Programa de Recuperação Europeia: “Prompt passage of that program is the most telling contribution we can now make toward peace.”<sup>103</sup> O acontecimento alterou o tom do debate em torno do orçamento do país, criando a atmosfera propícia à aprovação pelo Legislativo dos fundos necessários para dar sustentação de médio e longo prazo ao Plano Marshall.<sup>104</sup>

---

<sup>102</sup> “Quando a economia europeia for fortalecida, o produto de sua indústria será benéfico para muitas outras áreas de dificuldades econômicas. A capacidade dos homens livres de vencer a fome e o desespero será um estímulo moral para o mundo inteiro.” “Nenhuma nação por si só pode levar esses programas ao sucesso; eles dependem dos esforços cooperativos e honestos de todos os países participantes. No entanto, a liderança é inevitavelmente nossa.” Annual Message to the Congress on the State of the Union (1948)

<sup>103</sup> “Mas a situação no mundo de hoje não é principalmente o resultado de dificuldades naturais que seguem uma grande guerra. Isso se deve principalmente ao fato de que uma nação não apenas se recusou a cooperar no estabelecimento de uma paz justa e honrosa, mas – ainda pior – procurou ativamente evitá-la. [...] Mas isso não é tudo. Desde o fechamento das hostilidades, a União Soviética e seus agentes destruíram a independência e o caráter democrático de toda uma série de nações da Europa Oriental e Central.” “eles rejeitaram esse convite. Mais do que isso, eles declararam sua hostilidade violenta ao programa e estão tentando agressivamente destruí-lo.” “A aprovação imediata desse programa é a contribuição mais notável que podemos fazer agora à paz.” Special Message to the Congress on the Threat to the Freedom of Europe (1948)

<sup>104</sup> PECEQUILLO, Cristina. op. cit., p.151-152.

O evento no país europeu reforçou o sentimento anticomunista e possibilitou Truman direcionar a comoção nacional em prol de sua política externa. Se ainda havia certa discórdia em torno do correto balanço orçamentário do país, estava se firmando ampla concordância em torno do pressuposto central da nova ideologia da Guerra Fria: combate e oposição ao comunismo.

Apropriando-se da mitologia nacional, Truman ofereceu mais do que apenas um guia para a política externa do país, ele ofereceu a linguagem através da qual as gerações de norte-americanos subsequentes viriam entender a Guerra Fria. A linguagem através da qual ele se expressava era munida de simbologias e tropos convencionados, construindo uma narrativa padrão para um conteúdo ideológico novo e para as ações políticas que ele sustentava. Uma narrativa centrada na divisão do mundo entre duas forças antagônicas, uma tirânica e outra que, no percurso dos acontecimentos, foi investida em sua excepcionalidade com o dever e a missão de contê-la. O que Truman estava oferecendo aos Estados Unidos era nada mais que um destino manifesto em termos globais. Vimos como, apesar de algumas discórdias, o coração nacionalista do país havia sido tomado por essa nova narrativa. Ao longo dos anos, ela forneceria uma linguagem comum que circunscreveria a cultura política dos Estados Unidos e regularia o seu sentimento de pertencimento nacionalista.

O caso mais emblemático desse processo foi o famoso Trem da Liberdade, o mais elaborado projeto de propaganda ideológica dos anos iniciais da Guerra Fria. Entre 1947 e 1949, ele visitou 322 cidades, atravessou todos os 48 estados e recebeu mais de 3.5 milhões de visitantes, que puderam ver 127 documentos exibidos a bordo.<sup>105</sup> Puxado por uma locomotiva chamada de “O espírito de 1776”, o Trem levou uma coleção significativa de “americana”<sup>106</sup>, como o Pacto do Mayflower, a Declaração de Independência, a Carta dos Direitos, o Discurso de Despedida de George Washington, o Discurso de Gettysburg, a Proclamação da Emancipação e muitos outros. Além disso, planejando reavivar um patriotismo popular, atividades civis foram organizadas ao longo do trajeto, atraindo em torno de 50 milhões de participantes.<sup>107</sup> A resposta ao trem, escreveu o jornal *The New Republic*, revelava uma fome popular por “evidência tangível da liberdade norte-americana.”<sup>108</sup> Ainda que tenha sido financiado pela iniciativa privada, o projeto foi planejado dentro do Departamento de Justiça e não poderia ter dei-

---

<sup>105</sup> KAMMEN, Michael. *Mystic chords of memory*. op. cit., 1991, p.575

<sup>106</sup> Conjunto de material cultural próprio dos Estados Unidos.

<sup>107</sup> KAMMEN, Michael. *Mystic chords of memory*. op. cit., 1991, p.579

<sup>108</sup> “tangible evidence of American freedom.” Apud FONER, Eric. *Give me Liberty! An American history Volume 2*. op. cit., 2016, p.906

xado de ser pego pela atmosfera da Guerra Fria. Inicialmente concebida para contrastar Alemanha nazista com a experiência de liberdade dos Estados Unidos, a ideia seria logo abandonada, mas um contraste não deixou de ser feito.

Em 27 de novembro de 1947, Truman e o procurador-geral Tom G. Clark lançaram declarações em conjunto com a visita do Trem à capital. Na ocasião, ambos confrontaram a liberdade dos Estados Unidos com as condições no exterior e conectaram o significado do Trem ao recente debate em torno da ajuda externa como mecanismo de combate ao comunismo.<sup>109</sup> Anos depois, Clark afirmaria que o projeto foi organizado como parte da guerra interna contra a subversão.<sup>110</sup> Em verdade, aqueles que tinham alguma tipo de objeção ao Trem não ficaram de fora dos relatórios do FBI.<sup>111</sup> O que mostra como o discurso oficial buscou alinhar a identidade nacional estadunidense com a nova missão pela contenção (a cópia original do discurso da Doutrina Truman esteve entre os objetos exibidos no Trem) e como o próprio sentido de “liberdade” e “ser livre” progressivamente adquiriu contornos profundamente anticomunistas.

Simbólico dessa busca pelo compromisso popular foi o incentivo aos visitantes do Trem a fazerem um Juramento da Liberdade e assinar um Pergaminho da Liberdade que seria apresentado ao presidente Truman.<sup>112</sup> Um ato aparentemente inocente que buscava despertar o sentido de pertencimento nacional, interpelando esses indivíduos em sujeitos da nação. Entretanto, Truman já havia exigido a lealdade dos membros do governo em um modo muito mais sério, antecipando a crescente paranoia anticomunista no país. Logo após pronunciar seu discurso pela contenção, ele criou o Programa de Lealdade do Funcionalismo, que impedia membros e simpatizantes do Partido Comunista acesso a cargos públicos, além de instituir uma investigação de lealdade dos funcionários federais, que ocasionou centenas de demissões.<sup>113</sup>

Em seu pronunciado sobre o programa, Truman definiu a deslealdade entre funcionários governamentais um dos problemas mais difíceis enfrentados pelo governo dos Estados Unidos. “I believe I speak for all the people of the United States when I say that disloyal and subversive elements must be removed from the employ of the Government. ” Não apenas ele, mas o conjunto da nação concordava com necessidade de colocar fim à deslealdade no centro do poder nacional. Não era, portanto, uma empreitada política do presidente, mas do conjunto da nação na busca por sua preservação. E quem eram esses indivíduos desleais? Qualquer um comprovadamente “totalitarian, fascist, communist, or subversive. ” Os principais inimigos dos Estados

---

<sup>109</sup> KAMMEN, Michael. *Mystic chords of memory*. op. cit., 1991, 579.

<sup>110</sup> *Ibid.*, 1991, p.574

<sup>111</sup> *Ibid.*, 1991, loc. cit.

<sup>112</sup> GRANT, Susan-Mary. *História Concisa dos Estados Unidos da América*. op. cit., 2014, p.386

<sup>113</sup> *Ibid.*, 2014, p.388-389

Unidos tinham, então, nomes, desde os claros “fascista” e “comunista” aos não tão claros “subversivo” e “totalitário”. Definidos os inimigos internos, os adversários entre os seus, ele buscou sublinhar, contudo, que “the civil rights of all employees of the Government shall be protected properly and adequately. It is in this spirit that the loyalty program will be enforced.”<sup>114</sup> Contrariamente, o sistema de revisão implementado pelo programa requereu que os funcionários do governo demonstrassem seu patriotismo sem serem permitidos confrontar acusadores ou, em alguns casos, mesmo saber quais eram as acusações contra eles.<sup>115</sup> Ao invés de limitar a investigação a agências sensíveis, a verificação de antecedentes foi estendida até aos mais baixos escalões<sup>116</sup> e até mesmo para além de indivíduos suspeitos de deslealdade, atingindo pessoas suspeitas de homossexualidade, que eram consideradas particularmente suscetíveis a chantagens de agentes soviéticos e desprovidas das atribuições masculinas necessárias para manter a determinação nacional na luta contra o comunismo.<sup>117</sup>

Durante a Segunda Guerra Mundial, Roosevelt havia autorizado a demissão de funcionários suspeitos, mas a investigação implantada por Truman foi a primeira em tempos de paz.<sup>118</sup> O que demonstra como o país aceitou adentrar não apenas em uma guerra externa sem uma perspectiva de término claro, mas também em uma guerra interna igualmente sem um aparente fim e que, buscando salvaguardar a liberdade dos norte-americanos, acabou por criar poderosos mecanismos que a ameaçavam.

Liberdade não é um absoluto, ela só adquire significado em relação ao seu contrário, o livre pelo não-livre, tal como o igual com o desigual. O que vemos aqui é processo através do qual liberdade passou a ser significar aquilo que inexistia no comunismo, democracia liberal e capitalismo (e, muitas vezes, apenas o segundo), e como esses tornaram-se a expressão da verdadeira identidade de pertencimento nacional aos Estados Unidos. Se ser estadunidense é ser livre e o comunismo é a ausência de liberdade, sua presença é um impedimento à existência mesma dessa identidade, criando uma irreconciliável relação de antagonismo.<sup>119</sup> Consequentemente, o pertencimento nacional dos Estados Unidos passou a ser significado pelo comunismo

---

<sup>114</sup> “Acredito que falo por todo o povo dos Estados Unidos quando digo que elementos desleais e subversivos devem ser removidos do emprego do governo.” “totalitário, fascista, comunista ou subversivo.” “os direitos civis de todos os funcionários do governo devem ser protegidos de corretamente e adequadamente. É nesse espírito que o programa de fidelidade será aplicado.” Statement by the President on the Government’s Employee Loyalty (1947)

<sup>115</sup> FONER, Eric. **Give me Liberty! An American history Volume 2.** op. cit., 1998, p.929.

<sup>116</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President.** op. cit., 2001, p.295.

<sup>117</sup> FONER, Eric. **Give me Liberty! An American history Volume 2.** op. cit., loc. cit.

<sup>118</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President.** op. cit., 2001, p.296

<sup>119</sup> Nossa compreensão de “antagonismo” é proveniente da obra de Laclau e Mouffe. Para os autores, uma relação antagonista é aquela em que a presença de um “Outro” me impede de ser plenamente eu mesmo. Ele se torna, portanto, um símbolo do meu não-ser. Nesse sentido, a forma como o discurso de Truman constrói o comunismo



soviético como expressão do seu oposto, uma construção de solidariedade de grupo entre um “nós” contra um “eles” criados simbolicamente.

Marcante desse processo foi a preponderância adquirida pelo capitalismo na reconfiguração que Truman promovia da identidade nacional do país. Em lugar das Quatro Liberdades de Roosevelt, Truman apresentava apenas três formas de liberdade: “There is one thing that Americans value even more than peace. It is freedom. Freedom of worship, freedom of speech, freedom of enterprise.” Duas das liberdades permaneciam, mas liberdade da necessidade e do medo, as mais progressistas e potencialmente identificáveis com socialismo, eram substituídas pela liberdade de empreender, isto é, capitalismo. Assim, o sistema econômico do país adquiria uma centralidade que ele não havia conhecido durante os anos Roosevelt. De modo que liberdade de empreender era elevada a mais fundamental entre as liberdades: “It must be true that the first two of these freedoms are related to the third.” Como consequência, e deixando explícitos os objetivos desse discurso: “So our devotion to freedom of enterprise, in the United States, has deeper roots than a desire to protect the profits of ownership. It is part and parcel of what we call American.”<sup>120</sup> Uma fusão entre liberdade e capitalismo não era inteiramente nova nos Estados Unidos, porém, com a Guerra Fria, ela era elevada não apenas à base de sua política externa, mas também de sua identidade nacional.

Vemos, assim, as consequências advindas da redefinição das responsabilidades nacionais como contenção do comunismo. Lealdade e a deslealdade nacionais eram agora informadas pela oposição a ele. Aqueles que faziam o Juramento da Liberdade e colocavam seu nome no Pergaminho da Liberdade comprovavam que seu coração havia aceitado esse novo modo de sentir a nação, já aqueles que eram requisitados a provar sua lealdade no programa de funcionalismo de Truman e falhassem a sentiam na pele. Para tornar-se hegemônico, a ideologia da Guerra Fria precisava exercer seu poder por meio de um consentimento nacional adquirido, mas ele também se mostrou preparado para exercê-lo pela repressão e pelo silenciamento. Ao longo dos anos, o comunismo e a subversão se tornariam paradoxalmente uma presença não presente no país. Uma força inimiga que parece estar sempre espreitando e contra a qual todos deveriam

---

o constitui como aquele que não permite que o “estadunidense” exista, de tal forma que sua existência no país demanda combate. LACLAU, Ernesto.; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical**. São Paulo: Intermeios, 2015, p.202.

<sup>120</sup> “Há uma coisa que os norte-americanos valorizam ainda mais que a paz. É liberdade. Liberdade de culto, liberdade de expressão, liberdade de empreender.” “Deve ser verdade que as duas primeiras dessas liberdades estão relacionadas à terceira.” “Portanto, nossa devoção à liberdade de empreender, nos Estados Unidos, tem raízes mais profundas do que o desejo de proteger os lucros de propriedade. É parte integrante do que chamamos de norte-americano.” Address on Foreign Economic Policy (1947)

estar sempre alertas, ao mesmo tempo que o seu potencial de aparecimento efetivo na política era ostensivamente suprimido.

Em vista disso, como bem coloca Susan-Marry Grant, a força cultural e política que veio a ter um histórico anticomunismo mostra uma certa precariedade da ideologia e da identidade estadunidense em um mundo em que os Estados Unidos ainda lutavam para definir mais precisamente seu lugar.<sup>121</sup> Pois, se a maleabilidade dessa identidade, sua capacidade de ter seus símbolos e metáforas continuamente reconfigurados, revela uma força de adaptação; por outro lado, ela demonstrou uma certa fraqueza ao precisar impor, ou sentir precisar impor essa nova reconfiguração pela repressão. Visto o verdadeiro teste de poder residir na capacidade do seu exercício pelo consentimento, não pelo seu exercício de forma impositiva, cuja base de poder por si só é extremamente frágil.

Nos anos iniciais da Guerra Fria, a mais audível das vozes que se levantaria contra os rumos tomados pelo país foi a do ex-vice-presidente Henry Wallace. Antecessor de Truman como vice-presidente de Roosevelt, Wallace foi umas das principais vozes de oposição a uma política externa hostil à União Soviética. Então Secretário do Comércio de Truman, ele acabaria demitido pelo presidente por sua posição resoluta em continuar publicamente criticando a política de enfrentamento contra os soviéticos.<sup>122</sup> Para sermos exatos, a diferença entre Wallace e a visão dominante em política externa era primariamente em torno dos métodos de como lidar com os soviéticos. Ele partilhava com Truman a percepção fundamental de que deveria ser propósito nacional dos Estados Unidos transformar o mundo. Como Wallace escreveu em 1947: “por razões de história, de geografia e de força econômica, a América tem em suas mãos o dever de fornecer a grande e última paz que os profetas e sábios pregaram por milhares de anos.”<sup>123</sup> Logo, tal como aqueles que criticava, o ex-vice-presidente prescrevia nada menos que um destino manifesto global para a nação. Ao invés de um mundo dividido entre dois, livres e escravos, porém, Wallace desejava reter a imagem preponderante no fim da guerra de que havia apenas um mundo, guiado em última instância pelos valores norte-americanos, mas unido. O que estava em disputa não era, portanto, o caráter messiânico dos Estados Unidos e a expansão global de seus ideais, e sim se haveria um ou dois mundos.

Procurando levar à frente suas posições dissidentes, dois anos após sua demissão, Wallace seria nomeado para concorrer à presidência pelo recém-formado Partido Progressista na

---

<sup>121</sup> GRANT, Susan-Mary. **História Concisa dos Estados Unidos da América**, op. cit., 2014, p.391.

<sup>122</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.263-264

<sup>123</sup> “by reason of history, geography and sheer economic strength, America has it in her grasp to furnish that great and last peace which the prophets and sages have preached for thousands of years.” Apud FOUSEK, John. **To Lead the Free World**. op. cit., 2000, p.126.

eleição de 1948. Além de advogar por uma expansão ainda maior dos programas de bem-estar social e de denunciar ainda mais vigorosamente a segregação racial do que Truman, ele pediu por um controle internacional das armas nucleares e um esforço renovado baseado em cooperação econômica para tentar aprimorar as relações com a União Soviética. Ele chegou ao ponto de anunciar que aceitaria o apoio até mesmo de socialistas e comunistas, o que levou a um êxodo de liberais e muitas críticas à sua candidatura.<sup>124</sup> Truman estava ameaçado agora não apenas pela candidatura de Strom Thurmond pelo Partido Democrata do Direitos dos Estados (uma dissidência democrata sulista descontente com as posições do partido em torno da segregação), mas também por um candidato à sua esquerda, que poderia lhe roubar votos de estados como a Califórnia e Nova York. No fim, de forma inesperada para muitos, Truman acabaria vencendo e Wallace (1.16 milhões) terminaria de forma humilhante com menos votos que Thurmond (1.17 milhões), bem longe dos 24 milhões de Truman e dos 21 do republicano Thomas Dewey. A derrota devastadora de Wallace inaugurou um período em que criticismo público das fundações da política externa dos Estados Unidos se tornaria praticamente impossível.<sup>125</sup>

Através do voto, a população recusou a alternativa de Wallace e a ideologia da Guerra Fria e os imperativos que ela expressava se tornaram o guia único para o país. Uma política externa alternativa fundamentada em uma forma de atuação global não pautada pelo antagonismo contra a União Soviética foi derrotada por uma que centrou esse antagonismo no próprio pertencimento nacional. A partir de então, por volta da década de 1950, “lealdade nacional tornou-se igualada ao anticomunismo global [...]. Nesse contexto, qualquer coisa menos crítica tática à política externa dos EUA foi definida como inerentemente desleal e, portanto, ilegítima.”<sup>126</sup> Ainda que debate em questões específicas da política externa tenha continuado, no que concerne os pressupostos fundamentais do propósito nacional no mundo, a possibilidade para dissensão foi severamente reduzida. A Doutrina Truman reificou o que eram opções políticas como se essas fossem princípios dados e indiscutíveis. Logo, o alinhamento da identidade nacional com a luta contra o comunismo por meio da apropriação da mitologia nacional não era apenas uma operação retórica, era também uma operação de poder originada de em enquadramento narrativo. Aqueles que se ajuntassem contra esses pressupostos eram desleais e estavam fora da nação e, por consequência, da política, seja como resultado do repúdio popular ou da repressão. E é a existência do primeiro, muito mais do que a da segunda, que atesta seu exercício

---

<sup>124</sup> FONER, Eric. **Give me Liberty! An American history Volume 2.** op. cit., 2016, p.926

<sup>125</sup> Ibid., 2016, p.927

<sup>126</sup> “national loyalty became equated with global anticommunism [...]. In that context, anything but tactical criticism of U.S. foreign policy was defined as inherently disloyal and hence illegitimate.” FOUSEK, John. **To Lead the Free World.** op. cit., 2000, p.13.

bem-sucedido de poder, pois adquirido não por sansão negativa, mas pela conquista da adesão e identificação populares com a construção oficiosa do nacional. Nada demonstra melhor isso do que o próprio Wallace. Anos depois, no contexto da Guerra da Coreia, ele não apenas romperia com o Partido Progressista (que seria dissolvido na década de 1960), bem como com suas antigas posições em política externa, mas também declararia a União Soviética como totalmente maligna em seu artigo “Where I Was Wrong” (Onde eu estava errado).<sup>127</sup> Até uma das mais retumbantes vozes dissidentes acabaria por ter seu coração aberto à mais nova causa nacional dos Estados Unidos.

## 2.2. Novas fronteiras, ou o messianismo como responsabilidade global

### 2.2.1. *"Proclamai a liberdade em toda a terra e a todos os seus habitantes": por uma ação heroicamente engajada*

Em novembro de 1950, Truman prestou visita à cidade de Independence no estado do Missouri. Era uma ocasião especial, pois a cidade havia recebido uma réplica do Sino da Liberdade, uma das relíquias mais reverenciadas na religião civil dos Estados Unidos. Mas o Missouri não era o único estado afortunado, todos os estados e territórios dos Estados Unidos receberam uma duplicada paga pelo Departamento do Tesouro.<sup>128</sup> O estado acabou apenas sendo mais prestigiado, visto ter recebido duas réplicas, uma para sua capital Jefferson City e outra para Independence, cidade natal do presidente. O Sino da Liberdade é tudo menos apenas um sino, talvez um dia ele tenha sido apenas isso, mas naquele contexto ele já era muito mais.

Comissionado em 1752 para o edifício do Pennsylvania State House, renomeado posteriormente Independence Hall, por ter sido o local onde a independência dos Estados Unidos foi declarada, o sino viveu em obscuridade por décadas. Então, apenas um sino em um prédio de imensa importância histórica e simbólica, ele viria a adquirir equivalente importância, ou talvez ainda maior em termos simbólicos, do que o edifício em que residia. Sua elevação litúrgica deveu-se a sua adoção como símbolo e seu batismo como “Sino da Liberdade” pelos abolicionistas na década de 1830. Após o centenário da independência em 1876, ele tornou-se fonte física de unidade e grandeza nacional, tendo embarcado em diversas jornadas pelo país nos decênios seguintes.<sup>129</sup> Por causa desse poder, grande esforço foi feito para rodeá-lo com narrativas em um exercício de apropriação simbólica, que vão desde apropriações legitimadoras,

---

<sup>127</sup>Disponível em: <https://bit.ly/2JHCaaX>

<sup>128</sup> GARDELLA, Peter. **American Civil Religion. What America holds sacred**. Oxford: Oxford University Press, 2014, p.72.

<sup>129</sup> Ibid., 2014, p.70-71.

quanto contestadoras das ações dos Estados Unidos e sua compatibilidade ou não com a liberdade. No período da Guerra Fria não seria diferente; ele seria usado tanto por defensores dos direitos civis, quanto por entidades como o Comitê Nacional para uma Europa Livre, que presenteou Berlin Ocidental com um Sino da Liberdade de 10 toneladas como símbolo do anticomunismo.<sup>130</sup> Em Independence, o verdadeiro Sino da Liberdade não estava presente, mas isso não tornava o acontecimento menos ritualístico, principalmente com a presença do presidente, tornando o evento digno de suas palavras, que eram, tal como o sino, cheias de significado.

A eulogia de Truman começou com uma esperada rememoração da Revolução Americana e de seus feitos: “When the Liberty Bell rang out in Philadelphia in 1776, the men who heard it had just pledged their lives, their fortunes, and their sacred honor in the cause of freedom.” Em seguida, esse deslocamento para o passado retorna ao presente a ele conectado:

“The spirit of the American Revolution has guided this Nation ever since 1776. We have continued to work – and to fight when necessary – for the revolutionary principles of human freedom and political equality. Those principles are the hope of the world today. Men all over the world are eagerly striving for freedom and the fight to govern themselves. And we in the United States are strongly supporting them – because that is the best road to peace.”

E, tal como no passado, aqueles que acreditavam e lutam pela liberdade possuem um novo inimigo. Eles são confrontados pelo “Communist imperialism – a reactionary movement that despises liberty and is the mortal foe of personal freedom.”<sup>131</sup> Colocações que hoje nos soam um tanto deslocadas, principalmente para nós na América Latina que costumamos identificar “imperialismo” e “movimento reacionário” com os Estados Unidos, suas políticas e aliados. Como já foi marcado, os Estados Unidos precisavam alavancar sua própria tradição revolucionária se quisessem ser capazes de enfrentar adequadamente a União Soviética no campo ideológico. A alegação de que o comunismo conseguiu levar uma nação atrasada à modernidade lhe deu grande prestígio na Europa e entre os povos colonizados em busca de independência. Entregar nesse contexto o discurso revolucionário ao comunismo soviético seria uma quase admissão de derrota, uma admissão de que ele havia ultrapassado a tradição revolucionária norte-americana.

---

<sup>130</sup> GARDELLA, Peter. **American Civil Religion**. op. cit., 2014, p.72.

<sup>131</sup> “Quando o Sino da Liberdade tocou na Filadélfia em 1776, os homens que o ouviram haviam prometido suas vidas, suas fortunas e sua honra sagrada pela causa da liberdade.” “O espírito da Revolução Americana guia esta nação desde 1776. Continuamos trabalhando – e lutando quando necessário – pelos princípios revolucionários da liberdade humana e da igualdade política. Esses princípios são a esperança do mundo hoje. Homens de todo o mundo estão ansiosamente lutando pela liberdade e pela luta para se autogovernar. E nós nos Estados Unidos os apoiamos fortemente – porque esse é o melhor caminho para a paz.” “Imperialismo comunista – um movimento reacionário que despreza a liberdade e é o inimigo mortal da liberdade pessoal.” Address in Independence at the Dedication of the Liberty Bell (1950)

Nesse sentido, como bem coloca Gordon Wood, a ameaça do comunismo aos Estados Unidos ia muito além de sua possível superioridade tecnológica, residindo também em uma possível superioridade ideológica, posto que suas pretensões ameaçavam tornar a própria herança da tradição dos Estados Unidos irrelevante.<sup>132</sup> Assim sendo, Truman assegura a inevitabilidade da vitória contra os “falsos profetas do comunismo”, que representam “não o progresso, mas a reação”, pois a “liberdade é o verdadeiro destino do homem”. Em um pronunciamento uma hora antes, ele alertou, contudo, que para esse destino ser alcançado, para que as ideias da tradição revolucionária contidas no Sino da Liberdade fossem vitoriosas, os Estados Unidos deveriam entrar em acordo com suas consagradas responsabilidades, o mesmo erro não poderia ser repetido: “We ran out on that responsibility in 1920. We can’t do it this time, and we are not going to.”<sup>133</sup> Na década de 1950, Truman levaria a nação a atender essas responsabilidades até as últimas consequências. Na verdade, ele já estava, pois, quando essas falas foram proferidas, já havia alguns meses que os Estados Unidos se encontravam em guerra.

No dia 25 de junho de 1950, enquanto Truman visitava Independence, para a qual retornaria meses depois, a linha que separava livres e escravizados havia sido rompida. Tropas norte-coreanas ultrapassaram o paralelo 38 que dividia a península coreana em dois países de mesma herança cultural, mas de distintos projetos políticos. Em poucos dias, a capital do Sul, Seoul cairia na mão das tropas invasoras, que rapidamente adentraram no território vizinho. Os Estados Unidos estavam despreparados para esse ataque. No Perímetro de Defesa Asiático delineado pelo Secretário de Estado Dean Acheson, que definia a região da Ásia que os Estados Unidos estavam preparados para defender, a Coreia não estava inclusa e membros do governo chegavam a assegurar que um ataque do Norte não era uma possibilidade a ser temida no exato mês que ela veio a ocorrer.<sup>134</sup> Isso não impediu, contudo, uma rápida resposta do país junto às Nações Unidas. No mesmo dia do início das hostilidades, o Conselho de Segurança votou em unanimidade pela condenação às ações da Coreia do Norte, graças à ausência da União Soviética, que não vetou a resolução por estar boicotando o conselho em protesto à não inclusão da China entre seus membros.<sup>135</sup>

No dia seguinte, Truman ordenou a força aérea e a marinha em ação na Coreia. Em menos de 24 horas, o país, ou mais precisamente a Casa Branca, decidiu usar força militar contra a invasão. Notícias das ordens foram inicialmente mantidas em segredo do público. Somente no

---

<sup>132</sup> WOOD, Gordon., 1991, p.332

<sup>133</sup> “Fugimos dessa responsabilidade em 1920. Desta vez, não podemos fazê-lo, e não vamos.” Remarks in Independence at the Liberty Bell Luncheon (1950)

<sup>134</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.298

<sup>135</sup> FONER, Eric. **Give me Liberty! An American history Volume 2**. op. cit., 2016, p.914

dia 27 de junho os líderes do Congresso foram convocados a uma reunião para serem informados da decisão e nenhuma objeção à conduta da administração foi levantada na ocasião.<sup>136</sup> Entretanto, nos dias que sucederam, algumas vozes contrárias puderam ser ouvidas. O senador republicano de tendências isolacionistas Robert A. Taft condenou a abordagem de Truman, questionando a constitucionalidade de suas ações, uma vez que a Constituição delegava ao Congresso os poderes para declarar estado de guerra. Mas suas palavras encontraram apenas ouvidos surdos; no fervor nacionalista surgido do acontecimento, a maioria de seus colegas de partido aclamaram Truman,<sup>137</sup> incluindo seu adversário nas eleições passadas Thomas Dewey.<sup>138</sup>

Não houve desafio sério ao princípio de que guerra poderia ser feita legitimamente pelo presidente sem o consentimento formal dos representantes eleitos do povo. A administração Truman acreditava que, enquanto no debate, a população ficaria dividida e daria respostas inconclusivas, sua resposta a eventos seria imediata e decidida.<sup>139</sup> Dado estar em acordo com os princípios ideológicos da Guerra Fria, a decisão de intervir na guerra seria, então, um acontecimento autolegitimado, tornando qualquer real debate público desnecessário. Em consequência, os imperativos ideológicos de manter o poder dos Estados Unidos gradativamente superavam as práticas e os princípios democráticos: “O desempenho do governo no novo papel de potência mundial deveria ser julgado por seus objetivos, e não por seus métodos, pelos resultados alcançados e não por sua adesão a formas e valores democráticos no processo.”<sup>140</sup> E a medida do bom resultado seria militar: como uma dada política afetou a balança de poder entre os Estados Unidos e a União Soviética? No seu discurso de Estado de União de 1952, Truman praticamente colocaria esse princípio em palavras ao afirmar: “The United States and the whole free world are passing through a period of grave danger. Every action you take here in Congress, and every action that I take as President, must be measured against the test of whether it helps to meet that danger.”<sup>141</sup> Esse zelo em favor do imperativo de poder em detrimento de valores democráticos por um país que reivindica defender esses mesmos valores nos obriga a colocar em questão essa reivindicação. Vendo a invasão norte-coreana como um teste claro à política de contenção,

---

<sup>136</sup> SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.354.

<sup>137</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.301

<sup>138</sup> Ver troca de cartas entre os dois em <https://bit.ly/2JoihWL>

<sup>139</sup> SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.354-355.

<sup>140</sup> “The government’s performance in the new role of world power was to be judged by its objectives rather than by its methods, by the results in achieved rather than by its adherence to democratic forms and values in the process.” Ibid., 1992, p.355.

<sup>141</sup> “Os Estados Unidos e todo o mundo livre estão passando por um período de grave perigo. Todas as ações que vocês tomam aqui no Congresso, e todas as ações que tomo como Presidente, devem ser avaliadas com base no teste de se elas ajudam a enfrentar esse perigo.” Annual Message to the Congress on the State of the Union (1952)

questionamentos por consistência entre ideais reivindicados e ações praticadas não eram, contudo, prioridade ao governo dos Estados Unidos.

Mas se a decisão de ir à guerra foi fácil, travá-la se mostrou muito mais complexo. Pela primeira vez na história, soldados lutaram sobre o estandarte de uma organização internacional. Porém, para a maioria dos norte-americanos, aquela parecia ser uma guerra sua, dado que os Estados Unidos providenciaram 33% das tropas das Nações Unidas, enquanto todos os outros países, salvo a Coreia do Sul, menos de 6%.<sup>142</sup> Uma força internacional nunca antes vista que, formada para uma rápida resposta, estava inadequadamente treinada e equipada para enfrentar o inimigo. Em setembro, as forças das Nações Unidas acabaram se vendo confinadas no extremo mais ao sudeste da península. Relatos dos eventos na imprensa produziram respostas exasperadas e impacientes entre público.<sup>143</sup> Quando Truman enviou tropas terrestres para a Coreia, 78% dos norte-americanos aprovaram sua decisão, enquanto apenas 15% a desaprovaram, mas, como resultado dos fracassos militares iniciais, o apoio popular começou a mostrar sinais de queda. Em agosto, um número ainda substancial, porém menor de pessoas, concordavam com a decisão de ir à guerra, 65% a aprovavam e 20% a desaprovavam.<sup>144</sup>

Já tendo há meses afirmado que a ação norte-coreana era uma violação direta ao “efforts of the free nations to build the kind of world in which men can live in freedom and peace” e de que o que estava em jogo era nada menos que “our own national security and the peace of the world”,<sup>145</sup> Truman não deixou de continuamente reafirmar o compromisso nacional na península, principalmente diante das recentes dificuldades militares. Em setembro, ele usou de poderosos termos do vocabulário da mitologia nacional para endereçar as angústias populares em torno da guerra. Sobre os soldados na Coreia ele afirmou:

“These men of ours are engaged once more in the age-old struggle for human liberty. Our men, and the men of other free nations, are defending with their lives the cause of freedom in the world. They are fighting for the proposition that peace shall be the law of this earth. We must and shall support them with every ounce of our strength and with all our hearts. We shall put aside all else for this supreme duty. No cause has even been more just or more important.”

Um confronto armado originado de uma contingência se torna parte de um processo histórico mais amplo. A Guerra na Coreia é subsumida dentro desse processo: “a antiga luta da liberdade humana”. Tornada metaforicamente equivalente ao passado, ela não é um acontecimento único,

---

<sup>142</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.299

<sup>143</sup> Ibid., 2001, p.301

<sup>144</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2LJ0cow>

<sup>145</sup> “esforços das nações livres para construir o tipo de mundo em que os homens possam viver em liberdade e paz. ” “nossa própria segurança nacional e a paz do mundo.” Radio and Television Address to the American People on the Situation in Korea (1950a)



mas representativo de um princípio universal. É parte do simbolismo dos mitos ler no particular o universal. Essa operação retórica não apenas infunde legitimidade à participação norte-americana na guerra, ela conclama ao engajamento, se não físico, moral dos seus ouvintes: “We cannot hope to maintain our own freedom if freedom elsewhere is wiped out. That is why the American people are united in support of our part in this task.” Os interpelando pelo nome ele pressiona os norte-americanos a esse engajamento. Mas Truman também adiciona novas metáforas para elevar a autoridade moral da guerra: “If the history of the 1930’s teaches us anything, it is that appeasement of dictators is the sure road to world war. If aggression were allowed to succeed in Korea, it would be an open invitation to new acts of aggression elsewhere.”<sup>146</sup> Ele equipara, assim, uma possível derrota no conflito coreano com à recente guerra mundial. A derrota significaria abrir caminho a novos conflitos, que poderiam repetir os horrores daquela guerra, o que implica não apenas a imoralidade de aceitar a vitória do inimigo, como também do não engajamento no conflito. A justeza da guerra é, portanto, autoevidente e inegável; a recusa dessa é, por outro lado, convite para terríveis consequências.

Entretanto, palavras não bastariam para acalantar a população se elas não viessem acompanhadas de ações, e elas não tardariam. No mesmo mês desse pronunciamento, as forças das Nações Unidas lançaram uma contraofensiva que reverteu a sorte da coalização internacional na guerra. Desembarcando em Inchon, atrás das linhas norte-coreanas, as forças da coalização conseguiram obrigar as tropas invasoras a recuar e as forças de MacArthur (general norte-americano responsável pelo comando da coalisão) em pouco tempo ocuparam a porção sul da península.<sup>147</sup> A vitória foi tão completa que pareceu redimir as derrotas e erros iniciais e impulsionou, na medida em que as tropas invasoras eram facilmente repelidas, a decisão de Truman pela unificação da península sob o governo do Sul. Entretanto, essas intenções seriam rapidamente frustradas pela intervenção direta de outra força militar.

Ao se aproximarem da fronteira norte-coreana com a Manchúria, o exército da coalização foi repellido por um maciço ataque de tropas chinesas. A partir de canais diplomáticos, os

---

<sup>146</sup> “Esses homens estão engajados mais uma vez na luta secular pela liberdade humana. Nossos homens, e os homens de outras nações livres, estão desafiando com suas vidas a causa da liberdade no mundo. Eles estão lutando pela proposição de que a paz será a lei desta terra. Devemos e iremos apoiá-los com toda a força e com os nossos corações. Devemos deixar tudo de lado para cumprir esse dever supremo. Nenhuma causa tem sido mais justa ou mais importante.” “Não podemos esperar manter nossa própria liberdade se a liberdade em outros lugares for exterminada. É por isso que o povo norte-americano está unido em apoio ao cumprimento de nossa parte nessa tarefa.” “Se a história da década de 1930 nos ensina alguma coisa, é que o apaziguamento dos ditadores é o caminho certo para a guerra mundial. Se se permitir que agressão tenha sucesso na Coréia, isso seria um convite aberto a novos atos de agressão em outros lugares.” Radio and Television Report to the American People on the Situation in Korea (1950b)

<sup>147</sup> FONER, Eric. **Give me Liberty! An American history Volume 2.** op. cit., 2016, p.914.

chineses haviam alertado Washington que eles interviriam militarmente se as forças das Nações Unidas ultrapassassem o paralelo divisório da Coreia. O Departamento de Estado dos Estados Unidos tomou o alerta chinês como um blefe e o presidente não questionou esse julgamento. Como eles, MacArthur também não via a possibilidade de uma intervenção de Beijing. Ambos presidente e general estavam confiantes que até novembro a guerra acabaria.<sup>148</sup> Longe disso, novembro iniciaria uma fase sangrenta do conflito com a entrada de quase meio milhão de soldados chineses. A guerra estava tudo menos longe de acabar e a sua nova fase abriria um novo confronto, não apenas entre países, mas também entre esse mesmo presidente e general.

MacArthur nunca aceitou completamente o princípio do controle civil sobre as Forças Armadas.<sup>149</sup> A recusa de Truman de autorizar um novo ataque contra o Norte e possivelmente contra território chinês, não apenas convencional, mas também nuclear, uma operação altamente apoiada nos Estados Unidos, não ajudou a mudar essa posição, o levando a publicamente criticar as decisões de Washington. Nada foi feito para silenciar essas críticas, nem mesmo quando o general tentou deliberadamente sabotar negociações por uma trégua, ou quando ele ameaçou iniciar ações militares que iriam de encontro as decisões de seus superiores. Foi necessário mais um último episódio de desafio para Truman agir. Em 11 de abril de 1951, o líder republicano da Casa dos Representantes leu em frente a seus colegas uma crítica carta de MacArthur sobre Truman. No mesmo dia, o presidente demitiria o general.<sup>150</sup> MacArthur usufruía de grande popularidade, o que se refletiu em milhares de cartas na correspondência da Casa Branca contra a demissão. MacArthur retornou com louvores aos Estados Unidos, tendo sido convidado a discursar no Capitólio pela oposição, ocasião na qual ele condenou as políticas de Truman e afirmou que o comando militar estava ao seu lado.<sup>151</sup>

A adulação chegaria ao fim quando viria a público que o Pentágono estava ao lado do presidente. A condenação do general não liberaria, contudo, a do presidente, pois, se ele havia vencido a batalha moral contra MacArthur, a sangrenta guerra na Ásia continuava. E agora sob uma um tanto desmoralizada liderança dos Estados Unidos, recém-saídos de um embaraçoso enfrentamento entre um dos mais prestigiados generais e seu presidente. Um impacto negativo na percepção popular da guerra era inevitável. Em janeiro de 1951, uma maioria de 49% acreditava que a guerra havia sido um erro, enquanto 38% uma decisão acertada.<sup>152</sup> Diante disso,

---

<sup>148</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.302-303

<sup>149</sup> FONER, Eric. **Give me Liberty! An American history Volume 2**. op. cit., 2016, 915.

<sup>150</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.305-306.

<sup>151</sup> Ibid., 2001, p.306.

<sup>152</sup> Ver <https://bit.ly/2LJ0cow>

Truman continuou travando uma difícil batalha com suas palavras em casa, enquanto os soldados da coalizção enfrentavam outra na Coréia. É a primeira batalha que nos interessa, mais especificamente a forma como ele empregou e transformou padrões simbólicos estabelecidos.

Em seu anúncio da demissão de MacArthur, Truman buscou defender não apenas a decisão pelo afastamento do general, mas também endereçar a crescente dúvida em torno da participação do país no conflito. Para tal, ele afirmou a necessidade da limitação da guerra, visto o objetivo central em travá-la ser impedir um conflito mais amplo: “So far, we have prevented world war III. So far, by fighting a limited war in Korea, we have prevented aggression from succeeding, and bringing on a general war.” Escalar o escopo do conflito, seja por meios convencionais, ou nucleares, como desejava MacArthur, ia contra o princípio-guia dos Estados Unidos na Coréia. É nesse mesmo sentido que Truman argumenta ao se valer do exemplo recente da Segunda Guerra Mundial: “The best time to meet the threat is in the beginning. [...] If they had followed the right policies in the 1930’s – if the free countries had acted together to crush the aggression of the dictators, and if they had acted in the beginning when the aggression was small – there probably would have been no World War II.”<sup>153</sup> Ao defender a presença dos Estados Unidos na Coréia como uma ação preventiva a uma nova guerra mundial, ele buscou regular a disposição afetiva e moral da população. Escalar a guerra como queria MacArthur ou cessar de a apoiar eram convites para um conflito ainda maior. Uma ação desmedida deveria ser rechaçada, mas uma ação, ainda assim, era necessária.

Foi justamente a inação dos países livres frente às ações de governos autoritários no passado que fez eclodir a maior guerra da história humana. Um alerta que Truman repetiu inúmeras vezes, tanto contra a inação da década de 1930, quanto o retorno ao isolacionismo pós-Primeira Guerra Mundial. É nesse preciso momento que a história passa a funcionar como mito. O novo contexto em que Truman reconta esses acontecimentos adiciona significado a ele, criando uma conexão metafórica entre o passado narrado e o presente. Ele simplifica o acontecimento, o convertendo em um “ícone” que pode ser evocado como precedente para uma ação futura. Na sua mitologização, ele adquire assim uma função simbólica e mobilizadora. Se convencionalmente o mito produz modelos de ação heroica, como a Revolução Americana e a Guerra Civil, a inação aos problemas mundiais no passado é convertido em um contraexemplo

---

<sup>153</sup> “Até agora, impedimos a Terceira Guerra Mundial. Até agora, ao travar uma guerra limitada na Coréia, impedimos que a agressão fosse bem-sucedida e se provocasse uma guerra geral.” “A melhor hora para enfrentar a ameaça é no começo. [...] Se eles tivessem seguido as políticas corretas na década de 1930 – se os países livres tivessem agido juntos para esmagar a agressão dos ditadores, e se tivessem agido no começo quando a agressão era pequena – provavelmente não teria havido Segunda Guerra Mundial.” Radio Report to the American People on Korea and on U.S. Policy in the Far East (1951)

de ação anti-heroica. Uma ação cometida egoisticamente pelos Estados Unidos no passado visando seu próprio bem, que teve contrariamente um resultado negativo para todos, norte-americanos inclusos. Ele é, por conseguinte, um revés ou desvio no seu processo histórico, que deve ser evitado. Essa forma anti-heroica que estrutura a narrativa dessa experiência passada é usada, então, para demandar uma ação heroicamente engajada no presente.<sup>154</sup>

A criação de modos simbólicos novos para narrar o passado como resposta aos problemas na Coreia não impediria o continuo uso de modos mais convencionados, ainda que, é claro, incutidos com os correspondentes preceitos ideológicos do presente. Uma das apropriações mais emblemáticas da mitologia nacional por Truman foi seu discurso no aniversário da Independência dos Estados Unidos em 1951. Na ocasião ele não deixou de fazer considerações sobre a situação na Coreia, o que é simbolicamente significativo por si só, visto serem feitas na data de maior relevância no calendário litúrgico civil dos Estados Unidos. O conteúdo estruturador de sua narrativa poderia ser resumido por suas palavras: “Freedom must be fought for today, just as our fathers had to fight for freedom when the Nation was born.”<sup>155</sup> Aqui, Truman demonstra um elemento característico do mito, qual seja a conexão entre um feito heroico no passado a outro no futuro em que seu público é o potencial herói. Sua invocação da Guerra de Independência e outros conflitos do passado nacional como modelos é sua forma de mitologicamente responder à pergunta do porquê os Estados Unidos deveriam estar presentes na Coreia. Não há necessidade por uma conexão lógica entre esse passado idealizado e essa ação no presente; no mito, basta apenas a força da tradição e dos hábitos de sentimento e pensamento para o sucesso desse empreendimento retórico.<sup>156</sup>

Consequentemente, os ideais fundantes dos Estados Unidos não ficaram restritas ao seu período fundacional: “Since 1776 they have spread around the world.” França em 1789, América Latina ao longo do século XIX e agora no século XX na Ásia e no Oriente Médio elas produziram novos governos e novas nações livres. Mas não apenas nações e governos:

---

<sup>154</sup> Conjuntamente com Pearl Harbor e Hiroshima, “Munich” se tornou uma espécie de palavra código dentro do discurso público dos Estados Unidos como uma das lições quase universalmente aceitas da Segunda Guerra Mundial. No caso, a lição é nunca apaziguar agressores e sempre permanecer militarmente preparados. FOUSEK, John. **To Lead the Free World**. op. cit., 2000, p.9. É essa lição que está por trás da narrativa anti-heroica de Truman. O acordo entre as potências europeias e a Alemanha Nazista para manter a paz continental em troca de concessões ao projeto expansionista de Hitler assinado em Munique em 1938 se tornou, com a eclosão da guerra, alvo de intensa crítica. Em um discurso em dezembro de 1950, Truman expressou essa lição pelo nome ao falar da guerra na Coreia: “But we will not engage in appeasement. The world learned from Munich that security cannot be bought by appeasement.” Radio and Television Report to the American People on the National Emergency (1950).

<sup>155</sup> “A liberdade deve ser combatida por hoje, assim como nossos pais tiveram que lutar pela liberdade quando a Nação nasceu.” Address at the Ceremonies Commemorating the 175th Anniversary of the Declaration of Independence (1951)

<sup>156</sup> SLOTKIN, Richard. **The Fatal Environment**. op. cit., 1998, p.19.

“There is another way in which our situation today is much like that of the Americans in 1776. Now, once more, we are engaged in launching a new idea – one that has been talked about for centuries, but never successfully put into effect. In those earlier days we were launching a new kind of national government. This time we are creating a new kind of international organization. We have joined in setting up the United Nations to prevent war and to safeguard peace and freedom. We believe in the United Nations. We believe it is based on the right ideas, as our own country is. ”

Colocada em comparação ao excepcional nascimento do Estados Unidos, as Nações Unidas se tornam dotadas de uma inegável razão moral em sua existência. E, tal como a república fundada em 1776, a organização internacional enfrentava severa oposição de forças reacionárias. Enquanto em 1776 ela vinha do monarca britânico, agora ela era proveniente do comunismo: “the idea of an international organization to keep the peace is being attacked and undermined and fought by reactionary forces everywhere – and particularly by the forces of Soviet communism.”<sup>157</sup> Truman equivale o comunismo a uma força reacionária do passado e investe a presente luta dos Estados Unidos com clamores revolucionários tradicionais, como continuidade lógica das lutas e desafios de 1776.

Essa autoimagem revolucionária é historicamente relevante nos Estados Unidos e não deixou de aparecer no contexto de confronto com o comunismo, ainda que não sem certas dificuldades, até então inexistentes. Os conselheiros de seu sucessor, o general Dwight D. Eisenhower, debaterem o uso ou não da palavra “revolução” no texto do discurso de sua posse. Enxergando e respondendo ao mundo pela ótica da ideologia da Guerra Fria, muitas das revoluções no Terceiro Mundo lhes apareciam como hostis aos interesses dos Estados Unidos. Mas se opor a todas essas revoluções seria negar legitimidade às aspirações políticas que manifestavam e confirmar a alegação soviética de que comunismo e nacionalismo anticolonial eram um só. A despeito disso, o debate acabaria com a remoção da palavra.<sup>158</sup> Algo que poderia parecer trivial era, na verdade, extremamente significativo, pois atesta um sentimento de deslocamento na disputa ideológica contra a União Soviética. Seu recente modelo político gerava muito mais expectativa que o norte-americano, cuja expectativa estava desgastada em sua experiência centenária.

---

<sup>157</sup> “Desde 1776, eles se espalham pelo mundo. ” “Há outra maneira pela qual nossa situação hoje é muito parecida com a dos norte-americanos em 1776. Agora, mais uma vez, estamos empenhados em lançar uma nova ideia – uma que foi discutida há séculos, mas que nunca foi bem-sucedida. Naquela época, estávamos lançando um novo tipo de governo nacional. Desta vez, estamos criando um novo tipo de organização internacional. Nos juntamos a criação das Nações Unidas para impedir a guerra e salvaguardar a paz e a liberdade. Nós acreditamos nas Nações Unidas. Acreditamos que é baseado nas ideias corretas, como é o nosso próprio país. ”Address at the Ceremonies Commemorating the 175th Anniversary of the Declaration of Independence (1951)

<sup>158</sup> SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.408-409.

Naquele momento, o discurso de Truman não sofria destes constrangimentos. Assim, como não se continha em equiparar a Guerra da Coreia à alguns dos eventos militares mais celebrados na história dos Estados Unidos:

“I report it with sorrow, but with boundless pride in what they have done – for the men who have fallen in the service of the United States during the past year have died for the same cause as those who fell at Bunker Hill and Gettysburg, in the Argonne forest and on the Normandy beaches. They died in order that ‘government of the people, by the people, for the people, shall not perish from the earth.’ ”

Como no caso das Nações Unidas e da Revolução Americana, a equivalência da guerra na Coreia a esses acontecimentos os reduz a meros instantes de um princípio atemporal, que os transcende em suas contingências. A Guerra da Coreia se torna mais do que apenas mais uma guerra, ela se torna o cumprimento de uma continuada cadeia de eventos, na qual os Estados Unidos são excepcionais e detentores de uma missão especial e única. É aqui que também vemos o triunfalismo dessa narrativa, sua antevisão da justa e continuada vitória marcial dos Estados Unidos. Pois, se a participação no conflito é uma necessidade, também será a sua vitória: “Freedom can overcome tyranny in the 20th century as surely as it overcame the tyrants of the 18th century.”<sup>159</sup> Todo o significado de sua história como nação, seja no passado, presente ou futuro é compreendida dentro desse confronto contra uma forma de tirania transcendente. Nada demonstra isso melhor que a forma como Truman encerra seu pronunciamento.

É à autoridade moral do Sino da Liberdade que ele recorre, mais especificamente ao verso bíblico inscrito nele, Levítico 25:10: “Proclamai a liberdade em toda a terra e a todos os seus habitantes”.

“We should write these words again today. We should write them in everything we do in this country – ‘well-shaped in large letters’ – by every deed and act, so that the whole world can read them. We have written them in the deeds of our soldiers in Korea – for the men of Asia and all the world to see. Let us write them in all that we do, at home and abroad, to the end that men everywhere may read them and take hope and courage for the victory of freedom.”<sup>160</sup>

---

<sup>159</sup> “Eu o relato com tristeza, mas com orgulho ilimitado pelo que fizeram – pois os homens que caíram a serviço dos Estados Unidos durante o ano passado morreram pela mesma causa que os que caíram em Bunker Hill e Gettysburg, na floresta de Argonne e nas praias da Normandia. Eles morreram para que ‘o governo do povo, pelo povo, para o povo, não pereça da terra.’ ” “A liberdade pode superar a tirania no século XX, tanto quanto ela venceu os tiranos do século XVIII.” Address at the Ceremonies Commemorating the 175th Anniversary of the Declaration of Independence (1951)

<sup>160</sup> “Devemos escrever essas palavras novamente hoje. Devemos escrevê-las em tudo o que fazemos neste país – ‘bem-escritas em letras grandes’ – através de todos os feitos e atos, para que o mundo inteiro possa lê-las. Nós as escrevemos nas obras de nossos soldados na Coreia – para os homens da Ásia e de todo o mundo verem. Vamos escrevê-las em tudo o que fazemos, em casa e no exterior, para que homens em todos os lugares possam lê-las e ter esperança e coragem pela vitória da liberdade.” Address at the Ceremonies Commemorating the 175th Anniversary of the Declaration of Independence (1951)

Extraindo do Sino um modelo de ação messiânica e heroica, ele deposita sobre os ombros da população o peso de toda a tradição nacional. Situado o conflito coreano no mesmo *continuum* histórico que é iniciado com a Revolução Americana, ele se torna uma missão a ser cumprida, um imperativo nacionalista não recusável, um destino que não é escolhido pelos norte-americanos, mas que a eles se manifesta. Infelizmente para Truman, a dissonância entre essa narrativa e a realidade da guerra foi forte o suficiente para manter até o fim de sua presidência uma maior parcela do público acreditando que ela havia sido um erro.

Entre a heroica Segunda Guerra Mundial e a trágica Guerra do Vietnã, a Guerra da Coreia tem sido marcada por um certo esquecimento nos Estados Unidos. Todavia, ela é um dos acontecimentos mais fundamentais da sua história recente. Podemos falar de como ela transformou o poder único do Congresso em declarar guerra em uma quase relíquia e como ela quebrou a resistência de Truman a um amplo aumento dos gastos militares.<sup>161</sup> E, de fato, essas são consequências importantes, mas há uma consequência que é um tanto obscurecida. Enquanto foi necessário o Ataque à Pearl Harbor para mudar a visão do público nos Estados Unidos sobre sua entrada na Segunda Guerra Mundial, não foi necessário nenhum ataque norte-coreano em solo estadunidense ou contra seus soldados para provocar uma resposta militar da Casa Branca e o imediato engajamento da população no conflito. Essa é uma mudança fundamental e revela a medida em que o país passou a enxergar em conflitos externos responsabilidades nacionais suas, algo que reverbera até os nossos dias. O enquadramento imaginativo feito por Truman da Guerra Fria e do conflito coreano foi exitoso em criar essa ligação entre os destinos do mundo e dos Estados Unidos e de uma consequente e necessária missão e responsabilidade nacionais de intervir nele. Um conflito que um olhar imediato poderia considerar absolutamente estrangeiro aos Estados Unidos é direcionado por esse enquadramento a vê-lo como parte necessária das responsabilidades do país. Como vimos, isso não ocorreu sem dificuldades, impostas pelos próprios acontecimentos da guerra.

O êxito em fazer o grande público apreender a Guerra da Coreia não como a guerra civil que de fato era, mas como um conflito entre liberdade norte-americana e tirania comunista, como parte, portanto, de suas responsabilidades não se repetiu em tentar infundi-la com peso emocional apesar de seus contratemplos. O prestígio da nação e do presidente certamente foram vinculados a ela, porém vitória ou derrota na Coreia não parecia trazer nenhum imediato benefício, ou nenhuma imediata e severa ameaça à integridade dos Estados Unidos. O que tornava difícil manter a disposição popular no conflito se ele se mostrasse um pesado fardo e fazia erodir

---

<sup>161</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.309

o prestígio do país. De certo modo, podemos ver esse mesmo fenômeno na relutância que alguns mostraram em lutar na Europa durante a Segunda Guerra Mundial mesmo após Pearl Harbor. Na perspectiva norte-americana, o Pacífico era o *locus* emocional de sua nação em guerra.<sup>162</sup>

Mesmo uma guerra desgastante e sangrenta pode ganhar amplo apoio se grande sentimento é nela investido, mas o peso emocional da Guerra da Coreia não era o mesmo para norte-americanos e coreanos, do Norte e do Sul. A apreensão da guerra como parte do destino nacional e a crença na triunfal inevitabilidade de sua vitória total são abaladas com a dissonância cognitiva causada por suas inesperadas turbulências. Esse é, podemos dizer, um dos dilemas incontornáveis de um destino manifesto global, posto que esse pressupõe a necessidade por engajamento emocional do povo dos Estados Unidos em conflitos que, em um primeiro plano, não lhe dizem respeito. É, pois, assim que os Estados Unidos podem tão facilmente “apagar” (ou, mais precisamente, minimizar) de sua experiência histórica uma guerra que os coreanos dificilmente podem esquecer. Ao longo da Guerra Fria, e mesmo hoje, criar esse engajamento da nação em guerras e crises em países distantes e desconhecidos ao grande público é uma tarefa complexa para os presidentes norte-americanos. Truman falhou precisamente nesse objetivo quando a guerra se mostrou um fardo quase intolerável. Disso resulta a queda da aprovação de ambos o presidente e a guerra. A justiça da participação estadunidense no conflito coreano e a ideologia da Guerra Fria acabariam salvas, mas não por Truman, e sim por seu sucessor, Eisenhower e o reinício das conversas por uma trégua, que coincidiram com a posse desse como presidente. A popularidade e o prestígio do general vitorioso nas eleições de 1952 protegeram a ideologia da Guerra Fria do que poderia ter sido seu desmoronamento.

Nesse sentido, a presidência de Truman tem enorme importância na transformação do nacionalismo dos Estados Unidos. Truman ofereceu uma linguagem que seria internalizada na construção de sua identidade nacional e de sua compreensão de um mundo desenhado como se inteiramente dividido entre dois sistemas antagônicos. Se ele falhou politicamente em eleger um sucessor de seu partido, ou de provar que suas ações foram acertadas, ele teve “êxito” por seu sucessor ter prescrito e solidificado os pressupostos fundamentais da ideologia que ele ajudou a criar. Impopular como possa ter sido em seus últimos dias, foi Truman a principal figura em tornar um destino manifesto global, uma permanente responsabilidade messiânica no mundo, parte constitutiva da autoimagem nacional dos Estados Unidos. E também foi ele que colocou em seu horizonte de expectativas o que viria a se tornar o grande sentido de sua existência na Guerra Fria. Nas suas próprias palavras em seu Discurso de Despedida: “This is our

---

<sup>162</sup> GRANT, Susan-Mary. **História Concisa dos Estados Unidos da América**, op. cit., 2014, p.377.



dream of the future – our picture of the world we hope to have when the Communist threat is overcome.”<sup>163</sup> Como sabemos, a União Soviética chegaria ao fim, ainda que de forma a também provocar dissonância cognitiva nos Estados Unidos, mas esse é tema de nosso último capítulo.

### 2.2.2. “*Em Deus Confiamos*” e os dilemas do triunfalismo frustrado

Ambos democratas e republicanos queriam Eisenhower como seu candidato em 1952. Particularmente, o general não tinha intenções de concorrer, mas acabou sendo convencido pelo seu temor de que o senador de tendências isolacionistas Robert Taft vencesse a nomeação republicana.<sup>164</sup> Vencedor nas primárias do partido, ele não teve dificuldades em vencer o democrata Adlai Stevenson, demasiadamente vinculado ao impopular Truman. A Coréia e casos de corrupção pesavam sobre o presidente, que viu sua popularidade minguar no fim de seu mandato. Por outro lado, a popularidade que faltava a Truman, Eisenhower possuía em abundância. Supremo Comandante das forças aliadas na Europa durante a Segunda Guerra Mundial, o general usufruía de amplo prestígio. Esse prestígio e sua promessa de ir à Coréia e dar um fim honrável ao impopular conflito pesou muito em sua vitória. Em julho de 1953, um armistício foi assinado, colocando fim as hostilidades, mas sem estabelecer a paz. Os Estados Unidos foram forçados a aceitar a divisão da península, que eles, ultrapassando os limites do mandato das Nações Unidas, buscaram unificar, mas a guerra havia terminado sem vitória comunista e para muitos norte-americanos isso bastava.

Em janeiro de 1953, pouco após a eleição do novo presidente, metade da opinião pública afirmava que a guerra não havia sido um erro, 36% afirmavam o contrário.<sup>165</sup> O armistício e sua vinculação a Eisenhower alteraram o humor popular. A política da Guerra Fria estava segura nas mãos do novo presidente. A intensidade do confronto eleitoral terminaria com um estranhamento entre Truman e Eisenhower, mas o general, agora presidente, não rompeu com a imagem futura que Truman visionou em seu Discurso de Despedida. Longe disso, suas críticas ao presidente incumbente eram direcionadas ao que ele via como falhas suas que dificultavam torná-la realidade. Eisenhower não iria abandonar o compromisso com a causa nacional concebida durante a presidência de Truman, ele iria intensificá-la. Assim, o primeiro grande teste do novo compromisso nacional foi concluído com uma vitória apenas parcial na perspectiva dos

---

<sup>163</sup> “Este é o nosso sonho para o futuro – nossa imagem do mundo que esperamos atingir quando a ameaça comunista for superada.” The President’s Farewell Address (1953)

<sup>164</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.

<sup>165</sup> Ver <https://bit.ly/2LJ0cow>

Estados Unidos, porém a crença em um destino manifesto como uma atuação internacional sem limites claros permaneceu viva e segura nas mãos do novo presidente.

Em seu Discurso de Pose, Eisenhower indicou isso ao continuar a apresentar o mundo dividido entre duas forças opostas absolutizados em seus conflitantes caracteres: “Freedom is pitted against slavery; lightness against the dark. ” Diante disso, ele reafirma a causa nacional: “To produce this unity, to meet the challenge of our time, destiny has laid upon our country the responsibility of the free world’s leadership. ”<sup>166</sup> Eisenhower fala como se falasse em nome de um poder maior, acima dele e de todos, cujos ditames, porém, ele é capaz de anunciar. Banal como possa parecer para alguns, não é para uma sociedade em que “destino” e “providência” são tropos que historicamente informam seu nacionalismo. Os Estados Unidos exerciam, assim, uma função messiânica em seu enfrentamento de conotações épicas para proteger o mundo da escuridão, uma responsabilidade que desconhecia fronteiras. Há uma clara conformidade com a narrativa desenvolvida durante a presidência de Truman. A vitória de Eisenhower não apenas a salvou, mas solidificou seu consenso, na medida em que ela foi herdada por um presidente de outro partido. E essa autoimagem messiânica não foi a única característica herdada que o novo mandatário consolidou.

Particularmente marcante foram os termos em que ele colocou a defesa do continente europeu: “Only as free Europe unitedly marshals its strength can it effectively safeguard, even with our help, its spiritual and cultural heritage.”<sup>167</sup> A defesa da Europa não era dada apenas pela defesa de seu sistema político, mas também de sua espiritualidade, em termos mais claros, seu cristianismo. Uma colocação que retrata uma transformação cultural mais ampla. Foi justamente nesse período de medo e ansiedade por esse épico confronto de implicações apocalípticas materializadas na bomba atômica que ocorreu um grande influxo de norte-americanos para os braços da fé. A maior porcentagem de afiliações a igrejas e sinagogas da história dos Estados Unidos.<sup>168</sup> Desde a década de 1930, em resposta ao crescente pluralismo do país, líderes religiosos começaram a falar da existência de uma tradição judaico-cristã.<sup>169</sup> Essa tradição recém criada buscou pacificar as tensões entre as diferentes ramificações cristãs e entre essas e o ju-

---

<sup>166</sup> “A liberdade é colocada para lutar contra a escravidão; luz contra a escuridão. ” “Para produzir essa unidade, para enfrentar o desafio de nosso tempo, o destino impôs ao nosso país a responsabilidade da liderança do mundo livre. ” Inaugural Address (1953)

<sup>167</sup> “Somente como livre e marchando unidas suas forças é possível a Europa salvaguardar efetivamente, mesmo com a nossa ajuda, sua herança espiritual e cultural. ” Inaugural Address (1953)

<sup>168</sup> FONER, Eric. **Give me Liberty! An American history Volume 2.** op. cit., 2016, p.953

<sup>169</sup> BALMER, R. **Religion in Twentieth Century America.** Oxford: Oxford University Press, 2001, p.44.

daísmo, uma unidade que se construiu não apenas em uma história comum, mas, com a emergência do comunismo como grande inimigo, em uma oposição a ele. Unidos nessa tradição e nessa oposição, norte-americanos de diferentes denominações passaram a ver a crença em Deus e em alguma filiação religiosa munição essencial na Guerra Fria.<sup>170</sup> Esse retorno à religião influenciou, portanto, a atitude nacional em torno de sua missão e destino no mundo; uma influência que chegou até os mais altos postos do país. Eisenhower não iria meramente espelhar esse reavivamento de fé, ele seria um de seus maiores porta-vozes e figura simbólica.<sup>171</sup>

A oposição entre os sistemas dos Estados Unidos e da União Soviética veio a adquirir cada vez uma importância religiosa. O seu confronto não se daria mais apenas entre liberdade e escravidão, mas também entre a espiritualidade do primeiro e a falta dessa no segundo. “Comunismo sem Deus” era uma expressão cada vez mais recorrente nos discursos de Truman. Ele mesmo já havia colocado a defesa da Europa contra o comunismo em termos da defesa de sua religião em conotações quase cruzadistas.<sup>172</sup> Se essa crescente inserção da fé no discurso público da Guerra Fria já existia antes de Eisenhower, ele a deslocaria da periferia para colocá-la tanto no centro de sua disputa retórica, quanto no centro da construção da nacionalidade estadunidense. Para tanto, foi notória sua quebra de precedente ao iniciar seu Discurso de Posse com uma oração. Fé havia sido uma palavra central daquele pronunciamento: o desafio do presente estado mundial exigia em suas palavras “dedication and devotion to the precepts of our founding documents, a conscious renewal of faith in our country and in the watchfulness of a Divine Providence.” Mas a fé norte-americana não era a única que ele havia caracterizado: “The enemies of this faith know no god but force, no devotion but its use.”<sup>173</sup> Consequentemente, esse era um enfrentamento não apenas entre modelos políticos, mas também entre fés distintas. Três premissas guiavam a concepção religiosa de Eisenhower na Guerra Fria: a dependência da democracia norte-americana na religião, o caráter do comunismo como uma religião e a necessidade de um balanço entre força material e espiritual.<sup>174</sup>

Um dos principais eventos nessa crescente espiritualização da Guerra Fria por parte dos Estados Unidos foram as centenas de cartas enviadas ao Serviço Postal de cidadãos exigindo que as palavras “In God We Trust” (Em Deus Confiamos) fossem estampadas em seus selos.

---

<sup>170</sup> BALMER, R. **Religion in Twentieth Century America**. op. cit., 2001, p.55.

<sup>171</sup> CHERRY, Conrad. **God's new Israel**. op. cit., 1998, p.304.

<sup>172</sup> Ver Annual Message to the Congress on the State of the Union (1951)

<sup>173</sup> “dedicação e devoção aos preceitos de nossos documentos fundadores, uma renovação consciente da fé em nosso país e na vigilância de uma providência divina.” Inaugural Address (1953)

<sup>174</sup> HERZOG, Jonathan. **The Spiritual-Industrial Complex**. Oxford and New York: Oxford University Press, 2011, p.95-96.

Em resposta, um selo com o lema em um arco acima da Estátua da Liberdade foi produzido. Cerimônias de novos selos convencionalmente tinham a presença de membros do segundo e terceiro escalão, mas Eisenhower, o Secretário de Estado John Dulles e o Cardinal Francis Spellman compareceram ao cerimonial. Na ocasião, o presidente afirmou que as qualidades do país não podiam ser mensuradas apenas por sua grandiosidade material, a altura de seus prédios, a extensão de suas estradas, ou a velocidade de seus automóveis. A esperança que o país representava existia muito antes dessas modernas invenções humanas. Para ele, acima dessas, sua grandeza tinha uma qualidade espiritual, qualidade essa que, ao seu ver, estava perfeitamente simbolizada no selo:

“The Flame of Liberty symbolizes the determination of America always to remain free, to remain a haven of the oppressed and a ready acknowledgement that all men in the attainment of human aspirations and worthy aspirations are dependent upon an Almighty. It seems to me in these two concepts we have a true description of the greatness of America.”<sup>175</sup>

Enquanto a dedicação ao novo selo ocorria, o Congresso também tomava iniciativa pela espiritualização nacional. Em debate entre os congressistas estava a alteração no Juramento à Bandeira adicionando “sob Deus” logo após “uma nação”. A resolução tinha amplo apoio popular (em levantamento de opinião, 70% dos entrevistados se posicionavam a favor<sup>176</sup>) e passou sem maiores transtornos no Legislativo, sendo assinado em lei no Dia da Bandeira em 1954 por Eisenhower. Ao assiná-la, ele deixou claro o significado da ocasião e do novo juramento: “Over the globe, mankind has been cruelly torn by violence and brutality and, by the millions, deadened in mind and soul by a materialistic philosophy of life.”<sup>177</sup> Em contraste, ao assinar a nova lei, “we are reaffirming the transcendence of religious faith in America’s heritage and future; in this way we shall constantly strengthen those spiritual weapons which forever will be our country’s most powerful resource, in peace or in war.” Proferido em todas as escolas do país, o juramento adicionava um fervor religioso à construção de coesão nacional desde a tenra idade, um fervor direcionado diretamente contra o comunismo. Algo que soa irônico com o fato de o Juramento ter originalmente sido escrito pelo socialista cristão Francis Bellamy.<sup>178</sup>

---

<sup>175</sup> “A Chama da Liberdade simboliza a determinação da América de permanecer sempre livre, de permanecer um refúgio dos oprimidos e um reconhecimento imediato de que todos os homens na realização de aspirações humanas e aspirações dignas dependem de um Todo-Poderoso. Parece-me nesses dois conceitos que temos uma descrição verdadeira da grandeza da América.” Remarks Recorded for the “Back-to-God” Program of the American Legion (1955)

<sup>176</sup> HERZOG, Jonathan. **The Spiritual-Industrial Complex**. op. cit., 2011, p.102.

<sup>177</sup> “Em todo o mundo, a humanidade foi cruelmente dilacerada pela violência e brutalidade e, aos milhões, amorteçada na mente e na alma por uma filosofia materialista da vida.” Statement by the President Upon Signing Bill To Include the Words “Under God” in the Pledge to the Flag (1954)

<sup>178</sup> HERZOG, Jonathan. **The Spiritual-Industrial Complex**. op. cit., 2011, p.102.

Contradições à parte, o Congresso deu continuidade à sacralização culminando com “Em Deus Confiamos” sendo estabelecido como lema nacional. Não codificado em lei, “E Pluribus Unum” (do latim, “De muitos um”) veio a servir como seu lema até então. Em 1956, esse lema de fé, que já circulava em suas moedas desde a Guerra Civil e recentemente no papel moeda e selos do país, se tornou oficialmente por um ato Legislativo sem vozes contrárias o lema nacional dos Estados Unidos.<sup>179</sup> Esse amplo processo de sacralização governamental da Guerra Fria revela como uma determinada transformação na sociedade pode ser canalizada pela narrativa nacional oficial. Há uma relação de reciprocidade: a dinâmica e a política da Guerra Fria influencia esse reavivamento religioso, que, por sua vez, é apropriado em favor do nacionalismo oficioso, enfatizando as suas já presentes conotações religiosas. Nesse contexto, a religiosidade acabaria por se tornar não meramente estruturadora da forma da narrativa e da identidade nacional, mas também de seu conteúdo. Em pronunciamento à Legião Americana, uma organização de veteranos dos Estados Unidos, Eisenhower deixa isso claro:

“Without God, there could be no American form of Government, nor an American way of life. Recognition of the Supreme Being is the first – the most basic – expression of Americanism. Thus the Founding Fathers saw it, and thus, with God’s help, it will continue to be.”<sup>180</sup>

Aqueles que se opõe a sacralização estão, assim, fora da nação. A democracia norte-americana tem um valor espiritual intrínseco e recusa o ateísmo, visto como parte inerente do comunismo, uma religião sem deus, que desconhece a espiritualidade, venerando a força e os bens materiais somente. Isso revela a extensão em que a identidade nacional dos Estados Unidos sentiu necessidade de se construir em oposição a seu inimigo. Uma identidade que, construindo um outro-inimigo para si e construindo a si mesma em oposição a ele, conferiu aos seus conteúdos mais positivos um caráter negativo. Como veremos, essa necessidade de oposição e a natureza singular desse inimigo e do tipo de embate com ele travado acabou por ter efeitos deletérios para essa mesma identidade.

O novo presidente não aceitou, contudo, todos os preceitos de seu antecessor. Eisenhower se mostrou particularmente crítico da premissa da política de contenção que aceitava, ainda

---

<sup>179</sup> HERZOG, Jonathan. **The Spiritual-Industrial Complex**. op. cit., 2011, p.108.

<sup>180</sup> “Sem Deus, não poderia haver forma de governo norte-americano, nem um modo de vida norte-americano. O reconhecimento do Ser Supremo é a primeira – a mais básica – expressão do americanismo. Era assim que os Pais Fundadores viam e, com a ajuda de Deus, continuará assim sendo.” Statement by the President Upon Signing Bill To Include the Words “Under God” in the Pledge to the Flag (1954)

que contrariamente, a influência soviética sobre os países do Leste Europeu.<sup>181</sup> Durante a eleição, Eisenhower afirmou que a consciência dos Estados Unidos jamais estaria em paz enquanto esses povos não fossem mestres de seu próprio destino.<sup>182</sup> Na plataforma republicana de 1952 uma nova atitude havia sido defendida:

“Tornaremos novamente a liberdade em um farol de esperança que penetrará nos lugares escuros. [...] Marcará o fim da política negativa, fútil e imoral de ‘contenção’, que abandona incontáveis seres humanos a um despotismo e terrorismo sem Deus, que por sua vez permite que os governantes forjem os cativos em uma arma para nossa destruição.”<sup>183</sup>

Além da defesa da revisão da política para o Leste Europeu, esse excerto também nos revela o outro ícone que, conjuntamente com “nações escravizadas”, passou a descrever a esfera de influência soviética. “Nações cativas”, “povos cativos”, “estados cativos”, “satélites cativos” seriam algumas das formas pelas quais os países da região passariam a ser chamados nos Estados Unidos durante a Guerra Fria. Nas palavras de Eisenhower:

“But all free nations have a continuing obligation to strengthen the recognition of the common values and interests of all peoples menaced by Communist imperialism. We must ceaselessly affirm our belief in the blessings of the hearts of free men, and must inspire their every free action and decision. For in these ideals is a rich and living unity. Free men who have it will never willingly exchange it for the stifling shroud of regimentation under which the Communist despotism hides its silent, captive peoples.”<sup>184</sup>

Essa escolha de terminologia fez mais do que apenas tachar como imoral a realidade política desses Estados, ela também fez invocar uma clássica narrativa muito presente na imaginação do país: a narrativa do cativo. Uma velha narrativa que, trazida para a realidade geopolítica do presente, buscou superar o que Eisenhower e os republicanos perceberam como uma quebra

---

<sup>181</sup> De fato, a contenção possuía uma dimensão de passividade estratégica no que se referia à já conquistada zona de influência soviética. A sua proposta era de que novos Estados não fossem incluídos na órbita soviética de influência, não sendo prevista ajuda a países já inseridos nela. Nesse sentido, a contenção reconhecia a esfera de influência soviética formal e informalmente, procurando evitar interferências nela. O mesmo era esperado da parte dos soviéticos em relação a zona de influência norte-americana. Ver nota 103 em PECEQUILO, Cristina. **A política externa dos Estados Unidos**. op. cit., 2003, p.151.

<sup>182</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.333.

<sup>183</sup> “We shall again make liberty into a beacon light of hope that will penetrate the dark places. [...] It will mark the end of the negative, futile and immoral policy of ‘containment’ which abandons countless human beings to a despotism and godless terrorism, which in turn enables the rulers to forge the captives into a weapon for our destruction.” Disponível em: <https://bit.ly/2HqDmwp>

<sup>184</sup> “Mas todas as nações livres têm uma obrigação contínua de fortalecer o reconhecimento dos valores e interesses comuns de todos os povos ameaçados pelo imperialismo comunista. Devemos afirmar incessantemente nossa crença nas bênçãos dos corações dos homens livres, e devemos inspirar todas as suas ações e decisões livres. Pois nesses ideais existe uma unidade rica e viva. Os homens livres que a possuem nunca a trocarão de bom grado pelo sufocante manto de regimento sob o qual o despotismo comunista esconde seus povos silenciados e cativos.” Address at the American Legion Convention (1954)

de compromisso com a missão nacional por parte de Truman; uma quebra que teve como consequência a imputação de um papel atípico aos Estados Unidos em sua autoimagem como uma força heroica e messiânica no mundo.

Como um gênero de narrativa pessoal modelado no afamado relato de Mary Rowlandson (1682) de sua captura por nativo-americanos, essas narrativas de cativo (históricas ou inteiramente ficcionais) estavam entre as mais populares histórias de aventura norte-americanas durante o século XVIII. Aplicando as estruturas da mitologia puritana para as experiências seculares de colonização, essas histórias tinham como figura heroica a mulher branca (ou um ministro) capturado por nativos durante uma “guerra selvagem”. O cativo passa a simbolizar os valores da cristandade e da civilização que são ameaçados pela vastidão selvagem com a qual a empreitada colonial se depara. Sua captura pelo outro lado da fronteira continental (o seu lado selvagem) é uma descida figurativa ao inferno e a escuridão espiritual. Pela resistência às ameaças físicas e às tentações indígenas, a figura cativa vindica ambos o seu caráter moral e o poder dos valores que ela simboliza. Mas o cenário histórico desenvolvido por essa narrativa é de passividade; enfatizando a fraqueza do poder colonial, ele não termina com uma conquista vitoriosa, mas com um grato e purificado retorno para casa.<sup>185</sup> A solução encontrada para essa passividade é a inserção de outra figura heroica: o caçador-herói. O gênero aqui é de grande relevância, pois, se por um lado, a figura cativa é convencionalmente feminina, o caçador-herói é sempre masculino. Destituído dos atribuídos de passividade, vistos como próprios ao gênero feminino, ele é “o agente heroico de uma sociedade colonial expansiva, e não o símbolo de uma cultura colonial à deriva em uma paisagem estrangeira e cheia de um senso de perigo e ansiedade.”<sup>186</sup> Logo, as formulas e temas ideológicos da história do cativo são integradas ao cenário triunfalista da guerra indígena para formar um Mito da Fronteira<sup>187</sup> unificado em que o triunfo da civilização é simbolizado pelo resgate pelo caçador-herói da mulher branca mantida em cativo por selvagens.<sup>188</sup>

Essas histórias de cativo não perderam seu poder na cultura popular mesmo após o fim da colonização e do desaparecimento da fronteira como uma realidade física. Como nos diz

---

<sup>185</sup> SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.14-15.

<sup>186</sup> “the heroic agent of an expansive colonial society, rather than the symbol of a colonial culture adrift in an alien landscape and filled with a sense of peril and anxiety.” SLOTKIN, Richard. **The Fatal Environment**. op. cit., 1998, p.64.

<sup>187</sup> O Mito da Fronteira é a versão norte-americana de um mito mais amplo gerado pelos conflitos sociais surgidos da “modernização” das nações ocidentais, a emergência do capitalismo e dos Estados-nações. Sua particularidade está na centralidade dada pelos colonos ingleses e posteriormente cidadãos da república à fronteira continental da América do Norte como um espaço limite entre o que eles percebiam como sua civilização e o lado selvagem do continente, ainda a ser explorado e conquistado. Ver Ibid., 1998, p.33.

<sup>188</sup> SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.15.

Slotkin, a significância da fronteira como um espaço mítico superou sua importância como um lugar real, com peculiaridades culturais, políticas e geográficas próprias.<sup>189</sup> Produções literárias e cinematográficas continuaram lhe dando vida e importância simbólica, conquanto sua inexistente geográfica, mantendo a centralidade das narrativas fronteiriças. Muitos dos temas presentes nessa narrativa não poderiam ser tão adequadamente utilizados pelos discursos presidenciais como eles podem em romances e filmes certamente, porém a invocação de seu tema central, o cativo por uma figura selvagem, é capaz de exercer seu potencial mobilizador em favor de uma ação heroica de resgate. No engradamento imaginativo da Guerra Fria, as “vítimas do comunismo” eram, então, postas na posição da mulher branca em cativo, que demandava a ação de uma nação-herói que, tal como o caçador-herói, a uma só vez corporificaria e vindicaria os princípios nacionais. A missão nacional adquiria, assim, os louvores heroicos de um clássico herói fronteiriço.<sup>190</sup> Em 1959, esse enquadramento acabou por produzir a “Semana das Nações Cativas”, cujo objetivo era aumentar a conscientização do público da subjugação das nações sob controle comunista. Estipulada em lei, toda terceira semana de julho de todo ano deveria ser oficialmente proclamada pelo presidente como uma semana de observação e demonstração de solidariedade aos povos cativos do globo.<sup>191</sup> Mas, muito antes da proclamação dessa observância, o novo presidente já havia delineado uma nova estratégia por um real resgate desses povos.

Em contraposição ao imoral conformismo da contenção e a sua conseqüente prescrição de um papel passivo à nação-herói (tipicamente reservado, como vimos, à figura da mulher branca em cativo), Eisenhower e seu Secretário de Estado Dulles declaravam a libertação europeia do jugo comunista o objetivo último da política externa dos Estados Unidos. Chamada de *rollback* (reversão), essa nova premissa estratégica definia que a contenção deixaria de ser uma política meramente preventiva para se tornar também uma estratégia ativa, que impediria a expansão soviética, ao mesmo tempo em que trabalharia pela regressão de seu poder em áreas já conquistadas.<sup>192</sup> Na posse de seu segundo mandato, Eisenhower ecoaria essa nova postura ao afirmar: “the prayer of our people carries far beyond our own frontiers, to the wide world of our duty and our destiny. May the light of freedom, coming to all darkened lands, flame brightly

---

<sup>189</sup> SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.61.

<sup>190</sup> Adiante, veremos como essa aproximação entre o Mito da Fronteira e do Mito do Destino Manifesto foi contínuo durante a Guerra Fria.

<sup>191</sup> Em conformidade com o que está estabelecido em lei, a data ainda é observada até o presente, mesmo após o fim da Guerra Fria. Ver <https://bit.ly/310XdtK>

<sup>192</sup> PECEQUILO, Cristina. **A política externa dos Estados Unidos**. op. cit., 2003, p.175.



– until at last the darkness is no more.”<sup>193</sup> A luz do Mundo Livre não poderia meramente ser protegida da escuridão, ela deveria alcançar seus domínios, pondo fim ao seu tirânico reinado. Um claro clamor por uma messiânica ação heroica em favor das vítimas do comunismo. Todavia, por mais que pudesse inspirar o desejo pelo engajamento nos Estados Unidos, essa política se mostrou frustrada em seus fins práticos.

Alguns meses antes de sua segunda posse, Eisenhower já havia visto desmoronar o novo compromisso norte-americano pela libertação dos povos atrás da “cortina do ferro”. A invasão soviética na Hungria em 1956 após o anúncio de que ela se retiraria do pacto militar entre a União Soviética e seus satélites não levaram os Estados Unidos a mostrar qualquer intensão de intervir na região, tornando-se o maior exemplo de dissonância entre seu compromisso verbal e a realidade. Em janeiro de 1955, Dulles havia afirmado que os povos do Leste Europeu poderiam contar com o apoio norte-americano se eles se revoltassem. Mas nada fizeram ele e Eisenhower, que foram acusados de incitar os húngaros com uma retórica vazia que não lhes trouxe a libertação prometida, apenas desastre.<sup>194</sup> A recusa de estender a ajuda aos revoltos húngaros indicou sem quaisquer dúvidas a impossibilidade do *rollback* e, por consequência, da ação heroica que ele defendia. Afinal, fazê-lo significaria certamente uma guerra nuclear, um pensamento impensável para muitos. Essa inabilidade de confrontar a União Soviética abertamente criava uma dissonância no triunfalismo que informava o elemento marcial no nacionalismo dos Estados Unidos, uma entre a expectativa de vitória heroica e a experiência em que a bomba atômica é parte constitutiva. Sob o seu constante perigo, “vitória e derrota, inimigo e a si mesmo, ameaçavam se fundir” e a vitória “se tornou concebível apenas sob as condições mais limitadas.”<sup>195</sup> A capacidade da narrativa triunfalista de ver em seu horizonte de expectativas um contínuo de vitórias heroicas é, conseqüentemente, mitigado pelo caráter suicida da guerra nuclear. Ela expõe seu desejo de se engajar em épico confronto com seu inimigo, mas esse confronto não parece mais proporcionar uma inquestionável vitória quando a destruição mútua assegurada está ao alcance de um botão. O horizonte de ação heroica não antevê mais apenas a vitória triunfal, mas uma vitória que parece terrivelmente se assemelhar a uma derrota devastadora. Uma que não pode ser se quer vindicada, pois, após o Pearl Harbor atômico, não haverá mais uma nação a ser vingada.

---

<sup>193</sup> “a oração de nosso povo vai muito além de nossas próprias fronteiras, ela vai para o vasto mundo de nosso dever e destino. Que a luz da liberdade, chegando a todas as terras escuras, acenda intensamente – até que finalmente a escuridão não existe mais.” Second Inaugural Address (1957)

<sup>194</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.353.

<sup>195</sup> “victory and defeat, enemy and self, threatened to merge” “became conceivable only under the most limited of conditions.” ENGELHARDT, Tom. **The End of Victory Culture**. New York: Basic Books, 1995, p.6.

A Guerra da Coréia foi o primeiro momento em que se tornou clara a inviabilidade do uso do armamento nuclear mesmo em conflitos localizados.<sup>196</sup> O antagonismo entre Truman e MacArthur deu-se em parte em torno disso. Em seu Discurso de Despedida, Truman tomou oportunidade para reafirmar essa realidade: “Starting an atomic war is totally unthinkable for rational men.” Ele assegurou aos norte-americanos que, apesar disso, o comunismo seria vencido. Uma futura mudança no bloco soviético conduziria à sua inevitável derrota: “In the long run the strength of our free society, and our ideals, will prevail over a system that has respect for neither God nor man.” Essa forma de narrar o confronto com os soviéticos vai de encontro ao modo tradicional de contar uma estória de guerra nos Estados Unidos. O embate direto desaparece e é substituído por uma vigília ostensiva por esse fim que “Nobody can say for sure when that is going to be, or exactly how it will come about [...]”<sup>197</sup> Ela é desprovida de clímax e, mais uma vez, prescreve um papel quase inteiramente passivo à nação-herói, impedindo a realização continuada do processo histórico triunfalista. Nesse sentido, podemos ver no *rollback* uma resposta de um triunfalismo frustrado que visou reestimular a beligerância do nacionalismo norte-americano. Entretanto, o clímax que ele ofereceu se mostrou profundamente perturbador. Aconselhado a suar armas nucleares no Vietnã com a possibilidade de uma vitória comunista em Dien Bien Phu, Eisenhower respondeu com horror “Vocês, rapazes, devem estar loucos. Não podemos usar essas coisas terríveis contra asiáticos pela segunda vez em menos de dez anos. Meu Deus.”<sup>198</sup> O uso da bomba atômica era inquietante em seu caráter suicida, assim como em sua desumanidade.

Foi nesse espírito que Eisenhower fez seu celebrado discurso Átomos pela Paz na Assembleia geral das Nações Unidas em 1955. Diante da aniquilação nuclear ele afirmou: “Surely no sane member of the human race could discover victory in such desolation. Could anyone wish his name to be coupled by history with such human degradation and destruction?”<sup>199</sup> Resultado do bem-sucedido teste de uma bomba de hidrogênio pelos soviéticos, Eisenhower fez esse pronunciamento como uma proposta de desarmamento em favor do uso da tecnologia nuclear para fins pacíficos, como geração de energia. Em um claro contraste com sua política do

---

<sup>196</sup> PECEQUILO, Cristina. **A política externa dos Estados Unidos**. op. cit., 2003, p.173.

<sup>197</sup> “Iniciar uma guerra atômica é totalmente impensável para homens racionais.” “A longo prazo, a força de nossa sociedade livre e de nossos ideais prevalecerá sobre um sistema que não respeita nem Deus nem o homem.” “Ninguém pode dizer com certeza quando isso acontecerá, ou exatamente como isso acontecerá [...]” Address at the American Legion Convention (1954)

<sup>198</sup> “You boys must be crazy. We can’t use those awful things against Asians for the second time in less than ten years. My God.” Apud LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.337

<sup>199</sup> “Certamente nenhum membro da raça humana poderia descobrir a vitória em tal desolação. Poderia alguém desejar que seu nome fosse associado na história com tanta degradação e destruição humanas?” Address Before the General Assembly of the United Nations on Peaceful Uses of Atomic Energy (1953)

“Novo Olhar”, que prescrevia grandes investimentos em armamento nuclear e a estratégia da retaliação massiva, uma resposta nuclear devastadora a ataques soviéticos mesmo que convencionais, ameaçando escalar qualquer disputa em uma possível guerra de extermínio.<sup>200</sup> Aqui, Eisenhower está em acordo com a crença na necessidade e justiça de confrontar o inimigo nacional. Em contrapartida, em seus discursos pela paz nuclear, Eisenhower emitia um sentido que interferia no modo como tradicionalmente os Estados Unidos concebem e expectam vitória e engajamento heroico. Vitória e sua antecipação detêm grande poder em definir o entendimento de sua capacidade e propósito como nação. Assim, “se a busca da vitória está simbolicamente ligada aos atributos da identidade nacional, a conquista da vitória é a afirmação final dessa identidade.”<sup>201</sup> Estando firmada na oposição e confronto heroicos contra o comunismo, a identidade norte-americana se vê incapaz de se afirmar e de realizar seu destino manifesto quando vitória não parece ser uma possibilidade frente à desolação nuclear que ela traria.

Nesse sentido, não era uma falta de compromisso com a causa nacional que levou Truman à recusa por uma reversão do poder soviético em sua zona de influência como afirmavam seus críticos; sua recusa foi resultado da dinâmica militar da Guerra Fria. O que o obrigou a manter um posicionamento contra a “escravização” do Leste Europeu, mas sem uma mobilização efetiva contra o inimigo. Em certo sentido, a própria “Semana das Nações Cativas”, longe de revelar a real potencialidade mobilizadora da narrativa do cativo, revelava como o país foi forçado a se limitar a um posicionamento moral simbólico frente a impossibilidade em alcançar seus objetivos concretos. A diferença entre Truman e Eisenhower não era uma de firmeza pela política da Guerra Fria. Ao criticar seu antecessor, o republicano simplesmente ainda não havia se deparado com as implicações advindas de carregar a responsabilidade pelo arsenal nuclear do país.

No discurso de sua segunda posse, Eisenhower também havia se limitado a um posicionamento simbólico ao mencionar os eventos na Hungria: “Budapest is no longer merely the name of a city; henceforth it is a new and shining symbol of man’s yearning to be free.”<sup>202</sup> Simbólica como pudesse ser Budapeste para a “luta pela liberdade”, a realidade da inação dos Estados Unidos a transforma igualmente em símbolo de frustração. Uma resposta à frustração

---

<sup>200</sup> PECEQUILO, Cristina. **A política externa dos Estados Unidos**. op. cit., 2003, p.176.

<sup>201</sup> “if the pursuit of victory is symbolically tied to the attributes of national identity, then the achievement of victory is the ultimate affirmation of that identity.” JOHNSON, Roger. Victory and identity: the end of the Cold War in American imagination. In: KENNET, Christie. (Ed.). **United States Foreign Policy & National Identity in the 21st Century Routledge Studies in US Foreign Policy**. Abingdon Routledge, 2008, p.3.

<sup>202</sup> “Budapeste não é mais apenas o nome de uma cidade; a partir de agora, é um novo e brilhante símbolo do desejo do homem de ser livre.” Second Inaugural Address (1957)

de um triunfalismo impedido, o *rollback* se mostrou ele mesmo frustrado. Budapeste não é, por consequência, como Pearl Harbor; ele não é evento de martírio mobilizador de uma ação heroica, ele é um símbolo de martírio que expressa a impossibilidade mesma da mobilização e da ação. O que indica aquilo que Engelhardt afirmou ser uma das características constitutivas da era nuclear: a incapacidade de imaginar cenários de confronto equivalentes aos da Segunda Guerra Mundial. Longe de um embate heroico, “com armas atômicas, afinal, alguém poderia ter tido a tarefa mais assustadora de visualizar a extinção.”<sup>203</sup> O horizonte de ação heroica não consegue mais esperar adequadamente o engajamento direto com seu inimigo e nesse aspecto ele não estava sozinho. Escrevendo no mesmo período, o filósofo marxista Herbert Marcuse afirmou: “o progresso tecnológico mudou fundamentalmente a balança de poder social. O alcance e eficácia dos instrumentos de destruição controlados pelos governos tornaram obsoletos e românticas as formas clássicas de luta social.”<sup>204</sup> O que pode esperar o horizonte de ação revolucionária que não vê mais possibilidade de vitória na barricada? Logo, para ambos defensores do capitalismo e do socialismo, a destruição do mundo e de seus habitantes se tornou parte das possibilidades de ação nele. A mais triunfal das armas humanas, a bomba atômica trazia a menos triunfal das guerras.<sup>205</sup>

Esse sentimento de dúvida em torno do enfrentamento do inimigo no exterior veio a se repetir na guerra interna. O processo de construção da identidade norte-americana tem sido impulsionado pelo conflito. É claro, toda identidade de um “nós” existe na medida em que existe um outro com quem se contrapõe: “ninguém pode construir uma autoimagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros [...]”.<sup>206</sup> É assim que construímos nossas individualidades a partir da alteridade. Mas essa não necessariamente precisa ser construída como uma relação de antagonismo. Nos Estados Unidos, esse antagonismo é, contudo, histori-

---

<sup>203</sup> “with atomic weapons in place, after all, one might have had the more daunting task of visualizing extinction.” ENGELHARDT, Tom. **The End of Victory Culture**. op. cit., 1995, p.8.

<sup>204</sup> MARCUSE, Herbert. **Razão e Revolução**. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p.373.

<sup>205</sup> A despeito do que apontamos até aqui, durante os primeiros anos do pós-guerra, os Estados Unidos superestimaram o poderio nuclear soviético. Ainda que possuíssem poder militar considerável, os soviéticos não detinham a mesma capacidade de infligir destruição aos seus adversários como os Estados Unidos possuíam. Para as transformações que analisamos até aqui, contudo, a crença na possibilidade (mesmo que concretamente irreal) de uma desolação nuclear em solo estadunidense era suficiente. Nas páginas subsequentes, veremos como medos infundados pareciam uma característica dos Estados Unidos nesse período. Paradoxalmente, após a Crise dos Mísseis em Cuba e a assinatura do Tratado de Proibição de Testes Nucleares de 1963, quando uma nova geração de mísseis soviéticos representou uma ameaça real aos Estados Unidos, a questão nuclear desapareceu do debate político para reaparecer apenas na década de 1970. ENGELHARDT, Tom. **The End of Victory Culture**. op. cit., 1995, p.158.

<sup>206</sup> POLLACK, M. Memória e Identidade social. **Estudos Históricos**, v.5, n.10, 1992, p.204.

camente fundamental. O conflito com os nativos de feições selvagens e com as potências europeias de feições tirânicas foi central para sua construção identitária, inicialmente colonial e posteriormente nacional.<sup>207</sup> Disso resulta a posição clássica do herói norte-americano de estar entre os extremos simbólicos da “civilização europeia (imaginada como corrupta e opressiva) e selvageria primitiva (imaginada como sangrenta e anárquica).”<sup>208</sup> Duas formas de construção de alteridade antagonica racial e etnicamente informadas, que permaneceram presentes na Guerra Fria, visto o comunismo soviético ter sido especialmente construído pelo tropo da tirania e o comunismo maoísta ou asiático especialmente pelo do selvagem como veremos adiante.<sup>209</sup> Essa racialização permaneceu presente na construção do outro-inimigo externo sem dúvida, porém ela perdeu força em sua construção interna quando o credo nacional dos Estados Unidos se tornou mais inclusivo após a Segunda Guerra Mundial.

A partir de então, já não eram mais os forasteiros que muitos temiam, mas aqueles que já eram uma parte mais estabelecida da nação, criando uma obsessão pelo inimigo interior.<sup>210</sup> Se durante a Primeira Guerra Mundial os imigrantes e descendentes alemães eram os possíveis infiltrados e na Segunda Guerra Mundial os de origem nipônica, todos eram possíveis inimigos internos na Guerra Fria.<sup>211</sup> O comunismo era um outro-inimigo devastador nesse sentido, pois ele não evidenciava nenhum claro signo de identificação. Um dos apelos do macarthismo (em nome de Joseph McCarthy, senador que comandou o Comitê de Atividades Antiamericanas na década de 1950) era que ele justamente oferecia a todos, não importando a origem, a chance de provar que eram bons cidadãos dos Estados Unidos simplesmente demonstrando sua aversão ao comunismo.<sup>212</sup> Incapaz de adequadamente enfrentar o inimigo no exterior, os Estados Unidos enfrentavam um inimigo interior quase invisível: “Estando em toda parte e em lugar nenhum, dentro e fora, o inimigo do pós-guerra parecia onipresente, porém impossível de atingir.”<sup>213</sup>

Isso também perfaz um triunfalismo frustrado, posto ele não poder se engajar em enfrentamento claro com seu adversário; ele deve ser sempre combatido, mas nunca consegue ser vencido, criando uma necessidade incessante para encontrá-lo, um frustrante e vicioso ciclo de

---

<sup>207</sup> GRANT, Susan-Mary. **História Concisa dos Estados Unidos da América**. op. cit., 2014, p.22.

<sup>208</sup> “European civilization (imagined as corrupt and oppressive) and primitive savagery (imagined as bloody and anarchic).” SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.566.

<sup>209</sup> Ver o próximo subcapítulo e o próximo capítulo.

<sup>210</sup> GRANT, Susan-Mary. **História Concisa dos Estados Unidos da América**. op. cit., 2014, p.387.

<sup>211</sup> As pretensões universalistas dos Estados Unidos em defesa de todos os povos contra o comunismo e a força do anticomunismo em seus enclaves étnicos com raízes no Leste europeu (FONER, 1998, p.255) também não permitiram construir populações de origem em países comunistas como comunistas.

<sup>212</sup> ENGELHARDT, Tom. **The End of Victory Culture**. op. cit., 1995, p.14.

<sup>213</sup> “Being everywhere and nowhere, inside and out, the postwar enemy seemed omnipresent yet impossible to target.” Ibid., 1995, p.7.

paranoia. O fenômeno do macarthismo é a expressão acabada dessa frustração. Enquanto as ações de McCarthy podem ser explicadas pelas ambições de um demagogo, as explicações para a existência do fenômeno político e cultural que levou seu nome precisam ser mais refinadas. O grande apoio que ele recebeu mostra como a construção opositiva contra um inimigo de difícil localização tornava precária a identidade estadunidense do período inicial da Guerra Fria.<sup>214</sup> Depositando em seus conteúdos mais positivos um elemento de negação, ela sente precisar continuamente sair em defesa de si contra o adversário que a ameaçava, mas a quem não é possível dar combate final. Logo, na medida em que o poder de definir precisamente o inimigo foi enfraquecido, também foi enfraquecido o poder de definir o norte-americano.<sup>215</sup> Se Eisenhower respondeu em favor do triunfalismo externamente com o *rollback*, ele se mostrou um tanto reticente ao responder essas frustrações internas.

McCarthy havia se tornado um embaraço para muitos republicanos após o fim da presidência de Truman. Seu alvoroço já não era mais tão politicamente interessante quando ele continuou durante uma administração republicana. Desde a campanha, Eisenhower havia buscado se diferenciar de McCarthy, incluindo, tal como Truman fez antes dele, referências à Constituição e aos direitos civis em seus discursos sobre a necessidade de combater a subversão.<sup>216</sup> Entretanto, uma vez presidente ele nunca enfrentou o senador abertamente. Privativamente, ele afirmava que ignorá-lo era a melhor estratégia, dado que oposição aberta traria ainda mais atenção ao senador. Quaisquer que tenham sido os motivos dados privativamente, seu silêncio público gerava críticas, que foram desde acusações de medo do senador a acusações de aprovação silenciosa dele.<sup>217</sup> Publicamente, Eisenhower certamente mostrava sua aprovação pelo combate à infiltração comunista: “Now, it would be completely false to minimize the dangers of this penetration. It does exist. We know some of them are here. ” Mas, logo depois, ele também adverte: “Along with this, this fear of Communist penetration, comes another fear that is related

---

<sup>214</sup> É importante que eu dê maiores esclarecimentos sobre a característica precária dessa identidade, tendo em vista que, como nos diz Laclau e Mouffe, toda e qualquer identidade é permeada pela precariedade, pela impossibilidade de uma soltura última de seus significados. É isso que não apenas permite, mas faz toda identidade estar em continuada transformação. LACLAU, Ernesto.; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e estratégia socialista**. op. cit., 2015, p.167. Assim sendo, ao definir a identidade estadunidense nesse período como precária, não estou negando que ela sempre foi e é precária, como toda e qualquer identidade social; eu apenas busco enfatizar que, nesse contexto de relação antagônica com o comunismo, ela se tornou precária a tal grau que ela parecia ameaçar desmoronar sobre si mesma. Cada vez mais destituída de conteúdos positivos e incapaz de colocar fim ao “Outro” que impede sua presença, sua precariedade cria uma crescente sensação de perda de uma unidade de sentido mínima, disso resulta, como veremos, o fenômeno do macarthismo.

<sup>215</sup> ENGELHARDT, Tom. **The End of Victory Culture**. op. cit., 1995, p.122.

<sup>216</sup> BIRKNER, Michael. Eisenhower and the Red Menace. **Fall**, 2001, v.33, n. 3, n.p.

<sup>217</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.348.

to it, the fear that we will use intemperate investigative methods, particularly through congressional committees, to combat communistic penetration.”<sup>218</sup> Não apenas o medo do comunismo se torna parte da atmosfera nacional, mas também o medo do medo. Esse foi o tom geral de suas colocações sobre o combate à subversão: a afirmação de sua necessidade e uma crítica à histeria que podia o acompanhar. Em um dos seus mais lembrados discursos na questão, o presidente criticou a queima de livros provocada pela caçada de McCarthy:

“Don’t join the book burners. Don’t think you are going to conceal faults by concealing evidence that they ever existed. [...] And we have got to fight it with something better, not try to conceal the thinking of our own people. They are part of America. And even if they think ideas that are contrary to ours, their right to say them, their right to record them, and their right to have them at places where they are accessible to others is unquestioned, or it isn’t America.”<sup>219</sup>

Mas, quando perguntado se ele estava se referindo a McCarthy e seus associados em sua fala, Eisenhower afirmou que ele não se referenciava a ninguém em específico.<sup>220</sup> Para o presidente, o modo como o macarthismo agia não era aceitável, porém ele se recusava ao seu enfrentamento aberto. Evitar chamar maiores atenções a ele poderia ser causa disso, mas também podemos ver nisso a crença de Eisenhower de que ele não podia se opor tão vigorosamente à caçada do senador, que, por mais desmedida que possa ter sido, acalmava a ansiedade de muitos.

Uma ansiedade e insegurança que Eisenhower também era responsável por alimentar ao continuamente ajudar a construir a identidade nacional como contrária ao comunismo e necessária de ininterrupta defesa contra esse. Nesse sentido, a histeria anticomunista era maior que um senador. O fenômeno do macarthismo não se explica apenas pelo medo da espionagem soviética e pela demagogia de um político, mas também por uma nacionalidade permanentemente temerosa por nunca ter certeza de não haver “outros” entre os “seus”. O macarthismo oferecia alguma segurança para uma identidade nacional ansiosa por estar segura. Essa era uma questão de grande importância para o país e não poderia ser colocada de lado inteiramente por Eisenhower. Algo atestado pela escolha de Richard Nixon como seu vice por ser conhecido

---

<sup>218</sup> “Agora, seria completamente falso minimizar os perigos dessa penetração. Ela existe. Sabemos que alguns deles estão aqui. ” “Junto com isso, esse medo da penetração comunista, surge outro medo relacionado a ela: o medo de usar métodos de investigação intemperantes, principalmente por meio de comitês do Congresso, para combater a penetração comunista. ” Radio and Television Address to the American People on the State of the Nation (1954)

<sup>219</sup> “Não se junte aos queimadores de livros. Não pense que você oculta culpa ocultando evidências de que elas já existiram. [...] E temos que lutar com algo melhor, não tentar esconder o pensamento do nosso próprio povo. Eles fazem parte da América. E mesmo que eles pensem ideias que são contrárias às nossas, seu direito de dizê-las, seu direito de registrá-las e seu direito de tê-las em locais acessíveis a outras pessoas é inquestionável, ou isso não é América. ” Remarks at the Dartmouth College Commencement Exercises, Hanover, New Hampshire. (1953)

<sup>220</sup> BIRKNER, Michael. Eisenhower and the Red Menace. *Fall*, 2001, v.33, n. 3, n.p.

combatente da infiltração comunista.<sup>221</sup> Mas McCarthy levou a histeria a níveis intragáveis e essa foi a causa última de sua queda. No fim, Eisenhower buscou responder à frustração triunfalista externa porque, ao seu ver, era a credibilidade dos Estados Unidos que estava em jogo. O macarthismo foi uma resposta à frustração triunfalista interna, mas para Eisenhower era a própria democracia norte-americana que ele colocava em jogo, algo que o presidente não poderia aceitar.

Essa preocupação com a democracia não o coibiu, contudo, de agir pela derrubada de governos democraticamente eleitos. Através de operações de inteligência orquestradas secretamente pela CIA, países como a Guatemala e o Irã tiveram seus governos nacionalistas, considerados hostis aos interesses dos Estados Unidos, substituídos por regimes autoritários alinhados com a política externa norte-americana. Um novo tipo de guerra estava sendo travada, uma que não requeria o confronto aberto, uma guerra clandestina que “estava em desacordo com as tradições morais e marciais norte-americanas”. Para vencer essa guerra, “a nação teria que escolher entre lutar de uma maneira norte-americana que se presume ser justa, decente e inocente, mas ineficaz”, ou lutar por meios considerados repugnantes, mas com resultados altamente eficientes. Contido nessa nova estratégia de contenção estava a premissa de que o público não poderia ser mobilizado para esse confronto.<sup>222</sup> As técnicas de espionagem e subversão nelas usadas não apenas violariam os cânones marciais do país, elas também eram, segundo o próprio Eisenhower, típicas do comunismo: “the Communist dictatorship is adroit in its selection and use of every imaginable weapon to achieve its ends. It uses force and the threat of force. It uses bribery, subversion, and sabotage.”<sup>223</sup>

Usando armas do inimigo em prol da luta pela liberdade, elas eram ações anti-heroicas por excelência e, como resultado, não “deveriam chamar a atenção do público, e triunfo nelas seria celebrado privativamente pelos poucos que sabiam.”<sup>224</sup> Incapaz de se engajar na luta pela liberdade abertamente, o espírito triunfalista agora só podia fazê-lo secretamente. Na realidade de seus resultados, essas ações violaram princípios democráticos em seus meios e em seus fins. Para um presidente que alertou a nação contra o complexo militar-industrial e sua debilitante

---

<sup>221</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.316.

<sup>222</sup> “was at odds with American moral and martial traditions.” “the nation would have to choose between fighting in an American way that is presumed to be fair, decent, and innocent, but ineffective” SLOTKIN, Richard. **Gun-fighter Nation**. op. cit., 1992, p.431-432.

<sup>223</sup> “a ditadura comunista é hábil na seleção e no uso de todas as armas imagináveis para alcançar seus fins. Ele usa a força e a ameaça da força. Ele usa suborno, subversão e sabotagem.” Remarks Recorded for the “Back-to-God” Program of the American Legion (1955)

<sup>224</sup> “supposed to come to public attention, and triumphs in them were to be celebrated in private by the few who knew.” ENGELHARDT, Tom. **The End of Victory Culture**. op. cit., 1995, p.80



influência na democracia,<sup>225</sup> um complexo de inteligência que pôs o imperativo de poder acima de qualquer valor democrático estranhamente não parecia tão ameaçador. Os Estados Unidos se encontravam, portanto, em paralisia. Havendo alcançado o ápice de seu poder, o país paradoxalmente se mostrava incapaz de consumir aquilo em que seu destino manifesto e identidade nacionais se baseavam: oposição completa e irrestrita ao comunismo doméstica e externamente. E, ante a esse cenário desolador, a única ação aparentemente possível não poderia contribuir para a construção oficial do caráter da nação. Mas, por ter sua autoimagem conectada a um destino manifesto de escopo global, ela não poderia prescindir de uma visível e efetiva atuação no mundo. Como resultado, encontrar meios de superar essa paralisia e renovar o seu messianismo heroico se tornou essencial para a nova geração de líderes que viria substituir a de Eisenhower.

### 2.2.3. *“Uma cidade edificada sobre uma colina”*: pela renovação do messianismo heroico

Na Corte Geral de Massachusetts, sede do poder Legislativo do estado, o vibrante presidente-eleito John F. Kennedy fez um pronunciamento em que ele invocou o passado puritano de seu estado natal. Os líderes de Massachusetts, em suas palavras, “have shaped our destiny long before the great republic was born.” E seus princípios “have guided our footsteps in times of crisis as well as in times of calm. Its democratic institutions – including this historic body – have served as beacon lights for other nations as well as our sister states.” Com um “filho de Massachusetts” no posto de maior poder não seria diferente: “The enduring qualities of Massachusetts – the common threads woven by the Pilgrim and the Puritan, the fisherman and the farmer, the Yankee and the immigrant – will not be and could not be forgotten in this nation’s executive mansion.” Recitando a cadeia de heróis nacionais, ele assegura que eles são parte integrantes de sua vida, suas convicções, sua visão do passado e sua esperança para o futuro. Ainda que de origem irlandesa e católica, Kennedy reivindica a ancestralidade política desse passado puritano e anglo-saxão:

“But I have been guided by the standard John Winthrop set before his shipmates on the flagship Arbella three hundred and thirty-one years ago, as they, too, faced the task of building a new government on a perilous frontier. ‘We

---

<sup>225</sup> Ao deixar a presidência, Eisenhower fez um pronunciamento de despedida, no qual ele lançou um alerta ao povo dos Estados Unidos em relação ao perigo do que ele chamou de complexo militar-industrial, a conjugação entre um imenso establishment militar e uma permanente indústria armamentista. Para o presidente, o país jamais poderia permitir que essa combinação ameaçasse as suas liberdades e o seu processo democrático. Ver Farewell Radio and Television Address to the American People (1961). Poucos compartilhavam as preocupações do presente. Para muitos, longe de uma ameaça à democracia, a aliança entre o Departamento de Defesa e a indústria privada era uma importante fonte de empregos e um baluarte da segurança nacional. FONER, Eric. **Give me Liberty! An American history Volume 2**. op. cit., 2016, p.980.

must always consider,’ he said, ‘that we shall be as a city upon a hill – the eyes of all people are upon us.’”

Infundido esse passado étnica e religiosamente estranho a ele da universalidade com o qual ele tem sido construído, Kennedy alerta que os olhos do mundo estavam não apenas sobre o novo presidente, mas sobre os Estados Unidos em conjunto. Assim como Winthrop e seus navios tiveram que construir um novo governo em uma perigosa fronteira, Kennedy conclama, então, o país a ser “a city upon a hill – constructed and inhabited by men aware of their great trust and their great responsibilities. For we are setting out upon a voyage in 1961 no less hazardous than that undertaken by the Arabella in 1630.”<sup>226</sup> Diante de uma nação que, em seu ponto de vista, havia perdido seu rumo e seu propósito, o jovem presidente buscou no passado fronteiro um meio de renovar o seu caráter heroico e messiânico, mas sem defender um retorno a esse passado. Ao invocar as qualidades heroicas puritanas e fronteiriças, ele queria abrir um horizonte de infindáveis possibilidades trazidas pelo futuro.

Na campanha, Kennedy se apresentou como figura representativa de uma nova geração de líderes da qual os Estados Unidos fortemente dependiam. Ainda que tenha enfrentado a disputa eleitoral com o vice-presidente Nixon, apenas quatro anos mais velho, Kennedy parecia estar enfrentado uma velha guarda política representada por Eisenhower, incapaz, segundo ele, de dimensionar e responder aos novos desafios daquele momento histórico. O novo presidente e seus conselheiros acreditavam que os oito anos de governo republicano haviam sido anos de estagnação. Para eles, o conservadorismo de Eisenhower o impediu de fazer total e efetivo uso do poder que o governo federal havia acumulado através do New Deal e durante os períodos de mobilização militar, criando uma crise nos assuntos nacionais, cujos efeitos eram potenciais ao invés de permanentes.<sup>227</sup> Jovem como poderia ser Nixon para os padrões presidenciais, nas palavras de Kennedy, “His party is the party of the past” e “Their pledge is a pledge to the status

---

<sup>226</sup> “moldaram nosso destino muito antes do nascimento da grande república.” “guiaram nossos passos em tempos de crise e em tempos de calma. Suas instituições democráticas – incluindo esse órgão histórico – serviram de farol para outras nações e também para nossos estados irmãos.” “As qualidades duradouras de Massachusetts – os fios comuns tecidos pelos peregrinos e puritanos, pelos pescadores e pelos agricultores, pelos ianques e pelos imigrantes – não serão e não poderão ser esquecidas na mansão executiva deste país.” “Mas fui guiado pelo padrão estabelecido por John Winthrop diante de seus companheiros de navio na nau capitânia Arbellá, trezentos e trinta e um anos atrás, pois eles também enfrentavam a tarefa de construir um novo governo em uma fronteira perigosa. ‘Devemos sempre considerar’, disse ele, ‘que seremos como uma cidade sobre uma colina – os olhos de todas as pessoas estão sobre nós.’” “uma cidade sobre uma colina – construída e habitada por homens conscientes de seu grande encargo e de suas grandes responsabilidades. Pois estamos partindo para uma viagem em 1961 não menos perigosa do que aquela feita pelo Arbellá em 1630.” *City Upon a Hill* (1961)

<sup>227</sup> SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.1.

quo – and today there can be no status quo. ”<sup>228</sup> Em contraste, o democrata construiu sua figura como uma de vitalidade; somente ele estaria preparado para comandar a nova geração que lidaria com os novos problemas e as novas oportunidades por vir. Pois, problemas e oportunidades eram o que a Nova Fronteira oferecia.

No seu Discurso da Cidade sobre uma Colina, como seria lembrado seu pronunciamento em Massachusetts, dado na Costa Leste dos Estados Unidos, o ponto inicial da expansão territorial, Kennedy havia tomado de empréstimo o nome e as vestes de glória do passado puritano, mas esse não era um exercício de apropriação simbólica recente para ele, essa construção foi definidora desde sua campanha. Em um discurso em Los Angeles, marco final dessa expansão, no qual ele aceitou a nomeação do Partido Democrata, Kennedy ofereceu como Roosevelt com o seu New Deal e Truman com o seu Fair Deal antes dele uma imagem poética e simbólica para sua futura presidência. Alguns poderiam dizer que os desafios dos pioneiros de antes estão acabados, que “all the horizons have been explored – that all the battles have been won – that there is no longer an American frontier. ” Longe disso:

“I trust that no one in this vast assemblage will agree with those sentiments. For the problems are not all solved and the battles are not all won – and we stand today on the edge of a New Frontier – the frontier of the 1960’s – a frontier of unknown opportunities and perils – a frontier of unfulfilled hopes and threats. ”

Infundindo suas mentes com a imagem heroica de seus antepassados, ele se direciona a seu público e conclama “each of you to be pioneers on that New Frontier”, os alertando que ela não seria um conjunto de promessas fáceis, mas um conjunto de desafios, ela prometia “more sacrifice instead of more security. ”<sup>229</sup> Essa construção metafórica e simbólica aproxima os tropos do Mito da Fronteira e do Destino Manifesto, abrindo um novo horizonte para o qual uma ação heroica e messiânica pode ser direcionada. Para Kennedy e seus conselheiros, a escolha da Fronteira como símbolo não era um mero dispositivo de marketing eleitoral, era uma metáfora que descrevia o modo como eles de fato esperavam usar poder político, os tipos de confronto nos quais eles esperavam se engajar e os termos de significância histórica e moral através dos

---

<sup>228</sup> “O partido dele é o partido do passado. ” “A promessa deles é uma promessa ao status quo – e hoje não pode haver status quo. ” Address of Senator John F. Kennedy Accepting the Democratic Party Nomination for the Presidency of the United States - Memorial Coliseum, Los Angeles (1960)

<sup>229</sup> “todos os horizontes foram explorados – que todas as batalhas foram vencidas – que não há mais uma fronteira norte-americana.” “Confio que ninguém nesta vasta assembléia concordará com esses sentimentos. Pois nem todos os problemas estão resolvidos e as batalhas não estão todas vencidas - e hoje estamos à beira de uma Nova Fronteira – a fronteira da década de 1960 – uma fronteira de oportunidades e perigos desconhecidos – uma fronteira de esperanças e ameaças não realizadas. ” “cada um de vocês seja pioneiro nessa Nova Fronteira” “mais sacrifício em vez de mais segurança.” Address of Senator John F. Kennedy Accepting the Democratic Party Nomination for the Presidency of the United States - Memorial Coliseum, Los Angeles (1960)

quais suas ações poderiam ser apreciadas.<sup>230</sup> Usando essa roupagem heroica, eles buscavam se inserir no memorável conjunto serial de estórias heroicas associadas com a Fronteira, estando, conseqüentemente, moralmente justificados como líderes em mais um novo estágio do confronto histórico fronteiriço. Mas agora em uma fronteira que não se estendia do Atlântico para o Pacífico, mas dos Estados Unidos para o mundo e do presente para o futuro.

Em sua retórica, Kennedy afirmava continuamente a sua crença de que a nação possuía um destino maior. Aos Estados Unidos, ele oferecia novos desafios “I do not run for the Presidency saying life will be easy in the 1960’s”, porém: “[...] I do run for the Presidency with the strong feeling that the United States manifest destiny in 1960 is to serve ourselves and serve the cause of freedom.”<sup>231</sup> Ele conclamava o público a servirem essa causa, a serem os pioneiros em sua Nova Fronteira e a refirmarem seu destino manifesto, mas ele também se atribuía um papel excepcional e um destino maior nessa jornada. Sua autoidentificação como herdeiro político de Winthrop postula um papel de liderança para si entre os desbravadores. Durante sua presidência, ele buscava infundir sua administração de louvores heroicos e cavalheirescos com sua figura de presidente-herói em seu centro. Por meio dessa construção, ele corporificaria certos princípios ou forças históricas, uma idealização representativa de seu povo e um modelo para emulação.<sup>232</sup> Isso é marcante na forma como ele apresentou a sua futura presidência: “it is just not merely one candidate running for office, all of you in a sense will in 1961 hold office in the great Republic, upon all of you in your own way and in your own life great responsibilities will be placed upon you.” Conclamando o público a se unir a ele, seus ouvintes poderiam se identificar com sua figura e imitar suas ações em seu nível pessoal:

“I think as time goes on, that if we play our role, if we meet our responsibilities, if we measure up not only in the public sense, but in the private sense, to the opportunities that we have, if we recognize that freedom is not licensed, and that liberty calls for certain qualities of self-restraint and character which go with self-government, I am confident that the future can belong to those who believe in freedom.”<sup>233</sup>

---

<sup>230</sup> SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.490.

<sup>231</sup> “Não corro para a Presidência dizendo que a vida será fácil na década de 1960. ” “[...] Eu concorro à Presidência com o forte sentimento de que o destino manifesto dos Estados Unidos em 1960 é servir a nós mesmos e servir a causa da liberdade.” Speech of Senator John F. Kennedy, Southern Illinois University Stadium, Carbondale, IL. (1960)

<sup>232</sup> SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.498.

<sup>233</sup> “Penso que, com o passar do tempo, se desempenharmos nosso papel, se cumprirmos nossas responsabilidades, se medirmos não apenas no sentido público, mas no sentido privado, às oportunidades que temos, se reconhecermos que a liberdade não é desregramento e que a liberdade exige certas qualidades de autocontrole e caráter que acompanham o autogoverno, estou confiante de que o futuro pode pertencer àqueles que acreditam na liberdade. ” Speech of Senator John F. Kennedy, Shrine Auditorium, Los Angeles, CA (1960)

É essa identificação pessoal com a sua figura pública que ele almeja; por meio dela, suas ações poderiam ser vistas não como ações de um mero presidente, mas ações representativas da própria vontade nacional e das forças históricas que a regem. Na medida em que o presidente-herói é sua representação, o povo permite que ele faça escolhas que estão além de sua capacidade aparente. Logo, “a projeção de um presidente como ‘heróico’ não é apenas um jogo de imagens, mas uma maneira de construir o poder presidencial.”<sup>234</sup> O segredo de seu poder está em sua habilidade de engajar o público em seu projeto político por meio dessa identificação pessoal. Uma identificação que vê no presidente-herói o único capaz de realizar seu destino latente: “I tell you the New Frontier is here, whether we seek it or not.”<sup>235</sup> A Nova Fronteira não era, conseqüentemente, um simples mecanismo retórico para se contrapor ao conservadorismo de Eisenhower, mas uma inevitabilidade do processo histórico norte-americano, seu novo destino manifesto que reafirmaria seu senso de propósito no mundo, mas uma que somente Kennedy seria capaz de mostrar e na qual somente ele é capaz de liderar; como a própria nação, sua figura adquiriria conotações quase messiânicas.<sup>236</sup>

Diversos eventos durante a década de 1950 criaram uma sensação de que os Estados Unidos haviam perdido seu senso de direção histórica e lugar no mundo. O país mais populoso do mundo, a China e Cuba, muito menor, mas muito mais próximo aos Estados Unidos, haviam saído da esfera de influência do Ocidente.<sup>237</sup> Os soviéticos tomaram a dianteira da corrida espacial com o satélite Sputnik em 1957, uma crescente insurgência comunista parecia ameaçar o Sudeste Asiático e os Estados Unidos haviam visto paralisados enquanto tanques soviéticos punham fim à Revolução Húngara. No auge de seu poder militar e econômico, os Estados Unidos pareciam estar com dificuldade de agir; a eles parecia apenas restar assistir enquanto a sua volta a história era feita. E essa história parecia terrivelmente comunista. Durante a visita do líder soviético Nikita Khrushchev aos Estados Unidos em 1959, o prestigiado jornalista Walter

---

<sup>234</sup> “the projection of a President as ‘heroic’ is not merely a play of images but a way of construing presidential power.” SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.501.

<sup>235</sup> “Eu lhe digo que a Nova Fronteira está aqui, quer a busquemos ou não.” Address of Senator John F. Kennedy Accepting the Democratic Party Nomination for the Presidency of the United States - Memorial Coliseum, Los Angeles (1960)

<sup>236</sup> Havia um processo de marketing muito refinado na construção dessa imagem pública de juventude e vigor de Kennedy. Na realidade de sua vida cotidiana, o presidente vivia uma vida muito diferente daquela apresentada ao público. Kennedy sofria de inúmeras doenças crônicas, como dores nas costas, colesterol alto, problemas no estômago e próstata. Mesmo sua pele sempre bronzeada, longe de ser símbolo do vigor e saúde do presidente como era encarada, era resultado da Doença de Addison.

<sup>237</sup> É pertinente apontarmos que o processo de saída de Cuba da esfera de influência dos Estados Unidos para adentrar na da União Soviética foi, em larga medida, impulsionado pelo próprio governo norte-americano. Sob um cerco erguido por Washington, o país caribenho acabou por ver uma saída em um alinhamento definitivo com o campo socialista. A consequência foi a radicalização de sua revolução nacionalista em direção à implementação de um modelo de socialismo no país.

Lippman indagou se os norte-americanos haviam perdido seu senso de grande propósito e destino. Pouco tempo depois, George Kennan desprezaria os Estados Unidos como um país sem um senso de propósito nacional desenvolvido.<sup>238</sup> A questão ecoou durante a campanha de 1960 com constantes asserções de Kennedy sobre a recuperação de um propósito nacional: “I think for Americans life will be more difficult and challenging in the 1960’s than it has ever been in the past. But I do say that if we are successful that I think it is possible for this country to regain its sense of national purpose.”<sup>239</sup> Foi em uma reafirmação do destino manifesto dos Estados Unidos e do futurismo de sua experiência política que ele buscou superar essa paralisia.<sup>240</sup>

Apesar de perscrutar o passado em vista de modelos exemplares, ele nunca deixou de afirmar a direção futura da Nova Fronteira. Como vimos, ele apresentava Nixon e os republicanos como um partido que se direcionava ao passado. Em contrapartida, “we recognize that our past experience is great but that our future possibilities are even greater.”<sup>241</sup> Se examinarmos a estrutura temporal que codifica seu projeto de Nova Fronteira, poderemos ver o futurismo que o informava. Glorificando uma experiência de luta exemplar, mas abrindo um horizonte de expectativas em que o Pacífico não existe como sinalizador de término, a Nova Fronteira perfaz um horizonte de ação potencialmente ilimitado. Articulado passado, presente e futuro, sua retórica colocava os Estados Unidos na beirada de mais uma nova fronteira de vasta potencialidade, uma que poderia levar tanto para o progresso, quanto para o desastre.

“For our Nation is commissioned by history to be either an observer of freedom’s failure or the cause of its success.”<sup>242</sup> O tom apocalíptico usado em seu segundo Discurso de Estado

---

<sup>238</sup> GUSTAINIS, J. Justin. John F. Kennedy and the Green Berets: The rhetorical use of the hero myth. *Communication Studies*, v.40, n.1, 1989, p.43.

<sup>239</sup> “Eu acho que para os norte-americanos a vida será mais difícil e desafiadora na década de 1960 do que nunca. Mas digo que, se formos bem-sucedidos, acho possível que este país recupere seu senso de propósito nacional.” Speech of Senator John F. Kennedy, Iam Convention, Kiel Auditorium, St. Louis, MO (1960)

<sup>240</sup> Ao contrário do que se poderia esperar pelas colocações de Lippman e Kennan, a década de 1950 viu um cenário global estável e uma economia em crescimento e em equilíbrio para os Estados Unidos, de modo que ela veio a se tornar um momento edílico para o olhar nostálgico do final do século XX. Entretanto, durante esse período, os Estados Unidos eram uma nação paranoica pelo macarthismo e profundamente preocupada com a perspectiva de revoluções no Terceiro Mundo e avanços políticos e estratégicos da União Soviética. Estabilidade e crescimento econômico não foram capazes de apagar a sensação de declínio e imobilidade, algo reforçado pela imagem de conformismo e falta de dinamismo da presidência de Eisenhower. Para muitos parecia que, após ter alcançado a paridade estratégica com os Estados Unidos, os soviéticos estavam prestes a superá-los. Ou seja, mais uma vez, os norte-americanos estavam superestimando seus adversários. Ver PECEQUILO, Cristina. **A política externa dos Estados Unidos**. op. cit., 2003, p.180-181. O fato dessas preocupações não terem fundamentos concretos não significou, é claro, que elas não eram uma experiência nacional coletiva com consequências reais para a política do país. Como o macarthismo nos mostra, o mais infundado dos medos tem consequências concretas para as nossas vidas.

<sup>241</sup> “reconhecemos que nossa experiência passada é notável, mas que nossas possibilidades futuras são ainda maiores.” Speech of Senator John F. Kennedy, Shrine Auditorium, Los Angeles, CA (1960)

<sup>242</sup> “Pois nossa nação é encomendada pela história para ser um observador do fracasso da liberdade ou a causa de seu sucesso.” Annual Message to the Congress on the State of the Union (1960)

da União o acompanhou até o fim de sua presidência. Podemos dizer que ela, a despeito de encorajar a nação a agir, esteve continuamente sob a sombra da bomba atômica. Quando Kennedy anunciou à nação a instalação de mísseis balísticos soviéticos em Cuba, ele deixou claro como o significado de vitória estava agora submetido à sua existência: “We will not prematurely or unnecessarily risk the costs of worldwide nuclear war in which even the fruits of victory would be ashes in our mouth.”<sup>243</sup> Por mais futurista que pudesse ser seu horizonte de possibilidades, uma dessas possibilidades era nuclear. Em resposta, ele ofereceu um novo tipo de confronto em seu Discurso de Posse:

“Now the trumpet summons us again – not as a call to bear arms, though arms we need – not as a call to battle, though embattled we are – but a call to bear the burden of a long twilight struggle, year in and year out, ‘rejoicing in hope, patient in tribulation’ – a struggle against the common enemies of man: tyranny, poverty, disease and war itself.”<sup>244</sup>

Esse não seria um conflito curto, mas longo, tal como Truman havia alertado em sua despedida da presidência, mas, ao adotar a metáfora da longa luta crepuscular, Kennedy buscou dar um caráter mais ativo da nação dentro dele.

Essa metáfora foi seu modo de encontrar coerência na dissonância; um modo de atualizar o sentido de engajamento heroico e messiânico possível. Em outro discurso, ele afirma que “these burdens and frustrations are accepted by most Americans with maturity and understanding.” Mas há aqueles que gostariam de poder retornar aos tempos de Theodore Roosevelt na Guerra Hispano-Americana “when war meant charging up San Juan Hill”, ou “when our isolation was guarded by two oceans – or when the atomic bomb was ours alone.” Esses são aqueles que “cannot bear the burden of a long twilight struggle. They lack confidence in our long-run capacity to survive and succeed.” Eles mortificam o comunismo e, por isso, desejam uma solução fácil e rápida para ele, algo que não era possível. Kennedy caracterizava dois grupos que apresentavam essa frustração pela perda da vitória triunfalista de outrora:

“There are two groups of these frustrated citizens, far apart in their views yet very much alike in their approach. On the one hand are those who urge upon us what I regard to be the pathway of surrender – appeasing our enemies, compromising our commitments, purchasing peace at any price, disavowing our arms, our friends, our obligations. If their view had prevailed, the world of free choice would be smaller today. On the other hand are those who urge

---

<sup>243</sup> “Não arriscaremos prematuramente ou desnecessariamente os custos de uma guerra nuclear mundial, na qual até os frutos da vitória seriam cinzas em nossas bocas.” Radio and Television Report to the American People on the Soviet Arms Buildup in Cuba (1962)

<sup>244</sup> “Agora a trombeta nos convoca novamente – não como um chamado para portar armas, apesar de que armas precisamos – não como um chamado para a batalha, apesar de estarmos em batalha – mas um chamado para suportar o fardo de uma longa luta crepuscular, ano após ano, ‘regozijando-se na esperança, paciente na tribulação’ – uma luta contra os inimigos comuns do homem: tirania, pobreza, doença e a própria guerra.” Inaugural Address (1961)

upon us what I regard to be the pathway of war: equating negotiations with appeasement and substituting rigidity for firmness. If their view had prevailed, we would be at war today, and in more than one place.”<sup>245</sup>

Apesar de suas diferenças, ao seu ver, ambos tinham uma visão igualmente estreita, enxergando apenas dois caminhos: apaziguamento ou guerra, humilhação ou holocausto. Nenhuma dessas opções eram aceitáveis para ele, todos os norte-americanos deveriam ter consciência disso, todos “above all else – be united in recognizing the long and difficult days that lie ahead.”<sup>246</sup> Em um tempo em que qualquer confronto poderia escalar em destruição total, Kennedy oferecia a longa luta crepuscular. O confronto na Nova Fronteira não se daria sob a luz do dia, tão menos sob a escuridão da noite, mas no tempo crepuscular que promete a possibilidade de ambas, mas traz apenas uma das duas. Enfrentando seu inimigo nem na paz, nem na guerra, nem na absoluta segurança do amanhã, nem no desastre nuclear eminente, aos norte-americanos cabiam suportar esse excepcional fardo, que terminaria, como havia dito Kennedy ao Congresso, com o sucesso, ou a derrota da causa pela liberdade.

Seu projeto pela renovação do destino manifesto global dos Estados Unidos foi largamente baseado nessa revisão dos cânones tradicionais do país sobre o próprio significado de vitória marcial. Em sua visão, ao tornar vitória uma possibilidade novamente imaginável, a missão nacional seria efetivamente renovada. Mas, já postos os termos de sua significação simbólica, é necessário vermos agora o tipo de confronto efetivo que ele ofertava ao público. Um deles, talvez o mais simbólico deles, pois o menos militar em seu caráter aparente, foi a corrida espacial. O lançamento do Sputnik pela União Soviética havia causado grande alarme entre os norte-americanos, quebrando para muitos o sentimento de onipotência de seu país. A vitória científica dos soviéticos colocou os Estados Unidos para trás em uma área na qual eles se viam incontestes até então: tecnologia. Muitos ficaram irritados com uma resposta complacente por parte da administração Eisenhower.<sup>247</sup> O então presidente se recusou a entrar em uma corrida

---

<sup>245</sup> esses encargos e frustrações são aceitos pela maioria dos norte-americanos com maturidade e compreensão. ” “quando a guerra significava atacar San Juan Hill. ” “quando nosso isolamento era guardado por dois oceanos – ou quando a bomba atômica era só nossa.” “não podem suportar o fardo de uma longa luta crepuscular. Eles não têm confiança em nossa capacidade de longo prazo de sobreviver e ter sucesso. ” “Existem dois grupos desses cidadãos frustrados, distantes em seus pontos de vista, mas muito parecidos em sua abordagem. Em um lado, estão aqueles que insistem que nós escolhamos o que considero o caminho da rendição – apaziguar nossos inimigos, comprometer nossos compromissos, adquirir paz a qualquer preço, renegar nossas armas, nossos amigos, nossas obrigações. Se a visão deles tivesse prevalecido, o mundo da livre escolha seria menor hoje. Do outro lado, estão aqueles que insistem que nós escolhamos o que considero ser o caminho da guerra: equiparar as negociações com apaziguamento e substituir a rigidez pela firmeza. Se a visão deles tivesse prevalecido, estaríamos em guerra hoje e em mais de um lugar. ” Address in Seattle at the University of Washington’s 100th Anniversary Program (1961)

<sup>246</sup> “acima de tudo – unir-se no reconhecimento dos longos e difíceis dias que se avizinham.” Address in Seattle at the University of Washington’s 100th Anniversary Program (1961)

<sup>247</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.356



desmedida com os soviéticos que poderia causar grandes déficits orçamentários. Mas déficit não parecia um perigo tão ameaçador para o grande público quanto ter soviéticos se aventurando acima de suas cabeças. Ainda mais quando colocado em destaque o existente caráter militar da exploração espacial na forma de mísseis intercontinentais. Diante de crescentes críticas de que ele estava deixando o país inseguro, Eisenhower começou novos investimentos na área, que acabariam com na criação da agência espacial NASA.<sup>248</sup> Inicialmente, como senador, Kennedy havia compartilhado a visão de Eisenhower de que o programa espacial era uma tarefa custosa demais, porém os contínuos avanços soviéticos na área, como o extraordinário envio do cosmonauta Yuri Gagarin ao espaço, o fizeram mudar de ideia. Para ele, a corrida espacial tinha implicações militares, políticas e psicológicas demais para ser posta de lado.<sup>249</sup> Ao Congresso, ele havia dito isso em claras palavras:

“Finally, if we are to win the battle that is now going on around the world between freedom and tyranny, the dramatic achievements in space which occurred in recent weeks should have made clear to us all, as did the Sputnik in 1957, the impact of this adventure on the minds of men everywhere, who are attempting to make a determination of which road they should take.”<sup>250</sup>

A corrida espacial também deveria ser apreciada dentro de seu projeto de uma Nova Fronteira: “our objective in making this effort, which we hope will place one of our citizens on the moon, is to develop in a new frontier of science, commerce and cooperation, the position of the United States and the Free World.”<sup>251</sup> Algo que seria ressoado em seu famoso discurso na Universidade de Rice no Texas, no qual ele buscou persuadir o público norte-americano a apoiar o programa Apollo, o esforço nacional para levar um homem à Lua. Invocando o espírito pioneiro, ele apresentou o espaço como mais uma fronteira para os Estados Unidos:

“This country was conquered by those who moved forward – and so will space. William Bradford, speaking in 1630 of the founding of the Plymouth Bay Colony, said that all great and honorable actions are accompanied with great difficulties, and both must be enterprised and overcome with answerable courage. ”

---

<sup>248</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.357-358

<sup>249</sup> *Ibid.*, 2001, p.392-393

<sup>250</sup> “Por fim, se quisermos vencer a batalha que está ocorrendo agora em todo o mundo entre liberdade e tirania, as dramáticas conquistas no espaço que ocorreram nas últimas semanas deveriam ter deixado claro para todos nós, assim como o Sputnik em 1957, o impacto desta aventura nas mentes dos homens em todo o mundo e que estão tentando determinar qual caminho devem seguir. ” Special Message to the Congress on Urgent National Needs (1961)

<sup>251</sup> “nosso objetivo ao fazer esse esforço, que esperamos que coloque um de nossos cidadãos na lua, é desenvolver uma nova fronteira de ciência, comércio e cooperação, a posição dos Estados Unidos e do Mundo Livre. ” Annual Message to the Congress on the State of the Union (1962)

O Texas que um dia foi o mais distante posto da antiga fronteira do Oeste agora “will be the furthest outpost on the new frontier of science and space.”<sup>252</sup> Transformado o espaço em uma nova fronteira de conquista, a corrida espacial adquire um peso heroico tradicional para aqueles que embarcam nela. Ainda que evidentemente adquiram maior heroísmo os astronautas que participam fisicamente dela, a adesão nacional a essa empreitada torna todos os seus membros investidos dos seus louvores heroicos em conjunto. Como era característico de seu discurso mitificante, ele também não deixa de trazer o elemento messiânico em sua apropriação da Fronteira, pois “no nation which expects to be the leader of other nations can expect to stay behind in this race for space.”<sup>253</sup> Em seu embate contra o comunismo, a liderança dos Estados Unidos dependia, assim, da conquista do espaço mesmo que ela não oferecesse a vitória certa e total do confronto militar.

Nesse sentido, a corrida espacial exprimiu a transformação do significado de vitória provocado pela bomba atômica. Enquanto o conceito de guerra tinha sido limitado pelo tipo de armamento e recursos disponíveis, vitória era um conceito expansivo sem fim aparente, mas “com armas de capacidade destrutiva aparentemente ilimitada, no entanto, a ideia de vitória começou a encolher.” Como resultado, as duas superpotências firmariam acordo tácito “restringir suas lutas a áreas em que cada uma poderia lutar por uma vitória que seria largamente simbólica do que já agora não poderia ser feito sem preocupações.”<sup>254</sup> Conquista na corrida espacial poderia ser uma vitória simbólica sobre o comunismo soviético em substituição ao confronto heroico tradicional perdido. Ela poderia não oferecer o mesmo tipo de triunfo militar sobre o inimigo de uma Batalha de Iwo Jima, mas triunfo poderia ser dela extraído, assim como um sentido de propósito e destino maior como nação renovados.

Na campanha, Kennedy já havia destacado a importância de comprovar a disparidade entre os avanços dos Estados Unidos e os da União Soviética como prova do sucesso do projeto do primeiro e do fracasso do segundo. Segundo ele, uma das grandes questões ao avaliar os candidatos deveria ser: “whether they can demonstrate to a watching world that we represent

---

<sup>252</sup>“Este país foi conquistado por aqueles que avançaram – e o espaço também será. William Bradford, falando em 1630 da fundação da Colônia da Baía de Plymouth, disse que todas as grandes e honradas ações são acompanhadas de grandes dificuldades, e ambas devem ser empreendidas e superadas com coragem responsável. ” “será o posto avançado mais distante da nova fronteira da ciência e do espaço.” Address at Rice University in Houston on the Nation (1962)

<sup>253</sup> “nenhuma nação que espera ser líder de outras nações pode esperar ficar para trás nesta corrida pelo espaço. ” Address at Rice University in Houston on the Nation (1962)

<sup>254</sup> “with weapons of seemingly limitless destructive capacity, however, the idea of victory began to shrink. ” “to restrict their struggles to areas where each could strive for a victory that would be largely symbolic of what could not now be done with abandon.” ENGELHARDT, Tom. **The End of Victory Culture**. op. cit., 1995, p.159.

the way to the future and the Communist system represents a system as old as Egypt.”<sup>255</sup> Para o novo presidente mostrar a vitalidade e futurismo do projeto político dos Estados Unidos era fundamental, principalmente com a abertura de novas fronteiras no Terceiro Mundo para a disputa da Guerra Fria. Naquele cenário, ele era a única parte do globo em que um confronto se mostrou possível. Nas palavras de McDougall: “com a Europa congelada em blocos e a corrida pelas armas nucleares apontando para dissuasão mútua, o Terceiro Mundo emergiu como o único flanco aberto no qual as superpotências poderiam travar a Guerra Fria sem arriscar o Armagedom.”<sup>256</sup> Kennedy jamais poderia admitir publicamente que o lado oriental da “cortina de ferro” estava perdido, impossível de ser salvo. Mas qualquer um poderia pesar as possibilidades catastróficas do que um conflito europeu traria, a inação de Eisenhower na Hungria é prova disso.

Coube ao jovem presidente apresentar, então, o Terceiro Mundo como a região onde se encontravam as novas fronteiras para uma atuação heroica, de modo que elas aparecessem não como o único local resguardando de um apocalipse nuclear, mas sim como o natural ambiente de luta contra a tirania. Como ele havia dito ao Congresso: “The great battleground for the defense and expansion of freedom today is the whole southern half of the globe – Asia, Latin America, Africa and the Middle East – the lands of the rising peoples.”<sup>257</sup> O que não implica que a região não detivesse importância estratégica nos anos anteriores. Ela nunca esteve de fora dos planos de contenção da Casa Branca; a garantia de maior segurança política da Europa não poderia ser esperada em uma parte do globo em ebulição política com o processo de descolonização e o surgimento crescente de projetos nacionalistas. Ela apenas acabou, pela paralisante dinâmica da Europa, recebendo maior atenção estratégica e uma devida e consequente atenção simbólica. Uma atenção que requereu uma ênfase nesse futurismo um tanto esquecido na narrativa nacional dos Estados Unidos: “But now people of Latin America, Africa, and Asia, who stand today on the razor edge of decision, they look at us and they look at the vitality of the Communist system, and they wonder which way the future lies.”<sup>258</sup> Como Truman, Kennedy

---

<sup>255</sup> “se eles podem demonstrar a um mundo atento que nós representamos o caminho para o futuro e o sistema comunista representa um sistema tão antigo quanto o Egito.” Speech of Senator John F. Kennedy, Shrine Auditorium, Los Angeles, CA (1960)

<sup>256</sup> “with Europe frozen into blocs and the nuclear arms race heading toward mutual deterrence, the Third World emerged as the only open flank in which the superpowers might wage Cold War without risking Armageddon” MCDUGALL, Walter. **Promised Land, Crusader State**. op. cit., 1997, p.183.

<sup>257</sup> “O grande campo de batalha para a defesa e expansão da liberdade hoje é toda a metade sul do globo – Ásia, América Latina, África e Oriente Médio – as terras dos povos em ascensão.” Special Message to the Congress on Urgent National Needs (1961)

<sup>258</sup> “Mas agora as pessoas da América Latina, África e Ásia, que estão hoje à beira da decisão, olham para nós e olham para a vitalidade do sistema comunista e se perguntam em qual lado está o futuro.” Speech of Senator John F. Kennedy, Iam Convention, Kiel Auditorium, St. Louis, MO (1960)

enfaticava a Guerra Fria como uma disputa não apenas entre livres e escravizados, mas entre modelos distintos de futuro. Nesse aspecto, Kennedy também se contrapôs a Eisenhower; ele não compartilhava dos constrangimentos de seu antecessor ao uso de palavras como revolução. Ao contrário, em seu Discurso de Posse, ele a pôs em destaque: “the same revolutionary beliefs for which our forebears fought are still at issue around the globe. ” Fomentando os princípios de universalidade da experiência política dos Estados Unidos, ele estende a mão ao mundo: “we pledge our best efforts to help them help themselves, for whatever period is required – not because the communists may be doing it, not because we seek their votes, but because it is right.”<sup>259</sup>

Foi para a América Latina que Kennedy direcionou mais explicitamente seus votos de apoio nesse discurso ao defender a criação de um Aliança para o Progresso entre os Estados Unidos e suas “repúblicas-irmãs” ao sul. Dentro do espírito de ênfase no Terceiro Mundo, ele buscou romper com a desvalorização da América Latina dentro da política externa dos Estados Unidos. Até então, antes da vitoriosa revolução em Cuba, a região não era percebida como uma área de risco, ou de interesse prioritário. Se, por um lado, o início da Guerra Fria fez surgir o auge da participação norte-americana no sistema internacional, por outro, ele viu o vertiginoso declínio de sua política hemisférica, eclipsada pela valorização do teatro estratégico europeu.<sup>260</sup> Mas, a despeito desse rompimento de prioridades e da novidade na amplitude dos seus objetivos na relação com esses países, seu mais novo programa não conseguiu romper com o padrão de atuação norte-americana no mundo; pelo contrário, ele iria apenas fazer repetir o já familiar dilema dos Estados Unidos na Guerra Fria: o dilema entre o imperativo de manter seu poder e a promoção de valores democráticos.

Nesse mesmo discurso ele expressou isso ao alertar que “Let all our neighbors know that we shall join with them to oppose aggression or subversion anywhere in the Americas. And let every other power know that this Hemisphere intends to remain the master of its own house.”<sup>261</sup> Algo que apareceu com mais ênfase em seu discurso de anúncio do programa. Proferido na Casa Branca e transmitido em inglês na rádio Voz da América, com tradução em espanhol, português e francês, nesse pronunciamento ele seguiu o padrão de identificação da

---

<sup>259</sup> “as mesmas crenças revolucionárias pelas quais nossos antepassados lutaram ainda estão em questão em todo o mundo. ” “Nós prometemos nossos melhores esforços para ajudá-los a se ajudarem, por qualquer período que seja necessário – não porque os comunistas estejam fazendo isso, não porque procuremos seus votos, mas porque é certo fazê-lo. ” Inaugural Address (1961)

<sup>260</sup> PECEQUILO, Cristina. **A política externa dos Estados Unidos**. op. cit., 2003, p.218-219.

<sup>261</sup> “Que todos os nossos vizinhos saibam que devemos nos juntar a eles para se opor à agressão ou subversão em qualquer lugar das Américas. E que todos os outros poderes saibam que este Hemisfério pretende continuar sendo o dono de sua própria casa. ” Inaugural Address (1961)

luta contra o comunismo soviético dentro do processo de confronto com uma mesma figura transcendente de tirania: “we confront the same forces which have imperiled America throughout its history – the alien forces which once again seek to impose the despotisms of the Old World on the people of the New.” Contra a mais recente forma de seu inimigo atemporal, Kennedy apresenta um continente americano unido em uma mesma experiência de luta anticolonial, sendo a Aliança para o Progresso a nova expressão máxima dessa união. Através dela, o hemisfério como um todo poderia ver sua missão histórica completada e se ver extirpado daquela tirania, pois “the revolution which began in Philadelphia in 1776, and in Caracas in 1811 – is not yet finished.”<sup>262</sup> A Aliança para o Progresso era o projeto que Kennedy ofereceu ao continente em resposta ao crescente entusiasmo com a Revolução Cubana. A vitória dos revolucionários em Cuba não representava apenas uma conquista soviética, em si mesmo, o país caribenho, antes um domínio incontestado dos Estados Unidos, se tornou um símbolo de desafio à sua influência.<sup>263</sup> E, para a administração Kennedy, Cuba era nada menos que o resultado de uma crise em toda a região que precisava ser endereçada.<sup>264</sup> Disso nasce esse programa que, seguindo os padrões do Plano Marshall, via na pobreza e na miséria pestilências que convidavam o comunismo.

Ao contrário desse, porém, ele não concedeu prioridade à esfera econômica, mas sim à união das dimensões econômica e política em prol de formas democráticas de governo, chegando ao ponto de incluir uma reforma agrária, vista como necessária ao desenvolvimento combinado de ambas essas dimensões.<sup>265</sup> Nesse sentido, ela também manifestou o imperativo moral de uma necessária atuação global dos Estados Unidos no mundo, ao mesmo tempo que a fez por meio de uma retórica futurista e modernizadora, algo condessado em seu próprio nome. Por meio dela, “os norte-americanos poderiam então ser o que os soviéticos alegavam ser: parteiros da história.”<sup>266</sup> Desde seu tempo no Senado, Kennedy afirmava que os Estados Unidos deveriam se unir às forças nacionalistas que estavam surgindo no mundo.<sup>267</sup> Ele dimensionava a potencialidade desse movimento e a necessidade de direcioná-lo para longe do comunismo. Daí as afirmações de Kennedy de que Fidel Castro não havia dado vitória à revolução, ele, longe

---

<sup>262</sup> “enfrentamos as mesmas forças que ameaçaram a América ao longo de sua história – as forças estrangeiras que mais uma vez procuram impor os despotismos do Velho Mundo sobre o povo do Novo.” “a revolução que começou na Filadélfia em 1776 e em Caracas em 1811 - ainda não está terminada.” Address at a White House Reception for Members of Congress and for the Diplomatic Corps of the Latin American Republics (1961).

<sup>263</sup> PECEQUILO, Cristina. **A política externa dos Estados Unidos**. op. cit., 2003, p.225.

<sup>264</sup> Ibid., 2003, p.216.

<sup>265</sup> SMITH, Tony. **America’s Mission**. op. cit., 1995, p.217.

<sup>266</sup> “the Americans could then be what the Soviets claimed to be: midwives of history.” SMITH, Tony. **America’s Mission**. op. cit., 1995, p.220.

<sup>267</sup> Ibid., 1995, p.225.

disso, havia a traído.<sup>268</sup> Mas a realidade da dinâmica política e social da América Latina se mostrou muito mais complexa do que a rasa noção que dela tinham em Washington.

Uma das causas do fracasso da Aliança para o Progresso foi justamente a percepção das elites latino-americanas de que algumas de suas reformas (como a agrária) ameaçavam o seu poder.<sup>269</sup> Os Estados Unidos superestimavam sua capacidade de promover mudanças e a disposição das forças políticas da América Latina de alterarem radicalmente suas estruturas sociais internas. E o governo norte-americano não se dispôs a pressionar por essas reformas por medo que, diante da relutância das elites locais, chamar por elas só fomentaria o tipo de movimento de insurgência que ele queria precisamente evitar.<sup>270</sup> O paradoxo da Aliança para o Progresso reside em ela ter sido desenvolvida como resultado da dinâmica da Guerra Fria, mas ela não poder ter sido plenamente efetivada por causa dessa mesma dinâmica. Consequentemente, ainda que não ideal em sua perspectiva, os Estados Unidos retomariam sua disposição por regimes autoritários, geralmente de cunho militar, na região. Percebidas como a organização mais estável e modernizadora, as Forças Armadas podiam impulsionar o desenvolvimento econômico e social necessário para conter o comunismo, ao mesmo tempo criar os necessários mecanismos de segurança contra a subversão.<sup>271</sup> A modernização que nos foi oferecida só fez repetir, portanto, a tragédia latino-americana: a oferta do progresso contra nossos males, que são, por sua vez, a quintessência do Progresso de outrora.

A Aliança para o Progresso, assim como o apoio a esses regimes militares fez parte do processo de ênfase na necessidade de atacar a ameaça do “inimigo interno” no Terceiro Mundo na forma de subversão e as causas de sua origem. Mas esses não foram os únicos meios através dos quais essa estratégia de contenção foi organizada. Da perspectiva do grande público, elas eram as menos apelativas, a primeira por ainda prescrever, mesmo auxiliando a constituição de sua autoimagem como uma força messiânica e revolucionária no mundo, um caráter não tão ativo da nação no processo de luta contra o comunismo. Esse programa direcionava a conquistar os corações e mentes da América Latina, muito mais do que os dos norte-americanos. Já o segundo dificilmente seria de fato apelativo, ainda que a racionalidade de que uma ditadura alinhada aos Estados Unidos fosse preferível a uma alinhada à União Soviética tivesse ampla aceitação no país. A elaboração de uma estratégia de contrainsurgência com participação dos norte-americanos foi o meio de oferecer uma participação mais direta dos norte-americanos na

---

<sup>268</sup> Ver entrevista de Kennedy <https://bit.ly/2LFVYxQ>

<sup>269</sup> SMITH, Tony. *America's Mission*. op. cit., 1995, p.233.

<sup>270</sup> *Ibid.*, 1995, p.225-226.

<sup>271</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz. *Formação do império americano*. op. cit., p.205-206.

longa luta crepuscular travada no Terceiro Mundo. Disso resulta a criação dos Corpos da Paz e dos Boinas Verdes, os instrumentos políticos mais aproximadamente identificados com o estilo heroico desenvolvido por Kennedy.<sup>272</sup>

O acordo tácito da Guerra Fria também existia aqui. Os Corpos da Paz e os Boinas Verdes eram instrumentos para confrontos limitados, simbolizando o que não podia mais ocorrer em termos militares convencionais. Em lugar da paralisia de estratégias como a retaliação massiva, que não oferecia outra escolha além da humilhação da derrota, ou a desolação nuclear, as guerras limitadas foram pensadas como o meio mais eficiente de reafirmar a credibilidade dos Estados Unidos e de responder um medo estranho: o de que seu vasto poder seria alvo de zombaria no mundo.<sup>273</sup> Munido da mais poderosa das armas, mas incapaz de usá-la, ele não seria nada mais que um tigre de papel, como o próprio líder comunista chinês Mao Zedong afirmara em 1956. Defender sua credibilidade por novos meios se tornou um substituto à vitória tradicional, logo um certo poder da estória de guerra havia sido posto nas mãos inimigas: “Não era mais apenas uma questão de como os norte-americanos se viam ou organizavam sua própria história, mas da credibilidade que outros davam ao seu relato.”<sup>274</sup> Kennedy fazia contínuas afirmações de que as formas tradicionais de confronto militar estavam defasadas para responder a presente dinâmica do mundo: “Too long we have fixed our eyes on traditional military needs, on armies prepared to cross borders, on missiles poised for flight. Now it should be clear that this is no longer enough [...]”<sup>275</sup> Ele havia rejeitado o alerta de Eisenhower em seu Discurso de Despedida sobre os perigos do complexo militar-industrial, em verdade, ele promoveu o maior aumento de gastos em defesa da história do país,<sup>276</sup> mas ele dimensionava que isso não faria nada mais do que desafiar os soviéticos a uma corrida armamentista. Existia um campo de luta em que armas de grande destruição não poderiam ser usadas:

“The armies are there, and in large number. The nuclear armaments are there. But they serve primarily as the shield behind which subversion, infiltration, and a host of other tactics steadily advance, picking off vulnerable areas one by one in situations which do not permit our own armed intervention.”

Essa era uma batalha que não poderia ser ignorado: “And we dare not fail to realize that this struggle is taking place every day, without fanfare, in thousands of villages and markets – day

---

<sup>272</sup> SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.503.

<sup>273</sup> ENGELHARDT, Tom. **The End of Victory Culture**. op. cit., 1995, p.160.

<sup>274</sup> “It was no longer simply a matter of how Americans saw themselves or organized their own story but of the credibility others gave its account.” Ibid., 1995, p.161.

<sup>275</sup> “Por muito tempo, fixamos nossos olhos nas necessidades militares tradicionais, em exércitos preparados para atravessar fronteiras, em mísseis prontos para voar. Agora deve ficar claro que isso não é mais suficiente [...]” Address Before the American Society of Newspaper Editors (1961)

<sup>276</sup> PECEQUILO, Cristina. **A política externa dos Estados Unidos**. op. cit., 2003, p.183.

and night – and in classrooms all over the globe.”<sup>277</sup> Os movimentos nacionalistas tinham aspirações genuínas e, por isso, deveriam ser defendidos e protegidos pelos Estados Unidos, mas o comunismo estava preparado para subvertê-los aos seus próprios fins do mesmo modo como Fidel Castro havia feito em Cuba. A forma de ação do comunismo não ocorreria mais pela imposição forçada por meio de uma agressão externa, como na Coréia, mas por meios sutis, que eram muitas vezes de difícil detecção. É nesse sentido que Kennedy estipulava uma nova missão nacional na forma de modernizar e solidificar nações ao redor do mundo: “we have an historic opportunity to help these countries build their societies until they are so strong and broadly based that only an outside invasion could topple them, and that threat, we know, can be stopped.”<sup>278</sup>

A defesa das “fronteiras da liberdade”, como eram constantemente chamadas, requeriam novos instrumentos que ia além da capacidade militar convencional e nuclear. A ideia pelos Corpos da Paz já havia sido dada por Kennedy durante a campanha; como presidente, ele a colocou em prática. Uma organização voluntária criada para promover não apenas desenvolvimento social e econômico, como também a própria ideia que os Estados Unidos buscavam corporificar: “[...] nothing carries the spirit of this American idealism more effectively to the far corners of the earth than the American Peace Corps.”<sup>279</sup> Mas mais do que apenas puro idealismo, como o seu nome de conotações militares indicava, o objetivo do programa servia a um propósito militante, a inclusão em seu treinamento de cursos sobre a filosofia e as estratégias do comunismo mostra isso.<sup>280</sup> O próprio Kennedy já havia colocado esse propósito em palavras claras em 1960 quando os Corpos da Paz ainda eram apenas uma proposta. Nesse ano, em discurso na cidade de São Francisco, ele afirmou a necessidade por “embaixadores da paz”; sem os quais, os Estados Unidos incorriam no perigo de entregar o discurso da paz à causa do comunismo:

“On the other side of the globe, teachers, doctors, technicians, and experts desperately needed in a dozen fields by underdeveloped nations are pouring forth from Moscow to advance the cause of world communism. [...] I am

---

<sup>277</sup> “The armies are there, and in large number. The nuclear armaments are there. But they serve primarily as the shield behind which subversion, infiltration, and a host of other tactics steadily advance, picking off vulnerable areas one by one in situations which do not permit our own armed intervention. ” “E não ousamos deixar de perceber que essa luta está ocorrendo todos os dias, sem alarde, em milhares de aldeias e mercados – dia e noite – e em salas de aula em todo o mundo.” Address Before the American Society of Newspaper Editors (1961)

<sup>278</sup> “temos uma oportunidade histórica de ajudar esses países a construir suas sociedades até que sejam tão fortes e de base ampla que apenas uma invasão externa possa derrubá-las, e essa ameaça, sabemos, pode ser contida. ” Radio and Television Report to the American People on Returning From Europe (1961)

<sup>279</sup> “[...] nada leva o espírito desse idealismo norte-americano de maneira mais eficaz aos cantos mais longínquos do mundo do que os Corpos de Paz Americanos. ” Annual Message to the Congress on the State of the Union (1963).

<sup>280</sup> ENGELHARDT, Tom. **The End of Victory Culture**. op. cit., 1995, p.164.



convinced that our young men and women, dedicated to freedom, are fully capable of overcoming the efforts of Mr. Khrushchev's missionaries who are dedicated to undermining that freedom. ”<sup>281</sup>

Contra os missionários do Kremlin, uma escolha de palavras que parece ecoar a forte retórica religiosa daqueles anos, a nova organização ofertava à nação uma oportunidade e modelo de engajamento infundido de idealismo e uma participação ativa na longa e árdua luta por vir.

Mas essa não teria apenas o semblante militar dos Corpos da Paz, ela também seria exercida principalmente por um efetivo de homens armados. Assim como a Aliança para o Progresso, os Corpos da Paz operavam pela infusão pacífica de capital, energia e expertise norte-americana. Em contrapartida, as Forças Especiais, reinventadas como Boínas Verdes, fariam uma conexão militar clara entre a missão de construção e modernização de nações estrangeiras e guerra de contra-insurgência. Como muitos nos Estados Unidos, Kennedy compartilhava uma mística em torno da guerra como a expressão suprema dos valores norte-americanos.<sup>282</sup> A ênfase nas origens marciais da nação pela mitologização da Guerra de Independência já havia forjado essa conexão entre seu nacionalismo e beligerância. O mito do minutemen, as milícias de cidadãos armados, era a expressão heroica materializada dessa dimensão militar da nação no período revolucionário.<sup>283</sup> Nos mitos, é convencional que princípios e ideais tomem forma em figuras e personalidades particulares.<sup>284</sup> Ao longo de sua história, os Estados Unidos preservariam esse padrão de estender uma imagem heroica e religiosa aos seus soldados, vistos não apenas como meros protetores e preservadores da nação, mas também como uma encarnação de seus ideais. Nas palavras de Ebel: “a Palavra da nação feita carne.”<sup>285</sup> Consequentemente, o presidente sabia que, mesmo em uma guerra limitada, a nação precisava de heróis.

A estratégia de contrainsurgência prescrevia o combate ao comunismo pela combinação de táticas políticas e militares em substituição a grandes quantidades de forças militares, vistas como inúteis no combate a guerrilhas.<sup>286</sup> Ela exigia uma força altamente capacitada que conhecesse os meios do inimigo, estando pronto para usar alguns deles ao seu modo se necessário.

---

<sup>281</sup> “Do outro lado do globo, professores, médicos, técnicos e especialistas desesperadamente necessários em uma dúzia de campos por países subdesenvolvidos são trazidos de Moscou para avançar a causa do comunismo mundial. [...] Estou convencido de que nossos rapazes e moças, dedicados à liberdade, são totalmente capazes de superar os esforços dos missionários do Sr. Khrushchev, que se dedicam a minar essa liberdade. ” Speech of Senator John F. Kennedy, Cow Palace, San Francisco, CA (1960)

<sup>282</sup> SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.500.

<sup>283</sup> GRANT, Susan-Mary. **História Concisa dos Estados Unidos da América**, op. cit., 2014, p.153.

<sup>284</sup> BOSTDORFF, Denise. **The Presidency and the Rhetoric of Foreign Crisis**. Columbia: University of South Carolina Press, 1994, p.190.

<sup>285</sup> “the Word of the nation made flesh” EBEL, Jon. **G.I. Messiahs Soldiering, War, and American Civil Religion**. New Haven and London: Yale University Press, 2015, p.2.

<sup>286</sup> GUSTAINIS, J. Justin. John F. Kennedy and the Green Berets. op. cit., 1989, p.44.

Assim, tal como as operações secretas da CIA, ela desobedecia aos cânones marciais convenionados do país. Como seu antecessor, Kennedy via necessidades nos métodos das operações secretas, ele foi o presidente que mais autorizou operações desse tipo,<sup>287</sup> porém ele acreditava que era necessário estabelecer um clima de apoio público a alguns desses métodos.<sup>288</sup> A nação requeria ver sua atuação messiânica e os Boinas Verdes como seus guerreiros da contrainsurgência poderiam ser “mitologizados e publicizados, em vez de escondidos em uma capa de segredo e negação que parecia vergonha.”<sup>289</sup> Mas não era apenas o público que Kennedy precisava convencer pela adoção da política de contrainsurgência e dos Boinas Verdes como seu instrumento. Muitos oficiais das Forças Armadas mostravam pouco entusiasmo pela contrainsurgência em geral e os Boinas Verdes em particular.<sup>290</sup>

Em 1962, Kennedy buscou os publicizar para ambos público e oficialato militar ao fazer o discurso de graduação da Academia Militar. Na ocasião, ele novamente endereçou o triunfalismo frustrado:

“I am sure that many Americans believe that the days before World War II were the golden age when the stars were falling on all the graduates of West Point, that that was the golden time of service, and that you have moved into a period where military service, while vital, is not as challenging as it was then. Nothing could be further from the truth. ”

Na perspectiva de Kennedy, a narrativa nacional e marcial dos Estados Unidos apenas precisava ser atualizada para a realidade da Guerra Fria: “One the other hand, your responsibilities may involve the command of more traditional forces, but in less traditional roles. Men risking their lives, not as combatants, but as instructors or advisers, or as symbols of our Nation’s commitments. ” Uma dessas novas posições honradas eram justamente as Forças Especiais:

“To cite one final example of the range of responsibilities that will fall upon you: you may hold a position of command with our special forces, forces which are too unconventional to be called conventional, forces which are growing in number and importance and significance, for we now know that it is wholly misleading to call this ‘the nuclear age’, or to say that our security rests only on the doctrine of massive retaliation. ”<sup>291</sup>

---

<sup>287</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz. **Formação do império americano**. op. cit., p.203.

<sup>288</sup> SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.499.

<sup>289</sup> “mythologized and publicized rather than hidden in a cloak of secrecy and deniability that looked like shame.” ENGELHARDT, Tom. **The End of Victory Culture**. op. cit., 1995, p.162.

<sup>290</sup> GUSTAINIS, J. Justin. John F. Kennedy and the Green Berets. op. cit., 1989, p.44.

<sup>291</sup> “Tenho certeza de que muitos norte-americanos acreditam que os dias anteriores à Segunda Guerra Mundial eram a idade de ouro, quando as estrelas caíam sobre todos os graduados em West Point, que era a época de ouro do serviço e que você se mudou para um período em que serviço militar, embora vital, não é tão desafiador quanto um dia foi. Nada poderia estar mais longe da verdade. ” “Por outro lado, suas responsabilidades podem envolver o comando de forças mais tradicionais, mas em papéis menos tradicionais. Homens arriscando suas vidas, não como combatentes, mas como instrutores ou conselheiros, ou como símbolos dos compromissos de nossa nação. ” “ Para citar um exemplo final do leque de responsabilidades que incidirá sobre vocês: vocês podem ocupar uma

De acordo com Kennedy, havia um novo tipo de guerra no mundo, novo em sua intensidade, mas antigo em seus métodos. Ocorrendo pela infiltração, pelo uso de guerrilhas, subversão e insurgência, esse modo de confronto militar buscava vitória “by eroding and exhausting the enemy instead of engaging him. It is a form of warfare uniquely adapted to what has been strangely called ‘wars of liberation’, to undermine the efforts of new and poor countries to maintain the freedom that they have finally achieved.” Um novo tipo de confronto que exigia, portanto, um novo tipo de treinamento militar e um novo tipo de expertise próprios ao seu enfrentamento: “When there is a visible enemy to fight in open combat, the answer is not so difficult. Many serve, all applaud, and the tide of patriotism runs high. But when there is a long, slow struggle, with no immediate visible foe, your choice will seem hard indeed.”<sup>292</sup> Prometendo triunfo, mas não travada de forma rápida e fácil, exigindo paciência para seus resultados, a contrainsurgência era a expressão militar própria da longa luta crepuscular.

Como resultado, as Forças Especiais se tornaram experts em táticas de guerrilha, seguindo uma velha premissa fronteiriça nos Estados Unidos: era necessário um ladrão para pegar um ladrão e um índio branco para pegar um vermelho. A mística criada em torno dos Boinas Verdes seria marcada pelo uso de tropos do Mito da Fronteira, algo esperado de um governo cujo principal símbolo de identificação era a Nova Fronteira. O engajamento do país nas regiões “hostis” do Terceiro Mundo iria reproduzir os elementos básicos do conflito na fronteira, em particular a guerra indígena, tendo em vista os paralelos entre eles: ambos ocorreriam em um ambiente “selvagem” em enfrentamento a um inimigo racial e culturalmente estrangeiro e inferiorizado.<sup>293</sup> Por conseguinte, o processo de racialização do outro-inimigo externo esteve marcadamente presente na retórica da contrainsurgência e dos produtos culturais (como filmes) que tiraram inspiração nela. Enquanto o comunismo soviético (ou europeu) seguiu sua leitura pelo tropo da tirania, como vimos nos discursos de Kennedy sobre a Aliança para o Progresso, os tipos de ambiente, de inimigo e de luta travada na contrainsurgência convidou o uso de metáforas radicalizadoras da Fronteira na construção do antagonismo ao comunismo na Ásia.

O comunista asiático se tornava o mais novo pele “vermelha”, cujas táticas eram confrontadas pelo mais recente herói branco que aprendia seus truques para derrotá-lo. Logo, “se

---

posição de comando com nossas forças especiais, forças pouco convencionais para serem chamadas de convencionais, forças que estão crescendo em número, importância e significado, pois agora sabemos que é totalmente enganador chamar essa de a ‘era nuclear’ ou dizer que nossa segurança repousa apenas na doutrina da retaliação maciça. ” Remarks at West Point to the Graduating Class of the U.S. Military Academy (1962)

<sup>292</sup> Remarks at West Point to the Graduating Class of the U.S. Military Academy (1962)

<sup>293</sup> SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.492.

Kennedy descrevia o mundo como uma Nova Fronteira, os Boínas Verdes eram seus Novos Fronteiriços. ”<sup>294</sup> Como o novo herói fronteiriço que torna seguro a colonização pioneira, antes segura do indígena, agora do comunista, o envio das Forças Especiais poderia ser legitimado dentro de padrões de entendimento convencionados e suas ações glorificadas como heroicas e representativas do caráter nacional. Como nos coloca Gustainis, “a contra-insurgência era um conceito abstrato que dificilmente despertaria muito interesse ou apoio do público. Mas os boínas verdes eram reais; eles podiam ser vistos – e admirados”<sup>295</sup> Um messianismo heroico não apenas possível, mas visível. Um casamento perfeito e nada incomum entre os tropos do Mito da Fronteira e do Destino Manifesto ganhava forma na missão nacional no Sudeste Asiático. Enquanto O’Sullivan havia usado a excepcionalidade e o messianismo dos Estados Unidos para justificar a expansão de suas fronteiras, a administração Kennedy usou os tropos de guerra indígena e do herói do Oeste para fomentar a autoimagem excepcional e messiânica da nação. É evidente que nem todos podiam fazer parte dessa empreitada, bem como não poderiam de uma guerra convencional, mas ela permitia a identificação do público com a imagem que era elaborada sobre os Boínas Verdes. Apresentados como a moderna versão do herói do Oeste, eles se tornavam, tal qual o minutemen na Independência, uma idealização corporificada do que a nação representava.

Mas um dos grandes poderes da metáfora da guerra indígena também está enraizada na relação que ela estabelece entre povos “primitivos” e “avançados”. Uma relação que postula a dependência das nações “selvagens” ou “menos desenvolvidas” pela cultura política do Estado-nação ocidental.<sup>296</sup> Era a falta de uma cultura política desenvolvida que tornava esses países vulneráveis ao comunismo, sua resultante passividade política exigia os agentes do progresso e da civilização, na forma representativa dos Estados Unidos, imporem ordem. Somente eles são capazes de construir uma liderança nacional modernizada, que seria, pelo menos inicialmente, baseada em um corpo de oficiais norte-americanos. A subestimação da política nativa desses países era uma consequência lógica da ideologia civilizatória que informava a concepção da administração de “modernização”, vindo a afetar todo seu entendimento de ambas táticas de guerra e tarefas políticas da contra-insurgência.<sup>297</sup> O racismo explícito do discurso nacional-imperialista do século XIX não era mais aceitável nos Estados Unidos após a Segunda Guerra

---

<sup>294</sup> “if Kennedy depicted the world as a New Frontier, then the Green Berets were its New Frontiersmen.” GUSTAINIS, J. Justin. *John F. Kennedy and the Green Berets*. op. cit., 1989, p.48.

<sup>295</sup> “counterinsurgency was an abstract concept unlikely to excite much interest or support from the mass public. But the Green Berets were real; they could be seen – and admired.” *Ibid.*, 1989, p.45-46

<sup>296</sup> SLOTKIN, Richard. *Gunfighter Nation*. op. cit., 1992, p.493-494.

<sup>297</sup> *Ibid.*, 1992, p.494.

Mundial, porém, e ainda que estivessem empenhados em mudanças nas relações raciais em âmbito doméstico, o modo como a administração Kennedy e posteriormente Lyndon Johnson iriam definir progresso incorporou as estruturas de pensamento justificadoras da submissão de povos e raças “não-progressistas” para seu próprio bem.<sup>298</sup> Ambos Boinas Verdes e os Corpos de Paz (majoritariamente formados por estudantes universitários brancos<sup>299</sup>) expressavam esse pensamento. Logo, a brutalidade contida na metáfora da guerra indígena, sua conexão entre o necessário desenvolvimento histórico, entendido como equivalente a um processo norte-americano de modernização, e a legitimada destruição violenta daqueles que se opunham a ele, veio a se repetir, mas agora nas novas fronteiras do Sudeste Asiático. O fardo de uma longa luta crepuscular parecia pressupor um implícito fardo do homem branco.

Bem-sucedido na construção de sua imagem heroica durante sua presidência, Kennedy teria sua figura imortalizada com o seu assassinato. Para isso, também contribuíram muito as palavras da primeira-dama Jackie Kennedy em entrevista pouco tempo após sua morte. A presidência de seu marido havia sido “um momento mágico na história norte-americana, quando homens galantes dançavam com mulheres bonitas, quando grandes feitos eram feitos, quando artistas, escritores e poetas se encontravam na Casa Branca e os bárbaros além das muralhas eram contidos.” Haveria grandes presidentes “mas nunca haverá outro Camelot novamente.”<sup>300</sup> A imagem de Camelot se tornaria o epitáfio da presidência Kennedy, selando a romanização e mitologização da figura do presidente. Mesmo seu tempo na Casa Branca tendo sido curto e sem grandes legislações, sua imagem cavalheiresca e heroica adquiriu imensa força política, tendo sido apropriada por diferentes causas e agrupamentos. Desde aqueles críticos à Guerra do Vietnã, afirmando que ele nunca teria permitido o caos que dela surgiu, àqueles que afirmavam que ele teria sido mais rígido do que Johnson com o sentimentalismo do movimento pacifista.<sup>301</sup> Algo é certo: ele contribuiu para a renovação da autoimagem nacional, desgastada na paralisante perspectiva de uma possível guerra nuclear, oferecendo novos meios para sua contínua construção em novas fronteiras de atuação messiânica. Mas também abriu as portas para um dos eventos mais trágicos na história dos Estados Unidos, que impactou seu senso de responsabilidade global como a bomba atômica nunca foi capaz.

---

<sup>298</sup> SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., p.496.

<sup>299</sup> ENGELHARDT, Tom. **The End of Victory Culture**. op. cit., 1995, p.165.

<sup>300</sup> “a magic moment in American history, when gallant men danced with beautiful women, when great deeds were done, when artists, writers, and poets met at the White House and the barbarians beyond the walls were held back.” “but there’ll never be another Camelot again.” LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.419

<sup>301</sup> SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.512.

Muitos poderiam afirmar que ele não a conduziria do mesmo modo como seu sucessor, mas a lógica imperial que tornou a Guerra do Vietnã possível estava viva em sua retórica e em seu modo de pensar a atuação norte-americana no mundo. No mesmo dia de sua morte, ele pretendia anunciar o aumento do número de forças de contrainsurgência no país asiático em 600%.<sup>302</sup> O que obriga a contestação da bela imagem de Camelot contendo a barbárie nas suas muralhas. Usando a exemplaridade da fronteira e o futurismo da experiência política dos Estados Unidos, Kennedy ofereceu uma perspectiva de futuro a ser contraposta a do comunismo. Mas a suposta novidade de seu projeto implicou a repetição da velha e desastrosa lógica de modernização ocidental, nada nova para os indígenas nas velhas fronteiras continentais da América. E, trágica como pudesse ter sido para os norte-americanos, a tragédia do Vietnã foi, acima de tudo, vietnamita. Enquanto o futuro for construído sobre as aspirações pisoteadas daqueles que habitam o presente e o passado, ele só fará repetir a unidade dialética entre o progresso e a barbárie que tem o acompanhado.

### **2.3. O triunfalismo vai ao Vietnã e a tragédia de uma geração**

Com a morte de Kennedy, coube a seu vice, Lyndon B. Johnson, assumir o encargo da presidência e o peso de suceder um presidente popular e martirizado pelo seu assassinato. À semelhança de Truman, Johnson teve que viver não apenas sob a sombra da bomba atômica, mas também sob a sombra de um presidente afamado e falecido ainda em exercício. Mesmo seu antecessor, como apontamos, não ter liderado nenhuma radical transformação política ou social, sua morte criou uma aura mística em torno de sua curta presidência. O poder de Camelot não residia no que foi, ao contrário, como apontou o jornalista James Reston, “o coração da lenda de Kennedy é o que poderia ter sido.”<sup>303</sup> Despossuído da imagem de vitalidade e energia que seu jovem antecessor construía, Johnson deveria preencher as altas expectativas deixadas por esse legado. O que lhe faltava em termos de imagem, Johnson tinha de sobra como um político reconhecidamente astuto e capaz. Por muitos anos líder dos democratas no Senado, ele parecia mais do que preparado para carregar o peso de restabelecer uma percepção de segurança e harmonia social após o assassinato de um presidente e o crescimento do antagonismo racial no país. Em uma demonstração de sua habilidade política, ele foi bem-sucedido em pôr à frente a Lei dos Direitos Civis de 1964, proposta um ano antes por Kennedy, que encontrara somente frustração em sua tentativa de aprová-la. Banindo a aplicação desigual dos requerimentos para

---

<sup>302</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.414.

<sup>303</sup> “the heart of the Kennedy legend is what might have been” Apud LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.413.

registro eleitoral e a segregação em escolas e locais públicos, ela se tornou uma das mais importantes legislações na história do país. Sua aprovação foi uma conquista monumental, que fez muito para elevar a reputação do novo presidente.<sup>304</sup> No que tange as questões domésticas, Johnson parecia estimulado, porém, para seu grande desgosto, as questões externas também lhe foram legadas e demandavam sua atenção. Entre elas, nada era mais desconcertante e maldito para ele do que o Vietnã.

Antes de agosto de 1964, poucos entre o grande público dos Estados Unidos tinham grande conhecimento ou se preocupavam com o pequeno país do Sudeste Asiático. Pesquisas apontavam que mais de dois terços da população alegavam prestar pouca, ou nenhuma atenção ao que ocorria lá.<sup>305</sup> Até então, desde a eclosão da guerra anticolonial contra a França, o Vietnã era uma preocupação constante, ainda que não primária, unicamente do governo em Washington. Em 1946, os Estados Unidos concederam independência as Filipinas; essa postura anticolonial não se mostrou, contudo, um padrão na sua política externa no pós-guerra. Na medida em que a Guerra Fria se desenvolvia, eles se distanciaram de pressionar seus aliados europeus a seguirem uma política semelhante com suas próprias colônias. O processo de descolonização apresentava aos Estados Unidos um complexo conjunto de escolhas, pois ele ameaçava criar um vácuo de poder nas antigas colônias que poderia, no entendimento de Washington, ser preenchido por movimentos comunistas.<sup>306</sup> Inicialmente, Roosevelt mostrou oposição à perspectiva de uma reclamação francesa de seu controle sobre a Indochina. Porém, menos de um mês antes de sua morte, com a retomada das hostilidades japonesas contra a região sob domínio francês, ele foi forçado a dar assistência ao país europeu. A partir de então, agora sob a presidência de Truman, defender a reconstrução do poder colonial francês contra a guerra de libertação liderada pelo comunista Ho Chi Minh se tornou um imperativo da Guerra Fria.<sup>307</sup>

Esse imperativo sobreviveu mesmo quando a Indochina francesa não pôde. Após o desmantelamento do território colonial e a partição do Vietnã (um capitalista sediado em Saigon e outro comunista em Hanói no Norte) pelo acordo de paz firmado na Conferência de Genebra, a administração Eisenhower tomou para si a missão de nutrir e defender um estado independente e capitalista no Vietnã do Sul, agora livre da mancha do colonialismo europeu. Temendo que a queda desse estado desencadearia um efeito domínio que terminaria com toda região sob

---

<sup>304</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.437.

<sup>305</sup> BOSTDORFF, Denise. **The Presidency and the Rhetoric of Foreign Crisis**. op. cit., 1994, p.58.

<sup>306</sup> FONER, Eric. **Give me Liberty! An American history Volume 2**. op. cit., p.917 e 963.

<sup>307</sup> LUCKS, Daniel. **Selma to Saigon: The Civil Rights Movement and the Vietnam War**. Lexington: University Press of Kentucky, 2014, p.17 e 19.

domínio comunista, sua defesa se tornou um artigo de fé da política externa dos Estados Unidos.<sup>308</sup> Por consequência, com a aprovação norte-americana, o líder sul-vietnamita Ngo Dinh Diem tomou uma das decisões mais fatídicas da Guerra Fria: a rejeição do pleito nacional (estipulado na Conferência anteriormente mencionada) a ser realizado em 1956 para decidir a unificação do Vietnã sob um único governo, uma eleição que o líder do Norte Ho Chi Minh certamente sairia vitorioso.<sup>309</sup> A insurgência que se seguiu no Sul colocou em risco a existência do governo que os Estados Unidos precisamente desejavam salvaguardar, demandando, então, um compromisso em lhe oferecer assistência não apenas econômica, mas também militar. Os anos que se seguiram não viram uma vitória de Diem, mas um impasse, que exigiu um contínuo aumento da intervenção norte-americana.

Quando Kennedy inaugurou sua presidência em janeiro de 1961, o número de militares dos Estados Unidos era de meros 900 homens; um ano depois, eles já somavam 3.164 para alcançar 16.263 em 1963, ano de seu assassinato.<sup>310</sup> Apesar de seus esforços, contudo, o impasse persistia, levando muitos em Washington a acreditarem que a situação exigia maior firmeza de sua parte. A oportunidade veio em agosto de 1964, mês e ano em que o Vietnã sairia da periferia das preocupações do grande público para ser posta no coração da missão nacional dos Estados Unidos.

Em 4 de agosto de 1964, Johnson anunciou à população que destróieres da marinha dos Estados Unidos haviam sido atacados por torpedeiros norte-vietnamitas no Golfo de Tonquim. Enquanto o combate entre as duas forças no dia 1 daquele mesmo mês não havia sido reportado ao público, o subsequente e suposto segundo ataque (os seus relatos não são tão claros quanto os do primeiro) foi anunciado em rádio e televisão pelo presidente, que ordenou um bombardeio retaliativo de cinco horas contra bases navais do Vietnã do Norte. A veracidade ou não do acontecimento, o que de fato ocorreu ou não em Tonquim não é uma preocupação de nossa discussão, mas sim as consequências advindas do relato feito por Johnson. Em termos políticos, a mais significativa delas foi aprovação pelo Congresso da Resolução do Golfo de Tonquim, que concedeu poderes quase ilimitados ao presidente para conduzir operações militares no Vietnã. Aprovada por unanimidade na Casa dos Representantes e com meros dois votos contrários

---

<sup>308</sup> LUCKS, Daniel. **Selma to Saigo**. op. cit., 2014, p.55.

<sup>309</sup> PATTERSON, James. **Grand Expectations – The United States, 1945-1974**. New York: Oxford University Press, 1997, p.298.

<sup>310</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz. **Formação do império americano**. op. cit., 2005, p.233.



no Senado, a resolução reafirmou o poder da presidência para agir militarmente sem a necessidade de uma declaração formal de guerra pelo Congresso e, ao mesmo tempo, indicou o poder do consenso da Guerra Fria nos Estados Unidos.<sup>311</sup>

No discurso de 4 de agosto e em seus pronunciamentos posteriores, em conformidade com a ideologia que sustentava esse consenso, Johnson legitimou a escalada do conflito utilizando a mesma linguagem de seus antecessores. Sua iniciativa foi centrada na reafirmação da responsabilidade messiânica dos Estados Unidos: “The determination of all Americans to carry out our full commitment to the people and to the government of South Viet-Nam will be redoubled by this outrage. ” Porém, sua retórica não buscou legitimidade apenas por meio dessa reafirmação, mas também pela representação do conflito no Vietnã como um embate contra selvagens: “Aggression by terror against the peaceful villagers of South Viet-Nam has now been joined by open aggression on the high seas against the United States of America. ”<sup>312</sup> Esses foram os principais motes de seu discurso; uma construção do adversário comunista da Ásia como uma corporificação do terror e da selvageria e a responsabilidade heroica e messiânica dos Estados Unidos em confrontá-lo. Por meio dessa caracterização do adversário no Vietnã, “a guerra é caracterizada como um meio de último recurso, um mal necessário imposto a uma nação relutante.”<sup>313</sup> Assim, enquanto o propósito dos Estados Unidos é exclusivamente pacífico (“The world understands that the United States’ only purpose is peace”), eles se confrontavam com “the challenge of a direct, deliberate, and unprovoked act of aggression”<sup>314</sup>, uma “savage aggression”<sup>315</sup> que ameaçava milhões de pessoas. Como uma de suas vítimas, a nação trava uma “guerra justa”, cujo início das hostilidades ela está inteiramente exonerada de responsabilidades.<sup>316</sup> O esforço de Johnson de construir a culpabilidade exclusiva do Vietnã do Norte dependeu muito de um “mecanismo de bode expiatório”, principalmente após a escalada da guerra em 1965. Esse mecanismo foi seu modo de solucionar a contradição potencial de seu discurso, isto é, um povo comprometido com a paz que se defronta com a realidade da guerra

---

<sup>311</sup> PATTERSON, James. **Grand Expectations**. op. cit., 1997, p.603.

<sup>312</sup> “A determinação de todos os norte-americanos de cumprir nosso total compromisso com o povo e com o governo do Vietnã do Sul será redobrada por esse ultraje. ” “A agressão pelo terror contra os moradores pacíficos do Vietnã do Sul agora se juntou à agressão aberta em alto mar contra os Estados Unidos da América. ” Radio and Television Report to the American People Following Renewed Aggression in the Gulf of Tonkin (1964)

<sup>313</sup> “warfare is characterized as a means of last resort, a necessary evil forced upon a reluctant nation.” IVIE, Robert. Images of savagery in American justifications for war. **Communication Monographs**, v.47, n.4, 1980, p.279.

<sup>314</sup> “O mundo entende que o único objetivo dos Estados Unidos é a paz. ” “o desafio de um ato de agressão direto, deliberado e não provocado. ” Remarks to Members of the National Association of Counties (1964)

<sup>315</sup> “agressão selvagem” Remarks in Omaha on the Occasion of the Sending of the Five-Millionth Ton of Grain to India (1966)

<sup>316</sup> IVIE, Robert. Images of savagery in American justifications for war. op. cit., 1980, p.279.

deve crer que a culpa por essa disrupção de seus ideais pacíficos recai inteiramente sobre outros.<sup>317</sup>

Ao longo de 1965, com o aumento da violência, Johnson repetiu esses termos, em uma linguagem ainda mais gráfica para justificar suas ações:

“And it is a war of unparalleled brutality. Simple farmers are the targets of assassination and kidnapping. Women and children are strangled in the night because their men are loyal to their government. And help less villages are ravaged by sneak attacks. Large-scale raids are conducted on towns, and terror strikes in the heart of cities.”<sup>318</sup>

Na estória de guerra dos Estados Unidos, nenhum ato era mais hediondo que o ataque surpresa, a emboscada desferida contra povos pacíficos. Pear Harbor estava no fim de uma longa lista de emboscadas que evidenciavam não apenas o extraordinário comportamento traiçoeiro do inimigo, como também explicavam qualquer sucesso que adversários não-brancos pudessem ter sobre forças norte-americanas.<sup>319</sup> Nesse sentido, ao denunciar como selvagens os atos das forças insurgentes no Vietnã, Johnson estava construindo o caráter eminentemente maligno do inimigo enquanto, seguindo seu antecessor, produzia uma associação metafórica da guerra de contrainsurgência com a mística da guerra indígena, algo que veio a ser reforçado pela produção cinematográfica do período. Naqueles anos, o adjetivo de “selvagem” e o simbolismo do “cativo” (como evidenciado pela denúncia de sequestros de camponeses pacíficos) seriam usados livremente para caracterizar o terror comunista contra civis sul-vietnamitas (e posteriormente prisioneiros de guerra norte-americanos).<sup>320</sup> Um dos tropos mais importantes na mitologização de sua história e um clichê do discurso político dos Estados Unidos em tempos de guerra, a guerra selvagem transforma certos atos de guerra em mais do que meras ações militares. Os enriquecendo de significado simbólico, ela os transforma em episódios de construção de caráter, vindicação moral e regeneração. De modo que ela providencia uma justificação para pressionar a guerra a pontos extremos de extermínio e coloca a responsabilidade moral pelo que está por vir no inimigo.<sup>321</sup> Mas a construção de caráter que ela produz não é unidimensional; ao criar uma representação da natureza do inimigo, ela se firma em uma oposição simbólica, uma contraposição entre o que o inimigo e os Estados Unidos são.

---

<sup>317</sup> IVIE, Robert. *Images of savagery in American justifications for war*. op. cit., 1980, p.280.

<sup>318</sup> “E é uma guerra de brutalidade sem paralelo. Simples agricultores são alvos de assassinatos e sequestros. Mulheres e crianças são estranguladas à noite porque seus homens são leais ao seu governo. E aldeias desamparadas são devastadas por ataques furtivos. Ataques em larga escala são realizados nas cidades e ataques terroristas no coração das cidades.” Address at Johns Hopkins University (1965)

<sup>319</sup> ENGELHARDT, Tom. *The End of Victory Culture*. op. cit., 1995, p.39.

<sup>320</sup> SLOTKIN, Richard. *Gunfighter Nation*. op. cit., 1992, p.495.

<sup>321</sup> SLOTKIN, Richard. *The Fatal Environment*. op. cit., 1998, p.61.

Em seu uso de um mecanismo de bode expiatório, Johnson projetava qualquer característica problemática que ele desejasse negar aos Estados Unidos nos vietcongues (os grupos guerrilheiros sul-vietnamitas apoiados por Hanói) e no Vietnã do Norte, de tal forma que a nação estadunidense se tornava a imagem representativa do seu contraponto. No caso, representativa da civilização, da tolerância e da diversidade. Racional e pacífica, seu contraste com o adversário comunista reforçava a imagem de selvageria e brutalidade desses. Como resultado, sua linguagem era gráfica apenas quando Johnson falava das consequências da conduta adversária; as consequências das ações norte-americanas eram sanitizadas.<sup>322</sup> Caracterizado como uma força dotada de um destino manifesto: “Our Nation was created to help strike away the chains of ignorance and misery and tyranny wherever they keep man less than God means him to be. We are moving toward that destiny, never more rapidly than we have moved in the last 4 years.”<sup>323</sup> É seu dever “to show that freedom from the control of other nations offers the surest road to progress, that history and experience testify to this truth.”<sup>324</sup> Assim, sua presença militar no Sudeste Asiático era parte do imperativo moral de seu destino nacional no globo, não representando uma ação atroz e agressiva de sua parte. Enquanto o inimigo é uma força agressiva que intenta a subjugação por meio da guerra (“Vietnam is also the scene of a powerful aggression that is spurred by an appetite for conquest”<sup>325</sup>), “our purpose in Vietnam is to prevent the success of aggression. It is not conquest; it is not empire; it is not foreign bases; it is not domination.”<sup>326</sup> Johnson não trata a guerra como uma escolha, e sim como um evento que se manifesta aos norte-americanos como um dever nacional. Um compromisso que, sendo firmado pelo alistamento físico de seus soldados e moral de sua população, reforça a autoimagem de destinação messiânica da nação. E que, se materializando na forma de uma guerra selvagem, a coloca no pináculo da civilização e imputa ao campo inimigo a culpabilidade por toda a violência.

Estilisticamente, a guerra se tornou um embate entre “nós” contra um “isso”, um inimigo sem face, cuja identificação era reduzida à personificação de certas ações. Ações que o qualificavam como uma entidade que respondia exclusivamente a impulsos agressivos e animais

---

<sup>322</sup> IVIE, Robert. *Images of savagery in American justifications for war*. op. cit., 1980, p.280 e 284.

<sup>323</sup> “Nossa nação foi criada para ajudar a afastar as correntes da ignorância, miséria e tirania, onde quer que mantenham o homem menos do que Deus quer que ele seja. Estamos caminhando em direção a esse destino, nunca tão rapidamente do que nos movemos nos últimos 4 anos.” *Annual Message to the Congress on the State of the Union* (1965)

<sup>324</sup> “para mostrar que a liberdade do controle de outras nações oferece o caminho mais certo para o progresso, que a história e a experiência testemunham essa verdade.” *Address to Members of the Association of American Editorial Cartoonists* (1965)

<sup>325</sup> “O Vietnã também é palco de uma poderosa agressão estimulada pelo apetite pela conquista.” *Address on Vietnam Before the National Legislative Conference, San Antonio, Texas* (1967)

<sup>326</sup> “nosso objetivo no Vietnã é impedir o sucesso da agressão. Não é conquista; não é império; não são bases estrangeiras; não é dominação.” *Remarks in New York City Upon Receiving the National Freedom Award* (1960)

(exemplificado acima por “um apetite por conquista”).<sup>327</sup> Enquanto “isso” almeja uma conquista agressiva contra um povo pacífico, o “nós” (leia-se os Estados Unidos) é apresentado como um defensor, uma nação heroica, cujas intenções são de natureza altruísta. E, ao passo que sua atuação no Vietnã era uma resposta a um clamor da população local por proteção, os insurgentes são forasteiros “sustained by power and resources from without.”<sup>328</sup> A retórica presidencial (para não dizer a nacional como um todo) era sustentada em termos com conotações que descivilizavam e despersonalizavam o inimigo e no constante contraste desse com os Estados Unidos, de modo a estimular a crença nacional em sua superioridade cultural.<sup>329</sup> E, definido como uma “war of infiltration, of subversion, of ambush”,<sup>330</sup> o conflito era associado a uma guerra selvagem, uma guerra distinta de um engajamento militar civilizado pela ausência de limites à violência implicada em razão da presença de um grupo racial inerentemente disposto a cometer ações atrozes.<sup>331</sup> Logo, na Guerra do Vietnã, “imagens de selvageria impregnam justificativas para a guerra como apelos retóricos a um senso tradicional de missão.”<sup>332</sup> Nesse sentido, uma missão civilizatória era aberta, uma que requeria um decidido compromisso nacional. Nas palavras de Johnson:

“It is, therefore, our task to show that freedom from the control of other nations offers the surest road to progress, that history and experience testify to this truth. But it is not enough to call upon reason or point to examples. We must show it through action and we must show it through accomplishment. And even were there no war – either hot or cold – we would always be active in humanity’s search for progress. This task is commanded to us by the moral values of our civilization, and it rests on the inescapable nature of the world that we have now entered.”<sup>333</sup>

Esses tropos narrativos eram instrumentais para gerar apelo popular para o chamado militar do presidente e eles pareceram bem-sucedidos nessa tarefa. Pesquisas revelavam que 72% do norte-americanos apoiavam o manejo de Johnson no Vietnã, comparado à 42% antes da crise

---

<sup>327</sup> IVIE, Robert. Images of savagery in American justifications for war. op. cit., 1980, p.285 e 288.

<sup>328</sup> “sustentado por poder e recursos de fora.” Special Message to the Congress Requesting Additional Appropriations for Military Needs in Viet-Nam (1965)

<sup>329</sup> IVIE, Robert. Images of savagery in American justifications for war. op. cit., 1980, p.292.

<sup>330</sup> “guerra de infiltração, de subversão, de emboscada” Address on U.S. Policy in Vietnam Delivered Before a Joint Session of the Tennessee State Legislature (1967)

<sup>331</sup> SLOTKIN, Richard. **The Fatal Environment**. op. cit., 1998, p.53-54.

<sup>332</sup> “images of savagery pervade justifications for war as rhetors appeal to a traditional sense of mission.” IVIE, Robert. Images of savagery in American justifications for war. op. cit., 1980, loc. cit.

<sup>333</sup> “Portanto, é nossa tarefa mostrar que a liberdade do controle de outras nações oferece o caminho mais certo para o progresso, que a história e a experiência testemunham essa verdade. Mas não basta invocar a razão ou apontar para exemplos. Devemos mostrá-lo através da ação e devemos mostrá-lo através da realização. E mesmo que não houvesse guerra – quente ou fria – estaríamos sempre ativos na busca do progresso pela humanidade. Essa tarefa nos é ordenada pelos valores morais de nossa civilização e repousa na natureza inescapável do mundo em que entramos agora.” Address to Members of the Association of American Editorial Cartoonists (1965)

em Tonquim.<sup>334</sup> Entretanto, eles também expressaram muitos dos limites e das contradições da missão nacional no Sudeste Asiático, que muito contribuiriam para o insucesso de seus objetivos e, como consequência, para a erosão do apoio popular conquistado pelo presidente durante os anos de 1964-65.

Em contrapartida ao seu antecessor, que era cativado por questões exteriores e entediado por questões domésticas, Johnson era pouco afeito à política externa. Contudo, ele temia ser tachado de indiferente e fraco na defesa da segurança nacional.<sup>335</sup> Quando os republicanos nomearam o senador profundamente conservador Berry Goldwater para a disputa eleitoral de 1964, o presidente incumbente teve sua política para o Vietnã colocada sob um escrutínio crítico ainda maior pela oposição. Entre os objetivos que o guiaram ao lidar com os eventos em Tonquim estava justamente mostrar que ele era tão ou ainda mais zeloso que Goldwater na defesa da segurança nacional.<sup>336</sup> Todavia, também era sua intenção mostrar que seu zelo era racional e ponderado, enquanto seu adversário, de retórica anticomunista muito forte e combativa, era instável e não poderia ser encarregado do arsenal nuclear do país.<sup>337</sup> Fez parte de sua retórica de crise qualificar suas ações como razoáveis e limitadas na amplitude do uso de poder militar: “our response, for the present, will be limited and fitting. We Americans know, although others appear to forget, the risks of spreading conflict. We still seek no wider war.”<sup>338</sup> Com a escalada da guerra, seu objetivo não era provocar uma guerra total, mas alertar o inimigo da determinação dos Estados Unidos e não tão propriamente infligir uma derrota militar completa, quanto desgastá-lo até sua capitulação.<sup>339</sup> A Guerra da Coreia já havia posto um ponto de interrogação desconcertante na missão nacional na Ásia pelo seu impacto negativo na autoconfiança norte-americana.<sup>340</sup> Como resultado, ambos Eisenhower e Kennedy recusaram a perspectiva de uma nova guerra terrestre no continente.<sup>341</sup> Em 1964, Johnson havia exposto a mesma posição: “We don’t want our American boys to do the fighting for Asian boys. We don’t want to get involved in a nation with 700 million people and get tied down in a land war in Asia.”<sup>342</sup> Em vista disso,

---

<sup>334</sup> BOSTDORFF, Denise. **The Presidency and the Rhetoric of Foreign Crisis**. op. cit., 1994, p.62.

<sup>335</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.389 e 439.

<sup>336</sup> PATTERSON, James. **Grand Expectations**. op. cit., 1997, p.603-604.

<sup>337</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.438-439.

<sup>338</sup> “nossa resposta, no momento, será limitada e adequada. Nós, norte-americanos, sabemos, embora outros pareçam esquecer, os riscos de espalhar conflitos. Ainda não procuramos uma guerra mais ampla.” Radio and Television Report to the American People Following Renewed Aggression in the Gulf of Tonkin (1964)

<sup>339</sup> PATTERSON, James. **Grand Expectations**. op. cit., 1997, p.608.

<sup>340</sup> ENGELHARDT, Tom. **The End of Victory Culture**. op. cit., 1995, p.65.

<sup>341</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.337 e 390.

<sup>342</sup> “Não queremos que nossos rapazes norte-americanos lutem por rapazes asiáticos. Não queremos nos envolver em uma nação com 700 milhões de pessoas e ficar preso em uma guerra terrestre na Ásia.” Remarks in Oklahoma at the Dedication of the Eufaula Dam (1964)

ao comparar seu manejo do Vietnã com os extremos políticos de Goldwater, Johnson ajudou a definir as normas de ação moderada através das quais o público poderia avaliar sua conduta futura no Vietnã. Inadvertidamente, o presidente havia auxiliado na criação do conjunto de armas argumentativas que seriam eventualmente usadas contra ele.<sup>343</sup>

Apesar de seu compromisso verbal, quando o Vietnã do Sul se mostrou incapaz de enfrentar adequadamente a insurgência, Johnson aquiesceu a grande um aumento da participação militar dos Estados Unidos em solo vietnamita. Porém, essa quebra de comprometimento não reduziu a aprovação de sua atuação em relação à guerra. Em dezembro de 1965, a reprovação de Johnson no manejo da situação era de apenas 26%. Mas, à medida que os meses passavam sem uma perspectiva clara de vitória à vista, a aprovação de Johnson mostrava os primeiros sinais de queda. Em meados de 1966, aqueles que o reprovavam haviam se tornado maioria pela primeira vez.<sup>344</sup> Durante os primeiros anos pós-Tonquim (1965-67), aviões norte-americanos lançaram mais bombas no Vietnã do que durante toda a Segunda Guerra Mundial.<sup>345</sup> Apesar disso, parecendo repetir a Guerra da Coreia, os Estados Unidos pareciam incapazes de traduzir seu enorme poder militar em vitória. As fundações para uma dissonância entre a realidade do conflito e a crença triunfalista no poder da civilização norte-americana pareciam estar se erguendo. Nos meses e anos subsequentes, Johnson continuou sua empreitada retórica em favor da guerra enquanto ele buscava seu fim em solo asiático. Enquanto isso, os parâmetros para avaliar a conduta de um comandante-em-chefe usados contra Goldwater por ele cada vez mais pareciam apropriados para criticá-lo. E, ao mesmo tempo, o fracasso dos Estados Unidos no Vietnã mostrava (ainda que poucos tenham admitido na época) as falhas, contradições e reducionismos existentes na lógica de modernização que informava a missão nacional de contra-insurgência.

Uma avaliação crítica mais completa das bases de pensamento da política de contrain-surgência demandaria a análise dos escritos que estabeleciam seus parâmetros estratégicos. Porém, podemos analisá-las tanto pelos seus efeitos na própria condução da guerra, quanto na retórica empregada nos discursos do presidente e de outros oficiais do governo.

Durante seu período no Senado, reconhecendo a força que o nacionalismo iria desempenhar no Terceiro Mundo, Kennedy saiu em defesa de que os Estados Unidos deveriam compreender a importância da dimensão política, e não meramente militar do que estava em jogo no Vietnã:

---

<sup>343</sup> BOSTDORFF, Denise. **The Presidency and the Rhetoric of Foreign Crisis**. op. cit., 1994, p.66 e 68.

<sup>344</sup> Ver <https://bit.ly/36aWpX4>

<sup>345</sup> PATTERSON, James. **Grand Expectations**. op. cit., 1997, p.595.

“Combater o impulso do comunismo no Sul faz sentido, mas não apenas através da dependência da força das armas. A tarefa é construir um forte sentimento não comunista nativo nessas áreas e depender disso como uma ponta de lança de defesa, ao invés de depender das legiões do general de Lattre. Fazer isso à parte e desafiando os objetivos nacionalistas inatos, significa um fracasso predeterminado.”<sup>346</sup>

Entretanto, quando Kennedy assumiu a presidência, a realidade da guerra civil no Vietnã mostrou-se muito mais complexa. Em estreita aliança com latifundiários em uma sociedade dominada por pequenos agricultores e mantendo relações de proximidade com ricas famílias católicas em um país predominantemente budista, o líder sul-vietnamita Diem, ele mesmo um católico devoto, fez muito para alienar seu governo da população do país.<sup>347</sup> Basta lembrarmos das aterradoras imagens da autoimolação em protesto de monges budistas contra a perseguição religiosa para dimensionarmos o descompasso entre o governantes e governados no Vietnã do Sul. Além disso, o caráter personalista, autoritário e repressivo de seu governo desembocou na eliminação de outras possíveis forças políticas, negando aos Estados Unidos a possibilidade de encontrarem um substituto adequado a ele. Nenhum líder civil não comunista parecia ter sobrevivido à sua repressão. O resultado foi um cenário de polarização entre seu regime e os comunistas, que encontraram caminho aberto para formar uma coalização com outros grupos nacionalistas para pôr fim ao regime de Diem e à presença norte-americana no país.<sup>348</sup> Quando se tornou claro que Diem era incapaz arregimentar o necessário apoio popular, a administração Kennedy consentiu à iniciativa de militares sul-vietnamitas por um golpe. Um consentimento que implicitamente reconhecia que o objetivo da estratégia norte-americana de “national-building” (construção de nação) no Vietnã do Sul, a saber a construção de uma nacionalidade sul-vietnamita e um governo estável, não poderia ser alcançado sob o governo de Diem.<sup>349</sup> Mas, longe de mudar a situação, a subsequente sucessão de novos golpes e generais no poder apenas enfatizou o caráter militar do governo e a situação desesperadora da política do país.<sup>350</sup>

Consequentemente, os oficiais norte-americanos se depararam com uma tarefa paradoxal no Vietnã: ao invés de serem consultores para um Estado-nacional viável, eles passaram a ter como tarefa criar eles mesmos uma nação cuja independência os Estados Unidos poderiam

---

<sup>346</sup> “To check the southern drive of communism makes sense but not only through reliance on the force of arms. The task is rather to build strong native non-Communist sentiment within these areas and rely on that as a spearhead of defense rather than upon the legions of General de Lattre. To do this apart from and in defiance of innately nationalistic aims spells foredoomed failure.” Disponível em: <https://bit.ly/2Np7Kdw>

<sup>347</sup> PATTERSON, James. **Grand Expectations**. op. cit., 1997, p.965.

<sup>348</sup> SMITH, Tony. **America’s Mission**. op. cit., 1995, p.203.

<sup>349</sup> SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.543.

<sup>350</sup> SMITH, Tony. **America’s Mission**. op. cit., 1995, p.205.

legitimamente proteger. Os programas de reformas e “national-building” tenderam a se transformar em programas de “americanização”. Eles negligenciavam a forte cultura política nativa e acabaram por alienar a população local, reforçando a identificação promovida pelos comunistas entre eles e a defesa da cultura e nacionalidade nativas.<sup>351</sup> Assim, a implícita e não reconhecida premissa da “national-building” era a negação da cultura política e nacionalismo vietnamitas em favor de sua substituição por um modelo mais ou menos “americanizado”.<sup>352</sup> O próprio Kennedy, ainda que afirmasse seu comprometimento por uma força nativa e declarasse que a revolução proposta ao Vietnã era “uma revolução feita por eles mesmos”, estipulava que Estados Unidos eram sua verdadeira fonte: “O que *devemos oferecer a eles* é uma revolução – uma revolução política, econômica e social muito superior a qualquer coisa que os comunistas possam oferecer [...]”.<sup>353</sup> A missão nacional na Ásia estava simplesmente refletindo a autoimagem civilizacional dos Estados Unidos promovida pelo seu nacionalismo.

Apesar de Johnson e seus conselheiros temerem que à guerra no Vietnã fosse dada a aparência de uma “guerra do homem branco”,<sup>354</sup> a linguagem e categorias conceituais do Mito da Fronteira contidas na doutrina de contrainsurgência (e, como vimos, no próprio discurso presidencial) lhe dava as feições de uma guerra travada entre brancos modernizadores e selvagens primitivos. Uma guerra que, seguindo às prescrições desse mito, define o progresso histórico como consequência do avanço das raças/culturas brancas sobre o terreno primitivo de nativos não-brancos. Incapazes de gerar progresso, o melhor que esses nativos poderiam fazer era deixar-se subordinar aos brancos progressistas.<sup>355</sup> Tanto em termos políticos, quanto militares, os Estados Unidos subestimavam os vietnamitas. Pois, não obstante suas preocupações com o aspecto racial da guerra e a desaprovação a uma racismo explícito no pós-guerra, “asiáticos, eles pensavam, não poderiam resistir por muito tempo contra a civilização ocidental.” Assim, suposições etnocêntricas foram centrais na produção de uma leitura profundamente equivocada da situação no Vietnã.<sup>356</sup>

---

<sup>351</sup> SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.445-446.

<sup>352</sup> Ibid., 1992, p.541.

<sup>353</sup> “a revolution of their own making” “What we must offer them is a revolution – a political, economic and social revolution far superior to anything the Communists can offer [...]” Grifo nosso. Disponível em: <https://bit.ly/32StWDq>

<sup>354</sup> SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.527

<sup>355</sup> Ibid., 1992, p.446.

<sup>356</sup> “Asians, they thought, could not stand up for long against Western civilization.” PATTERSON, James. **Grand Expectations**. op. cit., 1997, p.606.



Durante a guerra, demonstrando a importância dessas narrativas fronteiriças, soldados norte-americanos descreveriam o Vietnã como um “Indian Country” (território índio em tradução livre) e missões de Procurar e Destruir<sup>357</sup> como um jogo de cowboys e índios. E Maxwell Taylor, o embaixador dos Estados Unidos para o Vietnã do Sul, justificaria uma grande escalada militar citando a necessidade de mover os “índios” para longe do “forte” para que os “colonos” pudessem plantar “milho”.<sup>358</sup> Os estrategistas políticos e militares norte-americanos tinham que prever os tipos de problemas que provavelmente ocorreriam e as medidas que seriam necessárias para resolvê-los, porém, por possuírem pouco conhecimento sobre o Vietnã,<sup>359</sup> suas previsões tinham que ser feitas com base em sua experiência histórica em situações similares. Mas essa experiência histórica estava em si mesma codificada em termos de mito. Em função disso, e a despeito de seus auspícios oficiais, os cenários que eles desenvolveram “não eram muito diferentes das projeções imaginativas desenvolvidas por escritores de ficção e cineastas interessados em contra-insurgência durante o mesmo período.”<sup>360</sup> Os Estados Unidos eram, então, não apenas uma nação providencialmente escolhida, como também, tal qual os pioneiros fronteiriços, escolhida para a missão de levar o progresso de seu nacionalismo para os recantos mais primitivos e selvagens do globo. Nesse sentido, o destino manifesto proposto por Johnson se assemelhava ao destino manifesto continental de O’Sullivan: os Estados Unidos expandiam os valores de seu sistema político sobre terras selvagens, mas agora em termos globais.

Essa valorização do nacionalismo estadunidense acompanhado de uma desvalorização da cultura política vietnamita se fez muito presente no discurso de Lyndon Johnson. Marcante desse fenômeno foi a forma através da qual ele enquadrou a guerra no Vietnã dentro do contexto da Guerra Fria. Após a assinatura do Trato de Banimento de Testes Nucleares (1963), acordado após o fim da Crise dos Misseis em Cuba, os Estados Unidos viram uma transição para uma atitude de menor beligerância e uma ênfase em coexistência pacífica com os soviéticos. Em contrapartida, o inimigo externo dos Estados Unidos foi cada vez mais identificado com a “China Vermelha”. Consequentemente, o fanatismo ideológico passou a ser associado com o

---

<sup>357</sup> Uma estratégia militar que consiste no envio de tropas a um território hostil para procurar o inimigo e então destruí-lo, se retirando da área logo depois.

<sup>358</sup> SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.3.

<sup>359</sup> Os oficiais norte-americanos na Indochina não demonstravam ter algum conhecimento especial ou interesse na cultura dos vietnamitas, laosianos ou cambojanos, ou sequer a percepção de que essa falta de conhecimento tivesse a menor importância para a condução de uma guerra na região. Ter trabalhado com filipinos, ou coreanos em conflitos passado parecia ser o suficiente para qualificar alguém como expert na situação no Vietnã. Nesse aspecto, todos os asiáticos eram indistinguíveis na visão da política de contra-insurgência. ENGELHARDT, Tom. **The End of Victory Culture**. op. cit., 1995, p.196.

<sup>360</sup> “were not very different from the imaginative projections that were developed by fictions writers and filmmakers interested in counterinsurgency during the same period.” SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.447.

maoísmo e o foco da missão norte-americana foi transferido à Ásia.<sup>361</sup> Conforme essa mudança de atitudes, em 1965, discursando sobre o mundo comunista, Johnson afirmou “With the Soviet Union we seek peaceful understandings that can lessen the danger to freedom. [...] If we are to live together in peace, we must come to know each other better”, por outro lado, “In Asia, communism wears a more aggressive face.”<sup>362</sup> E o Vietnã havia se tornado o exemplo máximo dessa agressividade e de sua verdadeira origem: “The confused nature of this conflict cannot mask the fact that it is the new face of an old enemy. Over this war – and all Asia – is another reality: the deepening shadow of Communist China.”<sup>363</sup> Esse modo de perceber o conflito vietnamita expressa uma tendência da Guerra Fria de ver o mundo exclusivamente em termos de um embate entre Mundo Livre e comunismo internacional. Uma concepção geopolítica responsável por “análises reducionistas das culturas sociais e políticas nativas ao quase instrumental” e que “rejeitam movimentos nacionalistas com uma tendência ‘neutralista’.”<sup>364</sup> Conforme essa concepção, ainda segundo Johnson:

“Those who say this is merely a South Vietnamese ‘civil war’ could not be more wrong. The warfare in South Vietnam was started by the Government of North Vietnam in 1959. It is financed, it is supported, by an increasing flow of men and arms from the North into the South.”<sup>365</sup>

“Communist China apparently desires the war to continue whatever the cost to their allies. Their target is not merely South Viet-Nam; it is Asia. Their objective is not the fulfillment of Vietnamese nationalism; it is to erode and to discredit America’s ability to help prevent Chinese domination over all of Asia.”<sup>366</sup>

O que era claramente uma guerra civil era apresentada como algo inteiramente diferente: uma ação de conquista agressiva de uma força estrangeira ao Sul encabeçada, em última instância, não por Hanói, mas pela China. Para além da negação de um parentesco nacional entre Norte e Sul, o presidente nega o inegável elemento sul-vietnamita dos vietcongues e reduz o conflito

---

<sup>361</sup> CHERRY, Conrad. **God’s new Israel**. op. cit., 1998, p.04-305.

<sup>362</sup> Annual Message to the Congress on the State of the Union (1965)

<sup>363</sup> Address at Johns Hopkins University (1965)

<sup>364</sup> “reduced analyses of indigenous social and political cultures to the barely instrumental” “reject nationalist movements with a ‘neutralist’ bent.” SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.445.

<sup>365</sup> “Aqueles que afirmam que isto é apenas uma ‘guerra civil’ do Vietnã do Sul não poderia estar mais errado. A guerra no Vietnã do Sul foi iniciada pelo governo do Vietnã do Norte em 1959. É financiada e apoiada por uma crescente quantidade de homens e armas do Norte para o Sul.” Remarks in Omaha on the Occasion of the Sending of the Five-Millionth Ton of Grain to India (1966)

<sup>366</sup> “Aparentemente, a China comunista deseja que a guerra continue a qualquer custo para seus aliados. O objetivo deles não é meramente o Vietnã do Sul; é a Ásia. Seu objetivo não é o cumprimento do nacionalismo vietnamita; é corroer e desacreditar a capacidade da América de ajudar a impedir o domínio chinês sobre toda a Ásia.” Address to Members of the Association of American Editorial Cartoonists (1965)

ao enfrentamento travado entre os Estados Unidos e o seu grande inimigo: o comunismo internacional, agora representado pela China de Mao.<sup>367</sup>

O que ocorre no Vietnã não é, portanto, uma luta pela realização do seu nacionalismo, mas sim mais uma mostra dos desejos expansionistas do comunismo maoísta. Ainda que faça admoestações pela paz ao Vietnã do Norte: “[...] we must keep on until the Communists in North Vietnam realize the price of aggression is too high – and either agree to a peaceful settlement or to stop their fighting.”<sup>368</sup> Ele faz parecer que a paz depende inteiramente de outro ator: “We would be the first to welcome a China which decided to respect her neighbors’ rights.”<sup>369</sup> A paz depende de outros que não os norte-vietnamitas porque sua luta não é verdadeiramente sua. A cultura política vietnamita é somente uma peça de propaganda, um mero instrumento do comunismo internacional e a Guerra do Vietnã não é nada além de uma etapa do dever nacional dos Estados Unidos de engajar-se heroicamente contra ele. Assim, “this [a livre decisão dos povos pelo seu próprio destino] is the principle for which our ancestors fought in the valleys of Pennsylvania. It is the principle for which our sons fight tonight in the jungles of Viet-Nam.”<sup>370</sup> Por meio dessa citação e das outras que a antecederam, vemos a forma como o presidente nega o caráter nacional da insurgência interna do Sul, tomada como uma agressão externa de um ator estrangeiro que visa a conquista, enquanto ele apresenta a Guerra do Vietnã em plena conformidade com o nacionalismo dos Estados Unidos. A verdadeira força estrangeira (a norte-americana) é, então, destituída de objetivos egoístas por poder e age no Vietnã unicamente em resposta à sua missão nacional. Consequentemente, Johnson nega uma agência final aos vietnamitas, do Norte e do Sul, em sua guerra civil. Enquanto o estado sul-vietnamita deveria se deixar ser tutelado para passar por um indispensável processo de “americanização” política, Hanói e seus aliados no Sul são invasores, uma relês manifestação dos objetivos do comunismo chinês pela submissão de seus vizinhos.

Esse processo de converter nativos em invasores e estrangeiros é um traço comum da grande narrativa de progresso dos Estados Unidos no Oeste, algo que parece ter se repetido sob

---

<sup>367</sup> A construção da “China Vermelha” como o grande inimigo do Mundo Livre também foi devedora de tropos racistas que identificam nos asiáticos, ou “amarelos” uma ameaça existencial ao Ocidente. Assim, a Guerra Vietnã manifestava mais um capítulo da bárbara expansão do “perigo vermelho” fundido a uma percepção de um “perigo amarelo”. Ver Del Visco, Stephen. Yellow peril, red scare: race and communism in National Review. **Ethnic and Racial Studies**, 1-19, 2017.

<sup>368</sup> “[...] devemos continuar até que os comunistas no Vietnã do Norte percebam que o preço da agressão é muito alto – e concordem com um acordo pacífico ou parem de lutar.” Remarks to the American Alumni Council (1966)

<sup>369</sup> “Seríamos os primeiros a dar as boas vindas a uma China que decidisse respeitar os direitos de seus vizinhos.” Annual Message to the Congress on the State of the Union (1967)

<sup>370</sup> “esse é o princípio pelo qual nossos ancestrais lutaram nos vales da Pensilvânia. É o princípio pelo qual nossos filhos lutam hoje nesta noite nas selvas do Vietnã.” Address at Johns Hopkins University (1965)

uma nova forma no cenário da contrainsurgência no Vietnã. Em ambas a narrativa do cativo e da emboscada (centrais para essa narrativa mais ampla), em todas as suas incontáveis variações, “os brancos estavam para sempre dentro e em casa” e, desta maneira, ela “virava a história de cabeça para baixo, fazendo o intruso trocar de lugar com o invadido.”<sup>371</sup> Estrangeiros àquela terra, mas em heroica missão de resgate dos pacíficos camponeses sul-vietnamitas, os soldados e oficiais estadunidenses estavam de alguma forma em casa. Entretanto, os anos subsequentes iriam pôr à prova a capacidade dos Estados Unidos de imporem seu “script” sob o Vietnã. Para muitos, cada vez mais parecia que era o Vietnã, não os Estados Unidos, aquele que impunha uma narrativa. E, nessa narrativa, o desconcertante e detestável papel de invasores não caberia mais a vietnamitas.

Ao invés de apoiarem uma genuína força nativa, os Estados Unidos se encontraram apoiando um regime que não poderia manter a si mesmo sem a supressão de toda e qualquer oposição interna. Uma das lições que podem ser retiradas da Guerra do Vietnã é a de que é muito difícil para um país – mesmo um poder global como os Estados Unidos – reformar e proteger um estado cliente que não consegue manejar a si mesmo em meio a uma agitação civil generalizada.<sup>372</sup> Visto que, em um conflito como o do Vietnã, com elementos de revolução social e guerra de independência nacional, a chave para a vitória era a habilidade de um lado, ou de outro de alcançar uma integração bem-sucedida de política e guerra. Privados de uma autêntica força nativa alternativa ao comunismo, os Estados Unidos se viram forçados a apoiar um “fante imperial”. E, com a contínua “americanização” da guerra, a se alçarem à absurda posição que deveria ser dessa força, substituindo eles mesmo a entidade política que eles supostamente deveriam proteger.<sup>373</sup> Como esses problemas e contradições da contrainsurgência nunca foram resolvidos, os Estados Unidos foram forçados a escalar seu envolvimento no conflito e os níveis de sua violência. Mas, conquanto essa escalada das hostilidades e do poder militar aplicado, uma vitória não se materializava.

Uma das consequências disso foram as contínuas afirmações de Lyndon Johnson de que “We are fighting a war of determination.”<sup>374</sup> E, à semelhança de seus antecessores, Johnson indicou em muitas ocasiões que as ações norte-americanas eram de grande significância simbólica pela mensagem que elas transmitiam ao mundo sobre o caráter nacional dos Estados Unidos:

---

<sup>371</sup> “the whites were forever inside and at home” “flipped history on its head, making the intruder exchange places with the intruded upon.” ENGELHARDT, Tom. **The End of Victory Culture**. op. cit., 1995, p.40.

<sup>372</sup> PATTERSON, James. **Grand Expectations**. op. cit., 1997, p.606-607.

<sup>373</sup> SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.459.

<sup>374</sup> “Estamos lutando uma guerra de determinação.” Remarks to the American Alumni Council (1966)

“This Nation, working with others, must demonstrate in Vietnam that our commitment to freedom and peace is not a fragile thing. It can – and it will – sustain the major test and any test that may confront it. With your support – with your faith – we will fulfill America’s duty. We have a proud and a glorious heritage. We are going to be true to it. ”

Como uma guerra de determinação na qual o caráter e comprometimento da nação estavam em jogo: “The Communists expect us to lose heart. The Communists expect to wear us down. The Communists expect to divide this Nation. ” Eles acreditam que “the political disagreements in Washington, the confusion and doubt in the United States, will hand them a victory on a silver platter in Southeast Asia.”<sup>375</sup> Essas frequentes advertências tornam claro como algo estava errado não apenas no front militar, mas também no front de luta moral pela guerra dentro dos Estados Unidos.

Em muitos momentos, parecia que o governo norte-americano não fazia nada no Vietnã além de inventar novos modos de medir seu sucesso. O número de mortos do lado do inimigo, muito superiores aos dos Estados Unidos e seus aliados, pareciam confirmar o poder norte-americano, mas, pelo sacrifício de muitas vidas, “de alguma forma, o inimigo capturou o único conjunto de números que vale a pena ter – o número de semanas, meses e anos em que a luta continuou.”<sup>376</sup> Uma dissonância havia sido aberta na narrativa que sustentavam o esforço de guerra norte-americano: uma entre “a estatística da vitória e a própria vitória, um espaço intrigante e enervante que só se ampliava com o passar dos anos, e nesse espaço surgia dúvida.”<sup>377</sup> O outro-inimigo considerado inferior em todos os sentidos se revelou extremamente poderoso. Como afirmara Maxwell Taylor: “Não apenas as unidades vietcongues têm os poderes de recuperação da fênix, mas também têm uma incrível capacidade de manter moral.”<sup>378</sup> Taylor evidencia a dificuldade que os Estados Unidos encontraram em providenciar uma explicação racional e politicamente aceitável para a realidade do Vietnã. Pois, se o poder regenerativo da fênix

---

<sup>375</sup> “Esta nação, trabalhando com outras pessoas, deve demonstrar no Vietnã que nosso compromisso com a liberdade e a paz não é uma coisa frágil. Ele pode – e irá – manter o teste principal e qualquer teste que possa enfrentá-lo. Com seu apoio – com sua fé –, cumpriremos o dever da América. Temos uma herança orgulhosa e gloriosa. Nós seremos fiéis a ela.” “Os comunistas esperam que desanimemos. Os comunistas esperam nos desgastar. Os comunistas esperam dividir esta nação.” “as divergências políticas em Washington, a confusão e a dúvida nos Estados Unidos entregarão a vitória a eles em uma bandeja de prata no Sudeste da Ásia.” Remarks in Omaha on the Occasion of the Sending of the Five-Millionth Ton of Grain to India (1966)

<sup>376</sup> “the enemy had somehow captured the only set of numbers worth having – the numbers of weeks, months, years that fighting went on.” ENGELHARDT, Tom. **The End of Victory Culture**. op. cit., 1995, p.215.

<sup>377</sup> “the statistics of victory and victory itself, a puzzling, unnerving space that only widened with the years, and in that space appeared doubt.” Ibid., 1995, p.55.

<sup>378</sup> “Not only the Viet-Cong units have the recuperative powers of the phoenix, but they have an amazing ability to maintain morale.” Apud Ibid., 1995, p.213.

fosse, na verdade, resultado da força da cultura política nativa, isso implicaria admitir e aceitar que as premissas políticas da contrainsurgência e da “national-bulding” eram incorretas.<sup>379</sup>

A diferença entre as motivações para travar a guerra era clara. Uma admissão velada disso era feita pela necessidade de Johnson em reafirmar constantemente o porquê da presença norte-americana no sudeste da Ásia. Ele dimensionava a importância desse apoio. Desse modo, ele reconhecia que “our greatest resource, really, in this conflict – our greatest support for the men who are fighting out there – is your understanding. It is your willingness to carry, perhaps for a long time, the heavy burden of a confusing and costly war.”<sup>380</sup> Mas, mesmo em suas admoestações por apoio, a dúvida aberta por aquela fissura se mostrava na admissão da natureza longa, confusa e custosa da guerra. Os norte-vietnamitas e seus aliados no Sul haviam conseguido mostrar e vindicar o reducionismo de sua cultura política e sua luta à mero epifenômeno do confronto entre Estados Unidos e seu adversário nacional. A valorização do nacionalismo norte-americano promovida por Johnson não conseguia se consumir no grau que ele desejava. Assim, o dilema do destino manifesto global surgido pela primeira vez na Guerra da Coreia se repetiu no Vietnã. Tal como na guerra asiática de Truman, apesar de sua caracterização como um dever nacional, as motivações norte-americanas no Vietnã eram limitadas, algo que o próprio presidente afirmava. Os Estados Unidos não tiveram outro objetivo senão infligir baixas e destruição aos vietcongues esperando quebrar sua vontade de continuar a guerra. Entretanto, apesar de sua imensa desvantagem militar, os vietnamitas estavam mais preparados para morrer e lutar o tempo que fosse necessário para os expulsar do Vietnã; conforme o próprio primeiro-ministro norte-vietnamita, Phan Van Dong afirmou ao New York Times em 1966.<sup>381</sup>

Em retrospectiva, era claro que a política de escalada militar estava fadada ao fracasso. Ela era baseada em expectativas exageradas do potencial militar dos Estados Unidos e de sua musculatura diplomática, assim como na fé equivocada de que o grande público continuaria a suportar o preço do conflito. Quanto mais a luta continuava em uma terra que parecia de pouco valor estratégico, menor era a sua paciência, que tolerava muitos menos as baixas de seus soldados que o inimigo.<sup>382</sup> Já para o Vietnã do Norte, seus objetivos não eram limitados; seu sucesso era absolutamente vital para sua própria sobrevivência e para a finalização de seu projeto

---

<sup>379</sup> SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.540.

<sup>380</sup> “nosso maior recurso, realmente, neste conflito – nosso maior apoio aos homens que estão lutando por aí – é a sua compreensão. Você está disposto a carregar, talvez por muito tempo, o pesado fardo de uma guerra confusa e cara.” Remarks to the American Alumni Council (1966)

<sup>381</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz. **Formação do império americano**. op. cit., 2005, p.262.

<sup>382</sup> PATTERSON, James. **Grand Expectations**. op. cit., 1997, p.607-608.

nacionalista. O fracasso em compreender essa relação entre as motivações políticas e a habilidade de suportar o conflito era consequência lógica da falha norte-americana em reconhecer a existência e a força da cultura política nativa.<sup>383</sup> E, na ausência de uma perspectiva crítica que avaliasse ambas força militar e política do inimigo, as medidas necessárias para derrotá-lo não poderiam ser adequadamente postas em prática.

Em outubro de 1967, materializando o crescente descontentamento popular, 100.000 manifestantes se reuniram no Memorial Lincoln em Washington D.C. contra o envolvimento do país na guerra, muitos dos quais atravessaram o Rio Potomac para protestar em frente ao Pentágono.<sup>384</sup> Apesar disso, a chegada do ano novo de 1968 viu um revigoramento da confiança dos Estados Unidos na guerra. Grupos pacifistas podiam estar regularmente fazendo barulho, porém Johnson sabia que pesquisas apontavam que, entre o público, os “gaviões” superavam as “pombas”.<sup>385</sup> O número daqueles que demandavam vitória militar total e se opunham ao fim dos bombardeios como um passo para à paz havia crescido.<sup>386</sup> Apesar dos contratempos, apenas uma minoria estava disposta a ver um fim outro que não a vitória acertada dos Estados Unidos; era uma minoria barulhenta certamente, mas uma minoria, ainda assim.

O desagrado popular com as turbulências da guerra era direcionado principalmente ao presidente e ao que era percebido como seus erros em conduzi-la.<sup>387</sup> Mas a maioria da população não parecia disposta a ver sua nação acuada para fora da Ásia. Afinal, como um país do Terceiro Mundo poderia resistir ao poder militar dos Estados Unidos? Assim, crer em derrota no Vietnã “quando qualquer medida de sucesso – de inimigos mortos e armas capturadas a estradas limpas e aldeias pacificadas – apontava para a vitória parecia loucura.”<sup>388</sup> Nos anos subsequentes, como já antecipado por Johnson em sua “guerra de determinação”, derrota no Vietnã seria encarada como inaceitável pelo que ela representaria simbolicamente em termos do poder norte-americano. A revista *Life* já havia sumarizado o momento ao afirmar: “No fim

---

<sup>383</sup> SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.539.

<sup>384</sup> FONER, Eric. **Give me Liberty! An American history Volume 2**. op. cit., p.1009.

<sup>385</sup> “Gaviões” e “Pombas” são termos correntes nos Estados Unidos para descrever conflitantes perspectivas para política externa. A primeira corresponde a uma visão mais militarista e combativa em política externa, a segunda defende uma atuação mais pacífica e uma cautela no uso de força militar. Em 1966, 47% responderam se identificar como “gaviões” (no contexto da pesquisa, aqueles que defendiam um acirramento do combate no Vietnã), 26% responderam se identificar como “pombas” (aqueles que eram pela não intensificação do conflito), 27% não sabiam responder. Ver <https://bit.ly/2WsacnE>

<sup>386</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.462.

<sup>387</sup> De dezembro de 1966 em diante, a desaprovação de Johnson na condução da guerra superou sua aprovação, com uma única exceção em abril de 1967, em que aqueles que a aprovavam eram 43% contra 42% que a desaprovavam. Ver <https://bit.ly/36aWpX4>

<sup>388</sup> “when any measure of success – from dead enemy and captured weapon to cleared roads and pacified villages – pointed toward victory, seemed mad.” ENGELHARDT, Tom. **The End of Victory Culture**. op. cit., 1995, p.204-205.

de 1965, o Vietnã havia se tornado uma guerra de verdade – e um julgamento nacional.”<sup>389</sup> Poucos aceitariam que desse julgamento resultasse algo além de triunfo. Nesse ponto, a população parecia atender em alguma medida a requisição de seu presidente por determinação. Entretanto, toda essa perceptível melhora no humor do país não foi capaz de resistir ao choque de crenças ocasionado pelos eventos durante e após o festival de Tet no Vietnã em janeiro de 1968.

Aproveitando-se do popular feriado, que colocou muitas das tropas do Sul de guarda baixa, milhares de vietcongues e soldados norte-vietnamitas lançaram uma ofensiva contra as principais cidades do Vietnã do Sul. Mesmo a embaixada dos Estados Unidos em Saigon, antes considerada um bastião inexpugnável, havia sido invadida e ocupada por várias horas. A Ofensiva “destruiu todas as expectativas de Lyndon Johnson e efetivamente pôs fim à sua presidência.”<sup>390</sup> A investida bem-organizada pegou a liderança militar estadunidense de surpresa. A Ofensiva foi repelida e os vietcongues sofreram pesadas perdas, enquanto foram incapazes de conquistar uma única cidade. Contudo, a intensidade da luta colocou fim à confiança popular na administração Johnson e em seus relatórios, que proclamavam que a vitória estava próxima. Longe disso, o inimigo, ainda que derrotado, parecia ter os níveis de sua moral e infiltração no Sul mais elevados do que antes. Mas não apenas a população; jornalistas e lideranças políticas, antes quase unanimemente favoráveis aos esforços de guerra, agora também faziam coro aos críticos do governo.<sup>391</sup> Tet trouxe à tona o elemento enigmático que cercava a Guerra do Vietnã. Os Estados Unidos declaravam vitória continuamente, e todas as estatísticas pareciam apontar isso, mas nessa vitória havia uma desconcertante sensação de derrota. Tet reforçou essa sensação; em uma das mais famosas e infames frases da guerra, um major norte-americano anônimo afirmou sobre a reconquista de Ben Tre: “tornou-se necessário destruir a cidade para salvá-la.”<sup>392</sup> Vitória e derrota pareciam coexistir de uma forma estranha. Visto que, para vencer, era necessário destruir o que deve ser vencido e destruir o que deve ser vencido – as vilas, cidades, rebanhos, terra e população – era assegurar a hostilidade daqueles em nome de quem se lutava.<sup>393</sup>

Destruir a cidade para salvá-la não era um grito de mobilização como “Lembrem-se do Alamo!”,<sup>394</sup> era uma sentença absurda que expressava uma inversão, “onde a análise racional e

---

<sup>389</sup>Apud GRANT, Susan-Mary. **História Concisa dos Estados Unidos da América**. op. cit., 2014, p.416.

<sup>390</sup> “destroyed all of Lyndon Johnson’s expectations and effectually put an end to his presidency.” LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.462.

<sup>391</sup> FONER, Eric. **Give me Liberty! An American history Volume 2**. op. cit., p.1024.

<sup>392</sup> “it became necessary to destroy the town to save it.” Apud ENGELHARDT, Tom. **The End of Victory Culture**. op. cit., 1995, p.205.

<sup>393</sup> Ibid., 1995, p.206.

<sup>394</sup> Ver nota 77.



o planejamento eram apenas exercícios de ilusão, onde a salvação era a destruição, onde aqueles cuja missão era subjugar e expulsar o ‘horror’ se tornaram seus agentes”<sup>395</sup> Tanto a Ofensiva de Tet, quanto a resposta norte-americana a ela inverteram as expectativas ao redor da missão no Vietnã. No entanto, a resposta à ofensiva comunista não representava uma mudança nos procedimentos militares dos Estados Unidos no país. Missões de Procura e Destruição (comuns entre os anos de 1965-68) devastavam vilas inteiras e muitas vezes não faziam distinção entre combatentes e civis.<sup>396</sup> O famoso incidente (destruição) da vila de Cam Ne, reportada nos Estados Unidos em 1965 pela rede de televisão norte-americana CBS, exemplifica o uso sistêmico de violência contra civis e a quebra de expectativas que ela causava (quebra que, neste caso, veio na forma de fúria contra aqueles que noticiaram o evento). Assim, “as imagens de Came Ne foram impressionantes e memoráveis porque elas eram exceções à maneira normal de contar uma história de guerra norte-americana.”<sup>397</sup> A resposta à Tet seguiu Came Ne em quebrar certezas narrativas ao contrapor narrativa e realidade. Ambos os eventos simplesmente acabaram simplesmente por realçar a já existente dimensão de barbaria na missão civilizacional norte-americana. Logo, tendo lançado mais destruição aérea sob o Vietnã do que em toda a última guerra mundial, “destruir para salvar” resumia *in a nutshell* a intervenção dos Estados Unidos no Vietnã.

A violência atroz da guerra ficou mais clara e patente. Em 1968, não havia como escapar a percepção da desproporção entre fins políticos e meios violentos. Mas essa percepção não era resultado apenas de Tet, era também resultado dos assassinatos de Martin Luther King Jr. e Robert Kennedy, mas principalmente da crescente violência urbana que assolava os Estados Unidos pelo acirramento das tensões raciais. Nesse contexto, a violência como uma abstração se tornou objeto de intensa preocupação pública. Para muitos, a ideia de que os eventos estavam sendo direcionados por uma forma de insanidade coletiva, uma falha congênita do caráter nacional norte-americano que produzia uma propensão irracional à violência, adquiriu circulação e credibilidade.<sup>398</sup> A violência doméstica se tornou tão disseminada que muitos temiam a eclosão de uma guerra civil racial ou de uma guerra de guerrilha por membros do movimento negro.<sup>399</sup>

---

<sup>395</sup> “where rational analysis and planning were merely exercises in delusion, where salvation was destruction, where those whose mission it was to subdue and expel ‘the horror’ became its agents.” SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.578.

<sup>396</sup> FONER, Eric. **Give me Liberty! An American history Volume 2**. op. cit., p.1008.

<sup>397</sup> “the Came Ne images were striking and memorable because they were *exceptions* to the normal way of telling an American war story.” Grifo do autor. SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.532.

<sup>398</sup> *Ibid.*, 1992, p.554-555.

<sup>399</sup> FONER, Eric. **Give me Liberty! An American history Volume 2**. op. cit., p.1000.

Até mesmo na retórica do presidente essa preocupação e equiparação das violências externa e doméstica era observável. Em sua conferência pós-Tet, Johnson usou a violência urbana para explicar a da guerra: “it is just like when we have a riot in a town or when we have a very serious strike, or bridges go out, or lights – power failures and things. They have disrupted services. A few bandits can do that in any city in the land.”<sup>400</sup> Nesse sentido, o período de sete meses que começou com os tumultos em Newark e Detroit no verão de 1967 e terminou com a Ofensiva de Tet sinalizou a erupção de uma grande crise política e ideológica que fragmentou o consenso político e conceitual que moldou os Estados Unidos desde 1945. Uma crise que estava pondo em questão alguns dos elementos mais básicos das estruturas de crença vigentes no país. Mais especificamente, a crença de que sua liderança política e instituições eram confiáveis, racionais e honestas e de que seu discurso político oferecia uma verdadeira e razoável narrativa dos eventos.<sup>401</sup> Naqueles anos, com a apreensão pela violência e com o descontentamento generalizado com a guerra, uma preocupação com o estado das fundações psíquicas da nação se tornou um tema corrente. Como declarou Johnson em 1968:

“There in South Vietnam, aggression fights not only on the battlefield of village and hill and jungle and city – the enemy has reached out to fight in the hearts and minds of the American people. He has mounted a heavy and a calculated attack on our character as a people, on our confidence and our will as a nation, on the continuity of policy and principle that has so long and so proudly marked America as the real champion of man’s freedom. Let no single American mistake the enemy’s major offensive now.”<sup>402</sup>

A perfídia do inimigo em suas emboscadas parecia não conhecer limites. Era como se ele houvesse lançado uma dupla ofensiva em Tet: uma contra as bases militares norte-americanas no Vietnã e outra contra as bases de consenso que sustentavam o caráter nacional dos Estados Unidos. Seguindo as pressuposições dessa narrativa, Johnson apresenta essa emboscada contra a determinação nacional como a única explicação aceitável para o sucesso do inimigo, que, de outro modo, jamais seria capaz de desferir derrota à civilização estadunidense.

---

<sup>400</sup> “é como quando temos uma revolta em uma cidade ou quando temos uma greve muito séria, ou quando pontes se apagam ou luzes – falhas de energia e outras coisas. Eles interromperam os serviços. Alguns bandidos podem fazer isso em qualquer cidade do país.” The President’s News Conference (1968)

<sup>401</sup> SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.535-536.

<sup>402</sup> “Lá no Vietnã do Sul, a agressão luta não apenas no campo de batalha de vilarejos, colinas, selvas e cidades – o inimigo estendeu a mão para lutar nos corações e mentes do povo norte-americano. Ele montou um ataque pesado e calculado sobre nosso caráter como povo, sobre nossa confiança e nossa vontade como nação, sobre a continuidade de políticas e princípios que há tanto tempo e com tanto orgulho marcaram a América como o verdadeiro campeão da liberdade do homem. Não permita que nenhum norte-americano confunda a ofensiva maior do inimigo agora.” Remarks at the Conference on Foreign Policy for Leaders of National Nongovernmental Organizations (1968)

Após Tet, a guerra passa a ser vista como uma fonte de dilemas morais aparentemente insolúveis, uma vez que pôr fim a ela parecia estar cada vez mais conectado à rendição, desonra e humilhação. Havia uma dificuldade em encontrar uma solução prática e aceitável para o Vietnã. Logo, os Estados Unidos se encontraram presos a um “pesadelo” no qual as mais debilitantes reversões do conhecido e do expectável tinham lugar e no qual acordar não parecia ser opção.<sup>403</sup> A aparente insolubilidade da situação levou Johnson a fazer um dos pronunciamentos mais memoráveis de sua presidência. No discurso, ele declarou a desescalada das hostilidades e o fim dos bombardeiros ao Vietnã do Norte sem a requisição de nenhuma concessão da parte de Hanói. E, além desse extraordinário e inesperado movimento em favor do começo de conversações pela paz, Johnson afirmou que declinaria a nomeação de seu partido para mais um mandato presidencial.<sup>404</sup> Ainda que essa declaração tenha sido muito mais uma mudança tática para acalmar a dissensão doméstica do que uma mudança de políticas, ela marcou uma admissão tácita do fracasso da escalada contínua do conflito.<sup>405</sup> Esse foi o grande ato final da presidência de Lyndon Johnson, contudo, não foi o da Guerra do Vietnã. Mais sete anos ainda seriam necessários para sua finalização e muitos outros seriam para a atenuação do marasmo moral dos Estados Unidos. A saída de Johnson da Casa Branca não significou o encerramento dos dilemas surgidos durante sua presidência. Pelo contrário, o envolvimento norte-americano no Vietnã (que ainda não havia acabado) começou um longo processo de questionamento do papel e lugar dos Estados Unidos no mundo.

Ainda levariam alguns anos para que as pessoas falassem de uma “Síndrome do Vietnã”, um termo usado para expressar a relutância do público em aceitar envolver-se em ações militares no exterior como resultado do fracasso da intervenção no Vietnã.<sup>406</sup> Entretanto, era claro que os Estados Unidos haviam perdido confiança no poder de seus símbolos e mitos para descrever o mundo. Quando tal perda ocorre, linguagem e imaginação parecem incapazes de definir o problema, ou conceber uma resolução desejável para a crise.<sup>407</sup> Existia aqui uma sensação de crise da ordem da imaginação e do simbólico: “não foi somente o poderio militar da América, mas seu imperativo moral que levou uma surra no Vietnã.”<sup>408</sup> Naquele momento, síndrome poderia não fazer parte do vocabulário, mas uma debilidade moral certamente era perceptível. Assim, no final de sua presidência, Johnson precisou afirmar que: “We have a lot of sick people

---

<sup>403</sup> ENGELHARDT, Tom. **The End of Victory Culture**. op. cit., 1995, p.194 e 197.

<sup>404</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.466.

<sup>405</sup> PATTERSON, James. **Grand Expectations**. op. cit., 1997, p.684.

<sup>406</sup> GRANT, Susan-Mary. **História Concisa dos Estados Unidos da América**. op. cit., 2014, p.413.

<sup>407</sup> PATTERSON, James. **Grand Expectations**. op. cit., 1997, p.618.

<sup>408</sup> GRANT, Susan-Mary. **História Concisa dos Estados Unidos da América**. op. cit., 2014, p.417.

in this country, but the country is not sick. ” Porém, embora negasse que a nação estivesse doente, ele paradoxalmente também afirmava ser necessário “Let’s try to heal the wounds, instead of deepening the divisions.”<sup>409</sup> Somente aqueles que estão enfermos precisam curar feridas.

A dissonância causada pela Guerra do Vietnã quebrou o sólido consenso que fora fundado no início da Guerra Fria. E muitos fenômenos políticos e sociais resultaram disso. Ela foi especialmente importante para enfraquecer a equivalência entre a causa da Guerra Fria e da justiça racial que havia sido construída pelas administrações democratas de Truman, Kennedy e Johnson, ao passo que a reconectou a um compromisso anti-imperialista no exterior.<sup>410</sup> Isso foi resultado não somente da repulsa pelos níveis de violência da guerra, como também do racismo sofrido por aqueles engajados no serviço militar. Apesar da noção de que as Forças Armadas eram a instituição menos racista da sociedade estadunidense, o tratamento desigual de soldados afro-americanos no Vietnã abalou o sentimento popular de que serviço militar promovia igualdade racial.<sup>411</sup> Apesar de comporem meros 12.6% dos soldados, em 1965, 24% das baixas no Vietnã eram de soldados negros.<sup>412</sup> Um ato simbólico dessa mudança de atitudes foi feito pela principal liderança dos direitos civis. Já tendo criticado a escalada militar em 1965, dois anos depois, Martin Luther King Jr. rompeu com a administração Johnson ao tornar plenamente público seu posicionamento crítico em relação à guerra.<sup>413</sup>

Essa dissonância também foi catalizadora para corroer a confiança depositada na liderança política do país. Em 1965, o cientista político James MacGregor Burns afirmou que a presidência estava no auge de seu prestígio: “governo presidencial, longe de ser uma ameaça à democracia norte-americana, tornou-se a principal instituição que a sustenta – um baluarte para a liberdade individual, uma agência de representação popular e um ímã para ação política e liderança.”<sup>414</sup> Levaria muitos anos para que a presidência recuperasse esse prestígio após o abalo das contínuas mentiras e promessas não cumpridas de Lyndon Johnson. E esse prestígio ainda sofreria mais abalos até a queda de Saigon em 1975.

---

<sup>409</sup> “We have a lot of sick people in this country, but the country is not sick.” “Let’s try to heal the wounds, instead of deepening the divisions.” Remarks at the Graduation Exercises of the Capitol Page School (1968)

<sup>410</sup> LUCKS, Daniel. **Selma to Saigon**. op. cit, 2014, p.36 e 44.

<sup>411</sup> LUCKS, Daniel. African American soldiers and the Vietnam War no more Vietnams. **The Sixties**, v.10, n.2, 2017, p.4.

<sup>412</sup> PATTERSON, James. **Grand Expectations**. op. cit., 1997, p.617.

<sup>413</sup> LUCKS, Daniel. **Selma to Saigon**. op. cit, 2014, p.6-7 e 40.

<sup>414</sup> “Presidential government, far from being a threat to American democracy, has become the major single institution sustaining it – a bulwark for individual liberty, an agency of popular representation, and a magnet for political action and leadership.” Apud LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.451-452.

O fracasso na conquista dos seus objetivos na Ásia também levou os Estados Unidos a mais uma nova caçada pelo inimigo interno, aquele sobre quem a responsabilidade deveria ser posta. Um argumento comum dos gaviões da política externa era de que escalada não havia sido derrotada nas selvas do Vietnã, mas no front doméstico. Duas instituições eram especialmente responsáveis por essa derrota: as universidades, cujos estudantes formavam a maior parte dos ranques do movimento antiguerra, e a grande mídia. Se nos anos 1950 o perigo era de que a mídia fosse infiltrada por comunistas, agora era dito que a mídia oferecia ao público uma visão inimiga da guerra, dando a impressão de derrota ao que era, na realidade, sucesso militar.<sup>415</sup> Antes de 1969, contudo, a mídia apoiava as políticas de Johnson. Até então, jornalistas dependiam muito das informações fornecidas pelo próprio governo e eles davam grande ênfase às conquistas militares do país. Em verdade, não apenas a mídia era pouco crítica à política oficial, mas ela também apresentava uma imagem negativa daqueles que eram críticos das instituições dos Estados Unidos. Por fim, os defensores da escalada militar exageravam a influência dos estudantes universitários, que nem se quer eram consensualmente contrários à guerra.<sup>416</sup>

Uma última acusação também foi lançada contra a própria liderança civil do país, que teria restringido os militares de usarem todo o poder bélico disponível aos Estados Unidos. Nesse aspecto, eles não estavam errados. A administração Johnson de fato conteve membros das Forças Armadas que desejavam uma ampliação ainda maior das hostilidades. Todavia, os gaviões “tendiam a exagerar o potencial das ações militares, especialmente bombardeios para alcançar objetivos políticos.”<sup>417</sup> O erro da administração não residia em termos militares, mas políticos. E nisso ela estava apenas pondo em prática os pressupostos que guiavam a ideologia da Guerra Fria no Terceiro Mundo. Como os senadores democratas William Fulbright e Eugene McCarthy, ambos críticos da guerra, ressaltaram, o coração da tragédia no Vietnã na perspectiva norte-americana residia no fato do movimento nacionalista mais poderoso desse país também ser comunista. Logo, “os vietcongues não eram instrumentos do expansionismo chinês, no sudeste da Ásia, como Johnson e seus aliados entendiam. Nem Ho Chi Minh era um simples agente da China, como se imaginava nos Estados Unidos.”<sup>418</sup> Nesse sentido, há sabedoria nas palavras do historiador norte-americano Frank McCann quando ele afirmou que “o que torna o

---

<sup>415</sup> ENGELHARDT, Tom. **The End of Victory Culture**. op. cit., 1995, p.207-208.

<sup>416</sup> PATTERSON, James. **Grand Expectations**. op. cit., 1997, p.620-621.

<sup>417</sup> “tended to exaggerate the potential of military actions, especially bombing, to achieve political objectives.” Ibid., 1997, p.606.

<sup>418</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz. **Formação do império americano**. op. cit., 2005, p.263.

nacionalismo norte-americano tão perigoso para si e para o mundo é que ele não reconhece a validade dos nacionalismos de outros povos.”<sup>419</sup>

Em vista disso, atribuir inteiramente culpa a Lyndon Johnson ignora “as forças políticas e culturais extraordinariamente poderosas que há muito dominavam o pensamento norte-americano sobre o Vietnã e a política externa.”<sup>420</sup> Como indicado pela Resolução de Tonquim, uma política externa de firmeza na luta contra o comunismo no Sudeste da Ásia era popular entre o público e virtualmente consensual entre a liderança política do país. Todos os presidentes do pós-guerra esposaram essa posição.<sup>421</sup> Esse foi um dos principais argumentos retóricos usados por Johnson para se defender de seus críticos, um argumento que buscou apelo principalmente na figura martirizada de seus antecessor:

“I always come back to these words, not of President Truman or President Eisenhower, but the late, beloved John Fitzgerald Kennedy, when he said, ‘for us to withdraw from that effort [in Vietnam] (sic) would mean a collapse not only of South Vietnam, but Southeast Asia. So we are going to stay there.’ The judgments of these three former Presidents, as mine has been, were formed in positions of the greatest responsibility.”<sup>422</sup>

Lembrando-se das acusações direcionadas contra Truman de que ele havia “perdido” a China, Kennedy temia “perder” o Vietnã.<sup>423</sup> A mesma racionalidade guiava Johnson: manter a credibilidade e imagem de poder dos Estados Unidos no contexto de luta contra comunismo na Guerra Fria era de suma importância. Na realidade, o presidente não era propenso pela escalada militar; sua preocupação maior era seu projeto doméstico e ele temia que a guerra o ameaçasse (o que, de fato, ocorreu). Mas aqui retornamos ao poder do consenso da Guerra Fria, pois, se ele não houvesse agido, ele sofreria criticismo de adversários e aliados igualmente. Nesse sentido, “ao decidir pela escalada no início de 1965, Johnson era tanto um prisioneiro desse consenso quanto um ativador dele.”<sup>424</sup>

---

<sup>419</sup> “what makes American nationalism so dangerous to itself and to the world is that it does not recognize the validity of other peoples nationalisms.” MONIZ BANDEIRA, Luiz. **Formação do império americano**. op. cit., 2005, p.211.

<sup>420</sup> “the extraordinarily powerful cultural and political forces that long had dominated American thinking about Vietnam and foreign policy.” PATTERSON, James. **Grand Expectations**. op. cit., 1997, p.604,

<sup>421</sup> *Ibid.*, 1997, p.604,

<sup>422</sup> “Eu sempre volto a essas palavras, não do presidente Truman ou do presidente Eisenhower, mas do falecido e amado John Fitzgerald Kennedy, quando disse: 'se nos afastarmos desse esforço [no Vietnã] significaria um colapso não apenas de Vietnã do Sul, mas sudeste da Ásia. Então, vamos ficar lá. 'Os julgamentos desses três ex-presidentes, como o meu, foram formados em posições de maior responsabilidade.” Remarks in New Orleans Before the 50th Annual National Convention of the American Legion (1968)

<sup>423</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.413.

<sup>424</sup> “in deciding for escalation in early 1965 Johnson was as much a prisoner of this consensus as he was an activator of it.” PATTERSON, James. **Grand Expectations**. op. cit., 1997, p.607-610.

Uma longa lista de decisões havia levado a essa situação. A aprovação de Kennedy ao golpe militar contra Diem. O incentivo dado por Eisenhower aos líderes sul-vietnamitas para que recusassem uma eleição pela unificação do Vietnã. E, antes disso, o seu suporte financeiro à reconquista colonial francesa, também empreendido por Truman. E, finalmente, a pouco conhecida recusa desse de responder a carta de Ho Chi Minh, que havia pedido ao presidente que ajudasse o Vietnã a assegurar sua independência contra as intenções colonialistas da França. Independência que fora declarada em um documento que tirou inspiração na própria Declaração de Independência dos Estados Unidos.<sup>425</sup> Foi simplesmente o destino de Johnson ser o presidente quando o Vietnã do Sul mostrou sinais de que perderia a guerra.

Prisioneiro e ativador da ideologia da Guerra Fria, Johnson exemplifica aquilo que afirmamos no início desta dissertação: o nacionalismo pode ser uma poderosa arma para a conquista de poder político, mas também pode tornar aqueles que a utilizam seus prisioneiros. Entretanto, ao afirmarmos isso, não podemos pôr de lado as intencionalidades humanas implicadas aqui. Afinal, ainda que possamos não fazer a história nas circunstâncias de nossa escolha, a fazemos, ainda assim. Não apenas os presidentes do pós-guerra tinham, a despeito das consequências, escolha para direcionar a política norte-americana para o Vietnã, como também “foi somente quando Kennedy e seus sucessores expandiram amplamente o compromisso dos EUA, e quando as listas de vítimas aumentaram, que um grande número de norte-americanos passou a se preocupar com o destino daquela terra distante.”<sup>426</sup> A imensa importância dada ao país asiático à missão nacional surgiu somente quando os eventos na região foram retoricamente inflamados pela liderança política dos Estados Unidos. Não havia nada na Declaração de Independência, ou em qualquer outro documento fundante do nacionalismo estadunidense que tornasse aquela intervenção uma responsabilidade norte-americana até que ela fosse declarada como tal. O próprio consenso da Guerra Fria que empurrou Johnson e seus antecessores a agir no Vietnã era construído continuamente por eles mesmos. Ele era, portanto, uma opção. Uma feita muitos anos antes quando Truman declarou a contenção a pedra angular da atuação global dos Estados Unidos no mundo e quando ela saiu vitoriosa nas urnas contra Wallace. Uma vitória que era reafirmada a cada nova escolha de presidente.

---

<sup>425</sup> FONER, Eric. **Give me Liberty! An American history Volume 2.** op. cit., p.963.

<sup>426</sup> “it was only when Kennedy and his successors greatly expanded the US commitment, and casualty lists lengthened, that a large number of Americans came to care about the fate of that distant land.” LEUCHTENBURG, William. **The American President.** op. cit., 2001, p.413.

Ao marcar isso, minha intenção não é cair em puro voluntarismo, mas apontar a autoria humana implicada no devir histórico. Do contrário, se somos meros prisioneiros de nossas próprias criações, reificamos a história como outra coisa que não o que ela de fato é: escolha, uma feita por muitos e, na maioria das vezes, no calor das situações, sem reflexão plena e de antemão. Mas é essa característica de escolha que precisa ser afirmada e reafirmada. Pois, toda e qualquer mudança radical depende que não cessemos de ver a possibilidade sempre contida em ser um ser histórico, seja no passado, ou no presente.

Veremos que, ao lidar com o dilema moral apresentado pelo Vietnã, os Estados Unidos optaram por recuperar o seu sentido de propósito e heroísmo. Assim, longe de renegar autoconfiança no seu destino manifesto em atuar globalmente, a liderança política do país buscou purgá-lo dos males do período Johnson. Disso resultaram novos dilemas e contendas. Redenção ainda em meio a guerra não se mostraria fácil. Mas isso não impediu que ela se tornasse um novo imperativo político da nação. O fim do período de bem-aventurança do destino manifesto dos Estados Unidos, das certezas e dos consensos, inaugurou um novo período de catástrofe e expiação.

Anos antes, apresentando-se como líder da nova geração de norte-americanos, Kennedy assumira a presidência em grande expectativa e sua morte havia lhe deixado em expectativas ainda maiores. Por curto período, pareceu que seu sucessor seria capaz de as atender, mesmo que apenas em parte. Mas a decisão de intervir massivamente no Vietnã lhe negou isso e muito mais. Para não ferir o consenso doméstico e a imagem de poder no exterior, a administração Johnson engajou os Estados Unidos em uma guerra que acabou mortalmente ferindo ambos. Como resultado, da expectativa que a nova geração de norte-americanos recuperaria a nação do marasmo dos anos Eisenhower, nada restou. Pois, essa mesma geração era responsável por instalar uma atmosfera de melancolia ainda maior em amplitude e consequência, uma que, por muitos anos, continuaria a lhes acompanhar como uma tragédia.



### 3. Entre redensões e revisões: o fim da missão nacional? (1970-1991)

*“E se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e buscar a minha face e se converter dos seus maus caminhos, então eu ouvirei dos céus, e perdoarei os seus pecados, e sararei a sua terra. ”*

**2 Crônicas 7:14**

#### 3.1. Derrota e desilusão de uma nação à procura de redenção

Frente aos acontecimentos recentes, muitos nos Estados Unidos passaram a se ver na posição que eles imaginavam que o Terceiro Mundo se encontrava. Estava no cerne da política de contrainsurgência um dia tornar a política das nações terceiro-mundistas um reflexo do sistema político dos Estados Unidos. Ao invés disso, sua intervenção no Sudeste Asiático pareceu tornar a política norte-americana reflexo das conspirações, assassinatos e tumultos do Vietnã. Agora, parecia verossímil que os Estados Unidos iriam cair em uma espiral de revoluções e repressão governamental da qual o Novo Fronteiriço de Kennedy supostamente iria libertar o Terceiro Mundo.<sup>427</sup> Para Richard Nixon, respondendo a essas transformações disruptivas, não havia questão mais importante no ano eleitoral de 1968 do que ordem:

*“Tonight I would like to talk with you about the number one issue of 1968 — the number one issue in the United States — and the number one issue in the world. This is the problem of order. By order I mean peace at home, and peace in the world. I mean the containing of violence, whether by armies or by mobs or by individuals. ”*

Com o crescimento de organizações contestatórias de afro-americanos e de militantes anti-guerra, Nixon propunha pôr fim à desordem política e simbólica que assolava seu país: “Here at home, we have been amply warned that we face the prospect of a war-in-the-making in our own society.” Diante disso, “the first responsibility of leadership is to gain mastery over events, to shape the future in the image of our hopes.”<sup>428</sup> Prometendo ordem e o fim do derrotismo, Nixon saiu vitorioso contra o democrata Hubert Humphrey por uma margem pequena no voto popular (ainda que por uma grande margem no Colégio Eleitoral). Mas, uma vez na Casa Branca, esses eram números irrelevantes para Nixon. Com os amplos poderes da presidência em suas mãos, ele finalmente tinha caminho aberto para colocar em prática seu projeto de trans-

<sup>427</sup> SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.579-580.

<sup>428</sup> “Hoje à noite eu gostaria de conversar com você sobre a edição número um de 1968 - a edição número um nos Estados Unidos - e a edição número um no mundo. Esse é o problema da ordem. Por ordem, quero dizer paz em casa e paz no mundo. Refiro-me à contenção de violências, seja por exércitos, multidões ou indivíduos. ” “Aqui em casa, fomos amplamente advertidos de que enfrentamos a perspectiva de uma guerra em andamento em nossa própria sociedade. ” “a primeira responsabilidade da liderança é ganhar domínio sobre os eventos, moldar o futuro à imagem de nossas esperanças.” Remarks on the NBC Radio Network (1968)

formação política e redenção moral dos Estados Unidos. Um projeto que viveria em uma permanente tensão entre posições paradoxais: afirmar a moralidade das ações norte-americanas no Vietnã, mas desejar colocar fim à guerra por reconhecer seu custo moral; ter por objetivo desescalar o comprometimento das tropas dos Estados Unidos na guerra, enquanto escalava o apoio militar ao Vietnã do Sul; fazer uma reafirmação conservadora do nacionalismo dos Estados Unidos e simultaneamente fazer uma crítica realista aos mitos tradicionais da nação.

Em seu discurso de Posse, Nixon reconheceu a crise moral de seu país: “We find ourselves rich in goods, but ragged in spirit; reaching with magnificent precision for the moon, but failing into raucous discord on earth. ” Nessa situação uma cura era necessária: “To a crisis of the spirit, we need an answer of the spirit.”<sup>429</sup> Era a reafirmação do nacionalismo que proveria essa renovação espiritual: “Nationalism is hailed and applauded as a panacea for the ills of every nation – except the United States of America.” Assim, ele afirma, “[...] I believe a resurgence of American idealism can bring about a modern miracle, and that modern miracle is a world order of peace and justice.”<sup>430</sup> Diante da crítica popular às ações dos Estados Unidos na Ásia, desde a campanha, Nixon se colocou como a voz de uma “maioria silenciosa” que desejava a reafirmação dos ideais patrióticos.

Em 1969, passeatas contra a guerra haviam alcançado multidões com estimativas entre 600 e 750 mil pessoas, as maiores demonstrações alcançadas pelo movimento antiguerra. Muitos poderiam ver nisso um amplo clamor nacional contra a liderança dos Estados Unidos e sua política exterior. Mas não Nixon. Apesar de todo barulho dissidente que essas passeatas pudessem fazer, uma maioria, ainda que em silêncio, continua a ser maioria. Persistia um conjunto majoritário de norte-americanos que não compactuava com a ideia de que a guerra era imoral. Foi desse modo que o republicano apresentou o cenário nacional.<sup>431</sup> De fato, como vimos durante o período Johnson, existia uma maioria que, embora pudesse acreditar que a guerra havia sido um erro, se recusava a compactuar com a ideia que a missão na Ásia não era nobre. Acreditar em sua imoralidade seria admitir que a mais heroica das nações havia matado e destruído por motivos injustos. Não há maior tabu na cultura marcial dos Estados Unidos que admitir e

---

<sup>429</sup> “Nós nos encontramos ricos em bens, mas esfarrapados em espírito; alcançando com precisão magnífica a lua, mas falhando em uma discórdia estridente na terra. ” “Para uma crise do espírito, precisamos de uma resposta do espírito. ” *First Inaugural Address* (1969)

<sup>430</sup> “O nacionalismo é aclamado e aplaudido como uma panacéia para os males de todas as nações – exceto os Estados Unidos da América. ” “[...] Eu acredito que um ressurgimento do idealismo norte-americanopode trazer um milagre moderno, e esse milagre moderno é uma ordem mundial de paz e justiça. ” *Address at the Air Force Academy Commencement Exercises* (1969)

<sup>431</sup> PATTERSON, James. *Grand Expectations*. op. cit., 1997, p.753.

tomar responsabilidade por uma atrocidade.<sup>432</sup> Nesse sentido, em nome dos norte-americanos em silêncio, Nixon buscou patrioticamente reafirmar o caráter nobre e a justiça da missão nacional no Vietnã. Mas, ao mesmo tempo, ele também buscou seu encerramento por reconhecer, ainda que de forma velada, o desastre representado por essa guerra.

No lugar da vitória militar total que os Estados Unidos até então tinham por objetivo, Nixon redefiniu o cumprimento da missão no Vietnã como “paz com honra”: “let us therefore unite as a nation in a firm and wise policy of real peace – not the peace of surrender, but peace with honor.”<sup>433</sup> Da racionalidade de que o Vietnã deveria ser defendido por razões de interesse nacional, Nixon apresentava a necessidade de manter o compromisso nacional pelo que derrota implicaria em termos de determinação estadunidense:

“Imagine for a moment, if you will, what would happen to this world if America were to become a dropout in assuming the responsibility for defending peace and freedom in the world. As every world leader knows, and as even the most outspoken critics of America would admit, the rest of the world would live in terror.”<sup>434</sup>

Contudo, essa determinação seria afirmada por uma saída planejada e acordada dos Estados Unidos do conflito, não pela derrota do inimigo.<sup>435</sup> Pela primeira vez, os Estados Unidos reconheciam que não poderiam vencer a guerra contra os comunistas vietnamitas. Por qual outra razão o país sairia antecipadamente do conflito? Mas esse não era um reconhecimento oficial. Com “paz com honra”, a administração Nixon objetivava reconquistar controle narrativo no Vietnã, de modo que o público pudesse novamente encontrar conexão entre meios e fins. Demonstrando a resolução norte-americana de continuar a guerra, as hostilidades prosseguiriam não para vencer a guerra, mas sim para forçar o Vietnã do Norte a aceitar acordos negociados pela saída das tropas dos Estados Unidos. Em seu lugar, seria deixado um Estado sul-vietnamita capaz de se sustentar da subversão comunista, a curto prazo, pelo menos.<sup>436</sup> Se a derrota do

---

<sup>432</sup> ENGELHARDT, Tom. **The End of Victory Culture**. op. cit., 1995, p.233.

<sup>433</sup> “portanto, vamos nos unir como nação em uma política firme e sábia de paz real – não a paz da rendição, mas a paz com honra.” Address to the Nation on Vietnam (1972)

<sup>434</sup> “Imagine por um momento, se você me permite, o que aconteceria com este mundo se os Estados Unidos se tornassem negligentes em assumir a responsabilidade de defender a paz e a liberdade no mundo. Como todo líder mundial sabe, e como até os críticos mais francos da América admitiriam, o resto do mundo viveria aterrorizado.” Address at the Air Force Academy (1969)

<sup>435</sup> É importante notar que não há nada de novo na defesa de Nixon da guerra como um teste de determinação nacional. Já vimos essa mesma retórica sendo usada por Johnson. Mesmo Eisenhower e Kennedy apresentavam essa visão. Ainda que cálculos de interesse nacional e estratégico tivessem os influenciados, para os presidentes norte-americanos, o valor do Vietnã do Sul era mais simbólico do que material. O envolvimento no Vietnã visava demonstrar a força de vontade e a capacidade dos Estados Unidos de conter o comunismo. Salvar o Vietnã do Sul não era o fim, mas o meio para alcançar a verdadeira meta norte-americana: garantir que o prestígio dos Estados Unidos permanecesse intacto. Ver SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.616.

<sup>436</sup> Ibid., 1992, p.613.

inimigo não era possível, capitulação não era aceitável. Disso surge a vietnamização da guerra: a desescalada da participação norte-americana na guerra e a escalada concomitante da participação sul-vietnamita.

Durante a eleição, Nixon afirmou ter um plano secreto para vencer a guerra. Uma vez empossado presidente, sua promessa se revelou vazia. Ainda que pudesse ter apoio popular para sua política de vietnamização,<sup>437</sup> Nixon não poderia oferecer a vitória que ele prometera. Longe disso, a vietnamização que ele estava pondo em prática estava fadada ao fracasso. A corrupção e instabilidade política do governo do Vietnã do Sul tornava praticamente impossível que ele assumisse o fardo total da guerra. Os líderes sul-vietnamitas sentiam-se traídos por Nixon, e eles não estavam errados. Com sua política de vietnamização, o objetivo do presidente era, acima de tudo, reduzir o número de baixas de soldados dos Estados Unidos (principal fonte de impopularidade da guerra) e permitir Saigon resistir ao avanço comunista o suficiente para criar um intervalo politicamente crucial entre a retirada norte-americana da guerra e a derrota sul-vietnamita.<sup>438</sup> Ainda que um cenário indesejado, ele era certamente melhor que a queda do Sul ainda durante a participação norte-americana na guerra terrestre.

Mas existiam empecilhos aos planos de Nixon de negociar termos favoráveis com Hanoi. Três fatores políticos os minavam: (1) se o comprometimento por vitória total e indiscutível fora abandonado pelos Estados Unidos, o mesmo não pode ser dito do Vietnã do Norte. Seu objetivo por um Vietnã unificado e socialista persistia inalterado. (2) A já mencionada fraqueza institucional do Vietnã do Sul e sua dificuldade em fazer auto reformas. (3) E, por fim, um novo elemento: um consenso nos Estados Unidos em favor da desescalada do conflito e de seu fim negociado.<sup>439</sup> Para os comunistas vietnamitas, era necessário um contínuo espírito de luta, não havendo razão para uma negociação que implicaria aceitar a imposição estrangeira de uma divisão de sua nação. Quanto mais tropas Nixon retirava do Sudeste Asiático, mais os norte-vietnamitas acreditavam que bastava esperar e a vitória seria deles. Então, as negociações em Paris permaneceram sem uma resolução no horizonte.<sup>440</sup> Como consequência, apesar da política de retirada de suas tropas ter continuado, os Estados Unidos sob o governo Nixon estenderam as hostilidades para forçar o Norte a consentir a uma “paz honrosa”.

Ao planejar sua política de desescalada da guerra terrestre, Nixon manteve o comprometimento militar aéreo dos Estados Unidos. Autorizando bombardeios ainda maiores que os

---

<sup>437</sup> Sua política de vietnamização era particularmente responsável pela aprovação popular de sua presidência. Disponível em: <https://nyti.ms/2u1kGAH>

<sup>438</sup> PATTERSON, James. **Grand Expectations**. op. cit., 1997, p.752 e 768.

<sup>439</sup> SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.614.

<sup>440</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.501-502.

de seu antecessor, Nixon via em poder aéreo um meio para forçar os norte-vietnamitas a negociarem em termos que não permitissem a permanência de forças comunistas em solo sul-vietnamita (uma das condições exigidas por Hanói). Para Nixon, o medo de uma inimaginável retaliação norte-americana era o melhor método de persuasão contra o inimigo. Mas, ainda que pudesse forçar o Norte à mesa de negociações, a pressão militar não era capaz de quebrantá-lo ao abandono de suas demandas.<sup>441</sup>

Especialmente destrutivos para atingir esses fins foram os chamados Bombardeios de Natal (Operação Linebacker II) em 1972, os maiores de toda guerra. Nos doze dias em que duraram, mais bombas foram lançadas sobre o Vietnã do que os durante os anos de 1969 e 1971. Tendo causado grande destruição na cidade de Hanói e ceifado a vida de mais de 1.600 civis vietnamitas, eles geraram uma onda de protestos nos Estados Unidos e ao redor do mundo.<sup>442</sup> Se por um lado o governo norte-americano ameaçava bombardear o Vietnã de volta à “Idade da Pedra”, por outro, afirmou o New York Times, a operação militar parecia conduzir os Estados Unidos a um “barbarismo da Idade da Pedra”, que ameaçava destruir “parte do que vale mais a pena preservar na civilização norte-americana.”<sup>443</sup> Em nome de redimir o envolvimento norte-americano no Vietnã e manter a credibilidade e moral de seu país e população, Nixon tentava reestabelecer uma lógica em manter e mesmo elevar os níveis de violência. Mas, como o artigo do Times nos revela, longe de combatê-la, o presidente ameaçava intensificar a desmoralização da nação ao continuar a guerra.

Essa posição paradoxal era o resultado inevitável de continuar um conflito que não poderia ser vencido e cujo custo moral e político para os Estados Unidos era imenso. Retrospectivamente, era claro que a única forma viável de encerrar a guerra era os Estados Unidos aceitarem derrota, mas, por mais que o movimento antiguerra mobilizasse milhares, poucos norte-americanos apoiavam a ideia. Nas palavras de Nixon, muito antes ele aceitaria ser um presidente de um mandato apenas do que ver os Estados Unidos “become a second-rate power and to see this Nation accept the first defeat in its proud 190-year history. ” Até então uma cadeia infundável de vitórias heroicas, sua história não poderia aceitar a mancha de uma derrota, ainda mais uma em que os norte-americanos eram acusados de perpetrarem morte e destruição injustificados. Diante disso, Nixon sentiu-se à vontade para continuar seu projeto de redenção mesmo que ele implicasse na expansão das hostilidades.

---

<sup>441</sup> PATTERSON, James. **Grand Expectations**. op. cit., 1997, p.750.

<sup>442</sup> Ibid., 1997, p.765.

<sup>443</sup> “some of what is most worth preserving in American civilization.” Disponível em: <https://nyti.ms/3bAKXqu>

A Campanha do Camboja iniciada pelos Estados Unidos em meados de 1970 exemplifica isso. Em 30 de abril de 1970, Nixon fez um pronunciamento chocante de que tropas norte-americanas e sul-vietnamitas iriam invadir o Camboja para cortar a linha de suprimentos das forças comunistas no Vietnã do Sul. Antecipando as críticas, longe de minimizar a importância da operação, Nixon retoricamente a transformou em um símbolo de determinação da missão nacional dos Estados Unidos. Em uma linguagem quase apocalíptica, ele afirmou: “If, when the chips are down, the world’s most powerful nation, the United States of America, acts like a pitiful, helpless giant, the forces of totalitarianism and anarchy will threaten free nations and free institutions throughout the world.” Assim, “it is not our power but our will and character that is being tested tonight.”<sup>444</sup> Nesse sentido, ao racionalizar a operação militar, o presidente estava reafirmando o destino manifesto global dos Estados Unidos como uma nação heroica cujo compromisso o mundo depende. Mas essa racionalização nacionalista não detinha do mesmo poder de persuasão que um dia desfrutou nas presidências dos antecessores de Nixon. Após o pronunciamento, o país explodiu em consternação e protestos. Até então, o grande público acreditava que a guerra estava chegando ao fim. Apenas dez dias antes, o presidente anunciou a retirada de 150.000 soldados do Vietnã, mas a invasão do Camboja sinalizou a violação do compromisso de pôr fim ao conflito. Muito antes dos objetivos por paz afirmados pelo presidente (“Peace is the goal that unites us. Peace is the goal toward which we are working”<sup>445</sup>), a operação sinalizou a disposição pela abrupta e irracional expansão da guerra no Sudeste Asiático.<sup>446</sup>

Pesquisas apontavam, contudo, um apoio de 50% à invasão e uma oposição de 39% entre o público.<sup>447</sup> Porém, a despeito dos números, aqueles que a desaprovavam haviam alcançado um nível de descrença sem precedentes com o governo federal. Encarada como prova da crescente irracionalidade crônica do governo, a invasão aprofundou a dissonância cognitiva da nação. O exercício de Nixon de racionalizar operações militares aparentemente absurdas como necessários símbolos de determinação não era novo ou mais imoral que o feito por seus predecessores. Mas uma diferença importante existia entre Nixon e os outros ocupantes da Casa

---

<sup>444</sup> “tomar-se uma potência de segunda categoria e ver esta nação aceitar a primeira derrota em seus orgulhosos 190 anos de história.” “Se, quando a situação é crítica, a nação mais poderosa do mundo, os Estados Unidos da América, agir como um gigante lamentável e desamparado, as forças do totalitarismo e da anarquia ameaçarão nações livres e instituições livres em todo o mundo.” Address to the Nation on the Situation in Southeast Asia (1970)

<sup>445</sup> “A paz é a meta que nos une. A paz é a meta para a qual estamos trabalhando.” Address to the Nation on the Cambodian Sanctuary Operation (1970)

<sup>446</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.503.

<sup>447</sup> PATTERSON, James. **Grand Expectations**. op. cit., 1997, p.755.

Branca: o contexto cultural em que esse simbolismo era recebido. Um contexto informado e desmoralizado por anos de derramamento de sangue e de uma discrepância crescente entre o simbolismo usado para justificar a guerra e sua desmitologização na mídia.<sup>448</sup> O apelo à determinação nacional e à crença no destino manifesto dos Estados Unidos não era mais tão bem-sucedido em legitimar e acobertar o absurdo.

Demonstrando as implicações dessa mudança de contextos, o Senado adotou uma resolução patrocinada pelos senadores John Sherman Cooper e Frank Church, um republicano e democrata, que cortava fundos para a operação no Camboja. A resolução marcou a primeira vez que um presidente teve seus poderes como comandante-em-chefe limitados durante um período de guerra. Ainda mais simbólico do poder do sentimento antiguerra, o Senado também repeliu a Resolução do Golfo de Tonquim por enfáticos 81 votos contra 10.<sup>449</sup> Essas e outras medidas tomadas pelo Congresso mostraram sua disposição em recuperar suas prerrogativas originais, das quais ele havia aberto mão em nome do princípio da política da Guerra Fria que afirmava a preponderância do Executivo em política externa.<sup>450</sup> A perda do poder dos símbolos que a presidência usava para legitimar suas ações no exterior também era acompanhada da perda de seu poder em moldar livremente a política nacional para o estrangeiro.

Mas o Camboja foi apenas um dos vários eventos que contribuírem para solapar o poder e prestígio da presidência e dos Estados Unidos como um todo. Para a desmoralização nacional, muito contribuíram as revelações dos crimes que soldados estadunidenses cometiam no Vietnã. Desses crimes, nenhum transformou tanto o debate político sobre a guerra do que o Massacre de My Lai. Da mesma forma, nenhum outro evento singular da guerra deu tanta credibilidade a ideia de que a sociedade estadunidense estava ao ponto da “loucura”.<sup>451</sup>

O massacre foi cometido ainda durante a presidência de Johnson (16 de março de 1968) por soldados de uma companhia de infantaria dos Estados Unidos que deliberadamente dizimaram quase uma vila inteira, incluindo idosos, mulheres e crianças. O massacre foi acobertado e, por isso, o público só teve conhecimento do ocorrido em novembro de 1969. Uma vez de conhecimento público, My Lai inverteu uma das principais imagens simbólicas que racionalizavam os esforços de guerra. Apresentados como salvadores heroicos de camponeses vietnamitas contra a selvageria comunista, os soldados dos Estados Unidos se mostraram eles mesmos agentes do horror. O poder de My Lai como símbolo residia precisamente em seu potencial

---

<sup>448</sup> SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.616.

<sup>449</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.506.

<sup>450</sup> PECEQUILO, Cristina. **A política externa dos Estados Unidos**. op. cit., 2003, p.190.

<sup>451</sup> SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.581.

como metáfora representativa do que havia dado de errado na guerra ao inverter o papel que os Estados Unidos se concediam no Vietnã.<sup>452</sup> A imagem dos vietnamitas como vítimas permanecia, porém a figura de seus agressores havia mudado. Com efeito, My Lai era impensável nos parâmetros aceitos nos Estados Unidos. O impensável é precisamente aquilo que alguém não detém os instrumentos adequados para conceitualizar, é o algo que não se pode conceber dentro da série de possibilidades alternativas, pervertendo todas as respostas porque os termos em que as perguntas são feitas e sob os quais a imaginação trabalha são desafiados.<sup>453</sup> Ainda assim, o impensável demanda respostas: “quando a realidade não coincide com crenças profundamente arraigadas, os seres humanos tendem a expressar interpretações que forçam a realidade dentro do escopo dessas crenças. Eles criam fórmulas para reprimir o impensável e trazê-lo de volta ao domínio do discurso aceito.”<sup>454</sup> Racionalizar o acontecimento em parâmetros aceitos tornou-se objetivo e necessidade para os defensores dos esforços de guerra no Vietnã, mesmo que, para tanto, fosse necessário negar racionalidade aos soldados envolvidos no evento.

Dos perpetradores do massacre, apenas o tenente William Calley Jr. foi condenado (no caso, à prisão perpétua e trabalhos forçados, porém sua condenação acabou sendo convertida em prisão domiciliar que durou apenas três anos e meio). O julgamento enraiveceu defensores da guerra, reacendendo os sentimentos de divisão nos Estados Unidos.<sup>455</sup> Apesar de pesquisas da Time apontarem que 65% dos norte-americanos estavam incomodados com o massacre, persistia grande apoio a Calley entre setores da sociedade, inclusive entre grupos de veteranos.<sup>456</sup> Havia algo insuportável no massacre que ia além da consciência e compaixão por aqueles que perderam suas vidas em tenebrosos e injustos atos de violência: “My Lai levou os norte-americanos à beira do que eles podiam suportar ver. Onde o inimigo havia estado agora estavam vítimas inocentes. [...] No entanto, até a imagem do inimigo como vítima se mostrou tão ameaçadora que exigia negação.”<sup>457</sup> Como vimos anteriormente, os soldados dos Estados Unidos eram não apenas defensores da nação, mas, em si mesmos, sua corporificação. Eles eram os principais instrumentos de seu destino manifesto e, portanto, poderiam ser vítimas, mas não

---

<sup>452</sup> SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.587.

<sup>453</sup> TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silencing the Past – Power and the production of history**. Boston: Beacon Press, 1995, p.82-83.

<sup>454</sup> “when reality does not coincide with deeply held beliefs, human beings tend to phrase interpretations that force reality within the scope of these beliefs. They devise formulas to repress the unthinkable and to bring it back within the realm of accepted discourse.” Ibid., 1995, p.72.

<sup>455</sup> PATTERSON, James. **Grand Expectations**. op. cit., 1997, p.756.

<sup>456</sup> ENGELHARDT, Tom. **The End of Victory Culture**. op. cit., 1995, p.224.

<sup>457</sup> “My Lai had taken Americans to the edge of what they could bear to see. Where the enemy had once been were now innocent victims. [...] However, even the image of the enemy as victim proved so threatening that it called out for denial.” ENGELHARDT, Tom. **The End of Victory Culture**. op. cit., 1995, p.223.



perpetradores de atrocidades. Um soldado estadunidense comentado crimes contra a humanidade: “não havia lugar para isso na imaginação estadunidense.”<sup>458</sup> Ver My Lai abruptamente forçando essa imagem era um disruptão de crenças que poderia levar até os mais perplexos pelo massacre a apoiarem seus executores. Mas também persistiam, é claro, muitos que não poderiam apoiá-los, olhando com absoluto horror os crimes que cometeram em nome da mais heroica das nações.

Demonstrando essa consternação pela inversão de expectativas do comportamento de tropas norte-americanas, uma leitora da *Life* afirmou: “Há vários anos, enviei uma carta para vocês... em que afirmei: ‘Graças a Deus pelos soldados norte-americanos que estão lutando para acabar com essa agonia.’ Eu tinha por referência uma foto de uma mulher vietnamita e seu bebê morrendo. Oh, meu Deus, como as coisas mudam.”<sup>459</sup> Como nos coloca Slotkin, as cartas de leitores reimpressas pela revista não são necessariamente reflexo preciso da opinião do público, mas uma seleção editorial com intencionalidades conscientes e inconscientes. De toda forma, elas expressaram um sentimento de mancha moral. Ante ao massacre, patriotismo aparecia cada vez mais obtuso e as críticas da esquerda antiguerra vindicadas.<sup>460</sup> Uma visão semelhante foi dada por Ronald Ridenhour, o soldado que, após tomar conhecimento sobre o ocorrido em My Lai, ajudou a expô-lo. Em suas próprias palavras, “no que me dizia respeito, era um reflexo de mim, de todo norte-americano, das ideias que supostamente representamos. Isso castrou completamente toda a imagem da América.”<sup>461</sup> Aqui, Ridenhour expressa com precisão o dilema representado pelo evento: ele era apenas um crime episódico, um desvio infeliz que não deveria manchar a missão nacional? Ou ele expunha uma imoralidade endêmica do envolvimento norte-americano no Vietnã, forçando a todos a condenarem o destino manifesto dos Estados Unidos, seu caráter heroico e sua missão global, como uma mentira? Não era apenas Calley Jr. que estava sob julgamento, mas, junto dele, a nação como um todo.

A presença do exército nos Estados Unidos no Vietnã era a expressão e instrumento da crença da cultura norte-americana na eficácia e valor da violência como meio para alcançar poder, progresso e regeneração moral.<sup>462</sup> Mas a crença em sua eficácia como ambos símbolo e

---

<sup>458</sup> “there was no place for this in the American imagination.” ENGELHARDT, Tom. **The End of Victory Culture**. op. cit., 1995, p.233.

<sup>459</sup> “Several years ago I sent a letter to you... in witch I stated, ‘thank God for American soldiers that are fighting to end such agony.’ I had reference to a picture of a Vietnamese woman and her dying baby. Oh, dear God, how things change.” Apud SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.589.

<sup>460</sup> *Ibid.*, 1992, p.589-590.

<sup>461</sup> “as far I was concerned, it [o massacre] was a reflection on me, on every American, on the ideas that we supposedly represent. It completely castrated the whole picture of America.” Apud ENGELHARDT, Tom. **The End of Victory Culture**. op. cit., 1995, p.218.

<sup>462</sup> SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.620.

instrumento nacionais é abalada quando seu envolvimento na Ásia parece solapar o poder e a moral dos Estados Unidos, ao mesmo tempo em que, muito antes de agente de progresso, ele parece ter se tornado agente da barbaria. Como resultado, para os defensores da guerra, era necessária uma resoluta posição de defesa contra essa crescente descrença nos soldados de seu país. Em sua visão, o massacre era um evento isolado, não representando a conduta militar geral dos Estados Unidos. Ao contrário da sistemática violência vietcongue, My Lai era uma aberração e um desvio. Nesse sentido, Nixon admitiu a injustiça de My Lai, enquanto reafirmou a racionalidade que legitimava a conduta norte-americana na guerra e o caráter episódio e isolado do massacre:

“What appears was certainly a massacre, and under no circumstances was it justified. One of the goals we are fighting for in Vietnam is to keep the people from South Vietnam from having imposed upon them a government which has atrocity against civilians as one of its policies. We cannot ever condone or use atrocities against civilians in order to accomplish that goal. [...] As far as this kind of activity is concerned, I believe that it is an isolated incident.”

À essas colocações, segue-se uma enumeração das conquistas dos soldados norte-americanos como agentes que constroem progresso em favor do povo vietnamita:

“As far as the future is concerned, I would only add this one point: Looking at the other side of the coin, we have 1,200,000 Americans who have been in Vietnam. Forty thousand of them have given their lives. Virtually all of them have helped the people of Vietnam in one way or another. They built roads and schools. They built churches and pagodas. The Marines alone this year have built over 250,000 churches, pagodas, and temples for the people of Vietnam.”<sup>463</sup>

Para Nixon, as estatísticas do Progresso da “americanização” do Vietnã absolveriam os soldados dos Estados Unidos das injustas acusações de barbarismo. De alguma forma, as estatísticas de estradas, escolas e casas construídas deveriam prevalecer sobre as estatísticas de estradas, escolas e casas (e vidas, devemos acrescentar) destruídas pelos incessantes bombardeios da Força Aérea dos Estados Unidos.

Assim reafirmados em sua posição de agentes do progresso, longe de causarem morte e destruição como os vietcongues, os soldados norte-americanos construíam e salvavam. De tal

---

<sup>463</sup> “O que parece é que certamente foi um massacre e, sob nenhuma circunstância, foi justificado. Um dos objetivos pelos quais lutamos no Vietnã é impedir que seja imposto ao povo do Vietnã do Sul um governo que tenha atrocidade contra civis como uma de suas políticas. Nunca podemos perdoar ou usar atrocidades contra civis para atingir esse objetivo. [...] No que diz respeito a esse tipo de atividade, acredito que seja um incidente isolado.” “No que diz respeito ao futuro, eu acrescentaria apenas um ponto: olhando para o outro lado da moeda, temos 1.200.000 norte-americanos que estão no Vietnã. Quarenta mil deles deram a vida. Praticamente todos eles ajudaram o povo do Vietnã de uma maneira ou de outra. Eles construíram estradas e escolas. Eles construíram igrejas e pagodes. Somente os fuzileiros navais deste ano construíram mais de 250.000 igrejas, pagodes e templos para o povo do Vietnã.” The President’s News Conference (1969)

modo que sua saída abrupta do país certamente seria seguida por tragédia: “For the South Vietnamese, our precipitate withdrawal would inevitably allow the Communists to repeat the massacres which followed their takeover in the North 15 years before.”<sup>464</sup> Essa atrocidade imaginada se tornou parte constante do discurso nacional como racionalidade para a permanência no Vietnã, a tal ponto que “essa ainda-não-atrocidade às vezes se tornava o único banho de sangue real e um foco obsessivo até de alguns dos oponentes da guerra na política dominante.”<sup>465</sup> Isto posto, reafirmar a natureza heroica e messiânica de seus soldados frente à barbárie comunista foi o modo como Nixon e outros apoiadores da guerra escolheram para responder e superar os dilemas criados pelo que Ebel (2015) definiu como uma crise cristológica em torno da figura do soldado norte-americano.

Tratar esse período como uma crise em cristologia (o estudo teológico da natureza e obra de Cristo) é compreender que o dilema criado pelo Vietnã também envolvia o entendimento da natureza do caráter e das ações dos soldados dos Estados Unidos enquanto símbolos nacionais. A experiência da guerra obscureceu o significado do serviço militar e forçou uma reavaliação da imagem do soldado norte-americano como uma força messiânica. Assim sendo, a Guerra do Vietnã envolvia uma preocupação crescente com “o significado do soldado como símbolo e um desejo por respostas, antes tão fáceis de encontrar, sobre o que ele representava na América.”<sup>466</sup> Nesse sentido, tornou-se central para essa controvérsia a questão se soldados como Calley Jr. representavam ou não a política dos Estados Unidos no Vietnã. Para Nixon, era claro que qualquer crime que Calley Jr. e seus homens pudesse ter cometido era resultado de desmedidas ações individuais: “The atrocity charges in individual cases should not and cannot be allowed to reflect on their courage and their self-sacrifice.” Suas ações não poderiam, portanto, pesar contra a natureza eminentemente boa e heroica dos soldados norte-americanos e, por extensão, dos Estados Unidos:

“While we hear and read much of isolated acts of cruelty, we do not hear enough of the tens of thousands of individual American soldiers – I have seen them there – building schools, roads, hospitals, clinics, who, through countless acts of generosity and kindness, have tried to help the people of South Vietnam. We can and we should be very proud of these men. They deserve not our scorn, but they deserve our admiration and our deepest appreciation.”<sup>467</sup>

---

<sup>464</sup> “Para os sul-vietnamitas, nossa retirada precipitada inevitavelmente permitiria aos comunistas repetir os massacres que se seguiram à sua tomada no norte, 15 anos antes.” Address to the Nation on the War in Vietnam (1969)

<sup>465</sup> “this not-yet-atrocity sometimes became the only real bloodbath and an obsessive focus even of some of the war’s opponents within mainstream politics.” ENGELHARDT, Tom. **The End of Victory Culture**. op. cit., 1995, p.200.

<sup>466</sup> “the meaning of the soldier as a symbol and a desire for answers, once easier to come by, as to what in America he represented.” EBEL, Jon. **G.I. Messiahs**. op. cit., 2015, p.156.

<sup>467</sup> “As acusações de atrocidade em casos individuais não devem e não podem refletir sobre sua coragem e seu auto-sacrifício.” “Enquanto ouvimos e lemos muitos sobre atos isolados de crueldade, não ouvimos o suficiente

Assim sendo, “a nation which condemns those who serve it will find itself condemned in turn.”<sup>468</sup> Do outro lado da controvérsia, grupos como Os Veteranos do Vietnã Contra a Guerra (VVAW, na sigla em inglês) argumentaram que brutalidades como My Lai não eram desvios, mas consequência lógica do envolvimento norte-americano no Vietnã. Longe de uma exceção, Calley Jr. e seus homens corporificavam os Estados Unidos na guerra.<sup>469</sup> Ainda que fossem individualmente criminosos, os soldados que cometeram o massacre não eram os responsáveis últimos da destruição, e sim a liderança estadunidense, cuja vontade eles executavam.<sup>470</sup>

Mesmo os soldados envolvidos no massacre se defenderam utilizando uma racionalidade semelhante, ainda que para afirmar sua não responsabilidade pessoal pelo massacre. Ao se defenderem, eles afirmaram que não poderiam desobedecer suas ordens mesmo que elas os levassem a cometer atos dos quais não se orgulhavam. Uma defesa que inevitavelmente trazia à tona a lembrança dos Julgamentos de Nuremberg: como poderiam, defenderam-se os réus, serem culpados dos crimes nazistas uma vez que estavam sob ordens? Ao colocar norte-americanos e nazistas lado a lado, essa imagem comparativa era inaceitável, de forma que o comando militar norte-americano tentou a todo custo evitar sua menção.<sup>471</sup>

A mera possibilidade dessa comparação já demonstra os níveis de desmoralização gerados por essa crise cristológica. Mesmo a Time a recusou, pois, ao seu ver, ela falhava em ver que os crimes nazistas eram parte de uma política nacional deliberada, não sendo aberrações cometidas por soldados sob stress.<sup>472</sup> Por sua vez, também renegando essa comparação, o subcomitê responsável por investigar My Lai favoreceu enfatizar dúvidas sobre a sanidade dos envolvidos.<sup>473</sup> De formas distintas, ambos tomaram o soldado de My Lai como um ser excepcional em sua capacidade e disposição para cometer violência. Como um ato de monstruosidade sem paralelos no envolvimento norte-americano no Vietnã, My Lai era uma exceção e, portanto, sua responsabilidade residia somente nos indivíduos que a cometeram.

---

das dezenas de milhares de soldados norte-americanos individuais – eu os vi lá – construindo escolas, estradas, hospitais, clínicas, que, através de inúmeros atos de generosidade e bondade, tentaram ajudar o povo do Vietnã do Sul. Podemos e devemos ter muito orgulho desses homens. Eles não merecem nosso desprezo, mas merecem nossa admiração e nossa mais profunda apreciação.” Address to the Nation on the Situation in Southeast Asia (1971)

<sup>468</sup> “uma nação que condena aqueles que a servem se verá condenada por sua vez.” Veterans Day Address (1971)

<sup>469</sup> EBEL, Jon. **G.I. Messiahs**. op. cit., 2015, p.147-149.

<sup>470</sup> Ibid., 2015, p.150.

<sup>471</sup> ENGELHARDT, Tom. **The End of Victory Culture**. op. cit., 1995, p.226.

<sup>472</sup> Ibid., 1995, p.226.

<sup>473</sup> Ibid., 1995, p.224.

Em verdade, massacres não eram explicitamente colocados como uma estratégia legítima para a conduta militar dos Estados Unidos. A retórica nacional afirmava que o país estava no Vietnã para impedir massacres, não os cometer. Entretanto, a atrocidade não precisa estar colocada em palavras claras. Em si mesma, a campanha norte-americana era informada por uma desvalorização da vida humana. Algo demonstrado quando ela tornava necessária uma ação militar de potencial devastador apenas para manter os níveis da moral nacional altos, ou quando ela via na destruição de uma cidade uma ação de salvamento. Essa desvalorização pode ser encontrada até mesmo na existência da controvérsia cristológica. Pois, para a perspectiva estadunidense, o mais desconcertante e urgente em My Lai era “o que parecia estar acontecendo com norte-americanos, não vietnamitas.”<sup>474</sup> O sofrimento que realmente parecia importar era o sofrimento do soldado norte-americano ao infligir sofrimento ao povo vietnamita.

Em relação a essa controvérsia, também é necessário dizer que não havia nada de novo em soldados dos Estados Unidos cometendo atrocidades contra civis, ou veteranos se tornando ávidos críticos das ações de seu governo em tempos de guerra. Mas nunca antes esses dilemas foram tão claros e publicamente debatidos quanto durante a Guerra do Vietnã. Quanto mais o envolvimento norte-americano no conflito prolongava-se, mais dissociados se tornavam seus meios e os seus fins e, quanto menos esses dois confluíam, mais aparentes se tornavam a sua violência e sua irracionalidade. Assim, na ausência de uma vitória que purgasse os atos de violência cometidos para sua conquista, mais urgentes esses dilemas se tornavam.<sup>475</sup> Essa crise cristológica não era, portanto, uma crise que poderia ser resolvida via decreto papal. Enquanto a guerra perdurou, ela manteve-se um dilema irresolúvel. Porém, Nixon se negava a compartilhar essa visão. Para ele, permanecer na guerra representava não apenas um sinal da determinação nacional, como também era a única forma de colocar fim à guerra “in a way that will redeem the sacrifices that have been made, not insult them, in a way that will heal this Nation, not tear it apart.”<sup>476</sup> Em nome de seu projeto de redenção das ações dos soldados norte-americanos no Vietnã, o presidente prolongou a guerra. Mas, enquanto ela perdurava, os agentes do destino manifesto nacional não poderiam ser salvos do horror que ela lhes infligia e do própria horror que eles deveriam cometer.

---

<sup>474</sup> “what seemed to be happening to Americans, no Vietnamese.” ENGELHARDT, Tom. **The End of Victory Culture**. op. cit., 1995, p.224.

<sup>475</sup> EBEL, Jon. **G.I. Messiahs**. op. cit., 2015, p.156.

<sup>476</sup> “de uma maneira que redima os sacrifícios que foram feitos, e não os insulte, de uma maneira que cure esta nação, e não a destrua.” Address to the Nation on the Situation in Southeast Asia (1971)

### 3.1.1. Uma crítica realista dos mitos nacionais

Outro importante paradoxo do projeto de redenção de Nixon eram as mudanças de paradigma que ele e Henry Kissinger trouxeram para a política externa dos Estados Unidos. Apesar de ter feito carreira política como um voraz anticomunista, Nixon havia moderado suas posições. Tendo assumido a presidência, ele decepcionou seus correligionários conservadores ao propor uma política externa que objetivava suavizar as tensões com as potências comunistas, União Soviética e China. O presidente acreditava que, acima da necessidade então consensual de fazer combate irrestrito ao comunismo, estava a necessidade de reconhecer a importância geopolítica e econômica da China.<sup>477</sup> Trabalhando conjuntamente com Kissinger, seu Conselheiro de Segurança Nacional e futuro Secretário de Estado, Nixon colocou uma perspectiva realista como princípio determinante para a política externa dos Estados Unidos. Kissinger rejeitava o que ele considerava uma aproximação excessivamente moralista para política; ele admirava políticos que compreendiam a necessidade por um balaço estável e ordenado de poder no cenário internacional. O que implicava os Estados Unidos reconhecerem e aceitarem seus limites.<sup>478</sup> Compartilhando essa perspectiva, o presidente reconhecia – pelo menos em parte – que as experiências na Coreia e no Vietnã haviam diminuído o apetite nacional por aventuras militares no estrangeiro, exigindo uma reformulação dos compromissos norte-americanos.<sup>479</sup> Nesse sentido, Walter Lippmann afirmou que o papel de Nixon “foi o de um homem que teve que liquidar, neutralizar, esvaziar os exageros do período romântico do imperialismo norte-americano.”<sup>480</sup>

Disso surgiu a Doutrina Nixon, um conjunto de princípios que revisava a contenção após a experiência de desmoralização trazida pela Guerra do Vietnã:

“While we could not and will not abdicate our responsibilities as the most powerful nation in the free world, it was apparent that the time had come to reassess those responsibilities. This was the guiding purpose of the Nixon Doctrine, a doctrine which says that those we help to enjoy the benefits of freedom should bear a fair share of the burden of its defense as well.”<sup>481</sup>

---

<sup>477</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz. **Formação do império americano**. op. cit., p.290.

<sup>478</sup> PATTERSON, James. **Grand Expectations**. op. cit., 1997, p.744.

<sup>479</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.496.

<sup>480</sup> “has been that of a man who had to liquidate, defuse, deflate the exaggerations of the romantic period of American imperialism.” Apud LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.472.

<sup>481</sup> “Embora não pudemos e não abdicaremos de nossas responsabilidades como a nação mais poderosa do mundo livre, era evidente que chegara a hora de reavaliar essas responsabilidades. Esse era o objetivo norteador da Doutrina Nixon, uma doutrina que diz que aqueles que ajudamos a aproveitar os benefícios da liberdade devem também suportar uma parte justa do ônus de sua defesa.” Remarks at Commencement Ceremonies at the United States Naval Academy (1974)

O que o presidente propunha era o reconhecimento das limitações dos Estados Unidos, desconhecidas pela contenção, que colocava o mundo inteiro sob irrestrita tutela norte-americana. Ele propunha, então, um destino manifesto global (como indicado pela afirmação de manutenção de liderança mundial estadunidense), mas um que reconheceria realisticamente os limites do poder norte-americano. Reconhecendo-os, a Doutrina Nixon estipulava que os Estados Unidos iriam moldar seus compromissos por seus interesses estratégicos. Assim, era esperado que as outras nações assumissem a responsabilidade primária pelas suas próprias defesas.<sup>482</sup> Considerações de ordem estratégica, e não moral, estariam no cerne da condução externa dos Estados Unidos, o que implicava uma inserção internacional mais seletiva e limitada, atendendo ao interesse nacional. Logo, pela primeira vez desde que havia sido proclamada em 1947, a contenção era questionada abertamente, quebrando-se o consenso entre o Executivo, Congresso e o público em torno dela.<sup>483</sup>

Existia um reconhecimento implícito que um idealismo sem limites eram o responsável por colocar os Estados Unidos na indesejada situação que eles se encontravam no Vietnã. Mas esse manteve-se um reconhecimento não-verbalizado, pois era, como mostramos, a intensão de Nixon reafirmar a justiça da guerra. Apesar disso, alguns setores nos Estados Unidos viram na proposta de Nixon de uma política de Détente (o relaxamento das tensões com o bloco comunista) uma traição dos verdadeiros princípios norte-americanos.<sup>484</sup> Afinal, até aquele momento o nacionalismo norte-americano era informado por uma afirmação de um destino manifesto que não conhecia limites e restrições no combate global aos inimigos da liberdade. Para seus críticos, Nixon estava admitindo que os Estados Unidos não salvariam o mundo se seus interesses nacionais requisitassem que eles permanecessem apáticos. Em contrapartida, desde seu período na acadêmica, Kissinger fora um crítico ativo da contenção em seus aspectos fundamentais, seu caráter relativamente passivo e excessivamente idealista. Um alemão naturalizado cidadão dos Estados Unidos, ele parecia se sentir mais confortável para criticar os mitos nacionais de seu novo país do que muitos de seus colegas conservadores. Vejamos o que Kissinger tem a nos dizer sobre Nixon:

“A abordagem de Nixon para sua política externa desafiava o excepcionalismo norte-americano e seu imperativo de que a política tem que ser baseada sobre uma afirmação de valores transcendais. O desafio da América, como Nixon e seus assessores o percebiam, era adaptar estas verdades tradicionais a um novo ambiente internacional.”

---

<sup>482</sup> PATTERSON, James. **Grand Expectations**. op. cit., 1997, p.744.

<sup>483</sup> PECEQUILO, Cristina. **A política externa dos Estados Unidos**. op. cit., 2003, p.189 e 197.

<sup>484</sup> *Ibid.*, 2003, p.196.

E, se, como abordamos em nossa análise de Truman, a política de contenção via o mundo como se destituído de ambiguidades, “a política externa de Nixon, por outro lado, percebia o mundo como composto de desafios ambíguos.”<sup>485</sup>

Entretanto, Nixon não parecia tão disposto e confortável em criticar as crenças nacionalistas de seu país como seu conselheiro pode fazer parecer. Em seus discursos, ele não afirmava o fim do idealismo. Pelo contrário: “Only when a nation means something to itself can it mean something to others. This is why I believe a resurgence of American idealism can bring about a modern miracle, and that modern miracle is a world order of peace and justice.”<sup>487</sup> Da mesma forma, ele fazia uma reafirmação contundente de um destino manifesto para os Estados Unidos:

“[...] let us dedicate ourselves to a renewal of America’s sense of mission, America’s sense of patriotism, America’s sense of destiny.”<sup>488</sup>

“I know it may not be fashionable to speak of patriotism or national destiny these days. But I feel it is appropriate to do so on this occasion [...] And the Wheel of destiny has turned so that any hope the world has for the survival of peace and freedom will be determined by whether the American people have the moral stamina and the courage to meet the challenge of free world leadership.”<sup>489</sup>

Mas, de fato, como nos aponta Kissinger, Nixon se dispunha a uma revisão dos paradigmas da atuação global dos Estados Unidos, porém sem se propor uma ruptura total como as crenças nacionais estabelecidas. Seu objetivo era readequar a atuação global norte-americana através de um entendimento mais realista da dinâmica das relações internacionais. O que implicava no reconhecimento de limites que o destino manifesto global dos Estados Unidos pouco conhecera até então. Mas essa não era uma proposição inteiramente nova. Uma das principais figuras da estratégia de contenção, George Kennan já estipulara a necessidade por uma avaliação realista

---

<sup>485</sup> “Nixon’s new approach to foreign policy challenged American exceptionalism and its imperative that policy be based on the affirmation of transcendent values. America’s challenge, as Nixon and his advisers saw it, was to adapt these traditional verities to the new international environment.” KISSINGER, Henry. **Diplomacy**. New York: Simon & Schuster, 1994, p.742.

<sup>486</sup> Apesar dessas colocações, deve-se notar que Kissinger também afirmou que “[...] a liderança mundial é inerente ao poder e aos valores americanos” (Apud LOSURDO, 2004, p.40), o que só podemos assumir como uma afirmação de valores transcendentais.

<sup>487</sup> “Somente quando uma nação significa algo para si mesma, ela pode significar algo para outros. É por isso que acredito que um ressurgimento do idealismo norte-americano pode trazer um milagre moderno, e esse milagre moderno é uma ordem mundial de paz e justiça.” Address at the Air Force Academy (1969)

<sup>488</sup> “[...] vamos nos dedicar a uma renovação do senso de missão da América, o senso de patriotismo da América, o senso de destino da América.” Remarks at the 83d Continental Congress of the Daughters of the American Revolution (1974)

<sup>489</sup> “Sei que talvez não esteja na moda falar em patriotismo ou destino nacional hoje em dia. Mas eu acho que é apropriado fazê-lo nesta ocasião [...] E a Roda do destino girou para que qualquer esperança que o mundo tenha para a sobrevivência da paz e da liberdade seja determinada se o povo norte-americano tem o vigor moral e a coragem para enfrentar o desafio da liderança do mundo livre.” Address to the Nation on the War in Vietnam (1969)



dos interesses dos Estados Unidos, ao mesmo tempo em que ele afirmava o destino maior do país no mundo.<sup>490</sup> Tal qual Kennan, o propósito de Nixon era resguardar o sentido de propósito maior dos Estados Unidos da superextensão de suas responsabilidades e compromissos. Uma atuação global era necessária, mas uma atuação revisada e ajustada contra os perigos de uma nova calamidade como o Vietnã.

Nesse sentido, Nixon colocou-se em uma posição um tanto paradoxal: ele procurou transformar paradigmas nacionalistas mantidos pelos Estados Unidos durante a Guerra Fria por reconhecer a desastrosa superextensão de responsabilidades que eles haviam ajudado a criar, enquanto publicamente se negou a caracterizar o Vietnã como uma catástrofe e declarou seu objetivo último reviver o nacionalismo do passado como a cura para a então presente desmoralização nacional. Mas, em janeiro de 1973, pouco após ser reeleito, Nixon não mais precisou continuar reafirmando a nobreza do envolvimento norte-americano no Vietnã com tanta veemência, pois ele estava chegando ao seu fim. Paz com Hanói havia finalmente sido acordada. Cinco vezes o presidente usou “paz com honra” para descrever o que ele atingira em Paris.<sup>491</sup> Contudo, mesmo conquistando paz e recuperando 591 de seus prisioneiros de guerra, muitos nos Estados Unidos não viram motivos para contentamento. Uma vez que a paz fora atingida somente após a administração Nixon aceitar a demanda norte-vietnamita da permanência de tropas comunistas no Sul.

O acordo era, como o comandante das forças norte-americanas no Sudeste da Ásia, o general Creighton Abrams afirmou, uma lenta rendição.<sup>492</sup> Pesquisas apontavam que dois terços da população não confiavam totalmente em Nixon em sua alegação de conquista de paz. Demonstrando essa descrença e a desmoralização causada pela guerra, as ruas dos Estados Unidos não foram ocupadas por multidões em celebração como no dia da vitória na Segunda Guerra Mundial. “Nada para celebrar” e “ninguém com quem celebrar” foram as palavras usadas pelo líder da Legião Americana, um importante grupo de veteranos dos Estados Unidos.<sup>493</sup> Em verdade, nem um único dia de paz fora conquistado com esse acordo. Ainda que o envolvimento terrestre dos Estados Unidos tenha sido encerrado, não se parou de lutar no Vietnã e no Camboja após o fim das negociações em Paris. O futuro do Vietnã do Sul seria decidido pela força (algo que Nixon e Kissinger sabiam, mas se contentaram em não explicar para o público).

---

<sup>490</sup> Ver nota 93.

<sup>491</sup> Address to the Nation Announcing Conclusion of an Agreement on Ending the War and Restoring Peace in Vietnam (1973)

<sup>492</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.520.

<sup>493</sup> PATTERSON, James. **Grand Expectations**. op. cit., 1997, p.766.

O cessar-fogo pareceu ter iniciado uma nova guerra, ainda mais intensa e brutal que a que a antecedeu, assim um oficial norte-americano na província de Lam Don informou seus superiores. Como resultado, apesar das alegações da obtenção de paz, os Estados Unidos novamente intensificaram o uso de seu arsenal aéreo.<sup>494</sup> Mais toneladas de bombas foram lançadas no Camboja nos próximos sete meses do que contra o Japão durante a Segunda Guerra Mundial. Porém, em agosto, o Congresso cortou os fundos para essas operações aéreas. E, em novembro, ele derrubou um veto presidencial contra a Resolução dos Poderes de Guerra, que obrigava o presidente a informar os congressistas sobre qualquer envio de tropas para o estrangeiro dentro de 48 horas e trazê-las de volta em sessenta dias a menos que os legisladores explicitamente dessem aval à operação. Naquele momento, a administração já estava lutando para se defender das acusações do escândalo de Watergate e, como consequência, estava perdendo o prestígio necessário para direcionar a política externa.<sup>495</sup>

Embora quase todas as tropas norte-americanas já tivessem sido removidas do Vietnã, a desmoralização nos Estados Unidos aprofundava-se. Nixon já havia conquistado sua reeleição muito mais como consequência da rejeição ao seu adversário democrata do que como resultado de algum afeto e confiança populares no presidente incumbente. E, com o menor comparecimento da população às urnas desde 1948, o pleito demonstrou uma crescente falta de confiança nas elites políticas.<sup>496</sup> À essa descrença, somou-se uma crise política que veio a ser conhecida como o Escândalo de Watergate. A tentativa malsucedida de invasão à sede do Comitê Nacional Democrata no complexo de escritórios Watergate inicialmente passou quase despercebida. Entretanto, quando se tornou claro que a Casa Branca buscava acobertar o acontecimento comprando o silêncio dos invasores detidos e obstruir a investigação posterior do ocorrido, Nixon começou a ver evaporar seu apoio no Congresso e entre o público. Dado que o impeachment de seu mandato estava se tornando inevitável, Nixon renunciou, deixando em seu lugar seu vice Gerald Ford e legando ao país uma atmosfera de descrença e desmoralização ainda maiores que Lyndon Johnson. Nixon insistiu que ele não havia feito nada de errado, ou que, pelo menos, outros presidentes também eram culpados de mentiras e ilegalidades.<sup>497</sup> Nunca antes a presidência foi tão abalada como símbolo de grandeza e autoridade nacionais. De modo que, em uma reconsideração de suas posições passadas, o historiador Arthur Schlesinger Jr. declarou

---

<sup>494</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz. **Formação do império americano**. op. cit., p.292.

<sup>495</sup> PATTERSON, James. **Grand Expectations**. op. cit., 1997, p.766-767.

<sup>496</sup> *Ibid.*, 1997, p.764.

<sup>497</sup> FONER, Eric. **Give me Liberty! An American history Volume 2**. op. cit., 2016, p.1042.

em A Presidência Imperial (1973) que as prerrogativas da presidência estavam ultrapassando seus limites constitucionais, tornando a autoridade presidencial incontrolável.<sup>498</sup>

Para tanto, também foram importantes as revelações ainda em 1971 de documentos do Pentágono (os chamados Papeis do Pentágono) que demonstraram como os presidentes sistematicamente mentiram ao público ao conduzir guerra no Vietnã.<sup>499</sup> Já em 1973, após a saída de Nixon da presidência, investigações de um comitê liderado pelo senador Frank Church também revelaram uma sistemática conduta antiética e ilegal pelo governo e suas agências desde o início da Guerra Fria. Em um claro descumprimento da lei, o FBI havia espionado milhões de cidadãos norte-americanos. E a CIA havia conduzido operações secretas para assassinar líderes estrangeiros e ajudado na formação e consolidação de regimes autoritários que violavam os direitos humanos. Esses fatos evidenciaram a falta de substância ética na política exterior dos Estados Unidos, que, após essas revelações, estava perdendo respeito interna e externamente, conforme George Kennan e Hans Morgenthau, duas influentes figuras no estudo das relações internacionais na época, assinalaram. Logo, provou-se que abuso de poder, violação de direitos constitucionais e atitudes antiéticas iam muito além de um único presidente.<sup>500</sup> Watergate, os Papeis do Pentágono e o Comitê Church colocaram abaixo a confiança dos norte-americanos em seu governo.

### 3.1.2. *O Incidente de Mayaguez: a pequena vitória como redenção nacional*

Em completa discrepância com o patente marasmo moral vigente, Gerald Ford assumiu as funções da presidência declarando o funcionamento institucional do país: “My fellow Americans, our long national nightmare is over. Our Constitution works; our great Republic is a government of laws and not of men. Here the people rule.”<sup>501</sup> Mas, para receber com incredulidade essas palavras, bastaria o público lembrar que o fim de um pesadelo também havia sido proclamado por Nixon: “we have gone through a long, dark night of the American spirit. But now that night is ending.”<sup>502</sup> Seguindo seu antecessor, Ford colocou-se como a figura que encerraria a crise moral da nação. Um novo projeto de redenção estava sendo colocado por ele:

---

<sup>498</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.539.

<sup>499</sup> FONER, Eric. **Give me Liberty! An American history Volume 2**. op. cit., 2016, p.1040.

<sup>500</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz. **Formação do império americano**. op. cit., p.352 e FONER, Eric. **Give me Liberty! An American history Volume 2**. op. cit., 2016, p.1042-1043.

<sup>501</sup> “Meus colegas norte-americanos, nosso longo pesadelo nacional acabou. Nossa Constituição funciona; nossa grande república é um governo de leis e não de homens. Aqui o povo governa.” Remarks on Taking the Oath of Office (1974)

<sup>502</sup> “passamos por uma noite longa e escura do espírito americano. Mas agora essa noite está terminando.” State of the Union Address (1971)

“As we bind up the internal wounds of Watergate, more painful and more poisonous than those of foreign wars, let us restore the golden rule to our political process, and let brotherly love purge our hearts of suspicion and of hate.”<sup>503</sup> Porém, o novo presidente encontraria uma desconfiança e hostilidade ao governo que Nixon, ainda que tenha presidido sobre uma população desconfiada com as elites políticas, não conhecera ao tomar posse. Assim, em um cenário sem guerra, mas ainda mais desmoralizado, Ford teria que dar continuidade ao desejo de atingir redenção nacional.

Mas um projeto redentor encabeçado por Ford era dificultado não apenas pelo que lhe fora legado, como também pelo perdão preventivo que ele concedeu a Nixon. Ainda no ápice da fúria e frustração populares o momento não poderia ter sido pior. Apesar de que alguns pudessem apontar a lógica no ato (evitar possíveis constrangimentos de ter um presidente indiciado, ou mesmo evitando, alguns cogitaram, o suicídio de Nixon, então visivelmente em depressão), ele custou ao novo presidente a confiança da população.<sup>504</sup> De modo que no curto período de sua presidência, Ford precisou colocar-se em uma posição defensiva contra aqueles que levantavam um dedo acusador às instituições dos Estados Unidos e, em especial, à presidência: “The White House performs the function that was set up in the Constitution. And we believe that an imperial Presidency is not in conformity with my own personal ideas, nor is it in conformity with what I think our Founding Fathers believed.”<sup>505</sup> Nesse mesmo sentido:

“But because we may have been too careless of these powers in the past does not justify congressional intrusion into, or obstruction of, the proper exercise of Presidential responsibilities now or in the future. There can be only one Commander in Chief. In these times crises cannot be managed and wars cannot be waged by committee, nor can peace be pursued solely by parliamentary debate. To the ears of the world, the President speaks for the Nation.”<sup>506</sup>

Frente a essa contestação sem precedentes do poder presidencial, Ford desejava reafirmar a figura do presidente como o grande porta-voz do destino e missão nacionais. Não era apenas a redenção da nação que estava em jogo, mas agora também a redenção da presidência.

---

<sup>503</sup> “Ao atarmos as feridas internas de Watergate, mais dolorosas e mais venenosas que as das guerras estrangeiras, vamos restaurar a regra de ouro ao nosso processo político e deixar o amor fraternal purificar nossos corações de suspeita e ódio.” Remarks on Taking the Oath of Office (1974)

<sup>504</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.544-545.

<sup>505</sup> “A Casa Branca desempenha a função que foi colocada na Constituição. E acreditamos que uma Presidência imperial não está em conformidade com minhas próprias ideias pessoais, nem está em conformidade com o que penso que nossos Pais Fundadores acreditavam.” Remarks and a Question-and-Answer Session With Reporters in Atlantic City, New Jersey (1976)

<sup>506</sup> “Porém, como podemos ter sido descuidados com esses poderes no passado, não justifica a invasão ou obstrução do Congresso no exercício apropriado das responsabilidades presidenciais, agora ou no futuro. Só pode haver um comandante-em-chefe. Nestes tempos, as crises não podem ser gerenciadas e as guerras não podem ser travadas por comitês, nem a paz pode ser perseguida apenas pelo debate parlamentar. Para os ouvidos do mundo, o Presidente fala pela Nação.” Address Before a Joint Session of the Congress Reporting on the State of the Union (1977)

Desse modo, Ford fez um reconhecimento explícito e claro da Síndrome do Vietnã que se formara: “The Vietnam war, both materially and psychologically, affected our overall defense posture. The dangerous anti-military sentiment discouraged defense spending and unfairly disparaged the men and women who serve in our Armed Forces.”<sup>507</sup> Em certo sentido, nos primeiros anos pós-Vietnã, essa síndrome foi apresentada como a maior ameaça ao destino manifesto global dos Estados Unidos. O que tornou a reconstrução do consenso interno em torno da missão nacional no mundo o mote principal da administração de Ford: “Without a clear consensus among 214 million Americans, the role of the United States as the champion of freedom and peace throughout the world would be crippled – crippled very seriously, if not fatally.”<sup>508</sup> Disso resultou um refortalecimento da retórica idealista e messiânica, que havia sido atenuada, ainda que mantida, por Nixon. Com a proximidade do bicentário de fundação da nação, Ford afirmou: “As our 200th anniversary approaches, we owe it to ourselves and to posterity to rebuild our political and economic strength. Let us make America once again and for centuries more to come what it has so long been – a stronghold and a beacon-light of liberty for the whole world.”<sup>509</sup> Uma provação providencial estava, então, sendo colocada: “History is testing us today. We cannot afford indecision, disunity, or disarray in the conduct of our foreign affairs. You and I can resolve here and now that this Nation shall move ahead with wisdom, with assurance, and with national unity.”<sup>510</sup> Entretanto, apenas palavras não seriam suficientes diante dos níveis de desilusão vigentes, principalmente com a queda do prestígio da figura do presidente; seu discurso já não desfrutava do mesmo poder.

Ao contrário de seus antecessores, o presidente não dispunha mais da possibilidade de reafirmar a determinação e coesão nacionais via bombardeios no Sudeste Asiático. Na verdade, mesmo quando disponíveis aos presidentes, poder aéreo não era suficientemente capaz de diluir

---

<sup>507</sup> “A guerra do Vietnã, material e psicologicamente, afetou nossa postura geral de defesa. O perigoso sentimento antimilitar desencorajou os gastos com defesa e menosprezou injustamente os homens e mulheres que servem em nossas Forças Armadas.” Address Before a Joint Session of the Congress Reporting on the State of the Union (1977)

<sup>508</sup> “Sem um consenso claro entre 214 milhões de norte-americanos, o papel dos Estados Unidos como defensor da liberdade e da paz em todo o mundo seria prejudicado – o aleijado com muita seriedade, se não fatalmente.” Address in Minneapolis Before the Annual Convention of the American Legion (1975)

<sup>509</sup> “À medida que o nosso 200º aniversário se aproxima, devemos isso a nós mesmos e à posteridade para reconstruir nossa força política e econômica. Vamos tornar a América mais uma vez e por séculos o que ela tem sido há tanto tempo – uma fortaleza e um farol de liberdade para o mundo inteiro.” Address Before a Joint Session of the Congress Reporting on the State of the Union (1975)

<sup>510</sup> “A história está nos testando hoje. Não podemos permitir indecisão, desunião ou desordem na condução de nossos assuntos externos. Você e eu podemos resolver aqui e agora que esta nação deve avançar com sabedoria, segurança e unidade nacional.” Address Before a Joint Session of the Congress Reporting on United States Foreign Policy (1975)

a desmoralização da população, mas, ao menos, esse era um curso de ação disponível aos antecessores de Ford. Transcorreriam apenas nove meses desde sua posse para que o novo presidente e os Estados Unidos assistissem à queda final do Vietnã do Sul. Quando o Norte lançou a operação militar que terminaria a guerra, Ford procurou dar suporte para que seu aliado do Sul pudesse se defender, porém, o Congresso lhe concedeu fundos apenas para a evacuação de pessoal do país.<sup>511</sup> A desordenada evacuação da embaixada dos Estados Unidos em Saigon dramatizou o que era, de fato, uma derrota do poder norte-americano, mesmo que seus soldados não estivessem mais presentes em solo vietnamita. Consequentemente, não havia como encontrar redenção para a crise moral recomeçando as hostilidades; a guerra finalmente encontra seu fim. Nas palavras do próprio presidente: “Today, America can regain the sense of pride that existed before Vietnam. But it cannot be achieved by refighting a war that is finished as far as America is concerned.”<sup>512</sup> Mas a oportunidade para essa reconquista de orgulho nacional acabou por chegar poucos dias após o fim da Guerra do Vietnã quando forças do partido cambojano Khmer Vermelho capturaram o navio norte-americano SS Mayaguez.

Uma solução diplomática da crise foi logo abandonada em favor de uma ação militar. Ignorando os requerimentos estabelecidos na Resolução dos Poderes de Guerra, o presidente ordenou o resgate da tribulação pelos fuzileiros sem consultar o Congresso. O que poderia ter terminado em uma nova onda de recriminações contra os abusos de poder da presidência, acabou, entretanto, em aplausos à atuação de Ford.<sup>513</sup> O incidente de Mayaguez representava uma pequena vitória ante a devastadora derrota no Vietnã, mas a bem-sucedida missão de resgate foi recebida com amplo clamor nacional. Mesmo com um alto número de baixas entre os fuzileiros, as notícias do sucesso da missão fizeram crescer a aprovação de Ford, que obteve apoio entre o público e entre ambos democratas e republicanos no Congresso. Nesse sentido, “subjacente às reações entusiásticas, havia a sensação de que os Estados Unidos haviam restabelecido sua credibilidade nacional.”<sup>514</sup> Discursando à Legião Americana, Ford nos deixa isso claro:

“Freedom always comes first. Let there be no doubt about that. Patrick Henry [importante figura da Revolução Americana] answered that question for all of us some 200 years ago. The Marines, the seamen, and the airmen who rescued

---

<sup>511</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.548-549.

<sup>512</sup> “Hoje, os Estados Unidos podem recuperar o sentimento de orgulho que existia antes do Vietnã. Mas isso não pode ser alcançado recomeçando uma guerra terminada no que diz respeito aos Estados Unidos.” Address at a Tulane University Convocation (1975)

<sup>513</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.550.

<sup>514</sup> “underlying the enthusiastic reactions was a sense that America had somehow restored its national credibility.” BOSTDORFF, Denise. **The Presidency and the Rhetoric of Foreign Crisis**. op. cit., 1994, p.124 e 127.

the Mayaguez gave the same clear answer which was heard 'round the world. All Americans are terribly proud of their sucess. ”<sup>515</sup>

O incidente em torno da captura do navio demonstrou a capacidade da narrativa do cativo de mobilizar o público em torno do seu presidente. Em anos anteriores, Nixon já havia dado enfoque à necessidade por resgatar os prisioneiros de guerra dos Estados Unidos no Vietnã via negociações como exemplo de determinação e caráter nacionais. Como o grande projeto de resgate do camponeses vietnamitas havia falhado, políticos e jornalistas passaram a ver em cenários menores e mais manegáveis de cativo e resgate dos soldados norte-americanos uma redenção simbólica dos fracassos mais amplos da guerra.<sup>516</sup>

Essas “missões” de resgate se mostraram simbolicamente muito efetivas. As cerimônias de boas-vindas aos prisioneiros libertos constituiriam a única celebração em larga escala de tropas em retorno do conflito, o mais próximo de uma parada pós-vitória que os veteranos do Vietnã encontrariam.<sup>517</sup> O que os tornava heroicos era precisamente o conjunto de características – vitimização e degradação por um inimigo inumano e selvagem, anos de desamparo e passividade imposta – previamente associados com a mulher cativa.<sup>518</sup> Referindo-se aos prisioneiros libertos, Nixon expressa essa crença de como seu resgate trazia redenção: “If so men who suffered much for America can have such faith, let us who have received so much from America renew our faith – our faith in God, our faith in our country, and our faith in ourselves.”<sup>519</sup> Justamente por terem estado afastados dos anos da amarga polarização na sociedade estadunidense, suas credenciais como genuínos norte-americanos estavam em ordem. Como consequência, as suas recepções-espetáculos eram elevadas pelo governo como fonte de conquista de credibilidade.<sup>520</sup>

O incidente de Mayaguez representou uma redução ao absurdo desses símbolos de resgate. O resgate de um pequeno navio contra um pequeno grupo de soldados em um pequeno país no Sudeste Asiático foi tomado como uma grande vitória simbólica da maior potência global. O que revela como os Estados Unidos estavam necessitados de uma vitória, mesmo que

---

<sup>515</sup> “A liberdade sempre vem em primeiro lugar. Que não haja dúvida sobre isso. Patrick Henry respondeu a essa pergunta para todos nós há cerca de 200 anos. Os fuzileiros navais, os marinheiros e os aviadores que resgataram o Mayaguez deram a mesma resposta clara que foi ouvida em todo o mundo. Todos os norte-americanos têm muito orgulho do seu sucesso.” Address in Minneapolis Before the Annual Convention of the American Legion (1975)

<sup>516</sup> SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.621.

<sup>517</sup> Ibid., 1992, p.622.

<sup>518</sup> ENGELHARDT, Tom. **The End of Victory Culture**. op. cit., 1995, p.254.

<sup>519</sup> “Se homens que sofreram muito pela América podem ter tanta fé, que nós que recebemos tanto da América renovemos nossa fé – nossa fé em Deus, nossa fé em nosso país e nossa fé em nós mesmos.” Address to the Nation About Vietnam and Domestic Problems (1973)

<sup>520</sup> ENGELHARDT, Tom. **The End of Victory Culture**. op. cit., 1995, loc. cit.

tão insignificante ante ao quadro maior da geopolítica do momento. Se o sequestro do navio tivesse ocorrido em outras circunstâncias, em outro momento, ou em outro lugar, seu resgate dificilmente receberia o mesmo clamor que obteve.

Ainda que tivessem finalizado seu envolvimento direto no Vietnã, a região ainda detinha significância emocional para os Estados Unidos,<sup>521</sup> de modo que era o fato do incidente ter ocorrido na região que os Estados Unidos foram recentemente derrotas que lhe concedeu essa relevância simbólica. Entretanto, as consequências e significados da derrota no Vietnã não poderiam ser superados por esse resgate, tal como não puderam pelo resgate dos prisioneiros de guerra. Ambos poderiam apenas mitigar o marasmo moral, mas não o curar. Nenhuma redenção nacional resultaria daqui: “as pesadas perdas e derrota final no Vietnã eram materiais e palpáveis e substanciais demais para serem compensadas por um babylift [operação de evacuação de crianças do Vietnã para os Estados Unidos no final da guerra] e um resgate em Mayaguez.”<sup>522</sup> Essas vitórias simbólicas não persistiam frente à incomensurável derrota representada pela queda de Saigon.

Por essas razões, Mayaguez foi apenas uma anedota na história norte-americana. A própria presidência de Ford, podemos dizer, se tornou uma quase anedota nos mais de 200 anos da república. Sua derrota na eleição de 1976 lhe custou a oportunidade de ter sido um presidente mais consequente para seu país. Como o sucessor e legatário da crise moral de Johnson e Nixon, Ford pouco pôde fazer em seu curto mandato. Mayaguez revigorou a moral nacional por um curto tempo, porém não era capaz de fazer reerguer o país das consequências do Vietnã. E, se essas consequências não bastassem, novos desafios se somaram durante os anos finais de Nixon e durante o mandato de Ford. Embora o envolvimento na guerra estivesse encerado, a crise política e moral nos Estados Unidos aprofundava-se não apenas pelos desvios éticos de sua liderança, mas também por problemas econômicos e financeiros.<sup>523</sup> A combinação das adversidades econômicas com as consequências da Guerra do Vietnã favoreceu o aumento da sensação de fraqueza e declínio dos Estados Unidos. Havia uma clara dissonância entre a crença que o país tinha o poder para fazer tudo e a exasperante realidade que ele enfrentava.<sup>524</sup>

Além disso, também muito contribuiu para as crises econômica e moral o embargo do petróleo OPEP contra os Estados Unidos pelo seu apoio a Israel. Em certo sentido, os efeitos do embargo foram exagerados; os preços de gasolina nos Estados Unidos ainda permaneceram

---

<sup>521</sup> BOSTDORFF, Denise. **The Presidency and the Rhetoric of Foreign Crisis**. op. cit., 1994, p.123.

<sup>522</sup> “the heavy losses and final defeat in Vietnam were material and palpable, and far too substantial to be offset by a babylift and a Mayaguez rescue.” SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.623.

<sup>523</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz. **Formação do império americano**. op. cit., p.309

<sup>524</sup> PATTERSON, James. **Grand Expectations**. op. cit., 1997, p.790.



abaixo da maioria dos países industrializados. Porém, ainda assim, o embargo foi traumático para os norte-americanos, pois ele reforçou a sensação de vulnerabilidade nacional surgida das frustrações da guerra: primeiro derrotados por um país insignificante da Ásia, os Estados Unidos eram colocados reféns por países árabes, alguns dos quais (Arábia Saudita) deveriam ser aliados. Frente a esse cenário, “o maravilhoso Século Americano que Henry Luce havia previsto em 1941 parecia estar entrando em colapso precoce.”<sup>525</sup>

À vista disso, tornou-se claro os custos aos Estados Unidos de seu envolvimento no Vietnã. A única guerra que eles haviam perdido até então, o Vietnã foi um desastre político, militar e social. No seu fim, o conflito terminou com a morte de 58.000 norte-americanos, de 3 a 4 milhões de vietnamitas e custou milhões de dólares, dos quais o país muito necessitava domesticamente. Contudo, “[...] o preço não monetário foi muito maior. O Vietnã minou a confiança dos norte-americanos em suas próprias instituições e desafiou crenças de longa data sobre o país e seus propósitos.”<sup>526</sup> O período de saída do Vietnã foi acompanhado pelo reconhecimento do alto preço da conquista de “paz com honra” em sangue, em moral nacional, em posição internacional e “quão pouca paz e honra foram conquistadas.”<sup>527</sup> Procurando redenção pelos pecados de uma guerra a continuando, o povo estadunidense encontrou ainda mais razões para sentir vergonha. Nesse sentido, a derrota no Vietnã, acompanhada da crise econômica, provocou uma preocupação crescente de que os Estados Unidos não eram mais excepcionais entre as nações, que eles incorriam no perigo de se tornarem um poder de “segunda classe”.<sup>528</sup> A crença no caráter excepcional e messiânico da nação estava destruída e posta de cabeça para baixo.<sup>529</sup> A guerra desafiou, portanto, a identidade norte-americana e suas pressuposições tradicionais sobre vitória – sua inevitabilidade e seu merecimento.<sup>530</sup> Essa era uma derrota incapaz de mobilizar uma ampla ação popular de vingança. Pois, diferente de Pear Harbor, parecia que, de certa maneira, os Estados Unidos haviam merecido essa derrota. Para os membros do movimento antiguerra, pelo menos, o país certamente merecia sofrer pelos seus pecados.

---

<sup>525</sup> “the wonderful American Century that Henry Luce had foreseen in 1941 seemed to be collapsing early.” TERSON, James. **Grand Expectations**. op. cit., 1997, p.785.

<sup>526</sup> “[...] the nonmonetary price was far higher. Vietnam undermined Americans’ confidence in their own institutions and challenged long-standing beliefs about the country and its purposes.” FONER, Eric. **Give me Liberty! An American history Volume 2**. op. cit., 2016, p.1040-1041.

<sup>527</sup> “how little peace and honor had been won.” SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.624.

<sup>528</sup> *Ibid.*, 1992, p.624-625.

<sup>529</sup> Na sequência das revelações de My Lai, a própria produção cinematográfica representou essa inversão em filmes antiwesterns que colocaram brancos na clássica posição de selvagens antes pertencente aos nativo-americanos. O filme *The Green Berets* (1968) de John Wayne (um ator e cineasta reconhecidamente conservador e apoiador da guerra) se provou a única exceção no não triunfalista gênero de filmes do Vietnã daquele período. JOHNSON, Roger. *Victory and identity*. op. cit., 2008, p.7.

<sup>530</sup> JOHNSON, Roger. *Victory and identity*. op. cit., 2008, p.7.

Entretanto, isso não impediu que muitos nos Estados Unidos se imaginassem como as verdadeiras vítimas da Guerra do Vietnã. A própria *Time* já havia descrito My Lai como uma tragédia norte-americana;<sup>531</sup> disso era um pequeno passo para descrever toda a experiência de horror e morte do conflito não como uma tragédia do povo vietnamita, e sim como uma tragédia nacional do povo estadunidense. O trauma psicológico representado pela Síndrome do Vietnã parecia estar acima da clara discrepância nos números de mortos dos dois países. E o caráter trágico da destruição em solo vietnamita era preterido frente à destruição em coesão e unidade dos Estados Unidos. Desse modo, “em uma das muitas reversões mais estranhas do período, a reconstrução pós-guerra não começou no Vietnã, a terra em ruínas”, mas sim “nos Estados Unidos, uma terra fisicamente quase intocada pela guerra.”<sup>532</sup> A redenção moral dos norte-americanos, não a reconstrução física do Vietnã, era, então, a verdadeira urgência pós-guerra na perspectiva norte-americana. Apesar das falhas de Nixon e Ford, redimir a si mesmos, suas crenças e mitos continuou a ser o grande projeto das forças políticas estadunidenses. Mas, para reconstruir coesão nacional, essas forças entrariam em conflito, pois aquele capaz de fazer a nação alcançar redenção teria o poder de definir seu significado e seu rumo.

### 3.2. O significado da “América” e seu Destino Manifesto revisados

No crescente descrédito das instituições, o ex-governador do estado da Geórgia, James “Jimmy” Carter, encontrou uma oportunidade durante a eleição de 1976. Virtualmente desconhecido fora de seu estado quando do lançamento de sua campanha pela nomeação pelo seu partido, ele tornou sua obscuridade uma vantagem. Longe de manifestar uma falta de experiência para a presidência, o fato de ele nunca ter ocupado um cargo federal era uma virtude. Assim, Carter concorreu se apresentando como um “forasteiro” da política de Washington e um cristão devoto que jamais mentiria ao público.<sup>533</sup> Essa imagem que o democrata construiria de si ressoou entre o eleitorado, notoriamente cansado da desonestidade de seus líderes, lhe conquistando vitória contra Ford. Mas, apesar de ter tornado o marasmo moral um trunfo eleitoral contra a liderança política instituída, Carter desejava o mesmo que seus antecessores: redenção e renovação nacionais contra a desmoralização generalizada que os Estados Unidos enfrentavam.

Durante a eleição, foi central de sua campanha um discurso de reconquista da esperança e de propósito: “It can be a year of inspiration and hope, and it will be a year of concern, of

---

<sup>531</sup> ENGELHARDT, Tom. **The End of Victory Culture**. op. cit., 1995, p.219.

<sup>532</sup> “in one of the many strange reversals of the period, postwar reconstruction began not in Vietnam, the land in ruins”, mas sim “in the United States, a land physically almost untouched by war.” Ibid., 1995, p.259.

<sup>533</sup> FONER, Eric. **Give me Liberty! An American history Volume 2**. op. cit., 2016, p.1048.

quiet and sober reassessment of our nation's character and purpose. ” Desse modo, como seu adversário republicano, ele também reconhecia o baixo estado moral do país: “We have lost some precious things that historically have bound our people and our government together. We feel that moral decay has weakened our country, that it is crippled by a lack of goals and values, and that our public officials have lost faith in us. ” Os fracassos no Vietnã e o insucesso em redimir a nação colocavam a questão se sequer ainda restava uma missão nacional a se cumprir. Reconhecendo o dilema imposto aqui, Carter se apresentou como uma figura capaz de fazer ressurgir a crença da nação em seu destino manifesto:

“America's birth opened a new chapter in mankind's history. Ours was the first nation to dedicate itself clearly to basic moral and philosophical principles [...] This national commitment was a singular act of wisdom and courage, and it brought the best and the bravest from other nations to our shores. It was a revolutionary development that captured the imagination of mankind. It created a basis for a unique role of America – that of a pioneer in shaping more decent and just relations among people and among societies. Today, two hundred years later, we must address ourselves to that role, both in what we do at home and how we act abroad among people everywhere.”<sup>534</sup>

Para tanto, ao seu ver, era necessária uma revisão de ideais de acordo com as transformações que o mundo experienciava. Como ele declarou em sua posse:

“The world itself is now dominated by a new spirit. Peoples more numerous and more politically aware are craving, and now demanding, their place in the sun – not just for the benefit of their own physical condition, but for basic human rights. The passion for freedom is on the rise. Tapping this new spirit, there can be no nobler nor more ambitious task for America to undertake on this day of a new beginning than to help shape a just and peaceful world that is truly humane.”<sup>535</sup>

---

<sup>534</sup> “Pode ser um ano de inspiração e esperança, e será um ano de preocupação, de reavaliação tranquila e sóbria do caráter e propósito de nossa nação. ” “Perdemos algumas coisas preciosas que historicamente uniram nosso povo e nosso governo. Acharmos que a decadência moral enfraqueceu nosso país, que é prejudicado pela falta de objetivos e valores e que nossos funcionários públicos perderam a fé em nós. ” “O nascimento da América abriu um novo capítulo na história da humanidade. A nossa foi a primeira nação a se dedicar claramente a princípios morais e filosóficos básicos [...] Esse compromisso nacional foi um ato singular de sabedoria e coragem, e trouxe o melhor e os mais corajosos de outras nações para as nossas costas. Foi um desenvolvimento revolucionário que capturou a imaginação da humanidade. Criou uma base para um papel único da América – o de ser pioneiro na formação de relações mais decentes e justas entre as pessoas e as sociedades. Hoje, duzentos anos depois, devemos nos dedicar a esse papel, tanto no que fazemos em casa quanto na maneira como agimos no exterior entre os povos de todos os lugares. ” Address Accepting the Presidential Nomination at the Democratic National Convention in New York City (1976)

<sup>535</sup> “O mundo em si agora é dominado por um novo espírito. Povos mais numerosos e politicamente conscientes desejam e agora exigem seu lugar ao sol – não apenas para o benefício de sua própria condição física, mas também por direitos humanos básicos. A paixão pela liberdade está em ascensão. Aproveitando esse novo espírito, não pode haver tarefa mais nobre nem ambiciosa para a América empreender neste dia de um novo começo do que ajudar a moldar um mundo justo e pacífico que seja verdadeiramente humano. ” Inaugural Address (1977)

Voices no Congresso e entre o público há muito criticavam o “amoralismo” da política externa de Kissinger; excessivamente preocupada com considerações de poder e pouco com considerações de ideais e princípios. Em acordo com esse sentimento, Carter propôs uma reversão dos paradigmas que os realistas trouxeram para a Casa Branca.<sup>536</sup> Mas, ainda que estivesse rompendo com o realismo de Kissinger e Nixon, tal como eles, Carter também proporia uma revisão da estratégia de contenção. Agora, seria a promoção dos direitos humanos, e não mais um incessante combate ao comunismo, a meta central da política internacional dos Estados Unidos. Logo, uma missão nacional estava chegando ao fim para dar lugar a uma missão que se pretendia mais adequada a um mundo pós-Vietnã.

Durante a década de 1970, os direitos humanos adquiriram maior proeminência. Agências não-governamentais como a Anistia Internacional e a Liga Internacional pelos Direitos Humanos viram um crescimento expressivo do número de seus membros. E, em 1977, o Prêmio Nobel da Paz foi concedido à Anistia Internacional em reconhecimento de seus trabalhos. Essa proeminência redirecionou o enfoque internacional do confronto bipolar para o problema representado pelas violações à vida e à dignidade humanas. O enfoque nos direitos humanos ameaçava a visão dominante no Ocidente durante a Guerra Fria de um mundo essencialmente dividido entre países comunistas e capitalistas, totalitários e livres. Ativistas e agências dos direitos humanos apresentavam relatórios que se propunham descortinar abusos sistemáticos em ambos os lados da “cortina de ferro”, ameaçando enfraquecer a percepção de uma diferença moral entre os dois.<sup>537</sup> Em um discurso na Universidade de Notre Dame no estado da Indiana, Carter demonstrou como essa perspectiva das relações internacionais havia o influenciado:

“But I want to speak to you today about the strands that connect our actions overseas with our essential character as a nation. I believe we can have a foreign policy that is democratic, that is based on fundamental values, and that uses power and influence, which we have, for humane purposes. We can also have a foreign policy that the American people both support and, for a change, know about and understand. [...] Being confident of our own future, we are now free of that inordinate fear of communism which once led us to embrace any dictator who joined us in that fear. I’m glad that that’s being changed.”<sup>538</sup>

---

<sup>536</sup> SMITH, Tony. *America’s Mission*. op. cit., 1995, p.240.

<sup>537</sup> FONER, Eric. *Give me Liberty! An American history Volume 2*. op. cit., 2016, p.1049.

<sup>538</sup> Hoje, porém, quero falar com você sobre os fios que conectam nossas ações no exterior ao nosso caráter essencial como nação. Acredito que podemos ter uma política externa democrática, baseada em valores fundamentais e que use poder e influência, que possuímos, para fins humanos. Também podemos ter uma política externa que o povo norte-americano apóie e, para variar, conheça e compreenda. [...] Confiando em nosso próprio futuro, agora estamos livres desse medo excessivo do comunismo que uma vez nos levou a abraçar qualquer ditador que se juntasse a nós nesse medo. Fico feliz que isso esteja mudando.” Address at Commencement Exercises at the University of Notre Dame (1977)

Vemos como o presidente reafirma a existência de um destino manifesto global dos Estados Unidos, a interligação indissociável do que o país é e do que faz no exterior. Todavia, ele também demonstra sua intenção em revisar os paradigmas que guiaram esse destino pelos últimos trinta anos. Para ele, o problema não era apenas a superextensão das responsabilidades dos Estados Unidos, mas também o caráter em si mesmo dessas responsabilidades:

“For too many years, we’ve been willing to adopt the flawed and erroneous principles and tactics of our adversaries, sometimes abandoning our own values for theirs. We’ve fought fire with fire, never thinking that fire is better quenched with water. This approach failed, with Vietnam the best example of its intellectual and moral poverty.”<sup>539</sup>

Ao invés da crítica velada de Nixon, Carter fazia uma crítica direta e nominal aos erros cometidos no passado. Em especial, sua crítica era direcionada ao grande erro nomeado de Vietnã e à disposição dos Estados Unidos em utilizar métodos moralmente dúbios para conter o comunismo.

Abordamos como a dinâmica militar da Guerra Fria levou seus antecessores a se valem de operações de inteligência e estratégias que divergiam dos cânones márcias publicamente aceitos no país. Após as revelações da Comitê Church, muitos se perguntavam se a contenção não estava cobrando um preço alto demais em termos da estatura moral dos Estados Unidos ao forçá-lo a se desviar de seus princípios. De acordo com Carter: “The spirit of our country had been damaged severely by the Vietnam war. It had been damaged severely by the Watergate revelations, by the CIA investigations. There was a sense of concern about what our Nation stood for.”<sup>540</sup> Como resposta, o presidente buscou restaurar a confiança da nação em suas virtudes tornando os direitos humanos, e não uma política militarista, o fundamento central da missão norte-americana no mundo. O presidente estava respondendo a percepção de que os Estados Unidos não poderiam mais calcar sua nacionalidade em um engajamento internacional que desconhece limites morais. Era necessária uma nova forma de missão nacional desprovida do belicoso triunfalismo do passado. Assim, após o Vietnã, “a retórica de um destino nacional perseguido agressivamente no exterior parecia se conectar cada vez menos com a experiência norte-americana.”<sup>541</sup> Para o mandatário, uma campanha global pelos direitos humanos poderia

---

<sup>539</sup> “Por muitos anos, estivemos dispostos a adotar os princípios e as táticas errôneas e erradas de nossos adversários, às vezes abandonando nossos próprios valores pelos deles. Combatemos fogo com fogo, nunca pensando que o fogo é melhor apagado com água. Essa abordagem falhou, sendo o Vietnã o melhor exemplo de sua pobreza intelectual e moral.” Address at Commencement Exercises at the University of Notre Dame (1977)

<sup>540</sup> “O espírito do nosso país havia sido severamente danificado pela guerra do Vietnã. Tinha sido severamente danificado pelas revelações de Watergate, pelas investigações da CIA. Havia um sentimento de preocupação sobre o que nossa nação representava.” Remarks at the Democratic Party Jefferson-Jackson Day Dinner (1977)

<sup>541</sup> “the rhetoric of an aggressively pursued national destiny abroad seemed to connect less and less with the American experience.” CHERRY, Conrad. God’s **new Israel**. op. cit., 1998, p.307.

justamente demonstrar como a liderança dos Estados Unidos era baseada não apenas no seu poderio militar, como também em sua força moral.<sup>542</sup>

A despeito de sua retórica da liberdade e da democracia, a promoção de direitos humanos no exterior nem sempre foi uma preocupação central da política externa norte-americana. Ainda que Washington tivesse se comprometido a defender os direitos humanos na adoção conjunta da Declaração Universal dos Direitos Humanos pelos países das Nações Unidas, foi apenas durante a década de 1970 que congressistas passaram a ativamente converter os princípios da Declaração em legislações.<sup>543</sup> Em 1974, chocado com o apoio do governo federal à sangrenta ditadura chilena, o Congresso tornou o respeito aos direitos humanos requisito essencial para a assistência econômica e militar a países estrangeiros.<sup>544</sup> Agora, sob a presidência de Carter, os direitos humanos obtiveram a centralidade no Executivo que, até então, eles haviam conhecido apenas no Legislativo: “First, we have reaffirmed America’s commitment to human rights as a fundamental tenet of our foreign policy.”<sup>545</sup> E, no lugar de combate ao comunismo, direitos humanos se tornaram o novo cerne do próprio caráter nacional: “America did not invent human rights. In a very real sense, it’s the other way around. Human rights invented America.”<sup>546</sup> Por meio desse novo compromisso pelos direitos humanos, o nacionalismo norte-americano poderia recuperar o seu conteúdo idealista, um tanto perdido sob o realismo nixoniano:

“In ancestry, religion, color, place of origin, and cultural background, we Americans are as diverse a nation as the world has even seen. No common mystique of blood or soil unites us. What draws us together, perhaps more than anything else, is a belief in human freedom. We want the world to know that our Nation stands for more than financial prosperity. [...] To lead it will be to regain the moral stature that we once had.”<sup>547</sup>

Na visão de Carter, era fundamental fazer essa reconexão entre a ação norte-americana no exterior e os requisitos morais do povo estadunidense, seu caráter como uma nação que se auto atribuí um lugar e destino especiais no mundo.

---

<sup>542</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz. **Formação do império americano**. op. cit., p.352-353.

<sup>543</sup> SMITH, Tony. **America’s Mission**. op. cit., 1995, p.239.

<sup>544</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz. **Formação do império americano**. op. cit., p.352.

<sup>545</sup> “Primeiro, reafirmamos o compromisso da América com os direitos humanos como um princípio fundamental de nossa política externa.” Address at Commencement Exercises at the University of Notre Dame (1977)

<sup>546</sup> “Os Estados Unidos não inventaram os direitos humanos. Em um sentido muito real, é o contrário. Os direitos humanos inventaram a América.” Remarks During a Program Celebrating the Anniversary (1980)

<sup>547</sup> “Em ancestralidade, religião, cor, local de origem e formação cultural, nós norte-americanos somos uma nação tão diversa quanto o mundo já viu. Nenhuma mística comum de sangue ou solo nos une. O que nos une, talvez mais do que qualquer outra coisa, é uma crença na liberdade humana. Queremos que o mundo saiba que nossa nação representa mais do que prosperidade financeira. [...] Liderar será recuperar a estatura moral que já tivemos.” Address at Commencement Exercises at the University of Notre Dame (1977)

Procurando mostrar que essa ênfase não era meramente simbólica, a Agência para Desenvolvimento Internacional (principal responsável por distribuição de assistência externa civil) redefiniu seus programas para refletir preocupações em direitos humanos e o Departamento de Estado passou a publicar documentos sobre o estado dos direitos civis de todos os países que recebiam auxílio dos Estados Unidos.<sup>548</sup> Cortes em assistência a países latino-americanos foram particularmente substanciais. Até então grandes receptores de auxílio norte-americano, as ditaduras da Argentina, Brasil e Uruguai tiveram sua ajudas externas encerradas. E assistência econômica direta e empréstimos por meio de bancos multinacionais também caíram vertiginosamente para países como Argentina e Chile.<sup>549</sup> Para Carter, a tão desejada redenção nacional dos Estados Unidos só seria possível quando o país rompesse com o imperativo da política da Guerra Fria de conceder apoio incondicional a ditaduras em nome do combate ao comunismo.

Como efeito resultante, seu governo enfatizou ideais como bem-estar global e respeito à dignidade humana em detrimento dos temas de segurança e poder.<sup>550</sup> O que lhe valeu severas críticas de conservadores que afirmavam que uma campanha internacional pelos direitos humanos representava um sério risco à segurança nacional dos Estados Unidos por criar barreiras ao apoio de aliados no enfrentamento de seus inimigos multos. Contra seus críticos, Carter argumentou que devolver um sentido de propósito ao seu povo era fundamental para a segurança nacional dos Estados Unidos.<sup>551</sup> Desse modo, em sua urgência idealista, Carter propôs um distanciamento ainda maior da contenção do que o proposto por Nixon e Kissinger, que mantiveram a importância da manutenção de um esfera de influência norte-americana purgada da influência soviética mesmo que através de suporte a regimes autoritários.<sup>552</sup>

Entretanto, não podemos exagerar a disposição do governo Carter em levar a cabo uma ampla campanha pelos direitos humanos. Existia um limite realista em seu idealismo: “This does not mean that we can conduct our foreign policy by rigid moral maxims. [...] I understand fully the limits of moral suasion. We have no illusion that changes will come easily or soon.”<sup>553</sup> O presidente realmente tornou as preocupações com os direitos humanos o ponto central de sua política externa e base moral da liderança global dos Estados Unidos, porém ele entendia que

---

<sup>548</sup> SMITH, Tony. *America's Mission*. op. cit., 1995, p.242.

<sup>549</sup> *Ibid.*, 1995, p.245.

<sup>550</sup> PECEQUILO, Cristina. *A política externa dos Estados Unidos*. op. cit., 2003, p.201.

<sup>551</sup> SMITH, Tony. *America's Mission*. op. cit., 1995, p.240-241.

<sup>552</sup> PECEQUILO, Cristina. *A política externa dos Estados Unidos*. op. cit., 2003, p.202.

<sup>553</sup> “Isso não significa que possamos conduzir nossa política externa por máximas morais rígidas. [...] eu entendo completamente os limites da persuasão moral. Não temos ilusão de que as mudanças venham facilmente ou em breve.” Address at Commencement Exercises at the University of Notre Dame (1977)

uma ênfase exacerbada nessas preocupações poderia ameaçar essa liderança e a própria segurança nacional.<sup>554</sup> Em muitos momentos, ele encontrou grande dificuldade em traduzir sua retórica idealista em ações práticas. Ele criticava a venda de armas para governos autoritários, mas com milhares de empregos e bilhões dependendo desse lucrativo negócio, ele nada fez para reduzi-lo. Da mesma forma, os Estados Unidos continuaram, a pretexto de sua segurança nacional, dando apoio a aliados que notoriamente violavam direitos humanos, como os governos da Guatemala, Filipinas, Coréia do Sul e Irã.<sup>555</sup>

As relações entre os Estados Unidos e o governo do xá do Irã, Reza Pahlavi, especialmente demonstraram os limites do projeto de redenção de Carter. Sua administração desejava a liberalização do regime, mas somente quando fosse garantida a manutenção (mesmo que através de repressão militar) de uma ordem política favorável aos interesses norte-americanos.<sup>556</sup> Em vista de sua localização geográfica e de suas extensas reservas de petróleo, o Irã era uma prioridade geopolítica norte-americana; e essa prioridade tornou-se ainda maior quando os soviéticos enviaram tropas para o Afeganistão, vizinho do país persa. Ao declarar a oposição dos Estados Unidos à ação soviética, Carter deu preferência a uma racionalidade realista da geológica regional em detrimento do imperativo moral pela liberdade:

“The region which is now threatened by Soviet troops in Afghanistan is of great strategic importance: It contains more than two-thirds of the world’s exportable oil. [...] Meeting this challenge will take national will, diplomatic and political wisdom, economic sacrifice, and, of course, military capability. We must call on the best that is in us to preserve the security of this crucial region.”<sup>557</sup>

Nesse discurso, foi proclamado o que seria conhecido por Doutrina Carter, a afirmação de que os Estados Unidos usariam, se necessário, força militar para defender seus interesses no Golfo Pérsico. Em um claro acirramento das tensões do confronto bipolar, o governo norte-americano estabeleceu um embargo às exportações de grãos para a União Soviética, organizou um boicote das Olimpíadas de Moscou e aumentou consideravelmente os gastos militares do país. E, retornando ao preceito de que qualquer oponente soviético merecia sua ajuda, os Estados Unidos enviaram auxílio às forças fundamentalistas islâmicas do Afeganistão.<sup>558</sup>

---

<sup>554</sup> SMITH, Tony. *America’s Mission*. op. cit., 1995, p.242.

<sup>555</sup> FONER, Eric. *Give me Liberty! An American history Volume 2*. op. cit., 2016, p.1050.

<sup>556</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz. *Formação do império americano*. op. cit., p.359-360.

<sup>557</sup> “A região que agora está ameaçada pelas tropas soviéticas no Afeganistão é de grande importância estratégica: contém mais de dois terços do petróleo exportável do mundo. [...] Enfrentar esse desafio exigirá vontade nacional, sabedoria diplomática e política, sacrifício econômico e, é claro, capacidade militar. Devemos pedir o melhor que há em nós para preservar a segurança dessa região crucial.” Address Delivered Before a Joint Session of the Congress (1980)

<sup>558</sup> FONER, Eric. *Give me Liberty! An American history Volume 2*. op. cit., 2016, p.1051.



Os princípios que Carter valorizava e destacava em seu projeto de redenção não eram dominantes; a bipolaridade da Guerra Fria persistia o elemento ordenador do sistema internacional. Enquanto os Estados Unidos falavam de retração e apaziguamento, a União Soviética ainda operava dentro das normas tradicionais de disputa por zonas de influência.<sup>559</sup> Nesse sentido, havia um limite na revisão do destino manifesto global proposta por Carter. E esses limites não se restringiam apenas à permanência residual da política de contenção. Mesmo em sua crítica à Guerra do Vietnã, uma atitude dúbia e restritiva era visível. Ainda que criticasse severamente o envolvimento norte-americano no conflito: “The Vietnamese war produced a profound moral crisis, sapping worldwide faith in our own policy and our system of life, a crisis of confidence made even more grave by the covert pessimism of some of our leaders.”<sup>560</sup> Ao ponto de condenar seu racismo implícito: “We inherited, also, the aftermath of the Vietnam war, a war that was distorted because it was waged against people far away, whose skins were yellow.”<sup>561</sup><sup>562</sup> No que se referia aos veteranos do Vietnã, Carter (ele mesmo pai de um veterano da guerra) declarava seu inequívoco caráter nobre:

“There are no monuments to its heroes, for memorials are reminders and they would make it harder for your country to sink into the amnesia for which it longs And I would like to say, as President, on behalf of 220 million people of our country, we love you for what you were and what you stood for; and we love you for what you are and what you stand for.”<sup>563</sup>

Dessa forma, sua crítica era restrita somente a guerra em si, vista como um erro grotesco, não se estendendo aos seus veteranos e ao que eles fizeram em solo vietnamita. O que representava uma posição incongruente de sua parte. Pois, ainda que uma incisiva reprovação da guerra pudesse coexistir com a caracterização dos soldados dos Estados Unidos como vítimas de seu imperialismo, essa reprovação não poderia coabitar em coerência com a caracterização desses soldados e de suas ações como heroicas. A revisão de Carter era, portanto, transformadora em

---

<sup>559</sup> PECEQUILO, Cristina. **A política externa dos Estados Unidos**. op. cit., 2003, p.202.

<sup>560</sup> “A guerra do Vietnã produziu uma profunda crise moral, minando a fé mundial em nossa própria política e em nosso sistema de vida, uma crise de confiança tornada ainda mais grave pelo pessimismo encoberto de alguns de nossos líderes.” Address at Commencement Exercises at the University of Notre Dame (1977)

<sup>561</sup> “Também herdamos as consequências da guerra do Vietnã, uma guerra que foi distorcida porque foi travada contra pessoas distantes, cujas peles eram amarelas.” Congressional Black Caucus Remarks at the Caucus’ Annual Dinner (1978)

<sup>562</sup> Até onde pudemos verificar, essa foi a única menção da dimensão racista da guerra por Carter. Sua disposição em mencioná-la nesse discurso provavelmente decorre do fato dele ter sido proferido em uma reunião do Congressional Black Caucus, o agrupamento que reúne os congressistas negros do Legislativo, um público mais receptivo a esse tipo de crítica.

<sup>563</sup> “Não há monumentos para seus heróis, pois memoriais são lembretes e dificultariam que seu país afundasse na amnésia pela qual anseia. Gostaria de dizer, como presidente, em nome de 220 milhões de pessoas de nosso país, nós amamos vocês pelo que vocês eram e pelo que vocês representavam; e nós amamos vocês pelo que vocês são e pelo que vocês representam.” Remarks at a White House Reception (1979)

alguns aspectos; sua elevação dos direitos humanos representava um afastamento substancial da ideologia da Guerra Fria. Porém, em outras dimensões, ela era tímida e contraditória; seu idealismo não rompeu totalmente com o imperativo de poder dos Estados Unidos e o presidente também não deixou, a despeito de toda sua desaprovação da guerra, de celebrar a figura dos veteranos do Vietnã.

Nenhuma dessas limitações de Carter eram, contudo, particularmente capazes de diminuir o apoio popular ao presidente. Com efeito, a sua disposição em estabelecer fronteiras para sua crítica era necessária para manter esse apoio. Do contrário, se Carter não especificasse casos (como o Oriente Médio) em que a defesa da segurança nacional prevalecia sobre direitos humanos e não tivesse uma retórica celebratória dos veteranos, ele poderia ser acusado de antipatriotismo. Mas havia um outro tipo de limite estabelecido pelo presidente pelo qual o grande público não era particularmente afeito: o de que a própria nação tinha limites em sua capacidade e poder. No seu rompimento com o “amoralismo” dos realistas, Carter reteve as considerações de Kissinger e Nixon sobre os limites do poder dos Estados Unidos em transformar o mundo: “We have learned that more is not necessarily better, that even our great Nation has its recognized limits, and that we can neither answer all questions nor solve all problems.”<sup>564</sup> Essa percepção do poder declinante dos Estados Unidos e a consequente defesa de um papel de liderança de perfil mais baixo nunca conseguiu conquistar o público.<sup>565</sup> Mas o que tornou essa perspectiva tão debilitante para a popularidade de Carter foi sua junção com diversas crises que sinalizaram a perda de poder e prestígio dos Estados Unidos: vitórias comunistas nas guerras civis da Etiópia e Angola; a intervenção soviética no Afeganistão; as revoluções iraniana e sandinista e uma segunda crise do petróleo. Essas crises deterioraram a situação da presidência e sua política externa, já desgastadas no pós-Vietnã.<sup>566</sup> Além disso, uma crise de reféns norte-americanos no Irã também contribuiu para fragilizar a imagem dos Estados Unidos e de seu presidente. Inicialmente, Carter conquistou apoio e unidade nacional em torno de sua figura. Porém, à medida que a crise persistia sem solução, mais a imagem do presidente emitia ineficiência e impotência.<sup>567</sup>

---

<sup>564</sup> “Aprendemos que mais não é necessariamente melhor, que mesmo nossa grande nação tem seus limites reconhecidos e que não podemos responder a todas as perguntas nem resolver todos os problemas.” Inaugural Address (1977)

<sup>565</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.558.

<sup>566</sup> PECEQUILO, Cristina. **A política externa dos Estados Unidos**. op. cit., 2003, p.203.

<sup>567</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.572.

Desde o New Deal de Franklin Roosevelt, os democratas se apresentaram como o partido da afluência e crescimento econômico, mas Carter parecia estar presidindo sobre um período de declínio nacional, ao qual muitos acreditavam que ele demonstrava conformismo.<sup>568</sup> Frente ao cenário crítico da economia e da política internacional, a promessa de redenção de Carter se mostrou frustrada; longe de redimir a nação ou suas instituições, parecia que ele estava as liderando para seu declínio definitivo. Um destino manifesto global como promoção de direitos humanos era incapaz de reerguer a estatura moral dos Estados Unidos quando o país parecia estar preso dentro de um círculo vicioso de decadência. Nesse sentido, “os Estados Unidos chegaram ao final dos anos 70 exatamente no mesmo ponto em que estavam em seu início: perdendo poder e espaço para os comunistas e mergulhando em uma onda generalizada de pessimismo e mal-estar nacional.”<sup>569</sup> O que recolocava a questão: a missão nacional estava chegada ao fim? Teria Carter apenas postergado por mais alguns anos o que seria o inevitável término de um destino maior dos Estados Unidos no mundo?

Na visão dos conservadores, certamente que não; uma missão nacional persistia, porém ela não poderia ser encontrada na campanha de direitos humanos de Carter. Para eles, a própria ênfase do presidente em direitos humanos era, em vários sentidos, responsável por solapar a liderança dos Estados Unidos. A crise no Afeganistão era justamente a confirmação final da falência das políticas do presidente, cuja fraqueza crônica teria empoderado os soviéticos a agir livremente.<sup>570</sup> Consequentemente, os anos finais de Carter testemunharam o fortalecimento de setores ultraconservadores e ultranacionalistas, que defendiam a militarização e o retorno à política de contenção como meios de superar o declinante poder dos Estados Unidos.<sup>571</sup> Logo, a queda de popularidade de Carter oportunizou que grupos conservadores se apresentassem como um necessário contraponto ao que eles denunciavam como o derrotismo do presidente. Nesse sentido, a vitória do republicano Ronald Reagan na eleição de 1980 assemelhou-se a de Carter em 1976: ambos se apresentaram como uma contraposição à figura dos presidentes incumbentes. Da mesma forma, ambos se apresentaram como idealistas que desejavam arregimentar a nação em torno de uma missão nacional que a revigorasse.<sup>572</sup> Mas, enquanto Carter promoveu uma revisão crítica de paradigmas nacionais, Reagan iniciou um retorno conservador a um destino manifesto como anticomunismo global. Para todos os efeitos, depois de anos de depreciação, a política da Guerra Fria estava de volta.

---

<sup>568</sup> FONER, Eric. **Give me Liberty! An American history Volume 2.** op. cit., 2016, p.1049.

<sup>569</sup> PECEQUILO, Cristina. **A política externa dos Estados Unidos.** op. cit., 2003, p.204.

<sup>570</sup> SMITH, Tony. **America's Mission.** op. cit., 1995, p.262.

<sup>571</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz. **Formação do império americano.** op. cit., p.367.

<sup>572</sup> PECEQUILO, Cristina. **A política externa dos Estados Unidos.** op. cit., 2003, p.204.

### 3.3. O triunfalismo redentor, resgatando consenso em velhos valores

O republicano Ronald Reagan tornou o tema central de sua campanha presidencial e de sua conduta subsequente na presidência a resantificação dos símbolos e rituais nacionais. Uma tarefa que, como nos diz Slotkin, Reagan possuía especial preparação como um ex-ator de Hollywood.<sup>573</sup> Desse modo, ele continuou o propósito de seus antecessores de pôr em prática um projeto de redenção: “I believe we can embark on a new age of reform in this country and an era of national renewal.”<sup>574</sup> Da mesma forma: “This country needs a new administration, with a renewed dedication to the dream of America – an administration that will give that dream new life and make America great again!”<sup>575</sup> Aqui, podemos ver como a ideia de retirar a “América” de um período de declínio, real ou imaginado, e lhe devolver a sua posição de grandeza perdida não é um tema novo, mas uma promessa recorrente no discurso político do país. Todavia, Reagan era único em sua habilidade de infundir essa promessa com grande otimismo. Sua vocação como orador e habilidade em conferir uma aura progressista ao seu conservadorismo atraíram milhares de norte-americanos à sua figura carismática.<sup>576</sup>

Para restaurar a aura magistral da presidência e a crença inquestionável no messianismo da nação, Reagan empregou o uso de narrativas inspiradoras para demonstrar o heroísmo e excepcionalidade nacionais. Tal como Kennedy antes dele, a narrativa dos desbravadores puritanos e a imagem de uma cidade sobre uma colina foram invocados pelo presidente para restaurar a autoconfiança do povo estadunidense:

“I know I have told before of the moment in 1630 when the tiny ship *Arabella* bearing settlers to the New World lay off the Massachusetts coast. To the little bank of settlers gathered on the deck John Winthrop said: ‘we shall be a city upon a hill. [...] I believe that Americans in 1980 are every bit as committed to that vision of a shining ‘city on a hill’, as were those long ago settlers.”<sup>577</sup>

A imagem dos Estados Unidos como uma cidade sobre uma colina, destinada pela providência a inspirar a humanidade, continuou parte do repertório retórico de Reagan até o fim de sua presidência. Mas ela não era a única narrativa da qual o presidente tirou inspiração. Mais de

---

<sup>573</sup> SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.643.

<sup>574</sup> “Acredito que podemos embarcar em uma nova era de reformas neste país e uma era de renovação nacional.” Election Eve Address (1980)

<sup>575</sup> “Este país precisa de uma nova administração, com uma renovada dedicação ao sonho da América – uma administração que dará nova vida a esse sonho e tornará a América grande novamente!” Remarks at Liberty State Park (1980)

<sup>576</sup> FONER, Eric. **Give me Liberty! An American history Volume 2**. op. cit., 2016, p.1059.

<sup>577</sup> “Sei que já contei isso antes do momento em 1630, quando o pequeno navio *Arabella* que transportava colonos para o Novo Mundo ficava na costa de Massachusetts. Ao pequeno grupo de colonos reunidos no convés, John Winthrop disse: ‘seremos uma cidade sobre uma colina. [...]’ Eu acredito que os norte-americanos em 1980 estão tão comprometidos com a visão de uma brilhante ‘cidade sobre uma colina’, como estavam esses colonos há muito tempo atrás.” Election Eve Address (1980)

uma vez, ele contou a história de Martin Treptow, um jovem soldado dos Estados Unidos. Em seu discurso de posse, ele tornou sua história o fechamento de seu pronunciamento:

“Under one such marker [referência às lápides do cemitério Arlington, perto da capital Washington] lies a young man, Martin Treptow, who left his job in a small town barbershop in 1917 to go to France with the famed Rainbow Division. There, on the western front, he was killed trying to carry a message between battalions under heavy artillery fire.

We’re told that on his body was found a diary. On the flyleaf under the heading, ‘My Pledge,’ he had written these words: ‘America must win this war. Therefore I will work, I will save, I will sacrifice, I will endure, I will fight cheerfully and do my utmost, as if the issue of the whole struggle depended on me alone.’

The crisis we are facing today does not require of us the kind of sacrifice that Martin Treptow and so many thousands of others were called upon to make. It does require, however, our best effort and our willingness to believe in ourselves and to believe in our capacity to perform great deeds, to believe that together with God’s help we can and will resolve the problems which now confront us. And after all, why shouldn’t we believe that? We are Americans.”<sup>578</sup>

Reagan também narrava seu período de serviço no exército como fotógrafo de guerra, especificamente do horror que ele encontrou após a libertação de um campo de concentração nazista.<sup>579</sup> Em seus discursos, ele também recorria à história de um heroico piloto de guerra, cujo sacrifício lhe conquistara a Medalha de Honra:

“And I found my memory going back to those things that I had read during the war, any one of them a thrilling story of heroism above and beyond the call of duty. But one in particular seemed appropriate at that time. A B-17 coming back across the channel from a raid over Europe, badly shot up by anti-aircraft, the ball turret that hung underneath the belly of the plane had taken a hit. The young ball-turret gunner was wounded, and they couldn’t get him out of the turret there while flying.

But over the channel, the plane began to lose altitude, and the commander had to order bail out. And as the men started to leave the plane, the last one to leave – the boy, understandably, knowing he was left behind to go down with the plane, cried out in terror – the last man to leave the plane saw the commander sit down on the floor. He took the boy’s hand and said, ‘Never mind,

---

<sup>578</sup> “Sob um desses marcadores, encontra-se um jovem, Martin Treptow, que deixou seu emprego em uma barbearia em uma pequena cidade em 1917 para ir à França com a famosa divisão Rainbow. Lá, na frente ocidental, ele foi morto tentando transmitir uma mensagem entre batalhões sob forte fogo de artilharia. Disseram-nos que em seu corpo foi encontrado um diário. Na folha em branco, sob o título ‘Meu Juramento’, ele havia escrito estas palavras: ‘Os Estados Unidos devem vencer esta guerra. Portanto, trabalharei, salvarei, sacrificarei, suportarei, lutarei alegremente e farei o máximo, como se a questão de toda a luta dependesse apenas de mim.’ A crise que estamos enfrentando hoje não exige de nós o tipo de sacrifício que Martin Treptow e tantos milhares de outros foram chamados a fazer. Requer, no entanto, nosso melhor esforço e nossa vontade de acreditar em nós mesmos e em nossa capacidade de realizar grandes ações, acreditar que, juntamente com a ajuda de Deus, podemos e resolveremos os problemas que agora nos confrontam. E afinal, por que não devemos acreditar nisso? Nós somos norte-americanos.” Inaugural Address (1981)

<sup>579</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.584.

son, we'll ride it down together.' Congressional Medal of Honor, posthumously awarded.”<sup>580</sup>

Exemplos de heroísmo pessoal e nacional que mostravam a capacidade de superação dos Estados Unidos, todas essas histórias eram marcadas por falsidades. Martin Treptow não estava enterrado em Arlington, mas em Wisconsin, à quilômetros da capital. Algo que os assessores da Casa Branca alertaram o presidente, que preferiu manter seu floreio retórico. Em relação à sua história pessoal, Reagan nunca saiu dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, não podendo ter sido testemunha ocular dos horrores do Holocausto. E a história de sacrifício nobre do piloto não era real, mas parte do enredo de um filme, *A Wing and a Prayer*.<sup>581</sup>

Essas mentiras são relevantes para nossa análise não porque elas revelam uma atitude antiética de Reagan, mas porque elas exemplificam o quanto ele estava disposto a usar ficção e performance para superar a crise moral dos Estados Unidos. Como afirmou a *New Republic* em um editorial: “Ronald Reagan nunca deixou fatos ficarem no caminho de uma boa estória.”<sup>582</sup> E como John Sloan, autor de *The Reagan Effect* escreveu: “Na mente de Reagan, fatos desagradáveis poderiam ser evitados; contradições poderiam ser negadas; anedotas poderiam superar fatos; ilusões de filmes poderiam substituir a história; realidades desagradáveis poderiam ser atribuídas a uma imprensa hostil.”<sup>583</sup> Sua passagem pela Casa Branca foi, em vários sentidos, a de um ator seguindo um script, ao ponto de comentaristas terem observado que sua conduta presidencial se assemelhava muito à conduta de um monarca cerimonial.<sup>584</sup> Nesse sentido, não havia razão para que a verdade prevalecesse sobre uma bela estória ficcional se ela fosse necessária para restaurar as crenças nacionais. Foi com essa atitude que Reagan endereçou o Vietnã. Ao invés de uma crítica dúbia e parcial como em Carter, o republicano desejava destituir

---

<sup>580</sup> “E encontrei minha memória retornando àquelas coisas que eu havia lido durante a guerra, qualquer uma delas uma história emocionante de heroísmo acima e além do chamado do dever. Mas uma em particular parecia apropriada naquele momento. Um B-17 voltando através do canal a partir de uma incursão na Europa, gravemente atingido por baterias antiaéreas, o posto de artilharia que pendia sob a barriga do avião foi atingido. O jovem atirador de torre foi ferido e eles não conseguiram tirá-lo da torre enquanto voavam. Mas pelo canal, o avião começou a perder altitude, e o comandante teve que pedir socorro. E quando os homens começaram a deixar o avião, o último a sair – o garoto, compreensivelmente, sabendo que foi deixado para trás com o avião, gritou de terror – o último homem a deixar o avião viu o comandante sentando-se no chão. Ele pegou a mão do garoto e disse: ‘Não importa, filho, vamos afundar juntos’. Medalha de Honra do Congresso, concedida postumamente.” *Remarks at the Annual Convention of the Congressional Medal of Honor Society* (1983)

<sup>581</sup> LEUCHTENBURG, William. *The American President*. op. cit., 2001, p.583-584.

<sup>582</sup> “Ronald Reagan has never let the facts get in the way of a good story.” LEWIS, W. F. *Telling America's story: Narrative form and the Reagan presidency*, *Quarterly Journal of Speech*, v.73, n.3, 1987, p.280.

<sup>583</sup> “In Reagan's mind, unpleasant facts could be avoided; contradictions could be denied; anecdotes could overcome facts; movie illusions could substitute for history; unpleasant realities could be blamed on a hostile press.” Apud LEUCHTENBURG, William. *The American President*. op. cit., 2001, p.584.

<sup>584</sup> *Ibid.*, 2001, p.587 e 589.

o envolvimento dos Estados Unidos naquela guerra de quaisquer repreensões, a afirmando como uma parte honrada de sua história:

“Those who fought in Vietnam are part of us, part of our history. They reflected the best in us. [...] The men and women of Vietnam fought for freedom in a place where liberty was in danger. They put their lives in danger to help a people in a land far away from their own.”<sup>585</sup>

A tal ponto que, mesmo em sua Posse, a guerra foi glorificada:

“Each one of those markers is a monument to the kind of hero I spoke of earlier. Their lives ended in places called Belleau Wood, The Argonne, Omaha Beach, Salerno, and halfway around the world on Guadalcanal, Tarawa, Pork Chop Hill, the Chosin Reservoir, and in a hundred rice paddies and jungles of a place called Vietnam.”<sup>586</sup>

Ao seu ver, a Guerra do Vietnã não fora um erro, ela apenas fora perdida. Um resultado infeliz, cuja culpa recaía na indisposição da liderança em Washington de continuá-la até a vitória. E, como consequência das falhas de sua liderança, os Estados Unidos foram forçados a dar mais importância a seus erros, do que seus acertos, os levando a renegar o que fora, na verdade, uma guerra justa.<sup>587</sup> Para alcançar redenção, os Estados Unidos não deveriam esquecer o Vietnã, mas celebrá-lo como parte da cadeia de eventos heroicos que constituem sua história. Toda e qualquer atrocidade cometida durante o envolvimento norte-americano no Vietnã poderia e deveria ser posta de lado (tal qual a inverdade de onde Treptow estava enterrado) em nome de uma causa nobre: reafirmar o destino manifesto global dos Estados Unidos.

Nesse sentido, Reagan buscou superar o mal-estar da década de 1970 – em particular, a quebra de consenso em torno de ações militares no estrangeiro – substituindo a memória estressante das últimas décadas pelos dias felizes quando a Guerra Fria era recente e o mundo era simplesmente dividido entre forças tirânicas e heroicas.<sup>588</sup> Assim, e criando um contraponto absoluto a Carter, Reagan afirmou o retorno da oposição internacional ao comunismo em um pronunciamento na Universidade de Notre Dame, a mesma instituição em que seu antecessor havia criticado a contenção e proclamado a sua campanha pelos direitos humanos:

---

<sup>585</sup> “Aqueles que lutaram no Vietnã fazem parte de nós, fazem parte da nossa história. Eles refletiram o melhor em nós. [...] Os homens e mulheres do Vietnã lutaram pela liberdade em um lugar onde a liberdade estava em perigo. Eles colocam suas vidas em perigo para ajudar um povo em uma terra distante da sua.” Address Before a Joint Session of the Congress on the State of the Union (1984)

<sup>586</sup> “Cada um desses marcadores é um monumento ao tipo de herói de que falei anteriormente. Suas vidas terminaram em lugares chamados Belleau Wood, The Argonne, Omaha Beach, Salerno e do outro lado do mundo em Guadalcanal, Tarawa, Pork Chop Hill, o reservatório de Chosin, e em centenas de arrozais e selvas de um lugar chamado Vietnã.” Inaugural Address (1981)

<sup>587</sup> SMITH, Tony. *America's Mission*. op. cit., 1995, p.271.

<sup>588</sup> SLOTKIN, Richard. *Gunfighter Nation*. op. cit., 1992, p.643.

“The years ahead are great ones for this country, for the cause of freedom and the spread of civilization. The West won’t contain communism, it will transcend communism. It won’t bother to dismiss or denounce it, it will dismiss it as some bizarre chapter in human history whose last pages are even now being written. ”<sup>589</sup>

Buscando soprar nova vida à Guerra Fria, ele também proferiu o seu famoso discurso de 8 de março de 1983, no qual ele nomeara a União Soviética um “império do mal”:

“So, I urge you to speak out against those who would place the United States in a position of military and moral inferiority. [...] I urge you to beware the temptation of pride – the temptation of blithely declaring yourselves above it all and label both sides equally at fault, to ignore the facts of history and the aggressive impulses of an evil empire, to simply call the arms race a giant misunderstanding and thereby remove yourself from the struggle between right and wrong and good and evil. ”<sup>590</sup>

Era o desejo de Reagan retomar aquela imagem de um mundo destituído de ambiguidades da Doutrina Truman: os Estados Unidos não possuem objetivos egoístas por poder, eles exercem uma missão altruísta contra uma força que deseja a submissão de outros. A separação entre o bem e o mal deveria, então, ser firmada na “cortina de ferro”, entre capitalistas e comunistas, não no respeito aos direitos humanos. Foi precisamente o abandono dessa crença tradicional da Guerra Fria que teria levado ao declínio norte-americano:

“The Soviets sent their Cuban mercenaries to Angola and Ethiopia, used chemical weapons against innocent Laotians and Cambodians, and invaded Afghanistan – all with impunity. Perhaps the most degrading symbol of this dismal situation was the spectacle of Iranian terrorists seizing American hostages and humiliating them and our country for more than a year. How did all this happen? Well, the answer is: America had simply ceased to be a leader in the world. Some of our opinion molders had ceased to believe that we were a force for good in the world. ”<sup>591</sup>

---

<sup>589</sup> “Os próximos anos são grandes para este país, para a causa da liberdade e pela expansão da civilização. O Ocidente não conterà o comunismo, ele transcenderá o comunismo. Ele não se incomodará em descartá-lo ou denunciá-lo, ele o descartará como um capítulo bizarro da história da humanidade cujas últimas páginas estão sendo escritas agora. ” Address at Commencement Exercises at the University of Notre Dame (1981)

<sup>590</sup> “Por isso, exorto vocês a se manifestarem contra aqueles que colocariam os Estados Unidos em uma posição de inferioridade militar e moral. [...] Exorto-vos a tomar cuidado com a tentação do orgulho – a tentação de se declarar alegremente acima de tudo e rotular os dois lados igualmente como culpados, ignorar os fatos da história e os impulsos agressivos de um império do mal, simplesmente chamar a corrida armamentista um gigantesco mal-entendido e, assim, afastar-se da luta entre o certo e o errado, o bem e o mal. ” Remarks at the Annual Convention of the National Association of Evangelicals (1983)

<sup>591</sup> “Os soviéticos enviaram seus mercenários cubanos para Angola e Etiópia, usaram armas químicas contra inocentes laosianos e cambojanos e invadiram o Afeganistão – tudo isso com impunidade. Talvez o símbolo mais degradante dessa situação sombria tenha sido o espetáculo de terroristas iranianos capturando reféns norte-americanos e humilhando eles e nosso país por mais de um ano. Como tudo isso aconteceu? Bem, a resposta é: os Estados Unidos simplesmente deixaram de ser um líder no mundo. Alguns de nossos formadores de opinião deixaram de acreditar que éramos uma força para o bem no mundo. ” Remarks at the Annual Washington Conference of the American Legion (1983)



Tão forte era o desejo de Reagan de retornar a um destino manifesto como anticomunismo global que inicialmente ele demonstrou relutância em aceitar a normalização das relações com a China, começada por Nixon e posteriormente confirmada por Carter. Afinal, a China era comunista, enquanto o governo em Twain não era.<sup>592</sup>

Reagan também demonstrou e pôs em prática sua relutância em continuar a política de direitos humanos de seu antecessor. Assumindo a presidência, ele afirmou a seus aliados autoritários que a cooperação irrestrita para o combate ao comunismo retornara. Se um determinado país possuísse poucas chances de avançar em direção à democracia liberal e estivesse sob ameaça comunista, o governo norte-americano não se restringiria em se dispor a colaborar com sua liderança autoritária.<sup>593</sup> Dessa disposição também surgiu a Doutrina Reagan, o comprometimento dos Estados Unidos em dar assistência aos chamados “freedom fighters” contra governos comunistas.<sup>594</sup> A lógica dessa doutrina estratégica era de que a União Soviética fizera grandes avanços em seu poder na década passada, mas que ela alcançara o limite de sua expansão, bastando aos Estados Unidos minar suas bases de sustentação e reverter seus ganhos adquiridos. Como resultado, o Terceiro Mundo, região em que mais os soviéticos tiveram vitórias e os norte-americanos derrotas, novamente se tornaria principal palco de um confronto entre as duas potências por supremacia.<sup>595</sup> Reagan concedeu especial atenção aos Contras, grupos armados de direita que lutavam contra os sandinistas na Nicarágua. Segundo o presidente:

“They are our brothers, these freedom fighters, and we owe them our help. I’ve spoken recently of the freedom fighters of Nicaragua. You know the truth about them. You know who they’re fighting and why. They are the moral equal of our Founding Fathers and the brave men and women of the French Resistance.”<sup>596</sup>

Os assim chamados equivalentes morais dos Pais Fundadores dos Estados Unidos eram acusados pela Human Rights Watch de tortura, estupro, incêndio criminoso e assassinato. Consequentemente, em uma nova demonstração de sua preocupação com os direitos humanos, o Congresso proibiu que a CIA e o Departamento de Defesa armassem grupos que tinham por objetivo a derrubada do governo da Nicarágua.<sup>597</sup> Mas isso não parou Reagan, que, transgredindo as proibições do Legislativo, ordenou que seus assessores encontrassem novos meios de continuar

---

<sup>592</sup> SMITH, Tony. **America’s Mission**. op. cit., 1995, p.271.

<sup>593</sup> Ibid., 1995, p.286-287.

<sup>594</sup> Ibid., 1995, p.297.

<sup>595</sup> PECEQUILO, Cristina. **A política externa dos Estados Unidos**. op. cit., 2003, p.208-209.

<sup>596</sup> “Eles são nossos irmãos, esses combatentes da liberdade, e devemos a eles nossa ajuda. Eu falei recentemente dos combatentes da liberdade da Nicarágua. Vocês sabem a verdade sobre eles. Vocês sabem com quem eles estão lutando e por quê. Eles são iguais em termos morais aos nossos Pais Fundadores e aos bravos homens e mulheres da Resistência Francesa.” Remarks at the Annual Dinner of the Conservative Political Action Conference (1985)

<sup>597</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.617.

o financiamento dos Contras. O esquema que eles eventualmente criaram quase custou a presidência de Reagan, ao envolver duas vezes ilegalmente financiar o grupo e financiá-lo via a venda ilegal de armas para o Irã, então sob embargo.<sup>598</sup> Vindicando aqueles que afirmavam que um anticomunismo global tornava o próprio governo norte-americano uma ameaça em potencial à estatura moral de seu país. O destino manifesto global da Guerra Fria estava de volta, assim como seus dilemas.

Poucos discursos de Reagan não fariam alguma apropriação retórica do Mito do Destino Manifesto. Seu uso se tornou uma constante de seus pronunciamentos, um companheiro a quem Reagan sempre fazia menção e demonstrava devoção. Contudo, na campanha de 1980, Reagan dera um entendimento um tanto diferente: “Let it always be clear that we have no dreams of empire, that we seek no manifest destiny, that we understand the limitations of any one nation’s power. But let it also be clear that we do not shirk history’s call.”<sup>599</sup> Mas, uma vez empossado, e durante toda a sua presidência, Reagan nunca renegou sonhos de império e a busca de um destino manifesto, ou reconheceu limites ao poder nacional. Essa fala em campanha já denota um paradoxo evidente pela coexistência de uma negação de um destino manifesto e de uma subsequente afirmação de um chamado da história. Um destino manifesto persistia colocado mesmo quando ele era verbalmente negado por esse nome. Enquanto candidato, ele poderia ter procurado evitar possíveis acusações de propagar um nacionalismo chauvinista, mas, como presidente, ele nunca se deteve de demonstrar seu objetivo por uma nação que se reconhecesse como uma república-império dotada de um grande destino:

“But let’s do a better job of exporting Americanism. Let’s meet our responsibility to keep the peace at the same time we maintain without compromise our principles and ideals. Let’s help the world eliminate the conditions which cause citizens to become refugees. I believe it is our pre-ordained destiny to show all mankind that they, too, can be free without having to leave their native shore.”<sup>600</sup>

“In this land of dreams fulfilled, where greater dreams may be imagined, nothing is impossible, no victory is beyond our reach, no glory will ever be too great.”<sup>601</sup>

---

<sup>598</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.648.

<sup>599</sup> “Que fique sempre claro que não temos sonhos de império, que não buscamos um destino manifesto, que entendemos as limitações do poder de qualquer nação. Mas que também seja claro que não evitamos o chamado da história.” Election Eve Address (1980)

<sup>600</sup> “Mas vamos fazer um trabalho melhor exportando americanismo. Vamos cumprir nossa responsabilidade de manter a paz ao mesmo tempo em que a mantemos sem comprometer nossos princípios e ideais. Vamos ajudar o mundo a eliminar as condições que levam os cidadãos a se tornarem refugiados. Eu acredito que é nosso destino pré-ordenado mostrar a toda a humanidade que eles também podem ser livres sem ter que sair de sua terra natal.” Address to the Veterans of Foreign Wars (1980)

<sup>601</sup> “Nesta terra de sonhos realizados, onde sonhos maiores podem ser imaginados, nada é impossível, nenhuma vitória está além de nosso alcance, nenhuma glória jamais será grande demais.” Address Before a Joint Session of Congress on the State of the Union (1986)

“It’s not an arrogant demand that others adopt our ways. It’s a realistic belief in the relative and proven success of the American experiment.”<sup>602</sup>

O apelo a esses mitos nacionais foi central para a construção de sua autoridade e poder como o representante maior da nação. Porém, para a consagração de seus objetivos, ainda persistia uma barreira: a Síndrome do Vietnã. Para a administração, o fantasma da guerra na Ásia era um simbolismo defeituoso que se apossara da imaginação nacional e, como tal, deveria ser purgado da consciência nacional.<sup>603</sup> Não seria possível reengajar o público em ações militares pelo globo enquanto esse espectro do fracasso passado permanecesse rondando suas mentes.

Nesse sentido, Reagan chegou à presidência determinado a curar a imaginação nacional dessa síndrome. Primeiro por meio da já mencionada caracterização da Guerra do Vietnã como uma causa nobre:

“For too long, we have lived with the ‘Vietnam Syndrome’. Much of that syndrome has been created by the North Vietnamese aggressors. Over and over they told us for nearly 10 years that we were the aggressors bent on imperialistic conquests. [...] It is time we recognized that ours was, in truth, a noble cause. A small country newly free from colonial rule sought our help in establishing self-rule and the means of self-defense against a totalitarian neighbor bent on conquest. We dishonor the memory of 50,000 young Americans who died in that cause when we give way to feelings of guilt as if we were doing something shameful, and we have been shabby in our treatment of those who returned.”<sup>604</sup>

Mas, por mais que a Guerra do Vietnã fosse declarada nobre e justa, o temor pelo que novas incursões militares no estrangeiro poderiam trazer criou raízes profundas na consciência nacional. Era necessária mais do que apenas uma revisão da memória coletiva daquela guerra, era necessário também uma ampla revalorização da crença na vitória marcial norte-americana, no merecimento e inevitabilidade de sua conquista.

A administração desenvolveu, assim, uma urgência em torno da ideia de vitória norte-americana.<sup>605</sup> Tornou-se uma de suas metas centrais engajar os Estados Unidos em uma nova

---

<sup>602</sup> “Não é uma exigência arrogante que outras pessoas adotem nossos caminhos. É uma crença realista no sucesso relativo e comprovado do experimento norte-americano.” Remarks at the Annual Washington Conference of the American Legion (1983)

<sup>603</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.649.

<sup>604</sup> “Por muito tempo, convivemos com a ‘Síndrome do Vietnã’. Grande parte dessa síndrome foi criada pelos agressores norte-vietnamitas. Repetidas vezes eles nos disseram por quase 10 anos que éramos os agressores empenhados em conquistas imperialistas. [...] Chegou a hora de reconhecermos que a nossa era, na verdade, uma causa nobre. Um pequeno país recém-livre do domínio colonial buscou nossa ajuda para estabelecer o autogoverno e os meios de autodefesa contra um vizinho totalitário empenhado em conquistar. Desonramos a memória de 50.000 jovens norte-americanos que morreram nessa causa quando damos lugar a sentimentos de culpa, como se estivéssemos fazendo algo vergonhoso, e ficamos desleixados em nosso tratamento daqueles que voltaram.” Address to the Veterans of Foreign Wars Convention in Chicago (1980)

<sup>605</sup> JOHNSON, Roger. **Victory and identity**. op. cit., 2008, p.7.

guerra e vencê-la. Reagan, e posteriormente seu sucessor George H. W. Bush, acreditavam que poderiam converter uma guerra em uma espécie de ritual de regeneração pela violência. Por meio dela, os norte-americanos poderiam erradicar a memória desconfortável dessa guerra, se redimindo, então, de sua derrota no Vietnã. Em seu lugar, seria colocada uma vitória concreta contra um novo inimigo e uma vitória simbólica contra a derrota do passado.<sup>606</sup> A primeira tentativa de conquistar essa vitória veio em 1982 quando Reagan ordenou o envio de 800 fuzileiros navais para o Líbano, então em meio a uma guerra civil. Uma pequena incursão claramente, mas Reagan permitiu-se uma grande celebração: “As a nation, we’ve closed the books on a long, dark period of failure and self-doubt and set a new course.” E: “Our military forces are back on their feet and standing tall.”<sup>607</sup> Mas a presença da Síndrome do Vietnã ainda podia ser sentida quando o presidente assegurava o caráter limitado da operação: “The participation of American forces in Beirut will again be for a limited period.”<sup>608</sup> O que demonstra como Reagan não poderia escapar daquilo que ele desejava precisamente superar. Qualquer iniciativa militar reacendia o temor de um novo Vietnã, mesmo que ela fosse planejada para dar fim a esse medo.

Ainda mais vivo esse receio temeroso se tornou quando em outubro de 1983 o grupo xiita Hezbollah realizou um ataque suicida contra os fuzileiros dos Estados Unidos, fazendo 238 vítimas, 181 norte-americanos e 58 franceses. Um desastre que colocou Reagan sob intensa crítica.<sup>609</sup> Após ter insistido na necessidade de permanecer no país, Reagan foi forçado a ordenar a evacuação das tropas após descobrir o quanto o incidente estava lhe custando em termos de sua popularidade junto à população.<sup>610</sup> A magnitude da tragédia superava as promessas do presidente de que os fuzileiros trariam vindicação moral aos Estados Unidos. Para sua sorte, contudo, um novo evento no Caribe possibilitou que o presidente revertesse a atenção do Líbano e oferecesse uma nova oportunidade para o engajamento militar dos Estados Unidos.

Em resposta a tomada do poder por forças comunistas em Granada, um pequeno país caribenho, o presidente mobilizou milhares de homens para proteger estudantes estadunidenses de serem capturados como reféns, ainda que nem uma ameaça tivesse sido feita aos cidadãos norte-americanos no país. Sem a aprovação prévia do Congresso, a ação violou a Resolução

---

<sup>606</sup> SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.651-652.

<sup>607</sup> “Como nação, fechamos os livros em um longo e sombrio período de fracasso e insegurança e estabelecemos um novo rumo.” “Nossas forças militares estão de pé e de pé.” Remarks at the Annual Convention of the American Legion (1983)

<sup>608</sup> “A participação das forças norte-americanas em Beirute será novamente por um período limitado.” Address to the Nation Announcing the Formation of a New Multinational Force in Lebanon (1982)

<sup>609</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.611.

<sup>610</sup> Ibid., 2001, p.612.

dos Poderes de Guerra, mas, ante seus resultados bem-sucedidos (apenas dois dias foram necessários para pôr fim à resistência local) e após a recente tragédia no Líbano, a atenção pública recaiu somente na vitória conquistada. Os desvios de Reagan não apenas foram ignorados, ele recebeu ampla aclamação nacional pela operação em Granada.<sup>611</sup> Logo, o presidente conseguiu focar a atenção nacional em suas conquistas no Caribe em detrimento de sua recente derrota no Oriente Médio. A derrota no primeiro lhe serviria como uma redenção pela derrota no segundo.

Por essa razão, foi sua intensão retoricamente conectar as duas operações militares: “The events in Lebanon and Grenada, though oceans apart, are closely related.”<sup>612</sup> Ambas representariam não apenas a disposição nobre dos Estados Unidos em sair em socorro de outros, como também exemplificariam a necessidade por essa disposição contínua. Da mesma forma, Granada também estava interligada ao Irã: “With a thousand Americans, including some 800 students, on that island, we weren’t about to wait for the Iran crisis to repeat itself, only this time in our own neighborhood the Caribbean.”<sup>613</sup> A curto prazo, Granada era, então, um ritual de regeneração através da violência pela recente derrota nas mãos do Hezbollah; em termos mais amplos, a vitória no Caribe era uma vindicação moral da crise dos refugiados do Irã e, ainda mais relevante para Reagan, ela era uma vindicação e redenção morais pelo Vietnã. Nesse sentido, ao propor a invasão em Granada como uma missão nacional, “Reagan ofereceu os mitos do destino manifesto e missão e o ritual de crise que os acompanha como uma cura para os males do país [Vietnã e, em menor extensão, o Irã], bem como para os seus próprios [Líbano].”<sup>614</sup> Da noite para o dia, Granada se tornou um símbolo de vitória e orgulho nacionais.

Para tanto, a administração controlou rigorosamente o acesso a informações sobre os desdobramentos em Granada. Repórteres foram banidos durante os dois dias da invasão e a cobertura posterior sofreu inúmeras restrições. Na narrativa que alcançou o público, a destruição e morte foram quase inteiramente omitidas, deixando apenas a dramatização do bravura e heroísmo norte-americanos.<sup>615</sup> Existia uma urgência por uma vitória tão rápida que não seria possível a mídia cobrir os esforços de guerra ou mobilizar o público contra eles. Muito antes, a

---

<sup>611</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.612.

<sup>612</sup> “Os eventos no Líbano e em Granada, apesar de oceanos separados, estão intimamente relacionados.” Address to the Nation on Events in Lebanon and Grenada (1983)

<sup>613</sup> “Com mil norte-americanos, incluindo cerca de 800 estudantes, naquela ilha, não estávamos prestes a esperar a crise do Irã se repetir, só que desta vez em nosso próprio bairro no Caribe.” Remarks to Military Personnel at Cherry Point (1983)

<sup>614</sup> “Reagan offered the myths of manifest destiny and mission and their accompanying ritual of crisis as a cure for the country’s ills, as well as his own.” BOSTDORFF, Denise. **The Presidency and the Rhetoric of Foreign Crisis**. op. cit., 1994, p.195.

<sup>615</sup> Ibid., 1994, p.183-184.

guerra estaria vencida e a narrativa da administração consolidada.<sup>616</sup> Uma das poucas lições do Vietnã que Reagan parecia disposto a aceitar era a da necessidade de micro gerenciar a percepção popular dos esforços militares do país contra os perigos de uma representação hostil pela mídia. Como extensão lógica, Reagan precisou desarmar a crítica em potencial de que suas ações não eram tão diferentes das ações soviéticas no Afeganistão que ele tanto criticava:

“There is a fundamental moral distinction between the Grenada rescue mission and the Soviet invasion of Afghanistan – a brutal and bloody conquest that aims to destroy freedom, democracy, and self-determination. It’s the difference between totalitarianism and democracy, between tyranny and freedom. And it gives all of us hope for the future to know that you see the difference that others should have seen from the very beginning.”<sup>617</sup>

Em uma clara referência ao Vietnã na última frase, Reagan procura assegurar que não seriam mais feitas condenações injustas à missão dos Estados Unidos. Afinal, há uma diferença moral entre norte-americanos e soviéticos que somente antipatriotas negariam: os Estados Unidos resgatam, enquanto a União Soviética invade. E a população pareceu aceitar essa perspectiva dos acontecimentos. Em pesquisas, 71% dos entrevistados afirmaram apoiar as ações do governo em Granada.<sup>618</sup> Ainda que existissem críticos de Reagan, “a maioria dos norte-americanos provavelmente preferiu a versão dos eventos de Reagan porque ela reafirmava mitos reverenciados e, por sua vez, a estrutura moral de nossa sociedade.”<sup>619</sup> Era a intenção do presidente que seus críticos se defrontassem com apenas duas opções: permanecer em silêncio ou falar e cometer o que seria essencialmente blasfêmia. Tornar uma crítica a si uma crítica a própria nação e suas crenças foi uma das maiores conquistas políticas de Ronald Reagan durante seus oito anos na Casa Branca.

Essa recepção dos eventos também manifestou aquela mesma disposição em Mayaguez de converter um evento militarmente e geopoliticamente de pouco peso em um grande acontecimento nacional. Assim, no aniversário de um ano da operação Reagan afirmou:

“During the latter part of the 1970’s, America passed through a period of self-doubt and national confusion. We talked and acted like a nation in decline, and the world believed us. Many questioned our will to continue as a leader of the Western alliance and to remain a force for good in the world. But I believe this period of self-doubt is over. History will record that one of the

---

<sup>616</sup> ENGELHARDT, Tom. **The End of Victory Culture**. op. cit., 1995, p.281.

<sup>617</sup> “Há uma distinção moral fundamental entre a missão de resgate de Granada e a invasão soviética do Afeganistão – uma conquista brutal e sangrenta que visa destruir a liberdade, a democracia e a autodeterminação. É a diferença entre totalitarismo e democracia, entre tirania e liberdade. E todos nós esperamos que o futuro saiba que vocês vêem a diferença que os outros deveriam ter visto desde o início.” Remarks at a White House Ceremony Marking the First Anniversary of the Grenada Rescue Mission (1984)

<sup>618</sup> BOSTDORFF, Denise. **The Presidency and the Rhetoric of Foreign Crisis**. op. cit., 1994, p.202.

<sup>619</sup> “most Americans probably preferred Reagan’s version of events because it reaffirmed revered myths and, in turn, the moral structure of our society.” Ibid., 1994, p.200.

turning points came on a small island in the Caribbean where America went to take care of her own and to rescue a neighboring nation from a growing tyranny.”<sup>620</sup>

A intervenção dificilmente poderia ser considerada uma vitória histórica. Mas tão vorazes por vitória os Estados Unidos se encontravam que o país “tratou esse sucesso trivial, em um engajamento em que o pequeno contingente norte-americano de menos de dois mil tinha predominância de 10 a 1, como se fosse a Batalha de Yorktown.”<sup>621</sup> Em outras circunstâncias, tal como Mayaguez, Granada dificilmente seria merecedora de tanta celebração. Porém, respondendo positivamente aos anseios de seu presidente, o público parecia demonstrar o desejo por um retorno definitivo do sentimento de compartilhar uma missão heroica. E, assim, Reagan anunciou com confiança: “What we’re seeing is the end of the post-Vietnam syndrome, the return of realism about the Communist danger.”<sup>622</sup> Para ele, o sucesso no Caribe atestava a capacidade dos Estados Unidos de se reengajarem globalmente como no passado. O país não poderia mais aceitar que a memória do Vietnã o inibisse de cumprir seu destino. Como ele já havia afirmado durante as operações no Líbano: “We cannot pick and choose where we will support freedom; we can only determine how. If it’s lost in one place, all of us lose.”<sup>623</sup>

Nesse sentido, Reagan autorizou o derramamento de sangue não como um meio cruel para um fim necessário como a segurança nacional, mas como uma cura para a doença da imaginação nacional; para erradicar uma memória de uma experiência militar desconcertante. Mas seu reparo das crenças e mitos nacionais era apenas parcial e incompleto. Pois, “ele não conseguiu (não poderia conseguir) apagar completamente as consequências materiais de nossa experiência histórica ou seu registro na memória.”<sup>624</sup> Reagan poderia infundir os símbolos nacionais associados com patriotismo com nova credibilidade, mas ele não poderia apagar a memória de

---

<sup>620</sup> “Durante a última parte da década de 1970, os Estados Unidos passaram por um período de dúvida e confusão nacional. Conversamos e agimos como uma nação em declínio, e o mundo acreditou em nós. Muitos questionaram nossa vontade de continuar como líderes da aliança ocidental e permanecer uma força para o bem no mundo. Mas acredito que esse período de dúvida terminou. A história lembrará que um dos pontos de virada ocorreu em uma pequena ilha no Caribe, onde a América foi cuidar dos seus e resgatar uma nação vizinha de uma crescente tirania.” Remarks at a White House Ceremony Marking the First Anniversary of the Grenada Rescue Mission (1984)

<sup>621</sup> “treated this trivial success, in an engagement where the small American contingent of fewer than two thousand had 10–1 predominance, as though it were the Battle of Yorktown.” LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.613.

<sup>622</sup> “O que estamos vendo é o fim da síndrome pós-Vietnã, o retorno do realismo sobre o perigo comunista.” Remarks at a White House Briefing for Supporters of United States Assistance for the Nicaraguan Democratic Resistance (1986)

<sup>623</sup> “Não podemos escolher onde apoiaremos a liberdade; só podemos determinar como. Se ela está perdido em um só lugar, todos nós perdemos.” Remarks and a Question-and-Answer Session With Regional Editors and Broadcasters on the Situation in Lebanon (1983)

<sup>624</sup> “he did not (could not) wholly succeed in effacing either the material consequences of our historical experience or its registration in memory.” SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.653.

um país inteiro. A própria tentativa de se redimir do Vietnã partia, como vimos, de sua rememoração. No seu ritual de redenção nacional pela violência, Reagan constantemente conjurava o fantasma que ele desejava purgar.

A despeito disso, Reagan demonstrou grande sucesso político no fim de seu segundo mandato. Durante sua presidência, os Estados Unidos foram novamente capazes de superar o sentido de culpa com relação ao seu poder; e, com o reinício da Guerra Fria, seu governo foi exitoso em reinvestir a liderança norte-americana com a crença em seu destino maior e excepcionalidade.<sup>625</sup> Muitos pareciam acreditar que os Estados Unidos haviam, de alguma forma, se redimindo pelas derrotas do passado. Refletindo isso, não apenas Reagan conseguiu eleger um sucessor de seu próprio partido, como esse sucessor não declarou sua presidência o início de um projeto de renovação e redenção. A expansão comunista parecia ter sido controlada e o declínio econômico dos Estados Unidos revertido. Enquanto Carter falava de grandes ideais, mas falhara em mostrar resultados concretos, Reagan “proporcionou aos cidadãos um senso de realização no presente e um senso de promessa para o futuro.”<sup>626</sup> Certamente existiam incoerências e fracassos no projeto de redenção de Reagan: as promessas de que a invasão em Granada era ou seria lembrada como um grande evento histórico, de que a Síndrome do Vietnã seria definitivamente curada e, até mesmo, de que o combate irrestrito ao comunismo seria restabelecido (no segundo mandato de Reagan, o governo nutriu relações amigáveis com os soviéticos<sup>627</sup>) não foram inteiramente cumpridas, ou nem se quer poderiam. Mas seu discurso de reafirmação da liderança dos Estados Unidos de um Mundo Livre ressoou entre um público aparentemente cansado de uma interminável autocrítica nacional.

Os oito anos de Reagan na Casa Branca sugerem que há mais em ser presidente do que promover grandes reformas: Reagan “não contribuiu em nada para a literatura sobre política de estado, ofereceu falsas garantias do tipo vendidas por vendedores de remédios de patentes e ‘com muita frequência’, como observou o eminente cientista político Stephen Skowronek, jorrou ‘truísmos sentimentais’. No entanto, ele também sabia como inspirar a nação.”<sup>628</sup> Quaisquer que fossem as divergências de opinião e análise sobre os dois mandatos de Reagan, existia um

---

<sup>625</sup> PECEQUILO, Cristina. **A política externa dos Estados Unidos**. op. cit., 2003, p.205.

<sup>626</sup> “provided citizens with a sense of accomplishment in the present and a sense of promise for the future.” BOSTDORFF, Denise. **The Presidency and the Rhetoric of Foreign Crisis**. op. cit., 1994, p.194.

<sup>627</sup> FONER, Eric. **Give me Liberty! An American history Volume 2**. op. cit., 2016, p.1067.

<sup>628</sup> “contributed nothing at all to the literature of statecraft, offered false reassurance of the sort peddled by patent medicine salesmen, and ‘too often’ as the eminent political scientist Stephen Skowronek remarked, spouted ‘mawkish truisms’. Yet he also knew how to inspire the nation.” LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.673.



consenso entre jornalistas e acadêmicos de que graças a ele a presidência estava salva.<sup>629</sup> O hiato em que a figura do presidente-herói viveu durante 1974-1980 chegara ao fim. Com Reagan e Bush, a figura do presidente como um herói retomou a centralidade política que ela usufruía no passado.<sup>630</sup> Da mesma forma, a consciência nacional poderia não ter sido libertada da Síndrome do Vietnã, mas um espírito triunfalista de conquistar vitórias no estrangeiro estava de volta. Mais uma vez, um destino manifesto global detinha uma patente adesão popular; permitindo aos sucessores de Reagan legitimarem com maior sucesso uma política externa belicista sob o signo da defesa e expansão da democracia.

### 3.4. Vitória e desilusão de uma nação sem rumo

#### 3.4.1. *Entre o fim da Guerra Fria e o fim da história.*

A política de apaziguamento com a União Soviética reiniciada por Ronald Reagan em seu segundo mandato foi continuada pelo sucessor George H. W. Bush. Particularmente era importante para Bush manter boas relações com o líder soviético Mikhail Gorbachov, cuja credibilidade e poder eram vistos como indispensáveis para a transformação das relações entre os dois países. O presidente não queria encorajar movimentos independentistas nas repúblicas soviéticas, que poderiam impulsionar a linha dura a tomar o poder, ou dividir o grande arsenal nuclear soviético entre nações politicamente frágeis.<sup>631</sup> Mas essa mudança nas relações dos dois países colocava em questão os paradigmas nacionais e o próprio sentido da nação. Afinal, o fim das hostilidades com o bloco comunista não implicaria no fim da Guerra Fria? E esse fim não significaria o encerramento do destino manifesto global dos Estados Unidos? Dar respostas a essas questões foi o maior desafio de George Bush durante sua presidência. Com a disposição soviética de fazer reformas em sua política interna e externa, os Estados Unidos ameaçavam cair em uma crise existencial em torno de qual seria seu lugar e missão no mundo agora que o comunismo não parecia mais representar uma ameaça global à liberdade.

Ao assumir a presidência em 1989, Bush não declarou o começo de um projeto de renêção e renovação como seus antecessores. Longe disso: “America today is a proud, free nation, decent and civil, a place we cannot help but love. We know in our hearts, not loudly and proudly but as a simple fact, that this country has meaning beyond what we see, and that our

---

<sup>629</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.671.

<sup>630</sup> SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. op. cit., 1992, p.497.

<sup>631</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.687.

strength is a force for good.”<sup>632</sup> O presidente recém empossado apresentou-se como uma continuação da bem-sucedida transformação redentora de Reagan. Com efeito, em seu discurso de aceite da nomeação de seu partido como candidato à presidência, uma nova celebração da imagem de um “Século Americano” era visível:

“And this has been called the American Century because, in it, we were the dominant force for good in the world. We saved Europe, cured polio, went to the moon and lit the world with our culture. And now we're on the verge of a new century, and what country's name will it bear? I say it will be another American century.”<sup>633</sup>

Entretanto, enquanto seu antecessor encontrou redenção na reafirmação da ideologia da Guerra Fria, Bush encontrou-se na situação de ter que revisar a política de contenção. Não porque ele era seu crítico como havia sido Carter, mas em razão da aparente vitória norte-americana sobre o comunismo soviético. Já em sua posse, Bush havia feito o que era essencialmente uma proclamação do triunfo da missão nacional:

“For a new breeze is blowing, and a world refreshed by freedom seems reborn. For in man's heart, if not in fact, the day of the dictator is over. The totalitarian era is passing, its old ideas blown away like leaves from an ancient, lifeless tree. A new breeze is blowing, and a nation refreshed by freedom stands ready to push on.”<sup>634</sup>

Vitória na Guerra Fria resultava em um cenário sem rumo claro, pois o sucesso da contenção também implicava em seu esgotamento como paradigma estratégico. Logo, o fim da ameaça comunista era razão tanto para rejubilo pelo presente, quanto para angústia pelo futuro: “a constatação de que a guerra havia sido ganha e de que os Estados Unidos emergiram como a única superpotência restante pouco ou nada diziam a respeito de quais seriam, ou deveriam ser, suas escolhas dentro de um mundo em transformação.”<sup>635</sup> A consequência disso foi Bush procurar, ao contrário do que seu Discurso de Posse poderia indicar, celebrar a vitória da liberdade sobre seus inimigos de uma maneira um tanto cautelosa. Sua administração compreendia que os Estados Unidos não estavam em posição de ditar termos como um país vitorioso em uma guerra

---

<sup>632</sup> “A América hoje é uma nação orgulhosa, livre, decente e civil, um lugar que não podemos deixar de amar. Sabemos em nossos corações, não altiva e orgulhosamente, mas como um simples fato, que este país tem um significado além do que vemos e que nossa força é uma força para o bem.” Inaugural Address (1989)

<sup>633</sup> “O nosso foi chamado o século americano pelo fato de sermos a força do minante para o bem do mundo. Salvamos a Europa, curamos a poliomielite, caminhamos na lua e iluminamos o mundo com nossa cultura. Agora estamos na soleira de um novo século: qual país o nomeará? Digo que será um outro século americano. Nossa obra não terminou, nossa força não se gastou.” Address Accepting the Presidential Nomination at the Republican National Convention in New Orleans (1988)

<sup>634</sup> “Pois uma nova brisa está soprando, e um mundo renovado pela liberdade parece renascer. Pois no coração do homem, se não de fato, o dia do ditador acabou. A era totalitária está passando, com suas velhas ideias sopradas como folhas de uma árvore antiga e sem vida. Uma nova brisa está soprando, e uma nação refrescada pela liberdade está pronta para continuar.” Inaugural Address (1989)

<sup>635</sup> PECEQUILO, Cristina. **A política externa dos Estados Unidos**. op. cit., 2003, p.272.

convencional. A normalização das relações entre os antigos inimigos era delicada e cercada de incertezas demais para ser ameaçada com discursos excessivamente inflamatórios e otimistas.<sup>636</sup>

Mas, frente aos acontecimentos do fim da década de 1980, nem todos demonstraram essa cautela. Para muitos, existia um sentido claro de vitória norte-americana colocado aqui. A União Soviética teria levantado a bandeira branca de rendição, o que simbolizaria um inequívoco triunfo do capitalismo e da experiência política dos Estados Unidos. O mais famoso e celebrado discurso dessa perspectiva foi propagado pelo artigo de Francis Fukuyama intitulado “O Fim da História?” de 1989. Nesse escrito, Fukuyama proclamou que “o triunfo do Ocidente, da ideia ocidental, é evidente, antes de tudo, no esgotamento total de alternativas sistemáticas viáveis ao liberalismo ocidental.” O esgotamento do comunismo soviético como modelo alternativo ao capitalismo e à democracia liberal era prova última de que não existiam alternativas aos ideais ocidentais. Mas não apenas a Guerra Fria estava chegando ao fim; conjuntamente com ela, a própria história:

“O que podemos estar testemunhando não é apenas o fim da Guerra Fria, ou a passagem de um período específico da história do pós-guerra, mas o fim da história como tal: ou seja, o ponto final da evolução ideológica da humanidade e a universalização da democracia liberal ocidental como forma final de governo humano.”<sup>637</sup>

O que não implicava para Fukuyama o fim de acontecimentos históricos, e sim a vitória ideológica do liberalismo sobre seus rivais: “[...] pois a vitória do liberalismo ocorreu principalmente no campo das ideias ou da consciência e ainda é incompleta no mundo real ou material.”<sup>638</sup> Assim, entendida como uma competição ideológica entre modelos alternativos de sociedade e futuro, a história estava chegando a um claro fim. É aqui que vemos a cautela de Bush. Pois, ainda que o presidente afirmasse que “we are approaching the conclusion of an historic postwar struggle between two visions: one of tyranny and conflict and one of democracy and freedom.”<sup>639</sup> Ele também declarava que o pós-Guerra Fria não representava um fim

---

<sup>636</sup> MCEVOY-LEVY, Siobhan. **American Exceptionalism**. op. cit., 2001, p.56.

<sup>637</sup> “the triumph of the West, of the Western *idea*, is evident first of all in the total exhaustion of viable systematic alternatives to Western liberalism.” “What we may be witnessing is not just the end of the Cold War, or the passing of a particular period of postwar history, but the end of history as such: that is, the end point of mankind’s ideological evolution and the universalization of Western liberal democracy as the final form of human government.” Grifo do autor FUKUYAMA, Francis. The End of History? **The National Interest**, n.16, 1989, p.4.

<sup>638</sup> “[...] for the victory of liberalism has occurred primarily in the realm of ideas or consciousness and is as yet incomplete in the real or material world.” FUKUYAMA, Francis. The End of History? **The National Interest**, n.16, 1989, p.4.

<sup>639</sup> “estamos nos aproximando da conclusão de uma luta histórica do pós-guerra entre duas visões: uma de tirania e conflito e outra de democracia e liberdade.” Remarks at the Texas A&M University Commencement Ceremony (1990)

da história: “Our world without the cold war confrontation is a safer world, but it is no Garden of Eden. This is not the end of history. Men and nations still have their propensities for violence and for greed and for deceit.”<sup>640</sup> Nesse sentido, o otimismo da tese do “fim da história” representava uma ameaça à cautela do governo contra visões prematuras do sucesso absoluto da missão nacional. Para a administração, existiam ameaças demais envolvidas no fim da Guerra Fria para esse tipo de otimismo.<sup>641</sup>

A verdade é que a perspectiva do fim da Guerra Fria longe de ter produzido consenso, produziu um mal-estar nos Estados Unidos. Antes mesmo de seu fim certo e definitivo, a Guerra Fria já era lembrada com certa nostalgia, como uma “era da missão simples e da justa causa nas quais todas as outras complexidades poderiam ser subsumidas.”<sup>642</sup> Não apenas entre o público, as políticas de reforma soviética e as transformações políticas no Leste Europeu produziram deslocamento conceitual mesmo entre a elite governamental do país.<sup>643</sup> Sumarizando o sentimento daqueles anos, em um relatório de 1992, o think tank de política externa Carnegie Endowment for International Peace refletiu sobre as peculiaridades do fim da Guerra Fria:

“E, no entanto, a nossa é uma vitória paradoxal. Não houve dia da vitória sobre o comunismo, confetes ou estranhos se beijando na rua. De fato, faz muito tempo desde que a America se sentiu tão inquieta consigo mesma e incerta sobre onde ir a seguir. Enquanto os norte-americanos olham para o exterior, nossa euforia sobre o muro de Berlim em ruínas deu lugar à percepção de quão complexos serão os desafios futuros.”<sup>644</sup>

O fim da Guerra Fria removeu paradigmas fundamentais através dos quais a nação compreendia a si mesma, o sentido de seu propósito e lugar no mundo. E, se as incertezas que resultaram das relações externas não bastassem, o início da década de 1990 também foi marcado por uma recessão econômica. Em sua junção, a recessão e o fim abrupto da Guerra Fria foram centrais para abalar a confiança readquirida pelos Estados Unidos durante os anos Reagan. Se em 1984 apenas dois norte-americanos de dez expressavam pessimismo em relação ao futuro, em 1990, quatro de dez o faziam e apenas dois expressavam otimismo.<sup>645</sup> É, dessa forma, que o cientista

---

<sup>640</sup> “Nosso mundo sem o confronto da Guerra Fria é um mundo mais seguro, mas não é o Jardim do Éden. Este não é o fim da história. Homens e nações ainda têm suas propensões à violência, à ganância e ao engano.” Remarks at the Swearing-In Ceremony for Robert Gates as Director of Central Intelligence (1991)

<sup>641</sup> MCEVOY-LEVY, Siobhan. **American Exceptionalism**. op. cit., 2001, p.55.

<sup>642</sup> “era of the simple mission and the just cause to which all other complexities could be subsumed.” Ibid., 2001, p.46.

<sup>643</sup> Ibid., 2001, p.46

<sup>644</sup> “And yet ours is a paradoxical victory. There has been no Victory-over-Communism day, no confetti, no strangers kissing in the street. Indeed, it has been a long time since America has been so uneasy about itself and so uncertain of where to go next. As Americans look abroad, our euphoria over the crumbling Berlin wall has given way to the realization of how complex the challenges ahead will be.” Apud JOHNSON, Roger. Victory and identity. op. cit., 2008, p.7-8.

<sup>645</sup> Disponível em: <https://nyti.ms/2HrHIUm>

político Samuel P. Huntington afirmava que a tese do “fim da história” promovia uma ilusão de bem-estar. E o conhecido autor conservador William F. Buckley a negava, pois, ao seu ver, ela implicaria aceitar que os Estados Unidos estariam presos em um eterno e monstruoso declínio social e econômico.<sup>646</sup>

Nesse sentido, a tese de Fukuyama ressoava entre aqueles que estavam ansiosos para interpretar o pós-Guerra Fria como o triunfo absoluto do destino manifesto dos Estados Unidos. Mas nem todos detinham essa mesma confiança. A desintegração do bloco socialista na Europa Oriental foi motivo de grande celebração no Ocidente. As imagens da queda do Muro de Berlin correram o mundo, reacendendo o otimismo sobre as possibilidades do futuro entre europeus e norte-americanos. Entretanto, para os Estados Unidos, também existia uma dissonância cognitiva colocada no modo como esses eventos se desenrolaram. Ao contrário da Primeira e da Segunda Guerra Mundial, sua participação nos desenvolvimentos europeus lhes pareceu distante. Como nos coloca Johnson, “o conflito terminou com uma série de ocorrências estranhas e esporádicas nas quais os militares dos EUA não tiveram envolvimento, derrotando nenhum exército e libertando nenhuma cidade.” Para os norte-americanos, os acontecimentos na Europa somente poderiam ser experienciados como eventos estrangeiros, observados à distância pela televisão e pela mídia impressa. Como consequência, “por mais alegres que sejam sua recepção, eles não forneceriam uma estrutura para uma celebração ou resolução da identidade norte-americana.”<sup>647</sup> A derrocada do comunismo não estava sendo conquistada por aqueles cuja a identidade nacional tinha por base um anticomunismo global. A sensação gerada era a de que a história estava sendo feita, mas os norte-americanos não estavam participando nela. Se havia um fim da história, os Estados Unidos não eram parte de seu encerramento.

Reafirmo que não podemos, entretanto, tomar que a administração Bush não procurou extrair um sentido de vitória desses acontecimentos, que ela se deixou cair em uma espiral de pessimismo. Possíveis discordâncias com Fukuyama diziam respeito à interpretação das consequências dos eventos mundiais para os Estados Unidos. Mas, como exemplificado pelos discursos de Bush anteriormente citados, esses eventos eram interpretados como um vitória norte-americana. A melhor forma de lidar com o pessimismo reencontrado dos Estados Unidos passaria, afinal, por uma reafirmação do otimismo nacional. Ao procurar reafirmá-lo, administração Bush apenas demonstrou uma cautela aparentemente ausente em Fukuyama.

---

<sup>646</sup> MCEVOY-LEVY, Siobhan. **American Exceptionalism**. op. cit., 2001, p.42.

<sup>647</sup> “the conflict ended with a series of strange, sporadic occurrences in which US military had no involvement, defeating no armies and liberating no cities.” “however joyous their reception, they would not provide a framework for a celebration or resolution of American identity.” JOHNSON, Roger. *Victory and identity*. op. cit., 2008, p.8.

Nesse sentido, Bush afirmava que os eventos mundiais atestavam o sucesso da política de contenção:

“Wise men – Truman and Eisenhower, Vandenberg and Rayburn, Marshall, Acheson, and Kennan – crafted the strategy of containment. They believed that the Soviet Union, denied the easy course of expansion, would turn inward and address the contradictions of its inefficient, repressive, and inhumane system. And they were right – the Soviet Union is now publicly facing this hard reality. Containment worked. Containment worked because our democratic principles and institutions and values are sound and always have been.”<sup>648</sup>

A ausência de tropas dos Estados Unidos liderando a derrubada do comunismo na Europa não poderia negar a vitória da missão nacional lançada pelos seus “homens sábios”. Mas o presidente também reconhecia a dissonância cognitiva colocada pelos eventos europeus. Para contornar essa dissonância, ele destacou a capacidade transformadora da exemplaridade dos Estados Unidos:

“It’s this American idea that for the past four decades helped inspire this Revolution of ‘89 [sic]. Here at home and in the world, there’s history in the making, history to be made.”<sup>649</sup>

“Early this year, in the State of the Union, I talked about America’s role as a shining example, about the importance of America not as a nation but as an idea alive in the minds of men and women everywhere. And that idea was, without doubt, a guiding force in the Revolution of 1989.”<sup>650</sup>

“But these dramatic changes challenge our Nation as well. Our country has always stood for freedom and democracy. And when the newly elected leaders of Eastern Europe grappled with forming their new governments, they looked to the United States. They looked to American democratic principles in building their own free societies. Even the leaders of the U.S.S.R. Republics are reading The Federalist Papers, written by America’s founders, to find new ideas and inspiration.”<sup>651</sup>

---

<sup>648</sup> “Homens sábios – Truman e Eisenhower, Vandenberg e Rayburn, Marshall, Acheson e Kennan – elaboraram a estratégia de contenção. Eles acreditavam que a União Soviética, negada o curso fácil da expansão, se voltaria para dentro e enfrentaria as contradições de seu sistema ineficiente, repressivo e desumano. E eles estavam certos – a União Soviética agora está enfrentando publicamente essa dura realidade. A contenção funcionou. A contenção funcionou porque nossos princípios, instituições e valores democráticos são sólidos e sempre foram.” Remarks at the Texas A&M University Commencement Ceremony (1990)

<sup>649</sup> “É essa a ideia norte-americana que, nas últimas quatro décadas, ajudou a inspirar essa Revolução de 1989. Aqui em casa e no mundo, há uma história em formação, uma história a ser feita.” Address Before a Joint Session of the Congress on the State of the Union (1990)

<sup>650</sup> “No início deste ano, no Discurso de Estado da União, falei sobre o papel da América como um exemplo brilhante, sobre a importância da América não como nação, mas como uma ideia viva nas mentes de homens e mulheres em todos os lugares. E essa ideia foi, sem dúvida, uma força orientadora na Revolução de 1989.” Remarks at the University of South Carolina Commencement Ceremony in Columbia (1990)

<sup>651</sup> “Mas essas mudanças dramáticas também desafiam nossa nação. Nosso país sempre defendeu a liberdade e a democracia. E quando os líderes recém-eleitos da Europa Oriental lutaram para formar seus novos governos, eles olharam para os Estados Unidos. Eles procuraram os princípios democráticos norte-americanos na construção de suas próprias sociedades livres. Até os líderes das repúblicas da URSS estão lendo The Federalist Papers, escrito pelos fundadores da América, para encontrar novas ideias e inspiração.” Address to the Nation on Reducing United States and Soviet Nuclear Weapons (1991)

Desse modo, Bush apresentou o exemplo dos Estados Unidos como um agente de suma importância para as transformações políticas no Leste Europeu. Agora, rompendo com anos de ênfase em seu destino manifesto como ação direta, os Estados Unidos eram forçados a enfatizar sua missão como exemplaridade.

Certamente o caráter exemplar de sua experiência política nunca foi abandonado na retórica da liderança estadunidense, mas ele havia sido colocado em segundo plano em favor de um destino manifesto militante. Colocando-o em primeiro plano, Bush esperava restabelecer coerência entre as alegações de vitória sobre o comunismo na Europa e o fato de os Estados Unidos não aparentarem ter qualquer responsabilidade pela sua derrubada. Essa narrativa tinha, porém, o revês de ser baseada em apresentar o exemplo dos Estados Unidos, não o país em si mesmo, enquanto um ator na Europa. Portanto, não existiam ações concretas que Bush pudesse apresentar ao público para sustentar suas palavras.

Isto posto, a sensação de que o país estava assistindo à distância o desaparecimento de seu bloco rival gerou margem para interpretações tanto positivas, quanto negativas. Na primeira, para além da exemplaridade, se enfatizava a habilidade do governo Bush em fomentar uma transição pacífica. Ao ter assegurado seus antigos rivais de que ele não aproveitaria do momento para fazer avanços no poder norte-americano na região, impediu-se o surgimento de sentimentos ou ações revanchistas pelos soviéticos. Na segunda, se considerava que os Estados Unidos nada fizeram porque simplesmente não estavam preparados ou, se quer, esperando o fim da Guerra Fria, restando-lhes um papel reativo ao assistir o desenrolar dos eventos europeus. Um papel que era reafirmado pela patente falta de perspectiva estratégica da presidência.<sup>652</sup> A narrativa da exemplaridade poderia auxiliar na sustentação de visões positivas sobre o fim da Guerra Fria, mas ela não era capaz de inibir margem para as visões negativas. Pois, permanecia o fato indiscutível de que não foram soldados norte-americanos que derrubaram o Muro de Berlim.

Essa dupla dimensão de positividade e negatividade cercando o fim da Guerra Fria também é perceptível no fato de Bush ter evitado declarar que ela se quer havia de fato terminado. Enquanto Fukuyama declarava com imenso otimismo o encerramento da disputa bipolar e o triunfo dos ideais nacionais, existia um temor que o termino abrupto da dinâmica Leste-Oeste produziria não triunfo, mas sim a “uma perda de identidade conduzindo à impotência norte-americana ou irrelevância nos assuntos internacionais e desordem internacional e até mesmo

---

<sup>652</sup> PECEQUILO, Cristina. **A política externa dos Estados Unidos**. op. cit., 2003, p.215 e 296.

desordem doméstica.”<sup>653</sup> A ausência de uma grande estratégia global que substituísse a contenção era motivo de profunda ansiedade. Como resultado, Bush evitava fazer uma declaração clara de termino da Guerra Fria,<sup>654</sup> preferindo afirmar que os antigos rivais estavam “movendo para além da contenção”: “America wants the Soviets to join us in moving beyond containment to a new partnership.”<sup>655</sup> Por meio dessa palavra-chave, o presidente acreditava que poderia contornar as incertezas daquele momento. Com efeito, membros da própria administração admitiram que o governo tinha na temática de “ir além da contenção” uma ferramenta retórica para estabilização.<sup>656</sup> Como consequência lógica da escolha dessa temática, Bush tornou a reabilitação da União Soviética o novo mote da missão nacional: “In sum, the United States now has as its goal much more than simply containing Soviet expansionism. We seek the integration of the Soviet Union into the community of nations.”<sup>657</sup> Tornando a expansão pacífica da liberdade em seu antigo rival o novo destino manifesto dos Estados Unidos, o presidente era capaz de dar ares de familiaridade ao que era um processo disruptivo. Por conseguinte, o otimismo desmedido de Fukuyama poderia instigar mais incertezas, enquanto o otimismo cauteloso de Bush poderia paradoxalmente mitigá-las.

#### 3.4.2. *Após a tempestade, o arco-íris: a Guerra Fria como Guerra Civil*

Para tornar o pós-Guerra Fria ainda mais familiar, Bush também usou referências à Guerra Civil dos Estados Unidos. Na Cimeira de Malta (1989), poucas semanas após a queda do Muro de Berlim, Bush enquadrou o encontro com sua contraparte soviética como uma repetição da reconciliação entre a União e a Confederação:

“There’s a painting in the White House, upstairs in the little office I have there. It portrays the decency and humanity of one of our greatest leaders. I’ve often said that Abraham Lincoln is one of my favorite Presidents, and I suppose virtually every American feels that way. This painting shows why. It pictures Lincoln with two generals and an admiral meeting on a boat near the end of a war that pitted brother against brother. Outside, in this picture, the battle rages. And yet what we see in the distance is a rainbow symbol of hope, of the passing of the storm. The painting’s name? ‘The Peacemakers.’”

For me, and I think for Barbara, too, this painting is a constant reassurance that the cause of peace will triumph and that ours can be a future free of both tyranny and fear. Our fellow democracies share our hope for such a future.

---

<sup>653</sup> “a loss of identity leading to American impotence or irrelevance in international affairs and international, even domestic, disorder.” MCEVOY-LEVY, Siobhan. **American Exceptionalism**. op. cit., 2001, p.67-68.

<sup>654</sup> O presidente manteve essa posição até após a vitória na Guerra do Golfo (1990-1991) 49

<sup>655</sup> “Os Estados Unidos querem que os soviéticos se juntem a nós, indo além da contenção para uma nova parceria.” Thanksgiving Address to the Nation (1989)

<sup>656</sup> MCEVOY-LEVY, Siobhan. **American Exceptionalism**. op. cit., 2001, p.65.

<sup>657</sup> “Em suma, os Estados Unidos agora têm como objetivo muito mais do que simplesmente conter o expansionismo soviético. Buscamos a integração da União Soviética na comunidade das nações.” Remarks at the Texas A&M University Commencement Ceremony (1989)



We want the Soviet Union opposed – we’ve been adversaries; now we want the Soviet Union to join us in building that kind of future. And that’s why I’m meeting, starting tomorrow, with Chairman Gorbachev. For the times are on the side of peace. And there are important reasons why that’s true.”<sup>658</sup>

Em uma demonstração de grande habilidade de marketing político, a equipe de Bush incorporou o cenário de Malta em uma narrativa que metaforicamente conectava a Guerra Fria à Guerra Civil. Tal qual o cenário representado no quadro “The Peacemakers”, Malta era um encontro de líderes em busca de paz a bordo de uma embarcação castigada por uma tempestade. Através dessa conexão metafórica, o conflito entre as duas superpotências era mostrado “como uma luta de irmãos em guerra que está sendo resolvida por Bush e Gorbachev como visionários e pacificadores.”<sup>659</sup> Ao se apresentar como um Lincoln contemporâneo, Bush esperava mobilizar apoio popular à sua liderança e afirmar a possibilidade de reconciliação com os soviéticos. Mas, ao mesmo tempo em que a metáfora afirmava a disposição pelo fim do conflito, ela também estabelecia uma diferenciação moral entre os dois lados. Comparado a Lincoln, Bush não era apenas um modelo de liderança, como também era o líder da causa nobre e vencedora.<sup>660</sup> Nesse sentido, “com o fim à vista, os líderes norte-americanos evitaram reivindicações claras de vitória, mas, ao enquadrar a conversa sobre paz e reconciliação em termos de valores e mitos norte-americanos, implicaram um triunfo da identidade estadunidense.”<sup>661</sup> Portanto, descrita como uma missão nacional e uma reencenação da paz pós-Guerra Civil, a reabilitação da União Soviética poderia aparecer como um processo familiar ao público dos Estados Unidos e reafirmar algumas das certezas de sua identidade.

Contudo, mesmo que pudesse ser bem-sucedido em criar familiaridade entre os norte-americanos, Bush ainda enfrentava o desafio de manter uma crença central dessa identidade: a

---

<sup>658</sup> “Há uma pintura na Casa Branca, no andar de cima do pequeno escritório que tenho lá. Retrata a decência e a humanidade de um dos nossos maiores líderes. Costumo dizer que Abraham Lincoln é um dos meus presidentes favoritos e suponho que praticamente todos os norte-americanos se sintam assim. Essa pintura mostra o porquê. Retrata Lincoln com dois generais e um almirante em reunião em um barco perto do final de uma guerra que colocou irmão contra o irmão. Lá fora, nesta foto, a batalha continua. E, no entanto, o que vemos à distância é símbolo do arco-íris da esperança, da passagem da tempestade. O nome da pintura? ‘Os Pacificadores’.” “Para mim, e também para Barbara, essa pintura é uma garantia constante de que a causa da paz triunfará e que nosso pode ser um futuro livre de tirania e medo. Nossas democracias companheiras compartilham nossa esperança por esse futuro. Queremos que a União Soviética se oponha – fomos adversários; agora queremos que a União Soviética se junte a nós na construção desse tipo de futuro. E é por isso que vou me reunir, a partir de amanhã, com o presidente Gorbachev. Pois os tempos estão do lado da paz. E há razões importantes pelas quais isso é verdade.” Remarks to the Crew and Guests on the U.S.S. Forrestal in Malta (1989)

<sup>659</sup> “as a struggle of warring brothers now being resolved by Bush and Gorbachev as the visionaries and peacemakers.” MCEVOY-LEVY, Siobhan. **American Exceptionalism**. op. cit., 2001, p.57.

<sup>660</sup> Ibid., 2001, p.58-59.

<sup>661</sup> “with the end in sight, American leaders avoided overt claims of victory, but by framing talk of peace and reconciliation in terms of American values and American myths, they implied a triumph of American identity.” JOHNSON, Roger. Victory and identity. op. cit., 2008, p.9.

convicção de que os Estados Unidos detinham um destino manifesto de escopo global. No entendimento do presidente, a paz dificultava a legitimidade da manutenção de um papel internacional pelos Estados Unidos. Por isso, na condução da transição pós-Guerra Fria, Bush tornou a preservação do consenso doméstico por uma política externa internacionalista um de seus objetivos primários.<sup>662</sup> Mas a oportunidade para reafirmar o consenso interno no internacionalismo surgiu não do apaziguamento com os soviéticos, mas da conversão de um antigo e importante aliado norte-americano em um terrível e mortal inimigo.

### *3.4.3. A Segunda Guerra Mundial e o Vietnã reencenados: pela reafirmação de um destino manifesto global*

Baseando-se em reivindicações territoriais, o líder iraquiano Saddam Hussein orquestrou a invasão do Kuwait em agosto de 1990. A comunidade internacional reagiu em ampla condenação, exigindo o fim da invasão. Na impossibilidade de uma resolução negociada do conflito, uma coalização sob liderança dos Estados Unidos foi formada, dando início a Operação Tempestade do Deserto, cujo propósito era restaurar o Kuwait como um governo soberano.<sup>663</sup> Razões geopolíticas embasavam a reação dos norte-americanos e de seus aliados. Os Estados Unidos temiam que o Iraque avançasse sobre a Arábia Saudita, ou mais precisamente, sobre as suas reservas de petróleo. Nessas circunstâncias, o governo iraquiano poderia adquirir controle sobre o preço dessa importante commodity, uma vez que as reservas naqueles três países (Iraque, Kuwait e Arábia Saudita) representavam cerca de 60% das existentes em todo o mundo.<sup>664</sup> Os Estados Unidos também temiam que novas agressões em outras regiões seriam encorajadas caso a invasão não fosse respondida.<sup>665</sup> De todo modo, na retórica e na justificativa da coalização, a defesa da democracia e da paz prevaleceram.<sup>666</sup> As razões geopolíticas deram lugar a uma narrativa tradicional de um conflito pelo futuro da liberdade. Os Estados Unidos não poderiam se não sair em socorro de povos sob perigo de subjugação tirânica. Assim, pela primeira vez em muitos anos, os norte-americanos se depararam com um inimigo que não era comunista, mas que, ainda assim, seguia sendo tirânico.

Por anos o Iraque de Hussein figurou como um dos mais importantes aliados norte-americanos no Oriente Médio, a despeito da natureza ditatorial do país. Mas, ameaçando a estabilidade no Oriente Médio, ele agora representava o primeiro teste dos Estados Unidos em

---

<sup>662</sup> MCEVOY-LEVY, Siobhan. **American Exceptionalism**. op. cit., 2001, p.60.

<sup>663</sup> PECEQUILO, Cristina. **A política externa dos Estados Unidos**. op. cit., 2003, p.301-302.

<sup>664</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz. **Formação do império americano**. op. cit., p.471.

<sup>665</sup> MCEVOY-LEVY, Siobhan. **American Exceptionalism**. op. cit., 2001, p.72.

<sup>666</sup> PECEQUILO, Cristina. **A política externa dos Estados Unidos**. op. cit., 2003, p.302.

sua missão de construir uma ordem pós-Guerra Fria. Nas palavras de Bush: “The test we face is great, and so are the stakes. This is the first assault on the new world that we seek, the first test of our mettle.”<sup>667</sup> E, tal como a memória da Guerra Civil era mobilizada pelo presidente no caso soviético, a experiência da Segunda Guerra Mundial também era invocada para dar familiaridade ao desafio representado pelo Iraque:

“We succeeded in the struggle for freedom in Europe because we and our allies remain stalwart. Keeping the peace in the Middle East will require no less. We’re beginning a new era. This new era can be full of promise, an age of freedom, a time of peace for all peoples. But if history teaches us anything, it is that we must resist aggression or it will destroy our freedoms. Appeasement does not work. As was the case in the 1930’s, we see in Saddam Hussein an aggressive dictator threatening his neighbors.”<sup>668</sup>

Como Truman e Johnson antes dele, Bush usava a Segunda Guerra Mundial para justificar o uso de força militar, e não a diplomacia, contra países inclinados à conquista de seus vizinhos. Da mesma forma, o presidente investia o uso de poder militar contra o Iraque com a aura de uma missão nacional, que, em uma nova forma, daria continuidade à histórica e contínua luta dos Estados Unidos pela liberdade. Desse modo, a retórica presidencial tinha por desígnio produzir “uma ‘mobilização’ mais duradoura do público estadunidense em favor de um papel renovado de liderança global e por uma renovação da confiança, senso de propósito e bem-estar material da nação.”<sup>669</sup> Reencenando a Segunda Guerra Mundial, a moralidade e o sentido de missão nela contidos, a Guerra do Golfo proporcionou um exemplo do porquê era necessário que os Estados Unidos mantivessem uma atuação global, apesar do fim do conflito bipolar.

Como Bush havia dito ao Congresso: “recent events have surely proven that there is no substitute for American leadership. In the face of tyranny, let no one doubt American credibility and reliability.”<sup>670</sup> Para ele, era imprescindível assegurar a ligação entre a identidade nacional norte-americana e um papel ativo e militante no mundo: “As Americans, we feel that we have

---

<sup>667</sup> “O teste que enfrentamos é grande, assim como as apostas. Este é o primeiro ataque ao novo mundo que buscamos, o primeiro teste de nossa coragem.” Address Before a Joint Session of the Congress (1990)

<sup>668</sup> “Fomos bem-sucedidos na luta pela liberdade na Europa porque nós e nossos aliados permanecemos firmes. Manter a paz no Oriente Médio exigirá nada menos. Estamos começando uma nova era. Esta nova era pode ser cheia de promessas, uma era de liberdade, um tempo de paz para todos os povos. Mas se a história nos ensina alguma coisa, é que devemos resistir à agressão ou isso destruirá nossas liberdades. Apaziguamento não funciona. Como foi o caso nos anos 30, vemos em Saddam Hussein um ditador agressivo que ameaça seus vizinhos.” Address to the Nation Announcing the Deployment of United States Armed Forces to Saudi Arabia (1990)

<sup>669</sup> “a more enduring ‘rallying’ of the American public behind a renewed global leadership role and behind a renewal of the nation’s confidence, sense of purpose, and material wellbeing.” MCEVOY-LEVY, Siobhan. **American Exceptionalism**. op. cit., 2001, p.77.

<sup>670</sup> “eventos recentes certamente provaram que não há substituto para a liderança norte-americana. Diante da tirania, que ninguém duvida da credibilidade e confiabilidade norte-americanas.” Address Before a Joint Session of the Congress (1990)

a destiny to lead, to show the way by ideals, not just to ourselves but to the entire world.”<sup>671</sup> Para tanto, era fundamental garantir apoio popular a ações militares no estrangeiro. O conflito entre o Kuwait e o Iraque era uma oportunidade para reafirmar esse apoio. Dado que Reagan já havia legado um ambiente mais amigável ao uso de força militar, Bush poderia esperar maior concordância nacional para uma guerra que poderia facilmente ser considerada um novo Vietnã em formação. Com efeito, muitos temiam que o Oriente Médio se mostraria uma armadilha ainda mais mortal que o Sudeste Asiático, afinal o Iraque detinha o quarto maior exército do mundo. Assim, em uma conferência com jornalistas Bush assegurou: “In our country, I know that there are fears about another Vietnam. Let me assure you, should military action be required, this will not be another Vietnam. This will not be a protracted, drawn-out war.”<sup>672</sup> A necessidade de Bush em responder esses medos contradiz claramente as alegações de Reagan de que a Síndrome do Vietnã estava superada.

Todavia, ainda que vozes de oposição tivessem ressoado em alguns recantos dos Estados Unidos, o Congresso concedeu o aval para a operação. Embora acreditasse deter a prerrogativa constitucional de ordenar tropas à ação sem o consentimento dos congressistas, o presidente fez questão de conquistar o apoio de ambos republicanos e democratas, por reconhecer a legitimidade que ele traria à alegação de que a operação representava o conjunto da vontade nacional.<sup>673</sup> Assim, fazendo um grande investimento emocional na Guerra do Golfo e na expectativa de vitória, Bush acreditava que os Estados Unidos poderiam reencontrar confiança em seu papel de liderança messiânica.

Empregando armamento de alta tecnologia, como mísseis de cruzeiros que atingiam com precisão alvos iraquianos a centenas de quilômetros de distância, os Estados Unidos foram capazes de prevalecer rapidamente, evitando uma guerra prolongada e um alto número de baixas.<sup>674</sup> O rápido sucesso foi alardeado como o início de uma nova era de parceria e cooperação internacional,<sup>675</sup> de modo que, quando Bush relatou ao Congresso os resultados do conflito, nem mesmo sussurros de criticismo podiam ser ouvidos. Com confiança, o presidente afirmou aos congressistas:

---

<sup>671</sup> “Como norte-americanos, sentimos que temos um destino para liderar, para mostrar o caminho por ideais, não apenas para nós mesmos, mas para o mundo inteiro.” Remarks to Representatives of Public Administration Groups on Public Service (1991)

<sup>672</sup> “Em nosso país, eu sei que há receios sobre outro Vietnã. Permitam-me assegurar-lhes que, se for necessária uma ação militar, esta não será outro Vietnã. Não será uma guerra demorada e prolongada.” The President’s News Conference (1990)

<sup>673</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.694.

<sup>674</sup> FONER, Eric. **Give me Liberty! An American history Volume 2**. op. cit., 2016, p.1074.

<sup>675</sup> PECEQUILO, Cristina. **A política externa dos Estados Unidos**. op. cit., 2003, p.302.

“We went halfway around the world to do what is moral and just and right. We fought hard and, with others, we won the war. We lifted the yoke of aggression and tyranny from a small country that many Americans had never even heard of, and we ask nothing in return. We’re coming home now – proud, confident, heads high. There is much that we must do, at home and abroad. And we will do it. We are Americans.”<sup>676</sup>

A vitória era clara e inegável; não apenas isso, ela fora conquistada sem qualquer mancha à estatura moral dos Estados Unidos. As simpatias à sua liderança global doméstica e internacionalmente nunca foram tão grandes.<sup>677</sup> Essa também era, ao contrário de Mayaguez e de Granada, uma vitória significativa que fora conquistada pela mobilização de uma grande coalização sob liderança norte-americana e contra um dos maiores exércitos do mundo. Diante disso, o povo estadunidense parecia ter maiores razões para descrever essa como uma guerra memorável e moralmente justa. Na euforia resultante, pesquisas de opinião mostravam George Bush com a maior porcentagem de aprovação (91% do público) já registrada de um presidente norte-americano.<sup>678</sup>

Mas, com o sucesso militar da guerra, a administração não esperava apenas reviver a credibilidade e o consenso doméstico por um destino manifesto global, ela também pretendia reafirmar a liderança de Bush como presidente e promover uma renovação doméstica contra o marasmo nacional. Segundo a administração, vitória no Golfo negaria quaisquer sugestões de que os Estados Unidos estavam em declínio.<sup>679</sup> Desse modo, Bush fez uma interligação entre os acontecimentos no estrangeiro e os desafios domésticos:

“The troops of Desert Storm not only rescued a nation abroad, they transformed a Nation at home. Now let’s use our strength and our credibility to take on challenges here at home.”<sup>680</sup>

“Like the veterans of World War II, Desert Storm veterans went proudly, willingly, on a mission of high principle and noble purpose: to defeat aggression and defend freedom. In a faraway land they battled the enemy in the field and the inner enemy of fear. Through their sacrifice, they put an end to brutal aggression. They freed a captive nation and set America free by renewing our faith in ourselves.”<sup>681</sup>

---

<sup>676</sup> “Percorremos a metade do mundo para fazer o que é moral, justo e correto. Lutamos muito e, com outros, vencemos a guerra. Nós levantamos o jugo de agressão e tirania de um pequeno país que muitos norte-americanos nunca ouviram falar, e não pedimos nada em troca. Estamos voltando para casa agora – orgulhosos, confiantes, de cabeça erguida. Há muito que devemos fazer, em casa e no exterior. E nós faremos isso. Nós somos norte-americanos.” Address Before a Joint Session of the Congress on the Cessation of the Persian Gulf Conflict (1991)

<sup>677</sup> MCEVOY-LEVY, Siobhan. **American Exceptionalism**. op. cit., 2001, p.71-72.

<sup>678</sup> LEUCHTENBURG, William. **The American President**. op. cit., 2001, p.697.

<sup>679</sup> MCEVOY-LEVY, Siobhan. **American Exceptionalism**. op. cit., 2001, p.84-85.

<sup>680</sup> “As tropas da Tempestade no Deserto não apenas resgataram uma nação no exterior, mas também transformaram uma nação em casa. Agora vamos usar nossa força e nossa credibilidade para enfrentar desafios aqui em casa.” Remarks at an Independence Day Celebration in Grand Rapids (1991)

<sup>681</sup> “Como os veteranos da Segunda Guerra Mundial, os veteranos da Tempestade no Deserto foram orgulhosamente de boa vontade em uma missão de princípio altivo e propósito nobre: derrotar a agressão e defender a

O sucesso da missão nacional renovaria a confiança dos Estados Unidos, tornando-se símbolo de sua capacidade de prevalecer sobre seus desafios. Além disso, e novamente desmentindo as alegações de Reagan, Bush apresentou o Golfo como oportunidade para purgar definitivamente o fantasma do Vietnã:

“Americans today are confident of our country, confident of our future, and most of all, confident about you. We promised you’d be given the means to fight. We promised not to look over your shoulder. We promised this would not be another Vietnam. And we kept that promise. The specter of Vietnam has been buried forever in the desert sands of the Arabian Peninsula. Today, the promise of spring is almost upon us, the promise of regrowth and renewal: renewed life in Kuwait, renewed prospects for real peace throughout the Middle East, and a renewed sense of pride and confidence here at home.”<sup>682</sup>

Reconhecendo a contínua existência do “espectro do Vietnã”, a administração desejava se certificar de que a Guerra do Golfo não seria uma repetição daquela guerra infame. Em vista disso, “os militares não gastaram menos tempo planejando controlar a tela do que gastaram planejando o campo de batalha, e a neutralização de uma mídia potencialmente opositora se tornou um objetivo de guerra.”<sup>683</sup> O controle e censura governamental sobre o influxo de informações eram tão grandes que um repórter do New York Times acusou os militares de terem transformado ele e seus colegas em funcionários não pagos do Departamento de Defesa.<sup>684</sup><sup>685</sup> Grande importância também recaía na duração e custo humano do conflito; uma vitória rápida e com poucas baixas (do lado norte-americano, é claro) era considerada imprescindível para agarrar apoio popular.<sup>686</sup> Com essas precauções, o objetivo estratégico era claro: “para retratar a Guerra do Golfo, em comparação com o Vietnã, como ‘a Guerra Perfeita’.”<sup>687</sup>

---

liberdade. Em uma terra distante, eles lutaram contra o inimigo no campo e o inimigo interior do medo. Através do sacrifício, eles acabaram com a agressão brutal. Eles libertaram uma nação cativa e libertaram a América renovando nossa fé em nós mesmos.” Address to the Nation Commemorating Veterans Day (1991)

<sup>682</sup> “Hoje, os norte-americanos estão confiantes em nosso país, confiantes em nosso futuro e, acima de tudo, confiantes em vocês. Prometemos que vocês teriam os meios para lutar. Prometemos não olhar por cima do seu ombro. Prometemos que isso não seria outro Vietnã. E mantivemos essa promessa. O espectro do Vietnã foi enterrado para sempre nas areias do deserto da Península Arábica. Hoje, a promessa da primavera está quase chegando, a promessa de crescimento e renovação: vida renovada no Kuwait, perspectivas renovadas de paz real em todo o Oriente Médio e um renovado sentimento de orgulho e confiança aqui em casa.” Radio Address to United States Armed Forces Stationed in the Persian Gulf Region (1991)

<sup>683</sup> “the military spent no less time planning to control the screen than the battlefield, and the neutralization of a potentially oppositional media became a war goal.” ENGELHARDT, Tom. **The End of Victory Culture**. op. cit., 1995, p.290.

<sup>684</sup> Ibid., 1995, p.291

<sup>685</sup> Apesar de alguns jornalistas terem demonstrado inquietação com essa situação, as grandes emissoras de televisão dos Estados Unidos não ofereceram nenhum protesto significativo aos mecanismos de censura e controle de informação da administração Bush. ENGELHARDT, Tom. **The End of Victory Culture**. op. cit., 1995, p.295.

<sup>686</sup> Ibid., 1995, p.292-294.

<sup>687</sup> “to portray the Gulf War, in comparison to Vietnam, as ‘the Perfect War’.” MCEVOY-LEVY, Siobhan. **American Exceptionalism**. op. cit., 2001, p.81.

Tendo conquistado sua “guerra perfeita”, Bush pôde declarar que a Guerra do Golfo havia regenerado o espírito e o caráter nacional pela expiação da memória da derrota no Vietnã: “And we prayed those kids would come back. And back they came, with their heads high. And they lifted our country up and brought it together and erased the agony of Vietnam and made everybody proud, proud again to be Americans.”<sup>688</sup> O Golfo era, de fato, uma vindicação moral perfeita para a identidade nacional dos Estados Unidos. Travada para libertar um povo contra um ditador que desejava submeter seus vizinhos ao sul, rapidamente vencida e com poucas baixas, a guerra contra o Iraque era praticamente um reencenação do Vietnã, mas seguindo com precisão o enredo previsto pelo script norte-americano.

Entretanto, todo esse otimismo da administração Bush merecia a mesma cautela que ela mostrara ao lidar com o fim da Guerra Fria. Pois, passada a euforia da vitória, a melancolia nacional resistia intacta. Ainda que a Guerra do Golfo tivesse causado um reflorescimento do nacionalismo nos Estados Unidos, ela falhou em ser a renovação de longo prazo que Bush prometera. Escrevendo em 1992, o analista de política externa Strobe Talbott afirmou:

“[...] com o passar de vários meses, a vitória no golfo não parecia mais total; nem ficou claro exatamente quais princípios norteadores para a futura política norte-americana o evento havia definido. Dizia-se até que, longe de servir como um precedente para o tipo de missão que os Estados Unidos poderiam liderar no futuro, o envio de 500.000 soldados norte-americanos para ajudar a resgatar o Kuwait do Iraque marcou o fim – não o começo – de uma época.”<sup>689</sup>

Uma mal-estar pós-vitória era inevitável quando o sucesso militar poderia ser contrastado com as realidades domésticas dos Estados Unidos. Assim, “a euforia do pós-guerra diminuiu rapidamente à medida que o interesse do público se voltava para questões econômicas.”<sup>690</sup> Nesse cenário de mal-estar, as eleições de 1992 foram centralizadas nos problemas internos, não nos sucessos externos. As ações concretas que eram necessárias para derrotar o marasmo nacional deveriam ter sido centralizadas no campo doméstico, não no campo das relações internacionais.

---

<sup>688</sup> “E rezamos para que aqueles rapazes voltassem. E voltaram, de cabeça erguida. E eles ergueram o nosso país, juntaram-no, apagaram a agonia do Vietnã e deixaram todos orgulhosos, orgulhosos novamente por serem norte-americanos.” Remarks at a Rally in Baton Rouge, (1992)

<sup>689</sup> “[...] with the passage of several months, the victory in the gulf no longer seemed total; nor was it clear exactly what guiding principles for future American policy the event had defined. It was even being said that, far from serving as a precedent for the kind of mission the United States could be expected to lead in the future, the dispatch of 500,000 American soldiers to help rescue Kuwait from Iraq marked the end – not the beginning – of an era.” MCEVOY-LEVY, Siobhan. **American Exceptionalism**. op. cit., 2001, p.55-56.

<sup>690</sup> “post-war euphoria deflated quickly as the public’s interest shifted towards economic issues.” Ibid., 2001, p.93.

Vitória no Golfo pouco poderia fazer se os problemas econômicos dos Estados Unidos perduravam.<sup>691</sup> O que permitiu o democrata William “Bill” Clinton montar uma campanha vitoriosa focada em apresentar Bush como um presidente inadequado para lidar com o delicado estado dos assuntos internos do país.<sup>692</sup>

A promessa de que o sucesso no Golfo purgaria o fantasma do Vietnã se mostrou igualmente vazia. Após a expulsão das forças iraquianas do Kuwait, membros da administração urgiram Bush a avançar sobre o Iraque. Um pedido que o presidente recusou (uma decisão que nunca conformou a ala mais belicista do governo, os chamados neoconservadores), por ele não desejar extrapolar o mandato que as Nações Unidas concederam aos Estados Unidos e perceber que ele não contaria com o apoio dos demais países da coalizção para essa operação.<sup>693</sup> Mas, além disso, segundo Robert Gates (diretor da CIA) e o General Norman Schwarzkopf, principal comandante militar da coalizção, foi o medo de que os Estados Unidos ficariam mais uma vez presos em uma guerra no Terceiro Mundo que informou a decisão de não expandir a guerra para o Iraque.<sup>694</sup> Desse modo, como nos diz Leuchtenburg, apesar de todas as afirmações de Bush sobre a Síndrome do Vietnã, “os Estados Unidos continuaram pensando duas vezes, depois duas vezes novamente, antes de embarcar em empreendimentos no exterior.”<sup>695</sup>

Ambos Reagan e Bush desejavam reconstruir a disposição popular por uma missão imperial no estrangeiro. Mas, para tanto, ambos eram forçados a endereçar a memória do Vietnã e a isentar o imperialismo norte-americano de qualquer culpabilidade pelos seus resultados. Seguindo seu antecessor, Bush propagou a visão de que o Vietnã foi perdido pela restrição do governo ao poder de suas próprias Forças Armadas:

“I’ve told the American people before that this will not be another Vietnam, and I repeat this here tonight. Our troops will have the best possible support in the entire world, and they will not be asked to fight with one hand tied behind their back.”<sup>696</sup>

---

<sup>691</sup> Para McEvoy-Levy (2001, p.84), a tentativa da administração de capitalizar apoio através da Guerra do Golfo também pode ter sido dificultada pela própria natureza impessoal da guerra. O objetivo de produzir uma “guerra perfeita” em si mesmo produzia uma contradição, pois o uso da alta tecnologia militar inibia que ela fosse experienciada como um esforço comunal, como uma conquista coletiva, algo que, no passado, fora fundamental para a conquista de apoio popular. Um paradoxo se formava, assim, entre a despersonalização da guerra e as aclamações de patriotismo da administração.

<sup>692</sup> FONER, Eric. **Give me Liberty! An American history Volume 2.** op. cit., 2016, p.1074-1076.

<sup>693</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz. **Formação do império americano.** op. cit., p.475.

<sup>694</sup> MCEVOY-LEVY, Siobhan. **American Exceptionalism.** op. cit., 2001, p.91.

<sup>695</sup> “the United States continued to think twice, then twice again, before embarking on overseas ventures.” LEUCHTENBURG, William. **The American President.** op. cit., 2001, p.698.

<sup>696</sup> “Eu já disse ao povo norte-americano que esse não será outro Vietnã, e repito isso aqui hoje à noite. Nossas tropas terão o melhor apoio possível em todo o mundo e não serão convidadas a lutar com uma mão amarrada nas costas.” Address to the Nation Announcing Allied Military Action in the Persian Gulf (1991)



Como demonstrado pelo trecho acima, ao seu ver, era uma política de intervenção decidida, não o fim do intervencionismo, que impediria o surgimento de um novo Vietnã. E, assim, a cada novo sucesso militar, Reagan e Bush acreditavam com mais afinco que essa lembrança desconcertante havia sido superada. Mas, estranhamente, de alguma forma, o fantasma do Vietnã se reafirmava. A razão é clara: uma vez parte da experiência dos Estados Unidos, o Vietnã se torna parte da expectativa que se forma em volta de novos engajamentos militares; ele sempre está ali como um de seus muitos desfechos possíveis. Há uma dificuldade marcante na tentativa de curar a Síndrome do Vietnã através de uma nova intervenção militar, que, em si mesma, ameaça reacender as lembranças daquela guerra.

Em visto do que foi discorrido, era claro que Bush estava sofrendo um problema de credibilidade. Entre a população, ele era considerado um “presidente da política externa”, demasiadamente dedicado aos problemas do mundo e pouco aos problemas domésticos. E, mesmo em questões externas, muitos consideravam que ele fazia concessões demais a aliados asiáticos e europeus, abrindo mão de recursos necessários à prosperidade dos Estados Unidos.<sup>697</sup> Com o fim da Guerra Fria, vozes se levantaram para afirmar que era o momento de deixar a Europa e o Japão em cuidado de sua própria defesa, aliviando um grande fardo norte-americano. Não apenas isso, os Estados Unidos deveriam, até mesmo, adotar uma política de protecionismo.<sup>698</sup> Com o slogan “América em primeiro lugar”, isolacionistas retomaram preocupações tradicionais sobre uma superextensão da participação norte-americana no sistema internacional, destacando suas consequências debilitantes aos seus princípios democráticos e o desvio de recursos domésticos para prioridades externas.<sup>699</sup> O fato de Ross Perot, um proponente dessa posição, ter surgido como terceiro candidato nas eleições de 1992 – tendo ficado em certos momentos à frente nas pesquisas – demonstra que essa visão ecoava em parcelas da população naquele contexto. O apoio à sua candidatura decaiu ao longo da eleição, mas o número considerável de votos que ela recebeu (19%) revelou uma insatisfação popular com os dois grandes partidos.<sup>700</sup>

Em ambas as dimensões interna e externa existia, portanto, um sentimento de deslocamento, de incertezas pelo que viria e pelo que deveria ser feito. Em dezembro de 1991, a União Soviética começou a se desintegrar definitivamente com a renúncia de Gorbachev. Não havia mais como camuflar a realidade patente de que a Guerra Fria estava encerrada. Como já vimos, a ideia de vitória na Guerra Fria era desestabilizadora:

---

<sup>697</sup> PECEQUILO, Cristina. **A política externa dos Estados Unidos**. op. cit., 2003, p.305.

<sup>698</sup> MCDOUGALL, Walter. **Promised Land, Crusader State**. op. cit., 1997, p.201.

<sup>699</sup> PECEQUILO, Cristina. **A política externa dos Estados Unidos**. op. cit., 2003, p.262.

<sup>700</sup> FONER, Eric. **Give me Liberty! An American history Volume 2**. op. cit., 2016, p.1076.

“A extensão do conflito, a amplitude de seu escopo e, em geral, sua falta de solução militar, ou mesmo falta de engajamento contra a União Soviética, não permitem que ele seja representado do mesmo modo que outras guerras norte-americanas, nem sua vitória – tal como é – como outras vitórias norte-americanas.”<sup>701</sup>

Nesse sentido, o uso retórico de ambas Guerra Civil e a Segunda Guerra Mundial pela administração Bush pode “até certo ponto, ser entendida como agindo como vitórias substitutas, através das quais os norte-americanos poderiam experimentar uma renovada cultura de vitória e reimaginar a incoerência e a incerteza da vitória da Guerra Fria e suas consequências.”<sup>702</sup> O mesmo pode ser dito do Mito do Destino Manifesto, que permeou todo o discurso presidencial de Bush. Antes mobilizado para legitimar uma política de contenção ao comunismo, agora ele era trazido para explicar e significar um mundo em transformação. Especialmente para explicar a necessidade de os Estados Unidos reterem um papel de liderança mundial na ausência do perigo comunista.

A administração Bush reconhecia o dilema imposto pela ausência de uma grande ameaça externa à segurança e aos valores nacionais. A inexistência da dinâmica Leste-Oeste tornou mais difícil manter apoio popular para uma política externa ativa e para grandes gastos militares. Mas, como demonstrado pela Guerra do Golfo, “grandeza nacional e a responsabilidade global podem mobilizar um potente consenso público em apoio a intervenções em larga escala, sem que o anticomunismo desempenhasse algum papel.”<sup>703</sup> O sucesso da guerra pode não ter legitimado a continuação da presidência de Bush, mas ela legitimou a continuação de uma militante política externa interventora como política de Estado. Foi justamente durante a guerra contra o Iraque que o tom do futuro discurso sobre o papel internacional dos Estados Unidos foi traçado.<sup>704</sup> A partir de então, os Estados Unidos teriam que praticar e justificar um destino manifesto global que não é mais calcado no enfrentamento de um único grande sistema inimigo, mas na necessidade de preservar a ordem global estabelecida.

Após quase cinquenta anos de Guerra Fria, contra os anseios dos isolacionistas, uma missão nacional como responsabilidade global formou raízes profundas na identidade norte-americana. A maioria da população estadunidense permanece acreditando que, em algum grau,

---

<sup>701</sup> “The length of the conflict, the breadth of its theater, and, overall, its lack of military solution, or even engagement with the Soviet Union, do not allow it to be represented in the same way as other American wars, nor its victory – such as it is – as other American victories.” JOHNSON, Roger. *Victory and identity*. op. cit., 2008, p.19.

<sup>702</sup> “to some extent be understood to have acted as surrogate victories through which Americans could experience a renewed victory culture and reimagine the incoherency and uncertainty of the Cold War victory and its consequences.” Ibid., 2008, p.12.

<sup>703</sup> “national greatness and global responsibility can mobilize a potent public consensus behind large-scale intervention without anticommunism playing a role.” FOUSEK, John. **To Lead the Free World**. op. cit., 2000, p.191.

<sup>704</sup> MCEVOY-LEVY, Siobhan. **American Exceptionalism**. op. cit., 2001, p.94.

seu país tem responsabilidades nos assuntos mundiais. A natureza e escopo dessas responsabilidades podem ser postas em disputa, mas dificilmente se coloca em questão a existência dessas responsabilidades. Esse foi o principal impacto da Guerra Fria na imaginação dos Estados Unidos. A política da Guerra Fria representou a “a consolidação do engajamento internacional norte-americano e a maturidade de sua política externa”,<sup>705</sup> assim como a firmação da correlação entre sua segurança e os acontecimentos internacionais.<sup>706</sup> Para todos efeitos, a despeito do fim da divisão mundial entre livres e escravizados, a conduta internacional dos Estados Unidos permanece informada pela crença de que eles possuem um destino claro e manifesto de defender e expandir os ideais da democracia e da liberdade.

---

<sup>705</sup> PECEQUILO, Cristina. **A política externa dos Estados Unidos**. op. cit., 2003, p.243.

<sup>706</sup> *Ibid.*, 2003, p.306.

#### 4. Considerações finais

O “Século Americano”, ou, mais precisamente, o quase meio século que transcorreu entre a publicação de Luce de 1941 e a dissolução da União Soviética, foi um período que testemunhou a ascensão dos Estados Unidos como uma das duas grandes potências mundiais e, eventualmente, como a única superpotência restante. A perspectiva de que o país se alçaria a posição de nação envolvida com os assuntos mundiais se cumpriu. Como Luce defendera, os Estados Unidos passaram a ver como sua missão e propósito a construção de uma ordem mundial centrada em seus valores. A Guerra Fria se mostrou fundamental para a consolidação dessa visão. Mas, já durante a Segunda Guerra Mundial, essa narrativa estava presente no discurso oficioso do país.

O então presidente Franklin Roosevelt havia apresentado o conflito mundial contra o Eixo como uma batalha entre liberdade e escravidão humanas. Em 1941, ele afirmara que os norte-americanos deveriam suportar o fardo de defender “as grandes liberdades contra a invasão e ataque das forças das trevas do despotismo que escravizariam o globo.”<sup>707</sup> A percepção de um dever nacional pela liberdade antecedia a Guerra Fria. Com efeito, ela precedia os discursos presidenciais de Roosevelt. Após a condenação de Churchill sobre a decisão da “cortina de ferro” sobre a Europa, o editorial da Life declarou que nos bons tempos da década de 1890:

“Agíamos sob um senso de compulsão moral, como um povo que tinha uma missão a cumprir no mundo... Buscávamos, por meio de conduta, exemplo e influência, promover em todos os lugares a causa da liberdade humana. Nós aproveitamos todas as oportunidades para espalhar nosso evangelho pelo mundo.”<sup>708</sup>

Assim, “Dulles, Luce e outros ideólogos do globalismo nacionalista norte-americano na década de 1940 foram os herdeiros ideológicos dos imperialistas do final do século XIX, como o reverendo Josiah Strong.”<sup>709</sup> A geração que viveu e liderou os Estados Unidos durante a Guerra Fria estava imersa em convicções nacionalistas estabelecidas ainda durante sua juventude.

Nesse sentido, “missão e o destino manifesto frequentemente encontram seu caminho no debate de crise dos presidentes de nossa nação, pois os presidentes também se sentem com-

---

<sup>707</sup> “the great freedoms against the encroachment and attack of the dark forces of despotism which would enslave the globe.” Disponível em: <https://bit.ly/2SNaB2F>

<sup>708</sup> “We acted under a sense of moral compulsion, as a people who had a mission to perform in the world... We sought, through conduct, example and influence, to promote everywhere the cause of human freedom. We availed of every opportunity to spread our gospel throughout the world.” Apud FOUSEK, John. **To Lead the Free World**. op. cit., 2000, p.108.

<sup>709</sup> “Dulles, Luce, and other ideologues of American nationalist globalism in the 1940s were the ideological heirs of late-nineteenth-century imperialists like the Reverend Josiah Strong.” Ibid., 2000, loc. cit.

pelidos a prestar homenagem às verdades sagradas que aprenderam quando crianças e internalizaram como adultos. ” E, embora um presidente pudesse privatamente “não acreditar nesses mitos norte-americanos, ele seria tolo em ignorá-los ou, pior ainda, desprezá-los publicamente.”<sup>710</sup> Seja por razões de crença pessoal ou razões estratégicas, aqueles envolvidos na Guerra Fria a interpretaram e a explicaram através de um vocabulário tradicionalizado na imaginação nacional. Desse modo, “o papel da América no mundo era geralmente menos messiânico do que a retórica da Guerra Fria implicava. ” Não obstante, “interesses geopolíticos e econômicos moldaram a política externa tanto quanto a ideia de liberdade.”<sup>711</sup> Dimensão pragmática e idealista coexistiram para infundir aquele momento histórico de um significado maior.

Demonstrando isso com clareza, a NSC-68, um documento do Conselho de Segurança Nacional produzido pelos departamentos de Estado e Defesa para o presidente Truman em 1950, pregava uma ampla mobilização nacional para o combate ao comunismo soviético; mobilização que, segundo o documento, ainda não havia sido suficientemente alcançada. A NSC-68 surgiu como uma ofensiva à relativa timidez apresentada pela política externa dos Estados Unidos.<sup>712</sup> Ao longo do escrito, o discurso tradicional da cruzada pela liberdade é retomado para explicar os desafios impostos pelo presente estado mundial. E, assim, os autores do NSC-68 “depositaram sua fé na ‘existência e persistência da ideia de liberdade’ dentro do campo inimigo e pediram aos norte-americanos que adotassem o princípio de que sua própria liberdade dependia da liberdade dos outros.”<sup>713</sup> Mas a linguagem de liberdade contido nesse documento não tinha por alvo o público norte-americano. Ele era um documento para circulação interna do governo e, como tal, permaneceu secreto até 1975.<sup>714</sup> Tendo como audiência um pequeno grupo seletivo, ainda assim, ele foi “mais um grito de guerra, ou um chamado à batalha, do que uma análise séria do cenário mundial.”<sup>715</sup> Desse modo, os mitos dos Estados Unidos como o Mito do Destino Manifesto eram apropriados para mobilizar não apenas o público geral, mas também

---

<sup>710</sup> “strains of mission and manifest destiny have frequently found their way into the crisis talk of our nation’s presidents, for presidents, too, feel compelled to pay homage to the sacred truths they learned as children and internalized as adults.” “not believe in these American myths, he would be foolish to ignore them or, worse yet, to discount them publicly.” BOSTDORFF, Denise. **The Presidency and the Rhetoric of Foreign Crisis**. op. cit., 1994, p.186.

<sup>711</sup> “America’s role in the world was often less messianic than Cold War rhetoric implied.” “Geopolitical and economic interests shaped foreign policy as much as the idea of freedom.” FONER, Eric. **The Story of American Freedom**. op. cit., 1998, p.254.

<sup>712</sup> PECEQUILO, Cristina. **A política externa dos Estados Unidos**. op. cit., 2003, p.156-157.

<sup>713</sup> “placed their faith in the ‘existence and persistence of the idea of freedom’ within the enemy camp, and asked Americans to act on the principle that their own freedom depended on the freedom of others.” MCDUGALL, Walter. **Promised Land, Crusader State**. op. cit., 1997, p.169.

<sup>714</sup> Ibid., 1997, p.168.

<sup>715</sup> “more a rallying cry, or a call to battle, than a serious analysis of the world scene.” FOUSEK, John. **To Lead the Free World**. op. cit., 2000, p.165.

o alto escalão governamental, cujos membros tiveram, como o resto do conjunto da população, sua socialização política e histórica calcada nessas crenças nacionais. O que indica mais do que mero cinismo estratégico em seu uso retórico. A política, seja interna, ou externa, pode ser guiada tanto pelo cálculo racional frio, quanto pelos sentimentos e paixões mais idealistas.

Podemos dizer que esses cálculos realistas e essas paixões se sobredeterminam. Às vezes um prevalece ou entra em contradição com o outro, mas, como nos diz McDougall: “todos os líderes norte-americanos, de qualquer época, afirmaram que suas políticas eram, ao mesmo tempo, realistas e morais.”<sup>716</sup> Essa junção retórica dos valores e interesses nacionais é algo que permeia o discurso político norte-americano desde a fundação da república. Enquanto sua política externa é instrumentalizada para assegurar interesses estratégicos, esses interesses são definidos como tendo uma natureza idealista. Aqui o Mito do Destino Manifesto adquire prevalência como um repositório de narrativas que atestam a conduta heroica dos Estados Unidos em sua excepcionalidade como uma nação ordenada a grandes feitos. Foi através dessa narrativa tradicional que a liderança norte-americana explicou os desafios impostos pelo pós-guerra.

Pela primeira vez, os Estados Unidos se dedicariam a uma missão que desconhecia limites territoriais. Sua segurança e identidade nacionais passariam, como consequência, a se vincular aos eventos globais como nunca antes. Assim, a emergência da imagem dos Estados Unidos como baluarte de defesa da democracia contra o nazismo e comunismo “deu uma gigantesca nova força aos sentimentos messiânicos decorrentes do Credo Americano.”<sup>717</sup> Como já dissemos, a Guerra Fria é central para o desenvolvimento e consolidação dessa mudança: “Somente como líder de uma nova aliança militar, aparentemente travada em combate mortal com o comunismo mundial controlado pelo Kremlin, os Estados Unidos passaram a se nomearem de ‘o líder do mundo livre’.”<sup>718</sup> Nesse sentido, na defesa da contenção da expansão soviética, “o sentido de missão, de destino, característico do idealismo da nação, também se revelou, com os Estados Unidos definindo-se como defensores do mundo livre.” Entretanto: “isso não obscureceu o sentido mais pragmático e realista das ações da Guerra Fria: impedir a ascensão de uma hegemonia hostil [...]”.<sup>719</sup> A liderança estadunidense tornou, então, a Guerra Fria um

---

<sup>716</sup> “all American leaders, of whatever era, have claimed that their policies were both realistic and moral.” MCDUGALL, Walter. **Promised Land, Crusader State**. op. cit., 1997, p.207.

<sup>717</sup> “gave a tremendous new strength to messianic feelings stemming from the American Creed.” LIEVEN, Anatol. **America right or wrong: an anatomy of American nationalism**. Nova York Oxford University Press, 2015, p.153.

<sup>718</sup> “Only as the leader of a new military alliance, seemingly locked in mortal combat with Kremlin-controlled world communism, did the United States come to call itself ‘the leader of the free world’.” FOUSEK, John. **To Lead the Free World**. op. cit., 2000, p.131.

<sup>719</sup> PECEQUILO, Cristina. **A política externa dos Estados Unidos**. op. cit., 2003, p.246-247.

momento crucial para a identidade nacional do país, como o maior desafio que ele já encontrou aos seus ideais democráticos, mas nunca sem deixar de ter sempre à vista os objetivos geopolíticos do país.

Mas essa não era uma inevitabilidade, era o resultado da vitória dos defensores de uma política externa internacionalista calcada em um anticomunismo global. Henry Wallace também pregava “sua própria doutrina de grandeza nacional e de responsabilidade global, mas seu fracasso em aceitar o anticomunismo global o colocou além dos limites aceitáveis.”<sup>720</sup> O anti-comunismo foi tornado norma, parte da própria identidade nacional. De modo que, por mais messiânico e patriótico que pudesse ser, nenhum projeto de destino manifesto global era aceitável a menos que fosse marcadamente antagônico ao comunismo. Os proponentes da ideologia da Guerra Fria foram bem-sucedidos em articular os diversos grupos sociais e políticos dos Estados Unidos em favor de sua defesa. Inscrito na própria identidade nacional dos Estados Unidos ela foi convertida em um imperativo nacionalista não recusável. Desse modo, na ausência de debate sobre os pressupostos fundamentais da política externa do país ao longo da Guerra Fria, essa ideologia se tornou reificada.<sup>721</sup> A partir de então, democratas e republicanos se revesariam na Casa Branca, mas uma constante se manteria: a política da Guerra Fria.

Por meio dela, os Estados Unidos passaram a ver suas responsabilidades nacionais em conflitos que, muitos argumentariam, não lhes diziam respeito. Foi sob essa ótica de responsabilidade nacionais no mundo que a liderança do país viu e apresentou a guerra civil entre coreanos do Norte e do Sul. Da mesma forma fizeram os norte-americanos “para quem o globalismo nacionalista forneceu o único meio de entender as notícias de que as forças armadas dos EUA enfrentariam novamente o combate no exterior.”<sup>722</sup> Durante a Guerra Fria, a multiplicidade de conflitos que compunham o mundo poderia ser facilmente reduzida a mero epifenômeno da luta mais ampla entre os sistemas norte-americano e soviético. Isso acabou por levar os Estados Unidos a engajarem-se externamente em um modo que colava em questão os princípios que eles afirmavam esposar. Legitimados pela política da Guerra Fria, os líderes norte-americanos se dedicaram a solapar governos democraticamente eleitos por medo de sua disposição por transformações radicais, encaradas como prenúncios ao comunismo, enquanto se dedicavam a construir a base de sustentação de governos autoritários que freavam essas mesmas transformações. Assim sendo, a linguagem da cruzada pela liberdade foi “invocada para justificar uma

---

<sup>720</sup> “his own doctrine of national greatness and global responsibility, but his failure to accept global anticommunism nonetheless placed him beyond the pale.” FOUSEK, John. **To Lead the Free World**. op. cit., 2000, p.190.

<sup>721</sup> Ibid., 2000, p.191.

<sup>722</sup> “for whom nationalist globalism provided the only means of making sense of the news that U.S. armed forces would again face combat overseas.” Ibid., 2000, p.165.

proliferação de órgãos de segurança nacionais imunes à supervisão democrática [...] e ações norte-americanas no resto do mundo que pouco tinham a ver com liberdade em quase todas as definições.”<sup>723</sup>

Por essa razão, em nome da liberdade, o país interveio em uma guerra no distante Sudeste Asiático para defender um regime que não poderia se sustentar no poder sem ampla repressão. Essa guerra acabou por provar-se de enorme custo moral aos norte-americanos, mas não foi a natureza ditatorial de seus aliados a razão para isso, e sim a incapacidade dos Estados Unidos de traduzir seu enorme poder em vitória. Esse mostrou-se um dilema central da Guerra Fria desde antes do Vietnã, já presente quando Truman e Eisenhower se viram incapazes de engajar o país militarmente ante a possibilidade devastadora de uma guerra nuclear. Construído através do antagonismo com o comunismo, o nacionalismo norte-americano da Guerra Fria era incapaz de consumir seu imperativo triunfalista de derrotar seu inimigo no campo militar. Foi precisamente como resultado dessa dinâmica que Kennedy apresentou o Terceiro Mundo como o espaço central para o cumprimento do destino manifesto dos Estados Unidos, o que eventualmente levou à massiva intervenção norte-americana no Vietnã. Entretanto, contra as expectativas norte-americanas, “como principal experiência militar da Guerra Fria, o Vietnã não forneceu garantias de vitória tradicional para amenizar a incerteza sombria da destruição mutuamente assegurada.”<sup>724</sup> Ao contrário, o Vietnã teve entre seus resultados o quebrantamento da ideia de vitória marcial norte-americana. Não por menos, em contrapartida à maioria dos memoriais de veteranos, o Memorial dos Veteranos do Vietnã não glorifica a guerra.<sup>725</sup> Esse foi um de seus muitos efeitos disruptivos na identidade estadunidense.

Nos anos subsequentes à saída de Johnson da presidência, esse poder desestabilizador se materializou em uma busca incessante pela redenção coletiva da nação. Nixon, Ford, Carter e Reagan se sucederem procurando cada um a seu modo redimir a identidade nacional dos Estados Unidos. Era o objetivo compartilhado dos membros dos dois partidos da ordem, democrata e republicano, reafirmar a missão nacional em meio as dúvidas que a guerra a colocou. O projeto redentor de Reagan por meio da reafirmação do triunfalismo e da ideologia da Guerra

---

<sup>723</sup> “invoked to justify a proliferation of nation security bodies immune from democratic oversight [...] and American actions in the rest of the world that had little to do with freedom by almost any definition.” FONER, Eric. **The Story of American Freedom**. op. cit., 1998, p.254.

<sup>724</sup> “as the principal military experience of the Cold War, Vietnam provided no assurance of traditional victory to assuage the bleak uncertainty of mutually assured destruction.” JOHNSON, Roger. *Victory and identity*. op. cit., 2008, p.7.

<sup>725</sup> GARDELLA, Peter. **American Civil Religion**. op. cit, 2014, p.117.



Fria acabou por se tornar vencedor, legando um ambiente mais propício ao reengajamento militar norte-americano no mundo. Mas o fantasma da experiência de guerra na Ásia persistia nas mentes dos norte-americanos, incapazes de complementá-la e esquecer. Assim, antes temerosos das consequências de uma guerra nuclear, eles vieram a temer até mesmo as possibilidades de ações militares convencionais. E, não apenas a redenção de Reagan se revelou incapaz de purgar completamente o fantasma do Vietnã, ela não pôde perdurar frente aos desdobramentos do fim da Guerra Fria. Por outras razões, esse momento ensejou mais uma dissonância cognitiva que desafiou a identidade dos Estados Unidos, dando fim a muitas das certezas que Reagan restituía.

Nesse sentido, o século que fora prometido como um período de grandeza e propósito nacionais pareceu ter sido muito mais uma sem fim crise: a crise pela incapacidade de travar guerra ante a desolação nuclear, a desmoralização do macarthismo, a crise moral do Vietnã, que foi sucedida pela crise política de Watergate e a crise econômica e energética. Mesmo o fim da Guerra Fria apresentou essa característica como um momento de triunfo incerto. De todo modo, os Estados Unidos sobreviveram a esses acontecimentos, assim como sobreviveu o imperativo pela sua participação ativa nos assuntos internacionais. A ausência de uma grande força inimiga no exterior dificultou a manutenção do consenso por essa participação, mas a convicção de que os Estados Unidos possuem responsabilidades globais continuou componente central de seu nacionalismo nos anos imediatos ao pós-Guerra Fria.

Isto posto, “os norte-americanos parecem relutantes em se considerar pertencentes a uma potência imperial.” Todavia, “ao mesmo tempo, seu Estado atua como a hegemonia global, usando medidas preventivas para garantir interesses nacionais.”<sup>726</sup> Pelas conotações negativas que imperialismo possui, seu vínculo a ações antidemocráticas e atrozidades, os Estados Unidos rejeitam serem caracterizados assim, mas suas ações no mundo no passado e no presente não podem ser caracterizadas se não dessa forma. Mas isso não ocorreu inteiramente sem contestações. O paleoconservador Pat Buchanan, candidato nas primárias republicanas de 1992 e 1996, argumentou que o pós-Guerra Fria era a oportunidade para um “novo nacionalismo” que colocaria a “América em primeiro lugar e segundo e terceiro também”. Em conformidade com seus interesses e melhores tradicionais, os Estados Unidos deveriam se distanciar do mundo,

---

<sup>726</sup> “Americans appear reluctant to think of themselves as belonging to an imperial power.” “at the same time their state acts as the global hegemony, using pre-emptive measures to secure national interests.” KENNETH, Christie. (Ed.). **United States Foreign Policy & National Identity in the 21st Century Routledge Studies in US Foreign Policy**. Abingdon: Routledge, 2008, p.xix

recrudescendo novamente ao próprio hemisfério, retirando suas tropas do resto do globo. Enfatizando que seu isolacionismo estava em conformidade com ideais históricos da nação, Buchanan desejava revisar os parâmetros estabelecidos pela Guerra Fria para ambas política externa e identidade nacional.<sup>727</sup> Mas as propostas dos isolacionistas não foram capazes de arregimentar suficiente apoio; eles se mostraram apenas uma voz minoritária durante a transição pós-Guerra Fria tanto entre conservadores, quanto na política estadunidense como um todo.

A dissolução da União Soviética pode ter representado “uma perda de um fator contribuinte essencial para a identidade nacional norte-americana”,<sup>728</sup> porém, o posicionamento dos Estados Unidos como um ator de responsabilidades que excedem suas fronteiras não foi perdido. Pelo contrário, oportunidades surgiram para sua reafirmação. Anos após a queda do Muro de Berlin, os Estados Unidos reanimaram seu destino manifesto global ao encontrarem a figura de um novo grande inimigo, o terror. Como um evento de martírio a ser vingado, o ataque terrorista do 11 de setembro reacendeu o fervor nacionalista do país: “traumatizados pelos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, os norte-americanos reagiram muito naturalmente ao recorrer a velhos padrões de crença e comportamento. Entre esses padrões está o nacionalismo norte-americano.”<sup>729</sup> Nos dez primeiros dias após os ataques, as vendas da *Star and Stripes*, a bandeira estadunidense, superaram as vendas de todo o ano anterior.<sup>730</sup> Como consequência, os ataques também produziram uma maior disposição popular e política por uma conduta externa militante e belicista. Conservadores, neoconservadores e liberais se uniram em torno de uma missão global como intervenção.<sup>731</sup> O PPI (Instituto de Política Progressiva) uma organização de promoção da ala centrista do Partido Democrata chegou, até mesmo, a fazer declarações ainda mais militaristas que as da organização neoconservadora PNAC (Projeto por um Novo Século Americano).<sup>732</sup>

Isto posto, legitimado pelas principais forças políticas do país, em 2003, o presidente George W. Bush realizou o que os neoconservadores da administração de seu antecessor republicano tanto sonharam: a invasão do Iraque e a derrubada do governo de Hussein. O furor patriótico e as mentiras da administração de que o país árabe possuía armas de destruição em

---

<sup>727</sup> JOHNSON, Roger. *Victory and identity*. op. cit., 2008, p.10.

<sup>728</sup> “a loss of an essential contributing factor to American national identity.” *Ibid.*, 2008, p.11.

<sup>729</sup> “traumatized by the terrorist attacks of September 11, 2001, Americans very naturally reacted by falling back on old patterns of belief and behavior. Among these patterns has been American nationalism.” LIEVEN, Anatol. **America right or wrong**. op. cit., 2015, p.1.

<sup>730</sup> GARDELLA, Peter. **American Civil Religion**. op. cit., 2014, p.94.

<sup>731</sup> PARMAR, I. A Neo-conservative dominated US Foreign Policy Establishment? In: KENNET, Christie. (Ed.). **United States Foreign Policy & National Identity in the 21st Century Routledge Studies in US Foreign Policy**. Abingdon: Routledge, 2008, p.48.

<sup>732</sup> *Ibid.*, 2008, p.49.

massa foram indispensáveis para conquistar apoio a essa guerra. A queda de Bagdá não tardou, mas a insurgência que se seguiu à vitória inicial dos Estados Unidos tornou esse conflito um dos mais longos de sua história. Sem uma perspectiva clara para o término da operação, a imensa popularidade adquirida por Bush começou a evaporar. A cada caixão coberto pela *Star and Stripes* que chegava do Oriente Médio, mais as fantasmagóricas lembranças do passado tomavam nova vida. E, assim, comparações entre a Guerra do Iraque e a Guerra do Vietnã se tornaram lugar comum.<sup>733</sup> Hoje, “Iraque” juntou-se a “Vietnã” para figurar no discurso político norte-americano como sinônimo de erro e desastre. Já em 2007, uma ampla maioria entre o público (59%) afirmou que a guerra havia sido um erro.<sup>734</sup>

A possibilidade de um novo Vietnã sempre estará colocada enquanto uma política de intervenção imperialista permanecer parte da atuação global dos Estados Unidos. Nessas circunstâncias, a Guerra do Vietnã aparece como um passado traumático que não desaparece, como um daqueles eventos que não permitem esquecimento, mas que também não podem ser adequadamente lembrados pela ambiguidade de seu significado, de forma “a reduzir a sombra que projetaram sobre a capacidade do grupo de entrar em seu presente e visualizar um futuro livre de seus efeitos debilitantes.”<sup>735</sup>

É claro, experiência e expectativa se configuram em linhas geracionais, de modo que podemos conjecturar que novas gerações de norte-americanos poderão não ter nesse passado uma lembrança de trauma. A relação com a memória do Vietnã é diferente para aquele que experienciou os anos 1960-70 nos Estados Unidos em relação àquele que não pôde vivenciar essas décadas. É aqui que reside uma questão fundamental sobre a memória traumática das malsucedidas guerras imperialistas dos Estados Unidos. Não teria a existência de uma geração de norte-americanos sem essa vivência testemunhal das décadas de 60-70 ter auxiliado na construção de consenso por uma guerra no Iraque em 2003? Para essa geração de norte-americanos, podemos esperar que o Iraque exercerá o poder de dissuasão contra novas guerras pela expectativa de sua possível repetição, tal qual o Vietnã exerceu nas gerações mais velhas. Entretanto, também como o Vietnã, a lembrança desses eventos poderá eventualmente perder essa capacidade dissuasiva. Seguindo os passos de Reagan e Bush, muitos parecem dispostos a esperar que essas memórias sejam enterradas, para que, então, um espírito triunfalista e militarista possa ser novamente nutrido entre o público.

---

<sup>733</sup> FONER, Eric. **Give me Liberty! An American history Volume 2.** op. cit., 2016, p.1116.

<sup>734</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2OZLnNr>

<sup>735</sup> WHITE, Hayden. O evento modernista. In: **Lugar Comum**, n. 5-6, 1998, p.196.

Certamente podemos imaginar a possibilidade de os Estados Unidos adotarem um princípio de responsabilidade global sob uma forma menos belicista. Mas, novamente, mesmo entre os menos belicistas dos políticos estadunidenses, não parece se colocar em suspensão a ideia de que os Estados Unidos têm o dever e o direito de intervir globalmente como se os assuntos mundiais fossem uma quase extensão de sua política interna. Sob diferentes formas e graus, uma responsabilidade global é tornada norma padrão da conduta externa dos Estados Unidos. Sua identidade e nacionalismo estão sedimentados nessa crença. Passadas décadas, o breve pronunciamento de Truman em 1947 sobre um destino manifesto global frente à divisão do mundo segue ecoando nos corações patrióticos dos Estados Unidos. Desse modo, o país poderá romper definitivamente com seu imperialismo?

Ao meu ver, na ausência de uma ampla crítica dos paradigmas estabelecidos e consolidadas durante a Guerra Fria, o país não poderá escapar de atitudes imperais e, por extensão, da possibilidade de um novo Vietnã. Logo, contra sua mera lembrança de forma ambígua, também é indispensável que se preserve a memória de sofrimento dessa guerra (e de todas as guerras imperialistas) a enquadrando como a tragédia que ela foi. Mas uma tragédia não dos Estados Unidos, e sim das vítimas de seu imperialismo, o que também pode incluir, em certo sentido, seus próprios soldados. A confiança de que o passado por si só é capaz de nos conduzir para fora da trilha de sua repetição é uma ilusão, alentadora, mas uma ilusão, ainda assim.

Em verdade, essa crença se solapa por inteiro quando olhamos para a tenebrosa e interminável coleção de conflitos militares que sucederam a Guerra do Vietnã. Ainda que essa guerra tenha continuado assombrando a memória dos Estados Unidos, a repetição desastrosa desse passado, mais do que seu aprendizado certo no presente, a barbárie enfim, parece ser a regra, não a exceção. A lembrança do desastre humanitário no Vietnã não foi capaz de inviabilizar sua repetição no Iraque em 2003. O fato dessa última ter sido legitimada em mentiras imprimi, assim, uma realidade irônica à antiga sentença de que a história se repete duas vezes, a primeira como tragédia, a segunda como farsa. Infelizmente, a farsa por ser farsa nunca deixa de também ser tragédia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### I-Fontes

TRUMAN, Harry. Special Message to the Congress on Greece and Turkey (1947). Disponível em: <https://bit.ly/2SJPorO>

TRUMAN, Harry. Address on Foreign Economic Policy (1947). Disponível em: <https://bit.ly/2HE5eO2>

TRUMAN, Harry. Statement by the President Upon Signing Bill Endorsing the Truman Doctrine (1947). Disponível em: <https://bit.ly/2SZsYSj>

TRUMAN, Harry. Statement by the President on the Government's Employee Loyalty Program (1947). Disponível em: <https://bit.ly/2wsCs0x>

TRUMAN, Harry. Annual Message to the Congress on the State of the Union (1948). Disponível em: <https://bit.ly/39Qo3K5>

TRUMAN, Harry. Special Message to the Congress on the Threat to the Freedom of Europe (1948). Disponível em: <https://bit.ly/2V3qWTP>

TRUMAN, Harry. Annual Message to the Congress on the State of the Union (1949). Disponível em: <https://bit.ly/2SICJVN>

TRUMAN, Harry. Inaugural Address (1949). Disponível em: <https://bit.ly/2HE7AfQ>

TRUMAN, Harry. Annual Message to the Congress on the State of the Union (1950). Disponível em: <https://bit.ly/2v0Du3B>

TRUMAN, Harry. Statement by the President on the Violation of the 38th Parallel in Korea (1950). Disponível em: <https://bit.ly/2wqCJB8>

TRUMAN, Harry. Statement by the President on the Situation in Korea (1950). Disponível em: <https://bit.ly/38KIrfE>

TRUMAN, Harry. Radio and Television Address to the American People on the Situation in Korea (1950a). Disponível em: <https://bit.ly/3bVApST>

TRUMAN, Harry. Radio and Television Report to the American People on the Situation in Korea (1950b). Disponível em: <https://bit.ly/38LyxKv>

TRUMAN, Harry. Remarks in Independence at the Liberty Bell Luncheon (1950). Disponível em: <https://bit.ly/2wvQw9D>

TRUMAN, Harry. Address in Independence at the Dedication of the Liberty Bell (1950). Disponível em: <https://bit.ly/2Pb94Cv>

TRUMAN, Harry. Radio and Television Report to the American People on the National Emergency (1950). Disponível em: <https://bit.ly/2T0k19Z>

TRUMAN, Harry. Annual Message to the Congress on the State of the Union (1951). Disponível em: <https://bit.ly/2PpNURx>

TRUMAN, Harry. Radio Report to the American People on Korea and on U.S. Policy in the Far East. (1951). Disponível em: <https://bit.ly/2SItr3>

TRUMAN, Harry. Address at the Jefferson-Jackson Day Dinner (1951). Disponível em: <https://bit.ly/2vQP3E>

TRUMAN, Harry. Address at the Ceremonies Commemorating the 175th Anniversary of the Declaration of Independence (1951). Disponível em: <https://bit.ly/2vUbgHJ>

TRUMAN, Harry. Annual Message to the Congress on the State of the Union (1952). Disponível em: <https://bit.ly/37L4q4O>

TRUMAN, Harry. Statement by the President on General Ridgway's Korean Armistice Proposal (1952). Disponível em: <https://bit.ly/2V4sMnn>

TRUMAN, Harry. Statement by the President on the Decision To Withdraw U .S. Forces From Korea, 1947-1949 (1952). Disponível em: <https://bit.ly/2P9Eo4I>

TRUMAN, Harry. Further Statement by the President on the Decision To Withdraw U .S. Forces From Korea, 1947-1949 (1952). Disponível em: <https://bit.ly/2P4PW9p>

TRUMAN, Harry. Address at the National Archives Dedicating the New Shrine for the Declaration of Independence (1952). Disponível em: <https://bit.ly/2P9Nb6G>

TRUMAN, Harry. Annual Message to the Congress on the State of the Union (1953). Disponível em: <https://bit.ly/2STxnG4>

TRUMAN, Harry. The President's Farewell Address (1953). Disponível em: <https://bit.ly/32aDb2k>

EISENHOWER, Dwight. Inaugural Address (1953). Disponível em: <https://bit.ly/2PiXKVC>

EISENHOWER, Dwight. Annual Message to the Congress on the State of the Union (1953).  
Disponível em: <https://bit.ly/38QyHQT>

EISENHOWER, Dwight. Address “The Chance for Peace” Delivered Before the American  
Society of Newspaper Editors (1953). Disponível em: <https://bit.ly/39W5gNy>

EISENHOWER, Dwight. Remarks at the Dartmouth College Commencement Exercises  
(1953). Disponível em: <https://bit.ly/38RzAsD>

EISENHOWER, Dwight. Radio and Television Address to the American People Announc-  
ing the Signing of the Korean Armistice (1953). Disponível em: <https://bit.ly/38RFU35>

EISENHOWER, Dwight. Address Before the General Assembly of the United Nations on  
Peaceful Uses of Atomic Energy (1953). Disponível em: <https://bit.ly/2T9xNIL>

EISENHOWER, Dwight. Annual Message to the Congress on the State of the Union (1954).  
Disponível em: <https://bit.ly/39R7EVC>

EISENHOWER, Dwight. Radio and Television Address to the American People on the  
State of the Nation (1954). Disponível em: <https://bit.ly/2HL0wy7>

EISENHOWER, Dwight. The President’s News Conference (1954). Disponível em:  
<https://bit.ly/3bYobZY>

EISENHOWER, Dwight. Remarks at Ceremony Marking the Issuance of the First Stamp  
Bearing the Motto (1954). Disponível em: <https://bit.ly/2SNCRDG>

EISENHOWER, Dwight. Remarks at Luncheon Meeting of the National Conference of Re-  
publican Women (1954). Disponível em: <https://bit.ly/2T72sXa>

EISENHOWER, Dwight. Address on Freedom Celebration Day (1954). Disponível em:  
<https://bit.ly/2T22iAe>

EISENHOWER, Dwight. Statement by the President Upon Signing Bill To Include the  
Words “Under God” in the Pledge to the Flag. (1954). Disponível em:  
<https://bit.ly/39YQEx4>

EISENHOWER, Dwight. Radio and Television Address to the American People on the  
Achievements of the 83d Congress (1954). Disponível em: <https://bit.ly/2T5QKfd>

EISENHOWER, Dwight. Address at the American Legion Convention (1954). Disponível  
em: <https://bit.ly/32j0fw3>

EISENHOWER, Dwight. Remarks to the First National Conference on the Spiritual Foundations of American Democracy (1954). Disponible em: <https://bit.ly/38UxUys>

EISENHOWER, Dwight. Remarks Recorded for the “Back-to-God” Program of the American Legion. (1955). Disponible em: <https://bit.ly/2T9RTTj>

EISENHOWER, Dwight. Address in Convention Hall (1956). Disponible em: <https://bit.ly/2SSToX7>

EISENHOWER, Dwight. Radio and Television Address to the American People on the Need for Mutual Security in Waging the Peace (1957). Disponible em: <https://bit.ly/39W7V9X>

EISENHOWER, Dwight. Radio and Television Report to the American People (1959). Disponible em: <https://bit.ly/39TBc4Z>

EISENHOWER, Dwight. Annual Message to the Congress on the State of the Union (1961). Disponible em: <https://bit.ly/2PeB6NG>

EISENHOWER, Dwight. Farewell Radio and Television Address to the American People (1961). Disponible em: <https://bit.ly/2PgOqkr>

EISENHOWER, Dwight. Second Inaugural Address (1961). Disponible em: <https://bit.ly/32gIhu1>

EISENHOWER, Dwight. Remarks at the Dartmouth College Commencement Exercises (1953). Disponible em: <https://bit.ly/38RzAsD>

KENNEDY, John. Address of Senator John F. Kennedy Accepting the Democratic Party Nomination for the Presidency of the United States - Memorial Coliseum, Los Angeles (1960). Disponible em: <https://bit.ly/38Uc8uF>

KENNEDY, John. Speech of Senator John F. Kennedy, Shrine Auditorium, Los Angeles, CA (1960). Disponible em: <https://bit.ly/2TbGzpf>

KENNEDY, John. Speech of Senator John F. Kennedy, Iam Convention, Kiel Auditorium, St. Louis, MO (1960). Disponible em: <https://bit.ly/39Y6EPC>

KENNEDY, John. Speech of Senator John F. Kennedy, Southern Illinois University Stadium, Carbondale (1960). Disponible em: <https://bit.ly/32kJdNT>

KENNEDY, John. Speech of Senator John F. Kennedy, Cow Palace, San Francisco, CA (1960). Disponible em: <https://bit.ly/2vcO73t>



KENNEDY, John. City Upon a Hill (1961). Disponível em: <https://bit.ly/32jh8qh>

KENNEDY, John. Remarks of Senator John F. Kennedy, Civic Center, Denver, CO (1961). Disponível em: <https://bit.ly/2T6P7hw>

KENNEDY, John. Inaugural Address (1961). Disponível em: <https://bit.ly/2SQWA5h>

KENNEDY, John. Annual Message to the Congress on the State of the Union (1961). Disponível em: <https://bit.ly/38NwuFX>

KENNEDY, John. Address at a White House Reception for Members of Congress and for the Diplomatic Corps of the Latin American Republics (1961). Disponível em: <https://bit.ly/2VEG5eu>

KENNEDY, John. Address Before the American Society of Newspaper Editors (1961). Disponível em: <https://bit.ly/2vXsxzU>

KENNEDY, John. Special Message to the Congress on Urgent National Needs (1961). Disponível em: <https://bit.ly/32jjaGV>

KENNEDY, John. Radio and Television Report to the American People on Returning From Europe (1961). Disponível em: <https://bit.ly/2SS1EX3>

KENNEDY, John. Radio and Television Report to the American People on the Berlin Crisis (1961). Disponível em: <https://bit.ly/37QZATt>

KENNEDY, John. Address in New York City Before the General Assembly of the United Nations (1961). Disponível em: <https://bit.ly/32rioYA>

KENNEDY, John. Remarks at the Veterans Day Ceremony at Arlington National Cemetery (1961). Disponível em: <https://bit.ly/2PedOHC>

KENNEDY, John. Address in Seattle at the University of Washington (1961). Disponível em: <https://bit.ly/2v0jVbT>

KENNEDY, John. Annual Message to the Congress on the State of the Union (1962). Disponível em: <https://bit.ly/3bX9ma9>

KENNEDY, John. Radio and Television Address to the American People (1962). Disponível em: <https://bit.ly/2T7VHEj>

KENNEDY, John. Remarks at West Point to the Graduating Class of the U.S. Military Academy (1962). Disponível em: <https://bit.ly/2Pi647I>

KENNEDY, John. Address at Independence Hall (1962). Disponível em: <https://bit.ly/2VhE8EC>

KENNEDY, John. Address at Rice University in Houston on the Nation (1962). Disponível em: <https://bit.ly/39WChZV>

KENNEDY, John. Remarks at Fitzgerald Field House (1962). Disponível em: <https://bit.ly/2TakUOu>

KENNEDY, John. Radio and Television Report to the American People on the Soviet Arms Buildup in Cuba (1962). Disponível em: <https://bit.ly/2Pczl3x>

KENNEDY, John. Radio and Television Remarks on the Dismantling of Soviet Missile Bases in Cuba (1962). Disponível em: <https://bit.ly/38UgfXD>

KENNEDY, John. Remarks in Miami at the Presentation of the Flag of the Cuban Invasion Brigade (1962). Disponível em: <https://bit.ly/2w2xuHB>

KENNEDY, John. Annual Message to the Congress on the State of the Union (1963). Disponível em: <https://bit.ly/38TaOs6>

KENNEDY, John. Commencement Address at American University in Washington (1963). Disponível em: <https://bit.ly/32kDQhH>

KENNEDY, John. Remarks in the Rudolph Wilde Platz (1963). Disponível em: <https://bit.ly/2SRteDV>

KENNEDY, John. Radio and Television Message to the American People After Returning From Europe (1963). Disponível em: <https://bit.ly/2vWrP5Z>

KENNEDY, John. Radio and Television Address to the American People on the Nuclear Test Ban Treaty (1963). Disponível em: <https://bit.ly/2Phs2ri>

KENNEDY, John. Address Before the 18th General Assembly of the United Nations (1963). Disponível em: <https://bit.ly/39TiDOK>

KENNEDY, John. Remarks at the Signing of the Nuclear Test Ban Treaty (1963). Disponível em: <https://bit.ly/2wDBJd3>

KENNEDY, John. Address at the University of Maine (1963). Disponível em: <https://bit.ly/3c2TSBe>

JOHNSON, Lyndon. Radio and Television Report to the American People Following Renewed Aggression in the Gulf of Tonkin (1964). Disponível em: <https://bit.ly/32oE3Re>

JOHNSON, Lyndon. Remarks at Syracuse University on the Communist Challenge in Southeast Asia (1964). Disponível em: <https://bit.ly/2HRESs4>

JOHNSON, Lyndon. Remarks Upon Signing Joint Resolution of the Maintenance of Peace and Security in Southeast Asia (1964). Disponível em: <https://bit.ly/2SS8PPc>

JOHNSON, Lyndon. Remarks to Members of the National Association of Counties (1964). Disponível em: <https://bit.ly/38WUbeZ>

JOHNSON, Lyndon. Remarks in Oklahoma at the Dedication of the Eufaula Dam (1964). Disponível em: <https://bit.ly/2HPo1pR>

JOHNSON, Lyndon. Remarks in Manchester to the Members of the New Hampshire Weekly Newspaper Editors Association (1964). Disponível em: <https://bit.ly/3c5AzYf>

JOHNSON, Lyndon. Remarks to the Faculty and Students of Johns Hopkins University (1964). Disponível em: <https://bit.ly/2w3E54U>

JOHNSON, Lyndon. Television Address to the American People (1964). Disponível em: <https://bit.ly/2wDrJ3u>

JOHNSON, Lyndon. Remarks at a Fundraising Dinner in New Orleans (1964). Disponível em: <https://bit.ly/37RLDF2>

JOHNSON, Lyndon. Annual Message to the Congress on the State of the Union (1965). Disponível em: <https://bit.ly/38WDi3Z>

JOHNSON, Lyndon. The President's Inaugural Address (1965). Disponível em: <https://bit.ly/37STvGm>

JOHNSON, Lyndon. Address at Johns Hopkins University (1965). Disponível em: <https://bit.ly/3c3Mk1f>

JOHNSON, Lyndon. Special Message to the Congress Requesting Additional Appropriations for Military Needs in Viet-Nam (1965). Disponível em: <https://bit.ly/2w0LbH8>

JOHNSON, Lyndon. Address to Members of the Association of American Editorial Cartoonists (1965). Disponível em: <https://bit.ly/2w1Lv8q>

JOHNSON, Lyndon. Annual Message to the Congress on the State of the Union (1966).  
Disponível em: <https://bit.ly/2PmucWB>

JOHNSON, Lyndon. Remarks in New York City Upon Receiving the National Freedom  
Award (1966). Disponível em: <https://bit.ly/2VhvgPi>

JOHNSON, Lyndon. Remarks in Omaha on the Occasion of the Sending of the Five-Mil-  
lionth Ton of Grain to India (1966). Disponível em: <https://bit.ly/2SRPvRY>

JOHNSON, Lyndon. Remarks to the American Alumni Council (1966). Disponível em:  
<https://bit.ly/2Viw1I3>

JOHNSON, Lyndon. Annual Message to the Congress on the State of the Union (1967).  
Disponível em: <https://bit.ly/2SSLk8w>

JOHNSON, Lyndon. Address on U.S. Policy in Vietnam Delivered Before a Joint Session  
of the Tennessee State Legislature (1967). Disponível em: <https://bit.ly/32xHRjb>

JOHNSON, Lyndon. Address on Vietnam Before the National Legislative Conference, San  
Antonio, Texas (1967). Disponível em: <https://bit.ly/2uqy15P>

JOHNSON, Lyndon. Annual Message to the Congress on the State of the Union (1968).  
Disponível em: <https://bit.ly/2VigHed>

JOHNSON, Lyndon. The President's News Conference (1968). Disponível em:  
<https://bit.ly/2PIZcWL>

JOHNSON, Lyndon. Remarks at Fort Bragg, North Carolina (1968). Disponível em:  
<https://bit.ly/2HRyH7C>

JOHNSON, Lyndon. Remarks at the Conference on Foreign Policy for Leaders of National  
Nongovernmental Organizations (1968). Disponível em: <https://bit.ly/32lgXdW>

JOHNSON, Lyndon. Remarks to the First Graduating Class at the Foreign Service Insti-  
tute's Vietnam Training Center (1968). Disponível em: <https://bit.ly/37WL2lc>

JOHNSON, Lyndon. The President's Address to the Nation Announcing Steps To Limit  
the War in Vietnam and Reporting His Decision Not To Seek Reelection (1968). Disponível  
em: <https://bit.ly/38X2tU6>

JOHNSON, Lyndon. Remarks to the Press With General Westmoreland Following the Gen-  
eral's Report on the Situation in Vietnam (1968). Disponível em: <https://bit.ly/37ScuAQ>

JOHNSON, Lyndon. Commencement Address at Glassboro State College (1968). Disponível em: <https://bit.ly/2uuy4h6>

JOHNSON, Lyndon. Remarks at the Graduation Exercises of the Capitol Page School (1968). Disponível em: <https://bit.ly/37YZt8l>

JOHNSON, Lyndon. Remarks in Detroit at the Annual Convention of the Veterans of Foreign Wars (1968). Disponível em: <https://bit.ly/32kyu6f>

JOHNSON, Lyndon. Remarks in New Orleans Before the 50th Annual National Convention of the American Legion (1968). Disponível em: <https://bit.ly/2wIXLv7>

JOHNSON, Lyndon. Remarks Upon Arrival at the Airport, Huntington, West Virginia (1968). Disponível em: <https://bit.ly/38X6Tu7>

JOHNSON, Lyndon. The President's Address to the Nation Upon Announcing His Decision To Halt the Bombing of North Vietnam (1968). Disponível em: <https://bit.ly/2w5G5t5>

JOHNSON, Lyndon. Annual Message to the Congress on the State of the Union (1969). Disponível em: <https://bit.ly/2wAUygX>

NIXON, Richard. Remarks on the NBC Radio Network (1968). Disponível em: <https://bit.ly/32sDHJf>

NIXON, Richard. Remarks on the CBS Radio Network (1968). Disponível em: <https://bit.ly/2T3ZUua>

NIXON, Richard. First Inaugural Address (1969). Disponível em: <https://bit.ly/3a7LcI9>

NIXON, Richard. Address at the Air Force Academy Commencement Exercises (1969). Disponível em: <https://bit.ly/2waGqe0>

NIXON, Richard. Remarks to American Troops of the 1st Infantry Division in Vietnam (1969). Disponível em: <https://bit.ly/2HZalc4>

NIXON, Richard. The President's News Conference (1969). Disponível em: <https://bit.ly/2PoKEG0>

NIXON, Richard. Address to the Nation on the War in Vietnam (1969). Disponível em: <https://bit.ly/394AVMS>

NIXON, Richard. Annual Message to the Congress on the State of the Union (1970). Disponível em: <https://bit.ly/3a99Wj0>

NIXON, Richard. Address to the Nation on Progress Toward Peace in Vietnam (1970).  
Disponível em: <https://bit.ly/3a7KPxk>

NIXON, Richard. Address to the Nation on the Situation in Southeast Asia (1970).  
Disponível em: <https://bit.ly/2Tk7ob0>

NIXON, Richard. Address to the Nation on the Cambodian Sanctuary Operation (1970).  
Disponível em: <https://bit.ly/2HXQava>

NIXON, Richard. Address to the Nation About a New Initiative for Peace in Southeast Asia  
(1970). Disponível em: <https://bit.ly/2VoMsmb>

NIXON, Richard. Annual Message to the Congress on the State of the Union (1971).  
Disponível em: <https://bit.ly/3ckazse>

NIXON, Richard. Radio Address About Second Annual Foreign Policy Report to the Con-  
gress (1971). Disponível em: <https://bit.ly/2SZA22g>

NIXON, Richard. Address to the Nation on the Situation in Southeast Asia (1971).  
Disponível em: <https://bit.ly/2uwopqe>

NIXON, Richard. Veterans Day Address (1971). Disponível em: <https://bit.ly/2PqJU2R>

NIXON, Richard. Remarks at a “Salute to the President” Dinner in Chicago, Illinois. (1971).  
Disponível em: <https://bit.ly/2Vkn80B>

NIXON, Richard. Annual Message to the Congress on the State of the Union (1972).  
Disponível em: <https://bit.ly/3a60flv>

NIXON, Richard. Address to the Nation on Plan for Peace in Vietnam (1972). Disponível  
em: <https://bit.ly/37ZNGH1>

NIXON, Richard. Address to the Nation on Vietnam (1972). Disponível em:  
<https://bit.ly/2Tg43dg>

NIXON, Richard. Address to the Nation on the Situation in Southeast Asia (1972).  
Disponível em: <https://bit.ly/2Vn5tFl>

NIXON, Richard. Address to the Nation Announcing Plans for America’s Bicentennial Cel-  
ebration (1972). Disponível em: <https://bit.ly/2T06kds>

NIXON, Richard. Address to the Nation (1972). Disponível em: <https://bit.ly/2VqDUeC>

NIXON, Richard. Remarks on Election Eve (1972). Disponível em: <https://bit.ly/393LvU9>

NIXON, Richard. Remarks on Being Reelected to the Presidency (1972). Disponível em: <https://bit.ly/2Pr5DYF>

NIXON, Richard. Second Inaugural Address (1973). Disponível em: <https://bit.ly/2TfaP2Q>

NIXON, Richard. Address to the Nation Announcing Conclusion of an Agreement on Ending the War and Restoring Peace in Vietnam. (1973). Disponível em: <https://bit.ly/2vjR155>

NIXON, Richard. State of the Union Message to the Congress (1973). Disponível em: <https://bit.ly/2wSgLaJ>

NIXON, Richard. Remarks at Armed Forces Day Ceremonies, Norfolk Naval Base, Virginia (1973). Disponível em: <https://bit.ly/2TlxZVe>

NIXON, Richard. Remarks at a Reception for Returned Prisoners of War (1973). Disponível em: <https://bit.ly/2Vvuxu9>

NIXON, Richard. Address to the Nation About Vietnam and Domestic Problems (). Disponível em: <https://bit.ly/2varzR0>

NIXON, Richard. Address on the State of the Union Delivered Before a Joint Session of the Congress (1974). Disponível em: <https://bit.ly/2HWsxD1>

NIXON, Richard. Remarks at Ceremonies Commemorating Vietnam Veterans Day (1974). Disponível em: <https://bit.ly/2VmRMGq>

NIXON, Richard. Remarks at the 83d Continental Congress of the Daughters of the American Revolution (1974). Disponível em: <https://bit.ly/32ypw1N>

NIXON, Richard. Radio Address on Memorial Day (1974). Disponível em: <https://bit.ly/3853Grg>

NIXON, Richard. Remarks at Commencement Ceremonies at the United States Naval Academy (1974). Disponível em: <https://bit.ly/2VntUT5>

FORD, Gerald. Remarks on Taking the Oath of Office (1974). Disponível em: <https://bit.ly/2PIAiB0>

FORD, Gerald. Address to a Joint Session of the Congress (1974). Disponível em: <https://bit.ly/2Tkz1lu>

FORD, Gerald. Remarks Announcing a Program for the Return of Vietnam Era Draft Evaders and Military Deserters (1974). Disponível em: <https://bit.ly/2PLYBCO>

FORD, Gerald. Address Before a Joint Session of the Congress Reporting on the State of the Union (1975). Disponível em: <https://bit.ly/38gtC39>

FORD, Gerald. Address Before a Joint Session of the Congress Reporting on United States Foreign Policy (1975). Disponível em: <https://bit.ly/2VJRgT9>

FORD, Gerald. Address at a Tulane University Convocation (1975). Disponível em: <https://bit.ly/2x1t2tb>

FORD, Gerald. Remarks to the Nation Following Recovery of the SS Mayaguez (1975). Disponível em: <https://bit.ly/2PHVdno>

FORD, Gerald. Remarks at Memorial Day Ceremonies at Arlington National Cemetery (1975). Disponível em: <https://bit.ly/2PKo7n3>

FORD, Gerald. Remarks on Greeting the Captain of the SS Mayaguez and Crewmembers of the U.S.S. Greenville (1975). Disponível em: <https://bit.ly/3alANbS>

FORD, Gerald. Address in Minneapolis Before the Annual Convention of the American Legion (1975). Disponível em: <https://bit.ly/38eI6AB>

FORD, Gerald. Address Before a Joint Session of the Congress Reporting on the State of the Union (1976). Disponível em: <https://bit.ly/39lCJkx>

FORD, Gerald. Remarks at a Reception in Lubbock for West Texas President Ford Committee Volunteers (1976). Disponível em: <https://bit.ly/2x4aZmd>

FORD, Gerald. Remarks at Memorial Day Ceremonies at Arlington National Cemetery (1976). Disponível em: <https://bit.ly/2vCM34O>

FORD, Gerald. Remarks in Philadelphia, Pennsylvania (1976). Disponível em: <https://bit.ly/2vqeTWj>

FORD, Gerald. Remarks on Administration Efforts To Account for Americans Missing in Action in Vietnam (1976). Disponível em: <https://bit.ly/2vzq2UE>

FORD, Gerald. Remarks Upon Receiving the Golden Helmet Award From the American Veterans of World War II (1976). Disponível em: <https://bit.ly/2x85aEv>

FORD, Gerald. Remarks and a Question-and-Answer Session With Reporters in Atlantic City, New Jersey (1976). Disponível em: <https://bit.ly/2TiTJm1>



FORD, Gerald. Address Before a Joint Session of the Congress Reporting on the State of the Union (1977). Disponível em: <https://bit.ly/3crhpMm>

CARTER, James. Address Accepting the Presidential Nomination at the Democratic National Convention in New York City (1976). Disponível em <https://bit.ly/2vB1pXx>

CARTER, James. Inaugural Address (1977). Disponível em <https://bit.ly/3crRjZW>

CARTER, James. United States Foreign Policy Remarks to People of Other Nations on Assuming Office (1977). Disponível em <https://bit.ly/2PKEKim>

CARTER, James. Address Delivered Before a Joint Session of the Congress on the National Energy Plan (1977). Disponível em <https://bit.ly/2wsq94E>

CARTER, James. Address at Commencement Exercises at the University of Notre Dame (1977). Disponível em <https://bit.ly/2Tirsf7>

CARTER, James. Presidential Scholars Remarks to High School Students Selected as Presidential Scholars of 1977 (1977). Disponível em <https://bit.ly/2PJKAk5>

CARTER, James. Des Moines, Iowa Remarks at the Democratic Party Jefferson-Jackson Day Dinner (1977). Disponível em <https://bit.ly/3ctw3D2>

CARTER, James. The State of the Union Address Delivered Before a Joint Session of the Congress (1978). Disponível em <https://bit.ly/3apAiha>

CARTER, James. Congressional Black Caucus Remarks at the Caucus' Annual Dinner (1978). Disponível em <https://bit.ly/2VBOD5U>

CARTER, James. Remarks Accepting the Martin Luther King, Jr. Nonviolent Peace Prize (1979). Disponível em <https://bit.ly/2x8e5FZ>

CARTER, James. The State of the Union Address Delivered Before a Joint Session of the Congress (1979). Disponível em <https://bit.ly/2Tie7n4>

CARTER, James. Remarks Before a Joint Session of the Georgia General Assembly (1979). Disponível em <https://bit.ly/2TityeZ>

CARTER, James. Remarks at a White House Reception (1979). Disponível em <https://bit.ly/3azOPqH>

CARTER, James. Address to the Nation on Energy and National Goals (1979). Disponível em <https://bit.ly/2TkNqy4>

CARTER, James. Peace and National Security Address to the Nation on Soviet Combat Troops in Cuba and the Strategic Arms Limitation Treaty (1979). Disponível em <https://bit.ly/2wunw1V>

CARTER, James. Address to the Nation on the Soviet Invasion of Afghanistan (1980). Disponível em <https://bit.ly/2Igg4dK>

CARTER, James. Situation in Iran and Soviet Invasion of Afghanistan Remarks at a White House Briefing for Members of Congress (1980). Disponível em <https://bit.ly/2IecGQe>

CARTER, James. Address to the Nation on the Rescue Attempt for American Hostages in Iran (1980). Disponível em <https://bit.ly/2PIjfPm>

CARTER, James. The State of the Union Address Delivered Before a Joint Session of the Congress (1980). Disponível em <https://bit.ly/2TjJSfG>

CARTER, James. Vietnam Veterans Memorial Bill Remarks on Signing S.J. Res. 119 Into Law (1980). Disponível em <https://bit.ly/38iumoF>

CARTER, James. 50th Anniversary of the Veterans Administration Remarks During a Program Celebrating the Anniversary (1980). Disponível em <https://bit.ly/3crdS0H>

CARTER, James. Remarks Accepting the Presidential Nomination at the 1980 Democratic National Convention in New York (1980). Disponível em <https://bit.ly/2IsjfPD>

CARTER, James. Foreign Policy Radio Address to the Nation (1980). Disponível em <https://bit.ly/3azUPQf>

CARTER, James. Farewell Address to the Nation (1981). Disponível em <https://bit.ly/32QnGNh>

RONALD, Reagan. Election Eve Address (1980). Disponível em: <https://bit.ly/39nHaeN>

RONALD, Reagan. Address to the Veterans of Foreign Wars Convention in Chicago (1980). Disponível em: <https://bit.ly/2IhB4jY>

RONALD, Reagan. Remarks at Liberty State Park (1980). Disponível em: <https://bit.ly/2vtSO9m>

RONALD, Reagan. Inaugural Address (1981). Disponível em: <https://bit.ly/3cuQ384>

RONALD, Reagan. Address at Commencement Exercises at the University of Notre Dame (1981). Disponível em: <https://bit.ly/38nlAFQ>

RONALD, Reagan. Address Before a Joint Session of the Congress Reporting on the State of the Union (1982). Disponible em: <https://bit.ly/38hfHKb>

RONALD, Reagan. Remarks on Signing the Afghanistan Day Proclamation (1982). Disponible em: <https://bit.ly/38j4KI1>

RONALD, Reagan. Radio Address to the Nation on Nuclear Weapons (1982). Disponible em: <https://bit.ly/2vryFAN>

RONALD, Reagan. Remarks at Memorial Day Ceremonies at Arlington National Cemetery (1982). Disponible em: <https://bit.ly/3cCtte2>

RONALD, Reagan. Radio Address to the Nation on the Observance of Independence Day (1982). Disponible em: <https://bit.ly/2VKM55m>

RONALD, Reagan. Address to the Nation Announcing the Formation of a New Multinational Force in Lebanon (1982). Disponible em: <https://bit.ly/32O1Rhq>

RONALD, Reagan. Remarks on Presenting the Presidential Citizens Medal to Raymond Weeks at a Veterans Day Ceremony (1982). Disponible em: <https://bit.ly/39iZZzH>

RONALD, Reagan. Address Before a Joint Session of the Congress on the State of the Union (1983). Disponible em: <https://bit.ly/2TDFeId>

RONALD, Reagan. Remarks at the Annual Washington Conference of the American Legion (1983). Disponible em: <https://bit.ly/2IfBHUF>

RONALD, Reagan. Remarks at the Annual Convention of the National Association of Evangelicals (1983). Disponible em: <https://bit.ly/2Ig6GGX>

RONALD, Reagan. Remarks on Central America and El Salvador at the Annual Meeting of the National Association of Manufacturers (1983). Disponible em: <https://bit.ly/2wsMiQh>

RONALD, Reagan. Address to the Nation on Defense and National Security (1983). Disponible em: <https://bit.ly/2PM5Aqx>

RONALD, Reagan. Address Before a Joint Session of the Congress on Central America (1983). Disponible em: <https://bit.ly/2VQGOcq>

RONALD, Reagan. Radio Address to the Nation on the Observance of Independence Day (1983). Disponible em: <https://bit.ly/2TmlaKy>

RONALD, Reagan. August 13, 1983, Radio Address to the Nation on the Situation in Central America (1983). Disponível em: <https://bit.ly/3asFfFK>

RONALD, Reagan. Remarks at the Annual Convention of the American Legion (1983). Disponível em <https://bit.ly/3asFfFK>

RONALD, Reagan. Remarks at a Fundraising Dinner for the Republican Majority Fund (1983). Disponível em: <https://bit.ly/2wvkTNm>

RONALD, Reagan. Remarks and a Question-and-Answer Session With Regional Editors and Broadcasters on the Situation in Lebanon (1983). Disponível em: <https://bit.ly/38mfjdu>

22.October 27, 1983, Address to the Nation on Events in Lebanon and Grenada (1983). Disponível em: <https://bit.ly/2VQKQS6>

23.November 4, 1983, Remarks to Military Personnel at Cherry Point (1983). Disponível em: <https://bit.ly/39nwvRp>

RONALD, Reagan. Radio Address to the Nation on America's Veterans (1983). Disponível em: <https://bit.ly/2THafuS>

RONALD, Reagan. Remarks at the Annual Convention of the Congressional Medal of Honor Society (1983). Disponível em: <https://bit.ly/3cAVnHp>

RONALD, Reagan. Radio Address to the Nation on Recommendations of the National Bipartisan Commission on Central America (1984). Disponível em: <https://bit.ly/2Ii3uKR>

RONALD, Reagan. Address Before a Joint Session of the Congress on the State of the Union (1984). Disponível em: <https://bit.ly/2TDRh8p>

RONALD, Reagan. Remarks at Dedication Ceremonies for the Vietnam Veterans Memorial Statue (1984). Disponível em: <https://bit.ly/2vu8glS>

RONALD, Reagan. Radio Address to the Nation on the Budget Deficit, Central America, and Lebanon (1984). Disponível em: <https://bit.ly/32RRcIH>

RONALD, Reagan. Radio Address to the Nation on Central America (1984). Disponível em: <https://bit.ly/2IiFV11>

RONALD, Reagan. Radio Address to the Nation on United States Foreign Policy (1984). Disponível em: <https://bit.ly/2PIPFJu>

RONALD, Reagan. Radio Address to the Nation on Central America (1984). Disponible em: <https://bit.ly/32RB6sE>

RONALD, Reagan. Address to the Nation on United States Policy in Central America (1984). Disponible em: <https://bit.ly/2Ipmret>

RONALD, Reagan. Remarks at Memorial Day Ceremonies Honoring an Unknown Serviceman of the Vietnam Conflict (1984). Disponible em: <https://bit.ly/2TnK25S>

RONALD, Reagan. Address to the Nation on the Observance of Independence Day (1984). Disponible em: <https://bit.ly/2PMAaR0>

RONALD, Reagan. Radio Address to the Nation on Foreign Policy (1984). Disponible em: <https://bit.ly/2PPyYwa>

RONALD, Reagan. Remarks at a White House Ceremony Marking the First Anniversary of the Grenada Rescue Mission (1984). Disponible em: <https://bit.ly/38m0Azh>

RONALD, Reagan. Radio Address to the Nation on Central America (1985). Disponible em: <https://bit.ly/2TI5x7k>

RONALD, Reagan. Remarks at the Annual Dinner of the Conservative Political Action Conference (1985). Disponible em: <https://bit.ly/39mU10B>

RONALD, Reagan. March 30, 1985, Radio Address to the Nation on the Situation in Central America (1985). Disponible em: <https://bit.ly/2uRBM4r>

RONALD, Reagan. Radio Address to the Nation on the Federal Budget and the Central American Peace Proposal (1985). Disponible em: <https://bit.ly/2vuhler>

RONALD, Reagan. Remarks at a Flag Day Ceremony (1985). Disponible em: <https://bit.ly/38o9BIa>

RONALD, Reagan. Radio Address to the Nation on Foreign Policy (1985). Disponible em: <https://bit.ly/2woXj4Z>

RONALD, Reagan. Address Before a Joint Session of the Congress Following the Soviet-United States Summit Meeting in Geneva (1985). Disponible em: <https://bit.ly/2PKuFC0>

RONALD, Reagan. Remarks at the Annual Dinner of the Conservative Political Action Conference January 30, 1986 (1986). Disponible em: <https://bit.ly/2IkVRU0>

RONALD, Reagan. Address Before a Joint Session of Congress on the State of the Union (1986). Disponible em: <https://bit.ly/2VVyhW3>

RONALD, Reagan. Radio Address to the Nation on Grenada and Nicaragua (1986). Disponible em: <https://bit.ly/2Q2ihOf>

RONALD, Reagan. Radio Address to the Nation on United States Assistance for the Nicaraguan Democratic Resistance (1986). Disponible em: <https://bit.ly/2vD78MF>

RONALD, Reagan. Remarks at a White House Briefing for Supporters of United States Assistance for the Nicaraguan Democratic Resistance (1986). Disponible em: <https://bit.ly/32NUZ3A>

RONALD, Reagan. Remarks at the Heritage Foundation Anniversary Dinner (1986). Disponible em: <https://bit.ly/2VlrPkP>

RONALD, Reagan. Remarks at a Memorial Day Ceremony at Arlington National Cemetery in Virginia (1986). Disponible em: <https://bit.ly/2Iwd793>

RONALD, Reagan. Remarks at a White House Briefing for Supporters of United States Assistance for the Nicaraguan Democratic Resistance (1986). Disponible em: <https://bit.ly/2TlfX6W>

RONALD, Reagan. Remarks on East-West Relations at the Brandenburg Gate in West Berlin (1987). Disponible em: <https://bit.ly/2IiwiD9>

RONALD, Reagan. Remarks at the Veterans Day Ceremony at the Vietnam Veterans Memorial (1988). Disponible em: <https://bit.ly/2IpxLY1>

RONALD, Reagan. Farewell Address to the Nation (1989). Disponible em: <https://bit.ly/2Ih1HWO>

RONALD, Reagan. Remarks at the Armed Forces Farewell Salute in Camp Springs, Maryland (1989). Disponible em: <https://bit.ly/2IiUBk7>

BUSH, George. Address Accepting the Presidential Nomination at the Republican National Convention in New Orleans (1988). Disponible em: <https://bit.ly/3hdbPiR>

BUSH, George. Inaugural Address (1989). Disponible em: <https://bit.ly/2vJuAI1>

BUSH, George. Address on Administration Goals Before a Joint Session of Congress (1989). Disponible em: <https://bit.ly/3anFvWG>

BUSH, George. Remarks at the Texas A&M University Commencement Ceremony in College Station (1989). Disponible em: <https://bit.ly/3ate65E>

BUSH, George. Thanksgiving Address to the Nation (1989). Disponible em: <https://bit.ly/2TrGjUF>

BUSH, George. Remarks to the Crew and Guests on the U.S.S. Forrestal in Malta (1989). Disponible em:

BUSH, George. Address to the Nation Announcing United States Military Action in Panama (1989). Disponible em: <https://bit.ly/3cti7Jf>

BUSH, George. Address Before a Joint Session of the Congress on the State of the Union (1990). Disponible em: <https://bit.ly/39r9Wv9>

BUSH, George. Remarks at the University of South Carolina Commencement Ceremony in Columbia (1990). Disponible em: <https://bit.ly/2VNT11R>

BUSH, George. Remarks at a Memorial Day Ceremony (1990). Disponible em: <https://bit.ly/32T51QT>

BUSH, George. Address to the Nation Announcing the Deployment of United States Armed Forces to Saudi Arabia (1990). Disponible em: <https://bit.ly/3cxqnb2>

BUSH, George. Radio Address to United States Armed Forces Stationed in the Persian Gulf Region (1990). Disponible em: <https://bit.ly/2vGyQYT>

BUSH, George. Address Before a Joint Session of the Congress on the Persian Gulf Crisis and the Federal Budget Deficit (1990). Disponible em: <https://bit.ly/2TFX1yB>

BUSH, George. Address to the People of Iraq on the Persian Gulf Crisis (1990). Disponible em: <https://bit.ly/32RsaDk>

BUSH, George. Address Before the 45th Session of the United Nations General Assembly in New York, New York (1990). Disponible em: <https://bit.ly/2wwTJ8W>

BUSH, George. The President's News Conference (1990). Disponible em: <https://bit.ly/2uTu4qu>

BUSH, George. Remarks on Signing the Human Rights Day, Bill of Rights Day, and Human Rights Week Proclamation (1990). Disponible em: <https://bit.ly/3cylO01>

BUSH, George. Radio Address to the Nation on the Persian Gulf Crisis (1991). Disponible em: <https://bit.ly/3cB49oL>

BUSH, George. Address to the Nation Announcing Allied Military Action in the Persian Gulf (1991). Disponible em: <https://bit.ly/32Ryue6>

BUSH, George. Address Before a Joint Session of the Congress on the State of the Union (1991). Disponible em: <https://bit.ly/39y1daA>

BUSH, George. Radio Address to the Nation on the National Day of Prayer (1991). Disponible em: <https://bit.ly/3ax5Y4g>

BUSH, George. Remarks on the Persian Gulf Conflict (1991). Disponible em: <https://bit.ly/32ZBRzJ>

BUSH, George. Address to the Nation Announcing Allied Military Ground Action in the Persian Gulf (1991). Disponible em: <https://bit.ly/2PQ1Bcx>

BUSH, George. Address to the Nation on the Iraqi Statement on Withdrawal From Kuwait (1991). Disponible em: <https://bit.ly/39stSxE>

BUSH, George. Address to the Nation on the Suspension of Allied Offensive Combat Operations in the Persian Gulf (1991). Disponible em: <https://bit.ly/2TpTpSi>

BUSH, George. Radio Address to United States Armed Forces Stationed in the Persian Gulf Region (1991). Disponible em: <https://bit.ly/2wAnhCt>

BUSH, George. Remarks to Veterans Service Organizations (1991). Disponible em: <https://bit.ly/39pJr9m>

BUSH, George. Address Before a Joint Session of the Congress on the Cessation of the Persian Gulf Conflict (1991). Disponible em: <https://bit.ly/3arz2tC>

BUSH, George. Remarks at Maxwell Air Force Base War College (1991). Disponible em: <https://bit.ly/3azhmg2>

BUSH, George. Radio Address to the Nation on the Observance of Independence Day (1991). Disponible em: <https://bit.ly/32UWIUT>

BUSH, George. Remarks at an Independence Day Celebration in Marshfield, Missouri (1991). Disponible em: <https://bit.ly/2ToUN7Y>



BUSH, George. Remarks at an Independence Day Celebration (1991). Disponível em: <https://bit.ly/3cBcLf2>

BUSH, George. Address to the Nation on Reducing United States and Soviet Nuclear Weapons (1991). Disponível em: <https://bit.ly/3czCtAr>

BUSH, George. Address to the Nation Commemorating Veterans Day (1991). Disponível em: <https://bit.ly/39s07Nr>

BUSH, George. Remarks to Representatives of Public Administration Groups on Public Service (1991). Disponível em: <https://bit.ly/2PQR8xD>

BUSH, George. Remarks at the Swearing-In Ceremony for Robert Gates as Director of Central Intelligence (1991). Disponível em: <https://bit.ly/2OXc0Tm>

BUSH, George. Address to the Nation on the Commonwealth of Independent States (1991). Disponível em: <https://bit.ly/2PQZ55G>

BUSH, George. Remarks to Bee County Community (1991). Disponível em: <https://bit.ly/39uVMZY>

BUSH, George. Address Before a Joint Session of the Congress on the State of the Union (1992). Disponível em: <https://bit.ly/3av3gMp>

BUSH, George. Radio Address to the Nation on Memorial Day (1992). Disponível em: <https://bit.ly/32SU95H>

BUSH, George. Remarks at an Independence Day Celebration (1992). Disponível em: <https://bit.ly/2wx8KYm>

BUSH, George. Remarks at Texas A&M University (1992). Disponível em: <https://bit.ly/2TsBgDm>

BUSH, George. Remarks at the United States Military Academy in West Point (1993). Disponível em: <https://bit.ly/3cBfGo3>

## II-Referências bibliográficas

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AVILA, Arthur. O Passado que não é Passado: a Guerra Civil norte-americana (1861-1865) e o mito da Causa Perdida. In: GUAZZELLI, C. et al. (Eds.). **Tio Sam vai à Guerra: os conflitos bélicos dos Estados Unidos através do cinema** (pp.63-73). Porto Alegre: Letra & Vida, 2010.

BALMER, R. **Religion in Twentieth Century America**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

BASS, J. D.; CHERWITZ, R. Imperial mission and manifest destiny: A case study of political myth in rhetorical discourse. **The Southern Speech Communication Journal**, v.45, n.3, p.213-232, 1978.

BELLAH, R. N. Civil Religion in America. In \_\_\_\_\_. **Beyond belief**. Los Angeles University of California Press, 1991.

BERG, M. Black Civil Rights and Liberal Anticommunism: The NAACP in the Early Cold War. **The Journal of American History**, v.94, n.1, 2007, p.75-96.

BIRKNER, Michael. Eisenhower and the Red Menace. **Fall**, 2001, v.33, n. 3. Não paginada.

BOSTDORFF, Denise. **The Presidency and the Rhetoric of Foreign Crisis**. Columbia: University of South Carolina Press, 1994.

BOSTDORFF, Denise; GOLDZWIG, Steve. Idealism and Pragmatism in American Foreign Policy Rhetoric The Case of John F. Kennedy and Vietnam. **Presidential Studies Quarterly**, v. 24, n.3, p.515-530.

CHERRY, Conrad. (Ed.). **God's new Israel: religious interpretations of American destiny**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1998.

DAVIS, T. R.; LYNN-JONES, S. M., City Upon a Hill, **Foreign Policy**, n.86, 1987, p.20-38.

Del Visco, Stephen. Yellow peril, red scare: race and communism in National Review. **Ethnic and Racial Studies**, 1-19, 2017.

DETIENNE, Marcel. **A Identidade Nacional, um enigma**. São Paulo: Autêntica, 2010

DIONOSOPOULOS, G. N.; GOLDZWIG, S. R. "The meaning of Vietnam" Political rhetoric as revisionist cultural history. **Quarterly Journal of Speech**, v.78, n.1, p.61-79, 1992.

EBEL, Jon. **G.I. Messiahs Soldiering, War, and American Civil Religion**. New Haven and London: Yale University Press, 2015.

ENGELHARDT, Tom. **The End of Victory Culture: Cold War America and the disillusioning of a generation**. New York: Basic Books, 1995.

Fischer, Rosa. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n.114, 197-223, 2001

FONER, Eric. **The Story of American Freedom**. New York and London: W. W. Norton & Company, 1998.

\_\_\_\_\_. **Give me Liberty! An American history Volume 1.** New York: W. W. Norton & Company, 2008.

\_\_\_\_\_. **Give me Liberty! An American history Volume 2.** New York: W. W. Norton & Company, 2016.

FONSECA, Carlos. “Deus Está do Nosso Lado”: Excepcionalismo e Religião nos EUA. **Contexto Internacional**, vol.29, n.1, 149-185, 2007.

FOUSEK, John. **To Lead the Free World - American Nationalism and the Cultural Roots of the Cold War.** Chapel Hill and London: The University of North Carolina Press, 2000.

FRANKFURTER, David. Narratives That Do Things. In: JOHNSTON, Sarah. **Religion: Narrating Religion.** New York: Macmillan Reference USA, 2016

FUKUYAMA, Francis. The End of History? **The National Interest**, n.16, 3-18, 1989.

GARDELLA, Peter. **American Civil Religion. What America holds sacred.** Oxford: Oxford University Press, 2014.

GRANT, Susan-Mary. **História Concisa dos Estados Unidos da América.** São Paulo: EDIPRO, 2014.

GUSTAINIS, J. Justin. John F. Kennedy and the Green Berets: The rhetorical use of the hero myth, **Communication Studies**, v.40, n.1, p.41-53, 1989.

HANSEN, J. M. **The Lost Promise of patriotism: debating American.** Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

HASELBY, S. **The Origins of American Religious Nationalism.** New York: Oxford University Press, 2015.

HAYNES, S. W.; MORRIS, C. (Eds.). **Manifest Destiny and Empire American Antebellum Expansion.** Texas A&M University Press, 1997.

HERZOG, Jonathan. **The Spiritual-Industrial Complex.** Oxford and New York: Oxford University Press, 2011.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. **Nações e Nacionalismo desde 1780.** São Paulo. Paz e Terra, 2012.

HODGSON, G. **The Myth of American Exceptionalism.** New Haven and London: Yale University Press, 2009.

IVIE, Robert. Images of savagery in American justifications for war. **Communication Monographs**, v.47, n.4, 279-294, 1980.

JOHNSON, Roger. Victory and identity: the end of the Cold War in American imagination. In: KENNET, Christie. (Ed.). **United States Foreign Policy & National Identity in the 21st Century Routledge Studies in US Foreign Policy**. Abingdon Routledge, 2008.

JUNQUEIRA, M. A. **Os discursos de George W. Bush e o excepcionalismo norte-americano**. Margem, n.17, 163-171, 2003.

KAMMEN, M. **Mystic chords of memory. The transformation of tradition in American culture**. New York: Vintage, 1991.

KENNET, Christie. (Ed.). **United States Foreign Policy & National Identity in the 21st Century Routledge Studies in US Foreign Policy**. Abingdon Routledge, 2008.

KISSINGER, Henry. **Diplomacy**. New York: Simon & Schuster, 1994.

KOSSELECK, R. **Futuro passado**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LACLAU, Ernesto.; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical**. São Paulo: Intermeios, 2015.

LACORNE, D. **Religion in American A political history**. New York: Columbia University Press, 2001.

LEUCHTENBURG, William. **The American President From Teddy Roosevelt to Bill Clinton**. Oxford University Press, 2001.

LEWIS, W. F. Telling America's story: Narrative form and the Reagan presidency, **Quarterly Journal of Speech**, v.73, n.3, 280-302, 1987.

LIEVEN, Anatol. **America right or wrong: an anatomy of American nationalism**. Nova York Oxford University Press, 2015.

LIGUORI, Guido. Ideologia. In: LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale. **Dicionário Gramsciano 1926-1937**. São Paulo: Boitempo, 2017.

LOSURDO, Domenico. **Fuga da História? A Revolução Russa e a Revolução Chinesa vistas de hoje**. Rio de Janeiro: Reva, 2004.

\_\_\_\_\_. **Contra-história do Liberalismo**. São Paulo: Ideias e Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **A linguagem do império: léxico da ideologia estadunidense**. São Paulo: Boitempo, 2010.

LUCKS, Daniel. **Selma to Saigon: The Civil Rights Movement and the Vietnam War**. Lexington: University Press of Kentucky, 2014.

\_\_\_\_\_. African American soldiers and the Vietnam War no more Vietnams. **The Sixties**, v.10, n.2, 4-25, 2017.

MARCUSE, H. **Razão e Revolução**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MCDUGALL, W. A. **Promised Land, Crusader State: The American encounter with the world since 1776**. Boston: Mariner Books, 1997.

MCEVOY-LEVY, Siobhan. **American Exceptionalism and U.S. Foreign Policy Public Diplomacy at the End of the Cold War**. Londres: Palgrave Macmillan, 2001.

MCKENNA, George. **The Puritan Origins of American Patriotism**. New Haven and London: Yale University Press, 2007.

MILES, J. Religion and American foreign policy. **Survival Global Politics**, v.46, n.1, 23-37, 2004.

MILLER, Robert. **Native America, Discovered and Conquered**. Bison Books, 2006.

MONIZ BANDEIRA, Luiz. **Formação do império americano - da guerra contra a Espanha à guerra no Iraque** [Epub]. São Paulo Civilização Brasileira, 2005.

MOUNTJOY, S. **Manifest Destiny**. New York: Chelsea House, 2009.

NOLL, M. A. **America's God – From Jonathan Edwards to Abraham Lincoln**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

OSTROM, C. W.; SIMON, D. M. The Politics of Prestige Popular Support and the Modern Presidency. **Presidential Studies Quarterly**, v.18, n.4, 741-759, 1988.

PARMAR, I. A Neo-conservative dominated US Foreign Policy Establishment? In: KENNEDY, Christie. (Ed.). **United States Foreign Policy & National Identity in the 21st Century Routledge Studies in US Foreign Policy**. Abingdon: Routledge, 2008

PATTERSON, James. **Grand Expectations – The United States, 1945-1974**. New York: Oxford University Press, 1997.

PECEQUILO, C. S. **A política externa dos Estados Unidos**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003.

PINTO, Celi. **Com a palavra o senhor presidente José Sarney**. São Paulo: Hucitec, 1989.

\_\_\_\_\_. Elementos para uma análise do discurso político. **Barbarói**, v.24, p.87-118, 2006

POLLACK, Michel. Memória e Identidade social. **Estudos Históricos**, v.5, n.10, 1992, p.200-212.

SMITH, Tony. **America's Mission**. New Jersey: Princeton University Press, 1995.

SMITH, Tom. The Polls: American Attitudes Toward the Soviet Union and Communism, **The Public Opinion Quarterly**, v.47, n.2, 277-292, 1983.

SLOTKIN, Richard. **Gunfighter Nation**. Norman: University of Oklahoma Press, 1992.

\_\_\_\_\_. **The Fatal Environment**. Norman: University of Oklahoma Press, 1998.

STEPHANSON, A. **Manifest Destiny. American Expansion and the Empire of Right**. New York: Harper Collins, 1995.

THOMAS, M. C.; FLIPPEN, C. C. American civil religion: An empirical study. **Social Forces**, v.51, n.2, p.218- 225, 1972. Addresses. **Review of Religious Research**, v.25, n.1, p.39-48, 1983.

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silencing the Past – Power and the production of history**. Boston: Beacon Press, 1995.

UNGAR, S. Civil religion and the arms race. **Canadian Review of Sociology**, v.28, n.4 p.503-525, 1991.

X. The Sources of Soviet Conduct. **Foreign Affairs**, v.25, n.4, 566-582, 1945.

WASSERMAN, Cláudia. **Palavra de Presidente**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

WHILLOCK, R. K. Dream Believers: The Unifying Visions and Competing Values of Adherents to American Civil Religion. **Presidential Studies Quarterly**, v.24, n.2, p.375-388, 1994.

WHITE, Hayden. O evento modernista. In: Lugar Comum, n. 5-6, 191-219, 1998.

WILLIAMS, R. H. Visions of the Good Society and the Religious Roots of American Political Culture. **Sociology of Religion**, v.60, n.1, p.1-34, 1999.

WOOD, Gordon. **The Idea of America**. New York: The Penguin Press, 2011.